

A influência das experiências de acolhimento institucional na (re)construção identitária

Dissertação de Mestrado

Vol. II

Paula Filipa Vieira da Costa

Trabalho realizado sob a orientação de

Professor Doutor Rui Santos

Professor Doutor Ricardo Vieira

Leiria, 30 de março de 2017

Mestrado de Mediação Intercultural e Intervenção Social

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS

INSTITUTO POLITÉCNICO DE LEIRIA

VOL. II

ÍNDICE DE APÊNDICES

Índice de Apêndices.....	1
Apêndice A – Guião das Entrevistas	2
Apêndice B – Documento de apoio às entrevistas.....	8
Apêndice C – Consentimento Informado	11
Apêndice D – Transcrição das entrevistas	13
Apêndice D1 – Transcrição entrevista S1	14
Apêndice D2 – Transcrição entrevista S2	62
Apêndice D3 – Transcrição entrevista A3.....	109
Apêndice D4 – Transcrição entrevista A4.....	142
Apêndice E – Categorias	174
Apêndice F – Sinopse de Entrevistas	176
Sinopse das entrevistas – Momento anterior ao acolhimento	177
Sinopse das entrevistas – Momento do acolhimento.....	188
Sinopse das entrevistas – Momento pós-acolhimento / Autonomização	230
Apêndice G – Tabela fatores de risco.....	247

APÊNDICE A – GUIÃO DAS ENTREVISTAS

GUIÃO DE ENTREVISTA

Tópicos	Dimensão	Questões Orientadoras
<i>Como se processou o período anterior ao acolhimento institucional?</i>	Individual/familiar	Recorda-se da sua vida antes do acolhimento institucional? Qual a relação que mantinha com os seus familiares? Lembra-se do modo como viviam?
	Individual/familiar	Conhece os fatores potenciadores do seu acolhimento? Quem os perpetuava? Concorda com a existência dos mesmos?
	Individual	Como se caracteriza antes de entrar para a instituição?
	Escolar/profissional	Recorda-se do seu percurso escolar antes do acolhimento?
	Individual	Se fosse você a decidir que decisão tomava na altura?
<i>Como ocorreu e se desenvolveu o acolhimento institucional?</i>	Individual Institucional	Lembra-se de quando entrou para a Instituição? Que idade tinha? Quanto tempo permaneceu acolhido?
	Individual	A entrada na instituição constitui um marco na sua vida, consegue descrever o processo do seu acolhimento? Como se sentiu? Qual a reação da sua família? Quem o acolheu e de que modo?
	Individual Institucional	Esteve sempre acolhido na mesma instituição ou durante o período de acolhimento foi integrado em várias instituições? Quantas vezes foi transferido? Reconhece os motivos dessas mudanças? O que pensa dessas alterações, foram benéficas para si?
	Familiar	Após o acolhimento continuou a ter contacto com a sua família biológico? Com

	<p>que indivíduos? Em que circunstâncias, em meio institucional, em espaços públicos e/ou em casa da família biológica?</p> <p>Qual o papel/função das pessoas da família biológica na sua vida no momento em que estava acolhido?</p> <p>Considera que essas relações foram benéficas para o seu desenvolvimento? Porquê? Como?</p>
Escolar/Profissional	<p>Descreva como ocorreu o processo escolar no período em que se manteve acolhido? Como descreve a sua relação com os professores e grupo de pares? Alguma vez se sentiu discriminado em meio escolar? Por quem? Como?</p> <p>Qual o papel da instituição no seu percurso académico? Que tipo de apoios beneficiou?</p> <p>Qual a sua escolaridade? Qual o motivo de não continuar a estudar?</p>
Individual	<p>Como descreve os anos em que esteve acolhido? Sempre manteve o mesmo tipo de comportamento? Alterou a sua maneira de ser e estar na instituição e com os outros indivíduos?</p> <p>Durante o período de acolhimento foram-lhe sempre prestados acompanhamentos educacionais, psicossociais e médicos? Com que regularidade? E a nível afetivo que tipo de apoio beneficiou? Como descreve as relações existentes entre crianças e os profissionais?</p> <p>Como descreve a sua relação com o grupo de pares? E com os profissionais? Quem</p>

		o mais marcou nesse momento da sua vida? Como? Porquê?
	Institucional	Para si quais são as maiores falhas/problemas no acolhimento institucional? O que sentiu mais falta? O que mudaria na instituição?
	Individual	Durante o acolhimento ocorreram momentos mais difíceis? Ocorreu algum momento que o tenha “marcado” mais? Quer descreve-lo? Como conseguiu ultrapassar e enfrentar esses momentos mais difíceis?
	Individual	Quando necessitava de falar com alguém, de pedir ajuda, conselhos, apoios, chorar, com quem o fazia? Durante este período quem considera ter sido a sua referência? Porquê? Qual o papel dessa/s pessoa/s na sua vida? Porquê?
	Individual	Alguma vez identificou as pessoas da instituição (jovens e profissionais) como a sua família? Porquê? Como?
	Individual	Como se caracteriza durante o período de acolhimento?
	Individual	Consegue explicar de que forma o acolhimento o marcou?
<i>Como caracteriza a saída do sistema de acolhimento institucional?</i>	Individual Institucional	Quando saiu do sistema de acolhimento institucional? Foi por sua vontade? Nesse momento existia a possibilidade de permanecer na instituição? Achava-se preparado para a sua autonomia? Como se sentia?
	Individual	Após saída da instituição beneficiou de algum acompanhamento por parte da instituição? Qual? Como se efetivou esse apoio? Se não, teve algum apoio de outra instituição pública e/ou privada? Qual? Que tipo de apoio beneficiou?

	Desde a saída do acolhimento continua a visitar/ estar em contacto com a instituição?
Familiar	Quando saiu da instituição contou com o apoio da família biológica? Continua a privar com estes? Como? Como descreve a vossa relação?
Individual	Após ter referido como se caracterizava antes de entrar para a instituição e hoje, após todo o seu percurso de vida como se caracteriza? Acha que ocorreram mudanças na sua maneira de ser e encarar a vida? O que é que provocou essa mudança?
Individual	Que recordações detém desse período (acolhimento) da sua vida?
Individual	Considera que o acolhimento teve alguma influência na sua vida atual? Em que sentido? Como? Porquê?
Individual	Como se sente em relação à sua vida atual e a relação que tem consigo mesmo?
Individual	Como descreve e avalia as tomadas de decisões que fez ao longo da sua vida? Porquê?
Individual	Já alguma vez pensou em como seria a sua vida hoje se não tivesse permanecido no sistema de acolhimento? O que acha que seria diferente? Porquê? Como?
Individual	Como foram os primeiros meses após a saída da instituição? Pode explicar como se procederam? Para onde foi viver? Com quem? Que tipo de rendimentos possuía? Existiam terceiros que o apoiavam? Como? Quem?
Familiar	Hoje, como descreve o papel que a sua família desempenhou no seu percurso de

		vida?
	Individual	Atualmente que é a pessoa mais próxima de si? Porquê? Já constituiu família? Se não, pensa em constituir? Porquê?
	Familiar	Como descreve o seu núcleo familiar? O que significa para si a sua família? Porquê? Como se sente com a sua nova família? Como avalia a educação que dá aos seus filhos? O que faz pelos seus filhos e pela sua família?
	Escolar/Profissional	Considera-se satisfeito com a escolaridade/formação que possui? O que significou para si a escola? Que importância teve para a sua vida?
	Escolar/Profissional	Como descreve o seu percurso profissional? Gosta da atividade profissional que desempenha? Quais são os seus objetivos profissionais? Gostaria de voltar a estudar? Porquê? Acha que o seu percurso de vida influenciou a sua situação atual. Como? Porquê?
	Individual	O que modificava no seu percurso de vida? Como? Porquê?
	Individual	Se tivesse de descrever a sua história de vida em poucas palavras como a descrevia?
	Individual	Como se sente atualmente com todo o seu percurso de vida?
<i>Outros</i>		Como se sentiu com a entrevista?
		Gostaria de partilhar algo que não tivesse sido abordado?
		Posso contactar posteriormente caso seja necessário esclarecer algum outro ponto?

APÊNDICE B – DOCUMENTO DE APOIO ÀS ENTREVISTAS

DOCUMENTO DE APOIO ÀS ENTREVISTAS

Tópicos:

Período anterior ao acolhimento:

- Modo de vida;
- Relação com a família;
- Família alargada;
- Amigos;
- Escola;
- Serviços de saúde;
- Comportamento;
- Acolhimento;
- Motivos;

Momento do acolhimento:

- Entrada na instituição;
- Processo do acolhimento;
- Sentimentos;
- Relação e papel da família;
- Receção na instituição;

Durante o acolhimento:

- 1 ou mais instituições – porquê;
- Período permanência;
- Relação com a família;
- Relação com os pares (fora e dentro da instituição);
- Relação com os profissionais;
- Papel da família e importância;
- Percurso escolar;
- Relação com professores;
- Papel da instituição;
- Comportamento;
- Apoio psicossocial, educacional, saúde, etc.;
- Pessoas de referência;
- Problemas do acolhimento;
- O que mudaria;
- Mudanças interpessoais;
- Momentos difíceis;
- Momentos mais positivos;

- Momentos que mais marcaram;
- Caracterização do acolhimento;

Saída do Acolhimento:

- Quando;
 - Como;
 - Porquê;
 - Preparação para autonomia;
 - Acompanhamento da instituição;
 - Acompanhamento de outros serviços;
 - Relação família biológica;
 - Outra família;
 - Mudanças mais significativas;
 - Recordações;
 - Influência do acolhimento;
 - Vida atual;
 - Tomadas de decisão;
 - Vida com ou sem acolhimento;
 - Primeiros meses após saída;
 - Papel da família no percurso de vida;
 - Trabalho realizado com a família biológica por parte dos serviços;
 - Constitui família;
 - Pessoa mais próxima;
 - Núcleo familiar;
 - Filhos;
 - Escolaridade/formação/emprego;
-
- Papel dos técnicos;
 - Proximidade dos técnicos;
 - Apoio dos profissionais;
 - Percurso de vida;
 - História de vida;
 - Mudanças;
 - Benefícios e contras do sistema de acolhimento;

APÊNDICE C – CONSENTIMENTO INFORMADO

Declaração de consentimento

Eu, Paula Filipa Vieira da Costa, aluna do Mestrado de Mediação Intercultural e Intervenção Social, lecionado na Escola Superior de Educação e Ciências Sociais, do Instituto Politécnico de Leiria, orientada e supervisionada pelo Prof. Dr. Rui Santos venho por este meio solicitar o consentimento de _____ para realização de um inquérito por entrevista no âmbito da dissertação que me encontro a efetivar.

A presente investigação terá por base a análise de histórias de vida dos sujeitos entrevistados e guiar-se-á pela seguinte questão orientadora:

“Qual a perceção dos indivíduos adultos sobre a influência das experiências de acolhimento institucional na (re)construção da sua identidade?”

Salienta-se que a entrevista será utilizada exclusivamente no âmbito da presente investigação, sendo que os dados recolhidos serão tratados e divulgados de forma anónima preservando deste modo a sua identidade.

Esta será gravada em formato áudio e poderá existir o registo de notas. Mais se esclarece que as presentes gravações serão eliminadas após término da investigação.

Desde já se elucida que o entrevistado não apresenta benefícios diretos em participar no presente estudo, contudo, estará a contribuir para a compreensão do fenómeno estudado e para a produção de conhecimento científico.

Pelo exposto, o entrevistado abaixo assinado, declara participar de forma livre e esclarecida na presente investigação.

Eu, Paula Filipa Vieira da Costa, declaro que todos os dados recolhidos no âmbito da presente entrevista serão tratados de forma sigilosa.

Data: ____/____/____

Entrevistadora: _____

Entrevistado: _____

APÊNDICE D – TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS

APÊNDICE D1 – TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA S1

TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA

Participante – S1

Data de Nascimento - 09/02/1989

Sexo – Feminino

Escolaridade - Pós-Graduação

Tempo em acolhimento – 19 anos

Saída do acolhimento - 2013

Duração da entrevista – 1 hora e 52 minutos

Investigador (I) – Fale-me um bocadinho do período anterior ao acolhimento? Lembra-se com que idade foi acolhida a primeira vez?

Entrevistado (E) – Ahh, eu, na altura que foi, para a instituição tinha 6 anos... ahhh portanto era a mais nova dos meus irmãos e, tinha, três irmãs minhas que já tinham ido à priori, pronto, agora se me perguntar os tempos em que elas foram isso eu não sei, porque eu sei que era muito pequenina não tinha noção dos pormenores e, também sou franca, depois mesmo em adulta nunca me interessou muito saber... interessa-me mais saber como é que foi para mim na altura em que fui do que propriamente para elas, até porque elas eram mais velhas que eu na altura em que foram institucionalizadas também. Portanto as minhas irmãs foram primeiro, ahhh, e eu fui quando tinha 6 anos. Em relação à situação pré-acolhimento, não é das mais, das mais favoráveis por assim dizer, porque efetivamente eramos muitos eeeee as condições dos meus pais não eram das melhores, a própria casa, a própria estrutura não tinha grandes condições, eee ahhh a nível de rendimentos eram praticamente inexistentes, também não, não, não facultava esta gestão de uma família tão grande a fim ao cabo...

I – A S1 tem quantos irmãos?

E – Eu, ah tenho 5 irmãs.

I – A S1 é a mais nova das 5?

E – Sim, exato.

I - As 4 estavam em acolhimento quando a S1 foi para acolhimento.

E – Exatamente.

I – Que idade é que a S1 tem de diferença da mais nova?

E – Da mais nova a seguir a mãe tenho 2/3 anos de diferença, sensivelmente.

I – Nessa altura a S1 vivia com os seus pais? Em que zona, aqui em L?

E – Ah não na zona de RM.

I – Como se dava com os seus pais? Como era a sua relação com eles?

E – É tão boa, lá está, eu acho que era tipo a menininha dos papás, não é com 6 anos dava-me muito bem, andava sempre com o meu pai para todo o lado, aaaaa e eles como eram muito diferentes, porque eram, o meu pai se calhar não era tão sentimental, mas era do género olha... é preciso fazer isto ou qualquer coisa eu ia sempre ver o que é que ele andava sempre a fazer, queria aprender e queria ... acho que de alguma forma na altura o meu pai era um bocadinho o meu ídolo, queria aprender aquilo tudo o que ele sabia fazer, ele fazia imensos biscates eu ia sempre acompanha-lo, para ver como se fazia e etc. eu era muito curiosa. A minha mãe era uma relação mais diferente, até porque ela passava muito mais tempo em casa era doméstica, mas também tínhamos uma relação muito próxima, elaaa, tinha muito aquela coisa da proteção porque eu era a mais nova, aahh de algum modo, como as minhas irmãs não nasceram cá, as minhas irmãs nasceram todas em Moçambique e a minha mãe também é Moçambicana, aahh,... a experiência dela como mãe comigo, eu acho que foi a primeira experiência a sério que ela teve, porque ela lá tinha um estilo de vida diferente e não passava tanto tempo com as minhas irmãs e aqui não, desde que eu nasci efetivamente foi ela que fez tudo, todo o meu acompanhamento, todo o tempo comigo, ao contrário do que aconteceu com as minhas irmãs, pronto, acabou por ser uma relação muito mais próxima, nesse sentido...

I – Aqui na ida para a instituição a S refere os problemas socioeconómicos e a estrutura da residência, foram os únicos motivos que tenha conhecimento que a levaram ao acolhimento ou existiam outras situações que pudessem ter levado ao acolhimento.

E- Eu acho que não, eu acho que... estas situações acabam por ser, às vezes, um ciclo vicioso, ou seja, uma situação origina a outra, é os problemas socioeconómicos, isto depois também gera alguma instabilidade mesmo a nível emocional para qualquer uma delas, tanto que depois o que me foi dito, foi até que, a institucionalização tinha sido feita porque uma das minhas irmãs supostamente tinha feito queixa de maus-tratos a um dos professores dela. Isto foi o que me foi dito, não sei se será, se terá sido assim ou não

... Isso foi o que me foi dito, realmente existia essa questão dos maus-tratos eee da violência doméstica, aaaa, e acho que realmente, não é que, sendo que existindo problemas numa família não tem que ser necessariamente uma ou a outra, mas para mim, no caso da violência, pode não ser necessariamente física, mas psicológica, e eu acho que crianças crescerem num ambiente assim é violento por si só...

I – A violência doméstica que fala era violência conjugal, do pai para a mãe? Ou também convosco?

E – aahhh de ambas as partes... aahh connosco também mas é assim, eu sinceramente, as minhas irmãs falam muito e eu percebo perfeitamente, eu acho que eu não passei muito por isso, eu acho que elas terão passado muito mais porque eu era muito mais pequena.

I – Mas os pais tiveram juntos em Moçambique?

E – Sim, sim, sim, sim, sim Exato, exatamente.

I – Eles vieram os dois de moçambique para Portugal, depois a S1 nasceu cá e elas nasceram lá, nessa altura elas relatam mais os conflitos lá ou cá?

E – Não, mais cá... porque lá, é a tal coisa, era o que estava a dizer, a minha mãe tinha um estilo de vida completamente diferente, os pais dela tinham algumas posses e ela acabava, como é que vou dizer... ou seja, os meus irmãos acabavam por não ser tão criados por ela ao fim ao cabo, mas pelos empregados que ela tinha, que era mesmo assim. E, e ela veio para cá numa situação completamente adversa que não tem nada a ver com o estilo de vida a que ela estava habituada e acredito que isso também tenha tido alguma influência, aahhh, para potenciar determinadas situações, nomeadamente, se calhar frustração porque são situações que não tem nada a ver uma com a outra... aaaahhh porque, eu posso dizer que neste momento, efetivamente, a casa ainda lá está, eeee é da minha família à mesma, mas naquela, as condições eram mesmo mínimas, e quando me refiro mínimas é mesmo mínimas, não o essencial, o mínimo mesmo, aaaahhh e então acho realmente que eu tivesse conhecimento foi mesmo cá que as coisas começaram de alguma forma a piorar, não é que lá fosse perfeito que nada é perfeito, mas cá efetivamente ouve uma mudança muito drástica e que teve impacto aaahhh na relação dos dois, é essa a perceção que tenho.

I – Mas lembra-se de vivenciar situações de violência física a S1?

E – Sim, não muitas, sinceramente, mas sim ainda vivenciei algumas, aaahh, que eu na altura, efetivamente, não percebia, não percebia porque é a que as coisas se passavam daquela maneira... aahh porque é a tal coisa, eu acho que como era muito pequena, aahh, nós temos uma perceção diferente, se calhar vimos aquilo e dizemos aquilo não está bem ou, se calhar, até nos causa revolta, ou nos, nos, nos, causa impacto de uma forma negativas, mas é diferente do que ter outra perceção, elas se calhar como eram mais velhas, aaahhh tinham uma noção mais crua das coisa, acho eu que é mais assim...

I – O teu pai trabalhava?

E – Sim, mas o meu pai trabalhava, efetivamente, mas não era um trabalho fixo, ele tinha vários biscates aquilo era um sitio pequeno, mas ele fazia muitos trabalhos ali na zona, pronto.

I – Lembrasse, por exemplo, em termos alimentares, lembra-se de alguma vez ter passado fome, alguma outra situação, como fala não era o... que era mesmo o mínimo, o mínimo, lembra-se de faltar as condições básicas?

E – Exatamente, sim, sim, algumas situações sim. Sim, algumas vezes mesmo.

I – Em termos de família alargada vocês vieram, estavam cá sozinhos ou havia família alargada convosco ali na zona?

E – Ah, lá na altura haviam os meus avós, da parte do meu pai, eles também viviam lá.

I – Quando eles vieram de Moçambique para cá vieram para ao pé dos avós paternos?

E – Exato, precisamente.

I – Vocês tinham boa relação com eles?

E – É assim eu era muito pequena. Lembro-me do meu avô muitas vezes passar mesmo lá perto de casa e ocasionalmente ir a casa deles, mas não... para mim pelo menos não era uma relação muito próxima, aaaa, de vez em quando via o meu avô ou via a minha avó e falava com eles, mas nada assim muito próximo, o meu pai *qui cá* mas isso depois são coisas que eu nãooooo....

I – Lá a mãe tinha o apoio da avó materna para cuidar das suas irmãs como referiu anteriormente, cá nunca sentiram esse apoio de família alargada que se lembre?

E – Não, não efetivamente, aliás eu não tenho lembrança, para ser franca, de alguma vez as minhas irmãs irem para casa dos meus avós para eles tomarem conta delas não

tenho noção, que fossem lá ocasionalmente acredito que sim e sei de algumas histórias que sim, mas às vezes era porque o meu pai lá ia, qualquer coisa assim desse género não para ficar, no sentido de cuidar, no sentido de suporte, isso não, não tenho noção disso.

I – Em termos de relação com amigos a S1 já estava na escola? Lembra-se de frequentar algum estabelecimento?

E – Aaa, sim, eu na altura, eu acho que... depois isto é assim, há coisas que depois, porque uma, foi um impacto tão grande e uma diferença tão brutal, que há coisas que eu não me lembro. Lembro-me de uns amigos que eu tinha na escola na altura, lembro-me propriamente de uns dois ou três que eu sei que frequentava a casa deles e tenha uma relação mais próxima, aaa, mas lá está, também era muito pequenina, portanto há coisas que eu nãooooo... mas tenho, tenho dois, três amigos, que depois lembro-me, à posterior de ir passar férias, aaa e de continuar, efetivamente, a conviver com eles, porque a fim ao cabo eram os meus amigos de infância até o, ir para a instituição.

I – Em termos de comportamento como era a S1?

E – Pois, falava muito depressa, ainda hoje falo (risos) mas falava muito depressa e depois eu lembro-me que era muito magrinha, uma coisa assim esquelética, era uma coisa assim mesmo... e depois era assim muito energética, não parava aaaa queria sempre descobrir coisas novas, queria sempre saber tudo, aaaa, eu acho que era uma criança alegre apesar dessas coisas todas, porque é o que eu acho, apesar dos meus pais se calharem falharem um bocadinho como pais na questão do cuidar e da proteção, há outras coisas que eu acho que... eles acabaram também por compensar, eu por exemplo se me dissessem assim tens de ir não sei onde com o teu pai eu sentias-me segura, se calhar até não estava (risos), mas eu sentia-me efetivamente. Conseguiram passar-me essa ... essa... essa.. esse sentimento. Em relação à minha mãe se calhar era mais ao contrário, a minha mãe como é analfabeta, ela só sabe mesmo escrever o nome, eu sentia que tinha a obrigação de cuidar dela, ou seja, aqui os papéis invertiam-se um bocadinho... aaa se calhar não era tanto ela a cuidadora e mais eu, enquanto que com o meu pai era o contrário.... Portanto eu ia com o meu pai, era o meu pai (risos) enquanto a minha mãe eu estava sempre com aquele cuidado se ela precisava de alguma coisa, podia ajuda-la, mas isto não só naquela idade, mas posteriormente quando estava com ela durante os períodos das férias.

I – Esta situação de promoção e proteção iniciou aquando entrada na instituição ou teria conhecimento de um processo anterior? Lembra-se de algum serviço estar a fazer o acompanhamento?

E – É assim, eu sou sincera não tenho memória de... eu acho que isso terá sido à posteriori de lá estar, obviamente também as coisas foram mudando e o próprio sistema vai, vai sinalizando certas situações, vão fazendo um acompanhamento mais pormenorizado, mas não tenho lembrança de na altura acontecer esse acompanhamento. A posteriori sim, cheguei a ver inclusive... porque depois a minha chegou a ser acompanhada mesmo depois já da institucionalização e lembro-me sim de lá irem técnicas a casa de fazerem visitas e de fazerem um acompanhamento mais rigoroso. Em relação aaaa ao período inicial não tenho recordação.

I – Lembra-se do dia em que foi acolhida? Consegue retratar?

E – Ah lembro (risos)

I – Como é que aconteceu?

E – Então... o meu pai chegou ao pé de mim, não é...como eu disse eu costumava muitas vezes, ele ia fazer os biscates dele ou ia ali ou acolá e eu ia sempre com ele, fazia questão de ir. Ele disse-me assim, ah olha hoje vamos ver as tuas irmãs, e eu já não estava com elas a algum tempo, né, fiquei toda contente, então fomos. Obvio que eu não tinha sequer noção de onde é que elas estavam, porque eles efetivamente nunca chegaram ao pé de mim, olha S1 as tuas irmãs foram para ali, nunca podíamos estar com eles...

I – S1, desculpe, quando foram acolhidas lembrasse de ter ido visitar as suas irmãs sem ser neste momento?

E – Não, não tenho memória, eu acho que não, acho que foi mesmo a primeira vez. E então, tanto que eu não sabia onde elas estavam, não é, provavelmente, não me lembro de eles me terem dito o que se tinha passado, não tenho memória disso, só tenho mesmo desse dia. Ele disse portanto que íamos ver as minhas irmãs, eu fiquei toda contente, não é, e depois a... eu fui para lá, lembro-me tipo, não tem nada a ver, a casa era enorme, não tinha nada a ver com a minha casa, aquilo era um mundo aparte, imensas miúdas e eu pensei, ei que giro, lá tá S1 toca a brincar com elas todas e não sei quê, depois, também tinha muitas miúdas pequenas, que acontece, hoje em dia não tanto,

pelo menos naquela, naquela instituição são mais adolescentes, que se vê, a maior parte são mais adolescentes que são acolhidas, naquele caso não havia muitas crianças, eu estava super animada, toda contente... e nisto o tempo passa, passa, passa e eu ali a brincar a brincar (risos) a certa pensei, mas nunca mais tinha visto o meu pai, tanta gente ali mas eu tava tão entretida que não dei conta do tempo passar, quando vou a ver estava ele a ir-se embora, porque ele veio com um amigo dele, ele supostamente já deviam ter aquilo combinado eu é que não fazia ideia né.

I – A mãe não foi?

E – Não, essa parte também foi a parte pior porque ela não sabia. E então, aaaa, eu saí e não sei quê fui à procura, as minhas irmãs também não disseram nada, porque elas de certeza que deviam saber, tenho sérias dúvidas que elas não soubessem porque não era uma situação comum eu lá ir, tanto que eu nunca lá tinha ido. Aaaa ela tinha-se ido embora e não sei quê, aquilo foi, foi complicado para mim, porque efetivamente eu era para ir com ele, na minha cabeça, a e depois elas explicaram-me que eu ia lá ficar, etc. essa conversa que é normal, porque acho que todas as pessoas que estão nessa situação devem ter, aaa, com uma criança que está nessa situação... (choro)

I – Mas foram as técnicas que falaram consigo, as técnicas da instituição?

E – Sim, que me disseram efetivamente que o meu pai ia embora e eu ia ficar lá com as minhas irmãs (choro) (peço desculpa) pronto, depois então eu fiquei lá, a minha mãe não sabia, eu acho que...

I – Ser quiser parar um bocadinho agente para...

E – Ok, aaaa, a minha mãe não sabia, eu tipo também não fazia ideia do que é que se passava não é, e...depois foi-me dito a posteriori, eu depois acho que... isto foi em novembro e, e eu julgo que as férias seguintes terá sido mais ou menos na páscoa, acho que o período era mais alargado na altura, aaa, que eu acho que depois fui a casa e ela realmente, aquilo, aaa mexeu com ela, porque eu acho que eles tinham conversado, com eles e provavelmente com as técnicas que nos acompanhavam, foi que quando eu fizesse 8 anos iria então ser institucionalizada para não ser ummmaaaa diferença tão brutal, quer dizer naquela idade era complicado e que, segundo depois o que me foi dito, o meu pai achou que, fazia mais sentido quanto mais cedo eu fosse melhor me adaptaria, que aos 8 anos uma pessoa já está em idade escolar é mais complicado porque podia correr o risco de ter que pedir transferência e sair lesada por isso então ele achou

por bem, que eu sei que foi difícil porque eu o conhecia também, aaaaa tanto fazer-lo naquela altura. Depois pelo que me foi dito, nomeadamente as vizinhas, porque aquilo era um sítio pequeno onde os meus pais viviam, foi complicado para a minha mãe porque ela, tipo, não sabia, assim era normal, como eu estava a dizer, se calhar ir com o meu pai passear se calhar para S ou RM e voltar ao final do dia e ele chegar lá eee eu não estar lá, pronto...

I – S1 acha que esta decisão que o pai tomou, teve a ver com ele ter consciência das dificuldades que ele tinha e ele achar que para vocês era melhor estar em instituição.

E – Eu acho que sim...

I – Acha que ele tinha essa consciência...

E – Eu acho que, efetivamente o meu pai, e eu sempre achei, era um homem super inteligente, acho que, se calhar não tomou as melhores opções de vida para estar na situação em que estava, mas sempre foi uma pessoa que apesar de tudo sempre tinha assim alguma sensatez e acho que, ah, por muito que lhe tenha doído porque depois percebi que foi complicado para ele, que tinha noção de que a melhor opção seria essa, do que estar adiar, porque depois se calhar chegava aos 8 anos e ah mais não e ... seria uma bola de neve, eu acho que... Em relação à minha mãe que eu era muito próxima da minha mãe, do meu pai também, mas que, a minha relação com a minha mãe sem dúvida alguma era uma relação de co dependência, de ambas as partes, e eu acho que ia ser complicado de qualquer das formas, ia ser uma situação que ela ia evitar ao máximo, e acho que o facto de ele ter tomado essa atitude, olha mais vale agora que me vai custar, do que mais tarde, que poderá ser mais complicado, acho que... foi o melhor, hoje, mesmo na altura, depois com o tempo, na altura não porque foi difícil, foi complicado mesmo, mas depois com o tempo fui-me apercebendo que acho que ele tomou a melhor atitude, acho que, acho que realmente... acho que que, em quanto pai ele fez o dever dele, isso eu acho que sim.

I – Na instituição lembra-se como correram os primeiros dias? Como foi a integração?

E – Ah... lembro-me, lá está, aquilo, tirando o choque inicial porque foi, porque eu efetivamente não achava que fosse lá ficar, nem, nem, nem estava a espera, aaa, depois foi o que me foi dito, não é, que supostamente depois ia ficar com nooo..., ia estar num quarto, na altura partilhava o quarto com as minhas irmãs, aaa era os quartos, os quartos tinham quatro camas, portanto nós éramos quatro...

I – Ficaram sempre juntas?

E – Sim, exatamente. Ah lembro-me que primeira coisa que eu fiz, porque lá está na casa dos meus pais eles não tinham nem água canalizada nem luz elétrica, a primeira coisa que eu fiz, porque em cima de cada cama individual tinham, uma, uma, aqueles candeeiros de parede. A primeira coisa que eu fiz foi acender aquilo tudo, porque eu não estava habituada se quer a isso, e claro que ia ao supermercado eee tinha luz, ia a qualquer sitio tinha luz, mas em casa não tinha. Então aquilo para mim era tudo muito novo, era aaa questão que depois a casa era enorme, era estar a conhecer tudo, depois as miúdas eram logo anda cá está ali não sei o quê... tudo muito ali, ou seja, a integração foi boa, porque é assim, eu acho que, se calhar se fosse, se calhar se não tivesse as minhas irmãs, eu acho que isto é o principal, porque pensando que não uma pessoa acaba, por se calhar ter uma adaptação diferente por ter lá caras conhecidas, eu tipo, eram as minhas irmãs, eu se precisasse de qualquer coisa sabia que podia ir ter com elas, mas depois como tinha muitas miúdas para brincar, efetivamente... acho que era uma vantagem, porque elas depois queriam mostrar eeee há sempre aquele entusiasmo que vem alguém novo... então olha vamos mostrar, vamos brincar, vamos ...

I – Era uma instituição só de meninas?

E – Sim, só meninas.

I – Lembra-se quantas eram?

E – Ah na altura não, não tenho noção. Sei que depois houve várias oscilações 38, 42 ao longo dos anos, mais ou menos estes números, mas na altura não sei, não, não tenho presente...

I – A sua passagem na instituição foi sempre na mesma? Passou 19 anos naquela instituição?

E – Sim, estive sempre na mesma...

I – E as irmãs, sempre tiveram consigo, este período?

E – Não não, não... aaa, eu tive, portanto as três... e deixe-me, não quero estar a mentir... portanto a mais velha aaaa.... puuuufff... foi a primeira a sair, eu acho que elas ao fim ao cabo saíram mais ou menos pela ordem de idades, foi a primeira a sair, depois, aaaa, tive uma irmã minha que fugiu mesmo da instituição, a situação depois foi um bocado complicada, porque depois tomou (des)contornos e não sabiam se realmente

lhes tinha acontecido alguma coisa ou não, ela na altura estudava em T, aquilo foi assim um alvoroço mesmo, porque não se sabia o que é que tinha acontecido. Ela depois quando regressou, obviamente, foi convidada a sair, dada, dada a situação que foi, porque ela teve um mês desaparecida... aaaa, pronto em fuga, lá terá as razões dela...

I – Mas ela na altura tinha mais de 18 anos na altura?

E – Não, ela na altura não tinha, não tinha. Na altura em que, que realmente se deu a fuga não tinha, teve um mês fora também com outra colega de lá, aaaa, e depois foi convidada, foi convidada a sair exatamente por essa situação.

I – Ela depois foi para casa dos teus pais?

E – Sim, depois ficou em casa dos meus pais, eu sei que na altura, eu até fui com um dos representantes da instituição deixa-la lá a casa dos meus pais, também era uma forma de eu poder visitá-los fora do tempo (risos) ... e nisso eles tinham muito, eu acho que tiveram muito esse cuidado, já que... isto foi numa altura de período escolar e, e fizeram questão que eu fosse porque isto era uma oportunidade de eu estar mais com eles, mesmo que não fosse pelas melhores razões para a minha irmã, mas era uma oportunidade de estar com eles e vê-los um bocadinho, acho que sempre houve muito esse cuidado, nesse sentido acho que sempre fui muito ... sempre fui muito protegida porque realmente, apesar das situações menos boas sempre tiveram noção de que o meu pai e a minha mãe eram importantes para mim...

I – A instituição era em T?

E – Não era em O.

I – E os pais eram de...

E – RM, da zona de RM.

I – E a irmã andava na escola em T era isso?

E – Sim, ela estava a tirar aqueles cursos profissionais que aaa, eu acho que agora ainda deve haver, aaa, porque na altura até davam oportunidade, nomeadamente a quem não queria cursar faculdade ou não queria ir por maus caminhos, a oportunidade de fazer esses cursos, exatamente para lhes dar competências para o mercado de trabalho.

I – Durante este período de acolhimento a família ia visitá-la? Ia a S1 a casa? Como é que funcionava a relação com a sua família?

E – Aaaahhhh, então, mais ou menos até aos meus... até vá 2002, eu de hábito, ia sempre as férias, as maiores, portanto, páscoa, natal, as férias de verão, ia sempre passá-las a casa dos meus pais, depois em 2002 o meu pai faleceu, nooo verão eeee, é assim, eu honestamente não sei precisar, porque para começar nesse verão, depois eu lembro-me que, que portanto isto foi em agosto, ele faleceu a 2 de agosto se não estou em erro, aaa, houve funeral e tudo mais, eu tinha uma irmã minha a residir lá em O, fiquei lá, fiquei lá com a minha mãe, porque na altura também não fazia sentido deixá-la sozinha para ela ficar em casa depois desta situação toda era complicado, passei lá esse verão, mas depois, a partir daí, estávamos basicamente mais juntos era nos períodos de... de natal, depois aí comecei a passar mais férias em casa das minhas irmãs, tanto neeee... nessa irmã que vivia em O, tanto noutra que vivia na C, e acabei por não passar se calhar tanto tempo com a minha mãe, só se calhar o natal quando ela, quando ela, quando ela lá estava, ou eventualmente quando ela estava em casa de uma das minhas irmãs. Ou seja, acabou por haver ali uma quebra nessa altura em que o meu pai faleceu e eu acabei por não ir tantas vezes...

I – Tinha mais ou menos que idade a S1 em 2002?

E – Eu ...12, 13 mais ou menos, eu acho que sim...

I – Nessa altura tinha ainda alguma irmã na instituição consigo? Ou já tinham saído as três?

E – Não, não, já não tinha nenhuma, na altura não...

I – Neste período de instituição, alguma vez surgiu oportunidade de regressar a casa?

E – Não, acho que essa questão nunca, pelo menos nunca me foi colocada a mim. A única questão que eu me lembro, foi uma altura, que, efetivamente foram 19 anos é muito tempo, e houve muitas reestruturações a nível da instituição e, houve uma altura que eu sei, que tínhamos uma psicóloga que nos estava a acompanhar e ela fez-nos uma série de perguntas para perceber qual era a minha opinião em relação a essa situação de ir a casa, possibilitaram-me foi a situação de eu poder ir mais vezes, em vez de ir só nas férias, eu ir de 15 em 15 dias, porque achavam que havia essa possibilidade, caso evidentemente os meus pais tivessem condições para tal, havia essa possibilidade e fazia sentido, porque eu acho que os objetivos deles, embora ... eu estivesse institucionalizada era eu estar mais próximo da família possível, para não perder o contacto e por efetivamente, quando eu vinha de férias vinha mais contente, mais alegre,

era outra questão, eeee isso nota-se né?,aaaa e, na altura falou-se dessa hipótese, eu acho que isso depois não foi para a frente, exatamente pela questão económica, porque depois de duas em duas semanas era um custo muito exacerbado para eles. Eu acho que foi por isso que não aconteceu, mas eu acho que só o facto de se colocar essa hipótese significava que se calhar ainda havia uma réstia de possibilidade de um dia poder haver, portanto essa reintegração no seio familiar, mas nunca aconteceu.

I – O seu projeto de vida, na instituição, daquilo que se lembra, sempre foi a reintegração familiar?

E – Eu acho que sim, pelo menos havia essa pertença, eu acho é que, aos poucos, há medida que os tempos foram passando é que se tornou visível que essa situação não era possível.

I – Como era a relação com as colegas na instituição?

E – Na infância eu acho que tive uma infância feliz, eu não posso dizer que não tive, tinha sempre imensas miúdas para brincar, estávamos sempre a brincar, estávamos sempre a ver desenhos animados e aquilo era uma paródia, pronto nós andávamos sempre a inventar qualquer coisa para fazer pronto e depois como a casa eram tão grande e o espaço à volta era tão grande nos inventávamos sempre qualquer coisa para fazer, ou jugávamos à lata, ou íamos jogar futebol, ou jogamos às escondidas (riso) tínhamos muito sitio onde nos escondermos, aaa, eu acho que nesse sentido foi bom, acho que foi... não posso dizer, olha, foi infeliz porque estava... eu às vezes noto, há miúdas que foram para lá, com uma idade mais adolescente e que sofreram bastante lá com a adaptação, ah eu não gosto disto, é legítimo, eu como, eu acho que ... na pior das condições, tive se calhar a melhor das hipóteses, que foi ter lá as minhas irmãs e depois tipo, na altura havia lá outras miúdas mais ou menos da minha idade, o que me possibilitava ter companhia para brincar, não é, já não tinha que estar de volta das minhas irmãs olha vem brincar comigo, não, eu não precisava, não é, tinha outras miúdas da minha idade, tinha essa vantagem, depois como tínhamos televisão, tínhamos imensas vídeo cassete tínhamos imensos desenhos animados para ver, nós passávamos imenso tempo a ver televisão, desenhos animados, à vamos ver estes, vamos ver aqueles, víamos 100 x o mesmo se fosse possível, mas tínhamos essa escolha. Depois tínhamos uma sala, onde tínhamos imensos brinquedos, portanto que aquilo era só mesmo para nós brincarmos, aquilo era muito diferente da, da experiência que eu tinha

antes, se calhar tinha uma ou duas bonecas, depois pronto, depois eu queria brincar tinha de estar de volta das minhas irmãs, depois elas eram um bocadinho mais velhas, ah já não queriam saber, pronto, ali não tinha sempre companhia para brincar, era diferente, eu acho que... foi bom nesse sentido porque tinha sempre companhia e não me sentia sozinha, acho que o meu problema mesmo, ah questão de me sentir sozinha, ou sentir a falta dos meus pais, era à noite, quando ia dormir, aí sim é que era mesmo para esquecer, porque durante o dia estava distraída, era a tal coisa, e depois chegava à noite, era a tal coisa né, não estava habituada, ah, aaa ir dormir, também que tinha as minhas irmãs, mas era diferente, aaaa...

I – Como é que eram as rotinas na instituição?

E – Então aquilo geralmente era levantávamos-mos de manhã por volta das 7, agora deve estar um bocado diferente, mas eu acho era mais ou menos isso, mas foi mais ou menos isso ao longo deste período todo, portanto, não ade ser muito diferente, depois eles tinham uma lista de tarefas mensais que nós estávamos destinadas a fazer, uma questão de organização porque a casa é grande, efetivamente, e umas estavam responsáveis por varrer um corredor, outras varrer por parte do refeitório, a parte da copa, isto estava tudo designado e eram tarefas que eram feitas logo de manhã antes do pequeno almoço, de forma que depois do pequeno-almoço fosse só mesmo escovar os dentes, acabar de preparar as coisas e ir para a escola, porque nós eramos muitas mesmo (risos) e aquilo tinha que haver mesmo alguma orientação porque se não dava barraca. E depois é assim, umas precisavam mais de ajuda, as mais pequeninas, porque ou não se conseguiam vestir, oh se calhar a roupa estava escolhida do dia anterior, mas achavam que podiam vestir outra coisa qualquer que não tinha nada a ver, aaa.... E era feito assim o acompanhamento mais rigoroso, mas basicamente era esse de manhã, portanto, pequeno-almoço, escola, depois, no meu caso, eu tinha sempre aulas de manhã depois vinha almoçar a casa, aaa depois de almoço trabalhos de casa, depois dos trabalhos de casa, aí sim, podíamos ir brincar e depois mais ou menos por volta da hora de jantar, o jantar era às sete e meia, aaaa, íamos tomar banho, íamos já, portanto jantar com o banho tomado, já para evitar que depois de jantar andasse ali tudo à nora e depois por voltas, mais ou menos das 9h30, aaa, deitar então, até porque depois tinha de haver um certo período de... até porque depois acordávamos às 7h00.

I – Quando era mais pequenina, este período de deitar, eles mandam deitar e depois existe alguém que passe posteriormente para estar convosco?

E – Ah isso na altura havia, eles faziam controlo (risos). Porque era assim...

I – Mas em termos de controle? Sentiu alguma vez mais que controle?

E – Senti, eu tinha, tinhaaaa, nós tínhamos as funcionárias que estavam durante o dia e depois tínhamos aquelas que, habitualmente, tirando ao fim-de-semana, por uma questão de horários, faziam as noites, e geralmente eram duas, eles depois iam intercalando e, eu lembro-me que nos primeiros dias, era a tal coisa, para mim ir para a cama e tipo, agora estou ali, também que estávamos as quatro, era diferente, quer dizer, aquilo sabia assim um bocadinho a nada, não é, ias para a cama e agora, não é (risos). Eu tinha uma funcionária minha que depois dizia, começava, pronto, a coisa da birra, chorava e chorava e depois queria a minha mãe, queria a minha mãe, e então ela dizia-me que, isto imagine-se, isto foi logo nos primeiros dias de certeza, isso eu tenho garantido porque na altura lá está, foi mesmo um choque, então o que é que ela fazia, contava de forma decrescente os dias que faltavam para eu ver a minha mãe, depois ela ia lá, sempre que era ela a fazer as noites e depois dizia faltavam 30 dias, ou faltavam 29, ou faltavam 27... e eu como via que, tipo, o numero era cada vez mais pequeno, não é que eu soubesse contar assim tanto, mas depois sabia, porque eu depois ia procurar, eu perguntava, ela ia lá sempre dizer que faltavam poucos dias, até que houve uma altura que já não precisava disso, até porque eu já sabia que faltava pouco tempo já não, não tinha aquela ansiedade, mas ela fazia isso, fazia mesmo. Fazia-me sentir mais confortada, isso ficava, porque ela realmente tinha aquele cuidado de ir lá e dizer, por percebia, lá tá, ela também era mãe é verdade, mas acho que isso não tem nada a ver, até porque ela até podia ser mãe e dizer e agora vou estar aqui (risos) não tem nada a ver acho que isso tem mesmo a ver com a preocupação que as pessoas têm, a e com os afetos que vão ganhando com as pessoas que lá passam, pronto, e ela realmente sempre teve esse cuidado de ir lá, e dizer que faltavam poucos dias e que não sei quê, sempre teve esse cuidado, lembro-me de ser miúda, e ela... pronto... e no entanto era das pessoas que eu acho que eram mais rígidas ali, ela depois quando ralhava connosco fujam (risos), mas depois tinha esse lado extremamente amoroso e extremamente aaaa era mesmo afetiva, nesse sentido era, quando tinha que ralhar, ralhava e nós andávamos

todos ali em sentido, mas depois tinha esse lado que era extremamente amoroso e eu é das coisas que eu não me esqueço é isso...

I – A S1 disse “a minha funcionária”, a S1 identificava alguns funcionários ou técnicos de referência?

E – Ah, é assim, na altura da infância eu acho que sem dúvida ela foi das pessoas que, exatamente por essas questões, porque, pode parecer uma coisa mínima, mas não é, naquela situação não é. Ah e era, apesar de ser pessoa que... ela era muito rígida é verdade, ralhava imenso (risos) e eu hoje percebo porquê, as coisas tinham que ser feitas, tinham que ser feitas acabou, aaa mas aaa achava-a muito, achava-a mesmo muito amorosa por fazer isso, porque, eu na minha cabeça não, não distinguia, olha ela não tem que fazer isto, não mas ela ia lá fazer porque via que eu depois chorava, chorava, e depois ninguém dormia né, porque ninguém dormia né, estava fora de questão, porque eu só me calava quando as coisas acalmassem, ela ia lá, ela falava comigo e fazia isso. Ao longo do tempo, obvio que depois ouve outras pessoas que também foram referências para mim. Tive outra professora, uns anos mais tarde, ela na altura já trabalhava lá, mas que, por acaso era madrinha de uma das minhas irmãs, não sei se terá sido por isso ou não, não acho que seja, até porque depois a minha irmã saiu e ela continuou a ser da mesma maneira que era para mim... aaahhh, e havia lá uma coisa naquela casa que eu não sei se é muito comum nas outras, mas que ali havia, que era as funcionárias levarem com frequência as miúdas para casa delas, num fim de semana, num evento qualquer, exatamente para que, não houvesse um corte total com a vida, exterior à instituição, ou seja, para as pessoas não pensarem que é só aquilo, que há mais que aquilo, aaahhh, aquela questão de o olha este fim de semana ou hoje vens almoçar a minha casa e depois vais conhecer as minhas filhas ou o meu marido, quer dizer, aquela coisa de as pessoas perceberem que têm ali um apoio e não é só aquela relação de funcionária aaaa com o utente que ali havia, acho que, sempre houve ali um esforço naquela instituição para que as pessoas se sentissem mais integradas, pelo menos aqui há uns anos atrás era assim, agora não sei, acho que os tempos vão mudando, mas na altura havia muito essa questão.

I – A s1 sentia-se bem nessas situações quando ia a casa dos funcionários? Achava que isso era bom para si?

E – Sim, porque... eu acho que sim. Às vezes não queria sou sincera (risos) com essa senhora que eu estava a dizer, e hoje, e ainda hoje falo com ela, ainda por acaso na outra vez via no shopping aaaa, o filho dela até foi da minha turma mais tarde, e tudo mais e... é das pessoas que guardo como referência eee, é a tal coisa, sempre tive noção que ela me protegeu muito e sempre foi na questão de, olha fizeste alguma coisa mal vou falar contigo, porque eu sei que se falar contigo tu vais perceber, e era sempre esta coisa que é muito maternal, quer dizer, havia ali situações que era, à fizeste isso então olha vais ter uma medida reparadora (risos) era assim, uma bocado assim. O que eu percebo, porque aaaa, é assim isto depois é uma questão de personalidades, há pessoas que, com medida reparadora, ah também para a próxima faço igual e depois tenho outra, passou e, se calhar com outras pessoas se tu efetivamente falares a pessoa vai pensar— é realmente não tive bem, pronto ok não vou voltar a fazer e serve, pronto, e ali eu sempre tive esse tratamento, por parte delas um bocado assim, agente fala com ela eu sei que ela vai perceber, pronto eu acho que cresci um bocado assim, com um bocado de proteção mas também tendo noção de... do que é que é ser responsável, daquilo que se deve ou não fazer em determinadas situações.

Em relação, voltando à questão que estávamos a conversar, de ir para casa delas, eu nunca houve uma situação que eu dissesse à senti-me mal, fui lá, muito pelo contrário, era diferente, não é... era a questão de olha não estou em casa, eu acho que se calhar desde que eu lá tive, não digo a casa de todas, mas à maior parte delas fui de certeza (risos)... fui, tipo, não sei, depois com o tempo há coisas que ... ligações que se vão perdendo, mas acho que praticamente fui a casa delas todas, delas todas, pelo menos daquelas que tiveram mais tempo na instituição fui de certeza. E...depois essa que eu estava a dizer especificamente, porque eu acho que foi a casa que eu mais frequentei, aaa, depois também, eu fui da turma do filho dela, depois eles às vezes faziam coisas lá em casa, oh os aniversários ou assim, e ela disse, ah não sei que ele convidava-me, mas eu às vezes sentia que era o convidar porque, se eu não convidar à a minha mata-me, parecia um bocado assim...

I – Da parte do filho?

E – Sim, não, não da parte dela, porque ela por ela eu estava lá o dia todo e eu...risos... e eu achava um bocado isso, mas ele não, tanto que hoje em dia, somos ambos adultos, aaa, e eu acho curioso, porque eu já o vi n vezes depois disso, e nós, não somos os

melhores amigos do mundo, mas somos aquelas pessoas que se nos virmos estamos ali imenso tempo a conversar.

I – Hoje ainda têm uma relação?

E – Sim, sim, sim, com ambas, tanto com os filhos também, não sei quê, se os vir na rua falo e etc., aaa tive uma, inclusive, da tal senhora que, que, que ia ter comigo à noite e me dizia que faltava poucos dias, fui ao casamento da filha dela inclusive, aaa quer dizer há aqui uma séria de situações. Eu na altura pensava um bocado assim, primeiro porque, eu sou sincera, na altura que o filho dela era da minha turma, ele fui da minha turma no 5º e no 6º, lembro-me perfeitamente, e eu, epá não gostava da minha turma, sou sincera, não gostava, primeiro aquilo, é um meio pequeno, e depois eu caí numa turma que se calhar não foi das melhores, que aquilo, eram... como é que eu vou dizer, isto, isto não é estar a falar mal, mas muito deles se calhar tinham vidas completamente diferentes das minhas, então eram aqueles miúdos típicos de, ah o meu pai isto e a minha mãe aquilo e não sei quê, não é que houvesse a questão da inveja, mas acho que eram pessoas que tinham assim um bocadinho falta de noção, na minha cabeça, não é, aquilo não, não... não fazia muito sentido, havia uma ou duas pessoas com quem eu me dava mais, e ele inevitavelmente por essa questão, aquilo parecia assim muito forçado, tanto que as pessoas diziam, ah não sei quê vais para ao pé do J, e eu pensava, ah não asserio?, outra vez?, opá parecia tudo tão, depois ainda por cima ele era das famílias mais conceituadas lá na zona, toda a gente o conhecia e, aaa, o que era pior ainda, porque tinha mais visibilidade, ou seja, não era uma coisa que fosse discreta, e eu a pensar à também. E depois ele dizia assim olha a minha mãe disse para ires lá a casa hoje jantar, e eu disse ah não quero obrigada, chegava lá fora estava ela à minha espera (risos) tudo assim... mas eu percebo que a intensão dela era das melhores, do género, olha vens cá hoje, tipo para não, depois ela já tinha avisado a instituição e tudo mais, que quando fosse buscar o filho trazia-me também aaaa jantava lá em casa com eles e depois ia-me lá levar, mas na minha cabeça, quer dizer, eu se calhar preferia ir para casa jantar com elas do que ir para lá. Mas depois acho que isto depois é típico da idade, né, aquela coisa dos miúdos, tipo 6º ano, nós sabemos como é que eles são não é... é aquela coisa, e depois é aquelas coisas de miúdos, aqueles comentários estúpidos (risos) eu pensava tipo... (risos) então não havia aquela coisa ah gosto muito, mas também já cheguei a estar em casa dela com os outros filhos e com o resto da família eee estar tudo numa boa, estarmos lá todos a conversar, ah, hum, e ela tipo super coiso a dizer sempre

há não queres mais, não queres mais e eu dizer não, eles sempre ali a impingir comida e eu não, aquele cuidado ah será que ela está a sentir-se bem, será que ela não precisa de nada, isso sempre, sempre houve e ela acho que foi das pessoas mais... como é que vou dizer, mais compreensivas que eu lá tive, e que... eu às vezes sentia-me mesmo como se fosse filha dela, até de mais, para o bem e para o mal (risos) para o bem e para o mal, pronto eu acho mesmo é que depois havia a... como o filho dela e eu tínhamos idades muito próximas eu acho que já estava assim um bocado cansada, via-o na escola e depois ela dizia vens aqui para a instituição que vocês dois vão estudar hoje, depois eu, já chega, tipo... (risos) ...

I – Hoje a olhar de fora para dentro, a pensar nos jovens que se encontram na mesma situação, acha que isto, apesar de naquela idade não ser fácil gerir, acha que é uma mais valia para a vossa formação, para vocês, para vos ajudar?

E – Eu acho que sim, é assim no meu caso especificamente foi, eu tive lá casos de miúdas que eu encontrei mais tarde e acho que não foi nada benéfico, mas eu também hoje olho para trás e penso... se eu estivesse ficado com a minha família, primeiro, duvido que tivesse conseguido estudar, sou muito sincera, dada a situação deles, dado ao sítio onde eu estava, se calhar se fosse um sítio melhor se calhar até conseguia chegar a determinada idade e até conseguia ir trabalhar, ali não estava muito limitada, portanto, tenho plena consciência que não teria metade das oportunidades que tive.

I – E em relação a estas famílias de “afeto”, as relações com as funcionárias, estas serem mais que meras trabalhadoras com tarefas, acha importante?

E – Há no sentido de ter outras redes fora da instituição, como apoio é isso?! Eu acho que sim, porque a nível de integração uma pessoa não sente, olha as pessoas estão aqui só a fazer o trabalho delas, se calhar havia funcionárias que até eram assim, mas essas funcionárias a mim também me passaram um bocado ao lado, não me faziam diferença, obvio que sempre respeitei as pessoas, aaaa, mas essas pessoas se calhar passavam um bocado ao lado e essas que realmente se destacavam pela positiva e, não eram só a funcionária x ou y, são pessoas que eu hoje trago comigo, não é, se as vir na rua e se por ventura acharmos que devemos beber um café e conversarmos, conversamos e acho que, tendo em conta o tipo de instituição, este tipo de relação quando devidamente medido, eu acho que os tempos são outros, eee, a forma de agir também deve ser diferente eu por exemplo nos estágios que eu fiz não tinha uma relação de proximidade

com as pessoas, mas também não podia porque eram respostas sociais diferentes e tem de haver este cuidado e, tenho que também as pessoas têm de ter discernimento para perceber qual é o perfil de utente que têm à frente, pronto, eu vi lá miúdas que, eu nunca vi nenhuma funcionária a leva-las mas também duvido que o fizessem, pelo perfil da própria pessoa, aquilo não ia correr bem, à partida não ia, nem todas as pessoas que estão ali eeee se calhar são ingénuas, ou se calhar aaaa olham para as coisas de uma forma simples ou se calhar dizem olha realmente fui lá e gostei ou fui e não gostei e conseguem manter aaaa algum discernimento, ao fim ao cabo é um bocado isso, porque efetivamente a realidade é aquela a da instituição mas depois, não, não, as coisas não têm que se resumir só a isso, eu acho que há coisas que, como é que vou dizer, acho que há situações e situações, se calhar hoje em dia, não estou a ver, aliás continuo a acompanhar-las de alguma forma, falo com a maior parte delas que ainda lá estão a trabalhar, mas não há esse tipo de relação e, eu percebo perfeitamente que as situações são diferentes, muitas delas como eu disse vão para lá adolescentes, uma pessoa quando é adolescente já está a forma a personalidade, já tem certos traços e depois vêm de famílias desestruturadas, como é obvio, e trazem se calhar diversos hábitos e diversos vícios difíceis de combater, ou de contornar com diferentes demonstrações de afeto...

I – Se calhar estamos a ver uma mudança do perfil de acolhimento menos situações de carência e problemas da família para mais situações de comportamentos desviantes e comportamentos pré-delinquentes, será?

E – Sim é diferente, e não faz sentido este tipo de relação com havia aqui alguns anos, é a minha opinião, se calhar posso estar errada mas, daquilo que tenho assistido não tem nada a ver, não tem porque efetivamente quando fui para lá tinha 6 anos, muitas delas foram elas que me deram banho, foram elas que me ensinaram certas coisas que eu não sabia, que me vestiam para ir para a escola, são situações diferentes, ainda por cima, aaa, numa idade tão precoce, 6 anos é muito pouco tempo mesmo, aaa é normal que haja certos laços que existam ali, que exista se calhar um maior carinho, olha porque é pequenina, está bem que está com as irmãs, mas não tem a noção de... é normal que haja ali alguma proteção e nesse sentido acho que elas tiveram muito bem porque acho que sempre me deram... sempre foram um pilar para mim, e sempre me deram essa estrutura, essa segurança para que eu pudesse crescer normalmente sem sentir aaa sem me sentir diferente, depois isso também há coisas que acontecem na adolescência, mas acho que isso é comum a qualquer adolescente, não é ah porque estas numa

instituição... não, não acho que seja o caso, acho que todas as situações vivenciadas são normais da adolescência, mesmo essa questão do filho da senhora que eu estava a dizer, isso é normal no 5º ano, 6º ano, os miúdos são super estúpidos não há outro termo mesmo, é mesmo da idade e depois uma pessoa quer, há eu vou para casa, se calhar vou ver um filme, um filme não porque na altura não havia filmes mas se calhar ia ver desenhos animados e ia estar na minha, não, vais estudar, e ainda por cima com uma pessoa que eu estou o dia todo na escola era mesmo o que eu queria, pronto, nesse sentido depois são pequenas coisas que opa olha, fazer o quê, não é, não tenho do que me queixar, honestamente nisso não tenho que me queixar.

I – Quando é que a S1 se lembra de ter tomado consciência da sua realidade? Lembra-se de algum momento?

E – Aaahhh, eu acho que... eu acho que se calhar mais tarde, mas isto acho que depois teve a ver com outras questões, foi depois do meu pai falecer, acho que aí sim se calhar comecei a ser um bocado revoltada, comecei a ter uns pensamentos meio estrambólicos, depois eu dizia que não queria estudar e que não estava ali a fazer nada e que isto e aquilo, foi assim um bocado complicado, mas acho que tem a ver com essa questão, não necessariamente com o facto da instituição, porque mesmo assim não era fácil porque aquilo era um meio pequeno e às vezes as pessoas vão muito pela maldade e, pelos estereótipos que é achar olha, aquela está ali ou aquelas estão, olha é porque então é burra ou porque os pais são isto ou porque os pais são aquilo, eu nunca tive ninguém, ainda bem para o lado da pessoa, porque eu na altura (risos) eu não sei, que me chegasse ao pé de mim e dissesse olha tu és assim ou isto ou aquilo, porque os miúdos dizem, é mesmo próprio dos miúdos, os miúdos são cruéis, faz mesmo parte da vida, e qualquer pessoa sabe, aaa, e me dissesse o teu pai é isto é isto ou a tua mãe é aquilo ou aquilo, nunca tive esse tipo de... de situação, tive sim em relação a dizerem isso a outras miúdas e que eu achei que devia interferir, porque depois é assim, nós ali acabávamos por ser uma bocado umas pelas outras, eu não gostava de ver por exemplo uma colega minha estar um colega dela a dizer-lhe certas coisas quase que não se deve dizer a ninguém e eu aí chegava-me à frente e aconteceu várias vezes, tanto que haviam lá miúdos que deviam achar que eu era assim meio maluca, meio destravada porque tinha assim um ar aparentemente muito coiso, estava lá com os meus amigos na boa, mas, aquilo de vez em quando não corria bem, porque acho que isso não se faz, e é assim não era por mim, porque para mim era-me indiferente, aquilo nem era para mim, nem

estavam a falar nada de mim, estavam a falar sobre uma pessoa que eu conhecia e inevitavelmente nós estamos lá todas umas com as outras, conhecemos as histórias de vida umas das outras, porque nós conversamos umas com as outras é inevitável...

I – Vocês sentem-se a família umas das outras?

E – Sim, aliás... há muitas, e eu vejo, pessoalmente pelo *facebook*, pessoas que saíram de lá, muitas delas ainda hoje são amigas, no sentido de viverem juntas, de serem super próximas e às vezes até com diferença de alguns anos, então eu acho que isto é uma experiência que acaba mesmo por aproximar as pessoas, estamos 24 horas, 24 horas não porque depois vamos para as escolas, e temos escolas diferentes, e podemos não ser da mesma turma, mas inevitavelmente estamos muito tempo juntas...

I – É a vossa casa, é o vosso espaço?

E – Exatamente, é isso mesmo, é a nossa casa, então nós efetivamente vivemos as nossas coisas e há coisas que nos aproximam acho que isso é inevitável, a não ser que a pessoa esteja ali só mesmo por estar, mas isso é raro acontecer e quando acontece depois não é muito bom, porque depois as pessoas acabam por se sentir tão sozinhas, aquilo... não, não corre bem, eu estou a dizer porque já vi casos assim, miúdas que foram para lá, ah porque eu não estou aqui para fazer amigas, conversa assim muito coisa (risos) e eu pronto... eu nesses casos não me meto é muito raro, eu sou sincera, tirando uma caso que eu tive mas já tinha 17 anos e foi diferente, eu nunca fui daquele tipo de pessoas que à vem alguém novo, ai vou já lá, porque havia muitas miúdas que tinham o habito disso, as miúdas vinham novas as miúdas todas de volta deles, mesmo assim, aquilo parecia alte cerco, mas depois ela sentiam-se muito que é isto, onde é que eu vim parar. Quando eu era miúda aconteceu-me isso, só que era assim, eu era criança eu queria era pessoas, eu queria brincar, era diferente, e ali há muitas pessoas que depois sentem-se um bocadinho invadidas, depois é a questão, agora vou ter de partilhar o meu espaço com três pessoas que eu não conheço de lado nenhum... e isto é assim às vezes é complicado e, ainda por cima se forem adolescentes pior ainda, porque isto são pessoas que às vezes não se pensa, porque as pessoas chegam lá dessa maneira, mas tem impacto, haviam lá miúdas que diziam agora já viste, agora tenho de estar não sei com quem, e eu disse então... Eu ao longo do tempo também me aconteceu isso, as minhas irmãs quando saíram eu depois tive que partilhar quarto com outras pessoas, como é evidente, umas que eu gostava mais outras que eu gostava menos, faz parte, agora é

assim, eu também sou sincera, foram raros os casos, apesar de ter muita proximidade com muitas delas que passaram lá, aqueles casos em que eu dizia que confiava em A,B, ou C, eu nunca fui muito de dar demasiada confiança, nunca fui, aaaa mas depois tinha 2 ou 3 pessoas que realmente eram aquelas pessoas que eu sabia que podia confiar e vice-versa, tanto que se eu tivesse que estar no meu canto, estava no meu canto, não estava nada incomodada, não, não, não sou daquelas pessoas que ai que agora me estou a sentir tão sozinha, não!, tenho tanto coisa par fazer, não era por ai, aaaa mas acho que havia ali muitos, muitos casos, que as pessoas as vezes, efetivamente, aaa, eram institucionalizadas, passe a expressão, tarde, não é, e depois isso tinha ali certas, certas falhas porque depois as pessoas não se conseguiam adaptar, houve ali muitos casos que depois não se conseguiram mesmo adaptar porque... éééé, deve ser complicado, é assim se para mim aos 6 anos, foi gradual e no inicio também foi difícil, imagino uma pessoa na adolescência, que por si só não é uma...

I – Agora vendo de fora, o que é que a S1 acha relativamente a isto? Cada vez se protege mais a prevalência na família, dá-se oportunidade à família de mudar, de se reorganizar, passam alguns anos da vida da criança e quando chega a adolescência vai para a instituição. O que é que a S1 acha relativamente a isso?

E – É assim, é uma questão complicada, eu... é assim, eu ao fim ao cabo acabo por ter os dois lados, eu já estive do lado de lá não é, enquanto utente e já estive do lado de cá enquanto técnica assisti a esse tipo de situações... e acho que, se calhar deve haver um bocadinho mais rigor na avaliação dessas situações, para evitar certas coisas, para evitar que o adolescente passe numa instituição, volte à família e as coisas voltem ao mesmo, para evitar que o adolescente vá para a instituição quando já há um padrão de comportamentos que não é reversível, porque é assim há coisas que é impossível na adolescência aaa serem retificadas, não é com medidas reparadoras que vais lá, não é com ameaças que vais lá, não é a dizeres que se continuares assim não voltas para a tua família, não vai valer de nada, o adolescente está numa fase que o que prevalece é influencia dos grupo de pares não é se quer a dos pais. Há aqui uma série de situações que tem de ser, se calhar aprofundadas, se calhar mesmo a nível teórico para que se perceba se faz ou não sentido determinadas situações e se realmente isso vai ter uma influencia positiva ou não na vida daquele adolescente.

I – A S1 no período de acolhimento, em termos da escola, algumas vez se sentiu mais discriminada por parte dos professores por parte dos colegas?

E – É assim... não a, a questão de, não, é assim, acho que é o normal, acho que como eu disse a minha, a minha, a minha, fase de revolta foi para aí 8º, 9º ano mais isto lá está foi muito pela questão do meu pai, na altura eu não tinha a noção disso, mas que mexeu comigo, mexeu. Depois tive essa situação 5º, 6º ano que eu acho que estava numa turma que... mas não é que alguém me tratasse mal, muito pelo contrário, mas que era tudo muito ah... não sei aquilo não tinha nada a ver comigo, eu acho que me sentia assim um bocadinho desenquadrada, mas por outro lado depois eu tinha imenso apoio por parte dos professores, eu nunca me senti discriminada ao ponto de dizer, olha, porque és assim, não, muito pelo contrário, tinha uma diretora de turma excelente, ah no meu 5º ano tinha uma excelente, no 6º ano tive outra também que não tenho nada a apontar e acho que sempre tive muito esse acompanhamento e depois as pessoas diziam-me sempre, oh S1 tens tanta capacidade, porque é que não sei quê, e eu dizia opa séria estão a chatear-me com isto (risos)... eu pensava imensas vezes isso, porque é assim, eu... obvio que eu tinha noção, eu na altura sempre tive muitas facilidades na escola, sempre, opa, só que às vezes, eu sou sincera, não me apetecia, não me apetecia e não fazia, e os professores depois tendo noção do percurso, obvio que têm noção se aquele estudante tem dificuldade ou se até sabe mas está a deixar-se estar, então eu tinha sempre esse feedback. Depois lá, lá na instituição diziam-me então, mas... o que é que está a correr mal e não sei quê, e eu pensava, não está nada pronto, eu depois melhoro isso (risos)...

I – A S1 daquilo que se lembra há relação entre a escola e a instituição ou com os técnicos da instituição?

E – Sim, mas o normal, o acompanhamento, a ida à escola, de vez em quando sei que ligavam para saber como é que as coisas estavam, se bem que havia os recados nas cadernetas que eram infalíveis, mas de qualquer das formas, havia aquela questão do querer saber de como é que as coisas estavam, ou sabia, se calhar eu no meu caso nunca notei muito, mas se havia uma mudança de comportamento ou qualquer coisa eles depois tentavam entre eles perceber se havia alguma alteração na escola ou o que é que se passava, eu sei porque por exemplo quando foi a situação do meu pai, obvio que eu não ia para a escola estar a dizer que me aconteceu isto ou aquilo, nem era do meu feitio sequer, mas a minha diretora de turma sabia, ou seja, se ela sabia foi porque alguém de

lá lhe tinha dito, pronto, mas ela fez as coisas assim de forma muito discreta, e veio falar comigo e não sei quê, se precisava de alguma coisa, e eu pensava assim, mas que é isto, foi o que eu pensei (risos), porque é assim na minha cabeça era uma coisa minha, era minha e da casa inteira porque toda a gente sabia, mas daí a até na escola a diretora de turma ir falar comigo aquilo já não ... pronto, mas depois acho que ali o objetivo era a melhor das intenções, que era, se ela precisar de alguma coisa sabe que nós estamos aqui e que pode conversar connosco, eu na altura é que, eu acho que tem haver com a idade não é, não tinha essa noção e não, não disse nada, virei-me para a professora e disse, ah a sério não me diga, não ia dizer isso, mas, achei que realmente, havia ali coisas que acho que deviam ser mais compartimentalizadas, tipo ficava lá e se fosse preciso então sim, não é mas porque é que... pronto, mas ela realmente... e foi, foi uma das diretoras de turma que também, nunca tive razão de queixa, por acaso nunca tive, que ela acompanhou-me durante três anos e, foi daquelas professoras que eu acho que tinha muito para ensinar mesmo.

I – Nestes 19 anos entre professores, auxiliares, técnicos da instituição e outros funcionários alguma vez se sentiu mais desprotegida?

E – ... ah... não, eu acho que não, nunca tive assim uma situação em que... sinto é que às vezes lá na instituição, acontecia às vezes, como é que vou explicar ... houve muitas mudanças durante estes anos como é evidente ... e acho que às vezes naaa, na expectativa de haver uma mudança, haviam muitos retrocessos e isto era muito negativo, que era do género, imagina, hoje há vamos ter aqui um técnico que vos vai acompanhar neste sentido, neste sentido tal, tal, tal, tal, ok, tudo bem, íamos conhecer a pessoa, passado dois ou três dias aquilo já estava tudo virado do avesso, já ninguém se entendia, depois as pessoas diziam à se for preciso tratar de não sei quê, falem com x ou falem com y, aquilo andou assim uma fase muito conturbada, isto é muito mau, para nós é, porque é assim nós estamos habituados aquelas rotinas, sabemos que se for preciso isto falamos com x se for preciso aquilo falamos com y, se for preciso fazer tal, falamos com tal, aquilo está tudo muito delineado e depois quando há esta quebra desta rotina e há este ... esta incerteza, acaba por ser muito mau, porque a pessoa efetivamente não sabe o que é que se está ali a passar ah, e quanto tempo é que aquilo vai durar, geralmente depois aquilo era uma situação que se fosse preciso passados duas semanas as coisas estabilizavam mas houve assim períodos de muita oscilação.

I – Quando estas mudanças acontecem vocês sentem que são mais pessoas a invadir a vossa privacidade?

E – Totalmente. Nós tivemos lá, nós tivemos lá, imensas pessoas que estiveram lá dois, três dias, eu lembro-me perfeitamente, mas não pelas melhores razões, tinha uma senhora que me lembro que era a D. C, lembro-me perfeitamente a senhora devia estar na casa dos seus 50 e tais anos, assim com o cabelo preto, com uma trança e ela andava a ensinar-me a fazer ponto de cruz. Ela fazia ponto de cruz e eu disse que queria aprender, ela estava a ensinar-me e estava a correr-me tão bem, hoje em dia ainda não sei fazer ponto de cruz, (risos), mas ela, eu ainda era miúdas, mas eu via-a a fazer aquilo eu queria fazer também... Ela foi-se embora passado dois ou três dias houve uma miúda que lhe bateu, porque se passou não sei porquê e a mulher disse que não estava para aquilo e foi-se embora, eu só dizia então quem me vai ensinar ponto de cruz (risos) isto parece muito mau mas na minha cabaça eu estava a aprender uma coisa nova, nunca ninguém me tinha ensinado e aquilo estava a correr-me mesmo bem, aquilo estava mesmo bonito, mas ela foi-se embora, mas tipo... ali não é o caso da perda, se calhar fui um bocado egoísta, coitada ela passou por aquela situação, nem toda a gente está, está... para se submeter a esse tipo de situações, houve situações nesse sentido, graves, mesmo, ah... e depois tive outra senhora também, que lembro-me perfeitamente chamava-se MJ era ruiva, também com o cabelo enorme, e nós tínhamos lá uma miúda que ela, ela nunca foi muito boa, a sério, eu dava-me super bem com ela, ela era da minha idade, eu fui n vezes com ela para a colónia de férias mas a miúda tinha ali, qualquer problema que por A mais B, eu acho que ela fazia aquilo para chamar atenção, mas exagerava... começava a puxar o cabelo da funcionária, assim, tipo, como se estivesse a por qualquer coisa num estendal, e ela também disse que não estava para aturar aquilo e foi embora (risos) tudo assim, (risos) olha as situações, eu agora estou a rir-me mas na altura eu pensava isto é grave, mas a miúda ria-se e mas estás-te a rir, então ela foi-se embora... eu percebo perfeitamente que as pessoas não estejam para se meter em certo tipo de situações, ainda por cima se for uma situação recente preferem ir-se embora do que... pensão eu vou estar aqui o resto da vida a puxarem-me os cabelos, não, claro aquilo não é assim, as pessoas que estão lá à mais anos passaram por situações adversas as técnicas mas nada de... espetacular, nada de extraordinário, não andam ali aos socos uns aos outros, às vezes as coisas não correm bem, já la tive situações a que eu assisti nomeadamente violência das utentes para com as funcionárias e eu sempre que lá estava

entrevi-a, e aliás se via que a coisa estava a correr mal nem deixava chegar a isso, porque acho que há limites, é claro que às vezes as pessoas dizem coisas que agente não gosta, é claro que às vezes uma pessoa está num dia não, ainda por cima falamos daquela maneira, que agente acha que já está a ir para o torto e causa uma reação mais emotiva mas acho que ... há situações que não se justificam e, e, e, eu vi lá situações um bocadinho más nesse sentido...

I – Alguma vez viu lá o reverso, violência dos técnicos para as jovens?

E – Também aconteceu, não nos últimos anos, mais no primeiros anos que eu lá tive, aconteceu, acho que às vezes, porque as situações são diferentes, agora há coisas que não são permitidas de todo, e na altura não era bem assim, e estas situações, que eu acho que eram desnecessárias, que eu acho que não se justifica, aaaa mas lá está eu acho que isto com o tempo vai mudando, acho que há situações que vão melhorando, nesse sentido acho que foi, na altura se calhar... as coisas não eram, não havia tanto rigor, nesse sentido, na questão ah não vamos estar aqui a chegar ao ponto da violência física porque não se justifica, daí a questão das medidas reparadoras, à posteriori e etc., funciona melhor, já vi mas nada por aí além, existiam situações mais graves ao contrário, porque é a tal coisa, eu acho que, há situações em que as pessoas vão para lá numa situação limite, limite a nível psicológico, se calhar nem sempre identificada, a pessoa vai para lá, agora vais para aqui porque os teus pais não podem estar contigo, por exemplo, às vezes a conversa é um bocado esta, mesmo assim, ahah e as pessoas não percebem porque é que têm de lá estar ah e porque é que alguém que eles não conhecem de lá nenhum chega lá e diz agora tens que ir para a cama, agora tens que ir fazer isto, e sentem aquilo como uma ameaça direta, quer dizer mas então eu não te conheço de lado nenhum e vens aqui e dizes-me isto, pronto, e acho que esse tipo de situações muitas vezes originam esse tipo de... de conflito. Mas pronto, agora acho que é, é como tudo...

I – Quando me fala punições ou medidas reparadoras que tipo de medidas eram utilizadas?

E – Então houve uma altura em que era muito comum a, a acordar às 6h00 da manhã e limpar paredes com lixívia (risos) eu por acaso que nunca fiz, nunca, nunca tive esse castigo, mas tinha imensas miúdas que tinham e eu lembro-me às vezes de acordar às 6h30, acordava mais cedo, porque tinha as minhas tarefas e preferia acordar mais cedo do que depois atrasar-me com as coisas que tinha para fazer, elas estavam lá a limpar as

paredes e aquilo era uma comédia sempre, porque não era só uma então ou seja nunca acabava por ser tão chato, elas depois estavam sempre a conversar e etc., aaa mas lembro-me dessas era uma clássico mesmo, houve uns anos que era sempre limpar paredes às 6h00 da manhã, depois houve uma altura que era a parte da copa, do refeitório e da cozinha, supostamente a pessoa tinha que fazer tudo, à noite, depois do jantar, era o castigo, mas isso era quando a coisa estava muito mal, ou já não era a primeira vez e era uma situação mais grave, era muito comum então em vez de fazerem duas tarefas fazer três de manhã, coisas assim desse género assim..

I - O que acha sobre as tarefas que tinha de desenvolver na instituição? Eram adequadas? Têm alguma relevância em termos de formação pessoal?

E – Pois isso eu acho, na altura não achava (risos) mas agora acho. Não porque é assim, eu por exemplo era miúda e às vezes, odiava ter que ir, mas era mesmo odiar, ter que ir para a costura, estar a dobrar cuecas, estar a dobrar roupa, estar a esticar lençóis, mas isto tipo nem me serve para nada, porque é assim, quando tu és miúdo não estás a pensar nessas coisas, tu queres é brincar e ir ver desenhos animados, alguma vez dobrar curcas (risos) aa dobrar meias, estender roupa, não, aaaa e nós tínhamos essa questão, durante muitos anos tínhamos, portanto, nós passávamos, íamos prestar esse apoio, porque nós depois tínhamos funcionárias sempre, tínhamos uma costureira e uma pessoa que tratava da parte da lavandaria, nós íamos só dar um apoio pontual, a questão mesmo ou estender roupa que fosse mais simples, ou dobrar meias e cuecas, etc., etc., a... depois tínhamos as tarefas comuns, que eu estava a dizer, que geralmente aaa à umas... a casa de modo geral fazia-se de manhã, e depois tínhamos então o refeitório, a copa e a cozinha que eram tarefas que se faziam depois do almoço e depois do jantar, sendo que nós tínhamos sempre uma cozinheira, não é, tirando, ela estava sempre dentro do período normal, que acho que era 9 -18, e depois deixava as coisas minimamente feitas para quem ia fazer o jantar, sendo que eram sempre dadas indicações daquilo que estava ou não feito e daquilo que era preciso ou não fazer, aaa e tínhamos também uma funcionária de limpeza, as limpezas eram feitas por nós...

I – E eram vocês que depois orientavam o resto do jantar ou vinha outra funcionária?

E – Não, não, não, de hábito, como era... isto depois a questão da cozinha era uma questão que requeria algum cuidado, então eram sempre escolhidas as pessoas mais

velhas da instituição para evitar não é, que aquilo não corresse bem...imagina trinta e tal pessoas ficarem sem comer é um bocadinho mau...

I – As mais velhas das jovens?

E – Sim, sim as mais velhas, jovens sim mas se calhar de 18,17 para cima, todo dependia da maturidade da pessoa e isso depois também era escolhido de acordo com o perfil da pessoa, é claro que se sabemos que temos uma miúda de 17 anos que nós sabemos que é dada ao disparate que lhe podes dizer 1300 vezes a mesma coisa que a miúda faz tudo ao contrário, se calhar não convém por uma tarefa dessas, em que depois há ali uma séria de pessoas que estão dependentes disso, então era um bocado visto com esse perfil e depois foram pondo miúdas com idades mais novas, a partir dos 15 mais ou menos para que fossem aprendendo com quem lá estava mais velho para depois também ganharem competências, não faz grande sentido aaa se não é dado, como é que vou dizer, se não é dada a formação que as pessoas precisam em idades mais novas, depois vão chegar aquela altura e não vão saber fazer, posso dizer que havia lá miúdas que aos 15 anos não sabiam picar cebola, não, havia uns que não sabiam o que era uma cenoura...

I – As tarefas que lhes eram atribuídas eram mais de ajuda do que propriamente responsabilidade? Servem ou são importantes depois para a autonomização?

E – Sim, claro, claro que sim, eu lembro-me que, como eu disse eu não gostava nada dessas coisas, não gostava, (risos), não gostava porque na minha cabeça o que eu gostava era brincar e ver desenhos animados o dia todo se pudesse, pelo menos até ir para a escola não é, e ali não era do género, hoje de manhã por exemplo vais ajudar para a cozinha, eu se calhar às vezes não fazia nada de jeito, era só descascar batatas, coisas assim, coisas mais básicas, pronto, mas não gostava de ir, eu na minha cabeça queria era estar a... ainda por cima de manhã, dão tantos desenhados animados na televisão e lá tinha que eu ir, mas depois tipo reconheço que depois me fez bem, por exemplo, hoje em dia cozinho e cozinho bem, e gosto de cozinhar e há coisas que eu aprendi efetivamente de estar lá muitas vez a ver, a aprender como é que se fazia, e até porque depois ali funcionava muito que ao fim de semana, tanto a funcionária até ao sábado fazia mais ou menos esse horário, ó domingo não estava, tanto ó domingo, a refeição tinha de ser toda preparada de base, portanto aí convinha realmente que fosse uma pessoa mais velha, é claro que estava sempre uma funcionária de serviço que se fosse

preciso ajuda a funcionária vinha, mas era a mesma funcionária que estava a tomar conta das outras, portanto tinha que haver aqui alguma autonomia...

I – Acabava um bocadinho por a casa estar entregues a vocês ao domingo?

E – Sim. Sim, ao domingo a parte da cozinha era, mas regra geral aquilo até corria bem, os pratos até eram mais ou menos simples, não variavam muito, ao domingo era geralmente caldo verde ou canja, que eu hoje em dia não gosto portanto (risos) aaa e depois os pratos arroz de pato, ou mesmo jardineira, coisas que fosse assim mais simples de fazer, nunca havia assim pratos muito complexos, pelo menos que fossem feitos pelas utentes...

I – No período de acolhimento acha que a parte de ir à família era relativamente pouca, no seu caso três ou quatro vezes por ano, acha que isto era importante para si?

E – Eu acho que sim, porque era o que eu dizia na altura, eu tenho plena noção que cada vez que eu vinha de férias vinha... parece que vinha rejuvenescida, vinha com outro espírito, acho que me fazia bem, não era uma situação olha agora venho triste porque já não estou com os meus pais, não.

I – Mas essa importância era em termos emocionais e afeto ou também em termos de competências?

E – Sim eu acho que sim, era mais a questão mesmo do afeto. Eu a nível de competências não era isso que fazia diferença, eu acho que as minhas competências sempre foram mais adquiridas ao longo do ano letivo, não é, com as pessoas com quem eu tinha contato no meu dia a dia e com as coisas que aprendia lá também, a nível de competências com a minha família não acho que fosse por aí. Claro que vinha com maior incentivo, mas acho que, aaa, o que eu tirava daí era maior proveito a nível emocional e a nível afetivo isso sim.

I – Em termos do seu percurso escolar, já conversámos um bocadinho, a S1 era muito boa aluna...

E – Ah, é assim, não era muito boa, eu não tinha era dificuldades, só que às vezes, pronto. Eu era boa aluna, e depois todos, todos, não era muito boa, vá eu era boa aluna... tinha facilidade e, só que às vezes honestamente não estava para me chatear muito, não era porque é assim, como é que

I – Sempre transitou ou ficou retida algum ano?

E – Não, nunca fiquei, eu passei sempre, o que não era muito comum lá em casa, mas eu juro que não tinha noção. Aqui às uns anos estávamos a conversar ah não sei quê, chumbou um ano e não sei quê, e eu hum? Porque eu não tinha consciência, eu, tirando eu e outra miúda eu acho que de resto toda gente que lá passou chumbou um ano ou qualquer coisa, na minha cabeça, quer dizer, era super normal era passar, era, porque eu passava sempre, às vezes rinha mais dificuldades, às vezes tinha mais negativas, às vezes tinha negativas, mas porque queria, ééééé, a verdade é essa, não me esforçava mesmo, depois pensava é, também não vou chumbar é só mais uma, então deixa estar.

I – Vocês em casa tinham acompanhamento escolar, orientação nos trabalhos, supervisão, explicações?

E – Há tínhamos, tínhamos, tínhamos, nós portanto tínhamos um período, depois de vir da escola, que era só mesmo para estudarmos e depois tínhamos salas próprias de estudo, aquilo era tudo muito organizado nesse sentido, e tínhamos um acompanhamento mesmo de perto. Não há, perguntavam sempre pelos trabalhos de casa, ah não tenho, então deixa-me ver o teu caderno, (risos) acontecia muitas vez, eu por acaso se tivesse ia logo, preferia fazer logo do que depois estarem-me a chatear a dizer que não tinha feito os trabalhos, então... aaaa, havia muito esse acompanhamento, mas rigoroso mesmo, tanto que depois ao longo dos anos, nos últimos anos até já temos uma equipa técnica diferente, até já tem educadores sociais e tudo, portanto essa questão do estudo lá sempre foi primordial, nunca foi aquela coisa há andem assim como querem, não, muito pelo contrario, eu às vezes dizia, não tem nada para fazer então vai ler um livro, e eu estava ali 1 hora a ler um livro, porque tinha que reservar aquela hora para uma coisa que não fosse estar a brincar ou a fazer o que queria, era uma coisa que fosse mais... vá, de, de cariz intelectual, às vezes lia banda desenhada porque não estava para ler livros, era só mesmo para dizer que estava ali.

I – Em termos de técnicos teve apoio psicológico, apoio de saúde, ... sempre sentiu esse apoio ou alguma vez na instituição sentiu falta de alguma orientação?

E – É assim eu sou sincera, eu acho que nos últimos, nos últimos, nos primeiros anos que eu lá estive, eu quando queria falar de alguma coisa ou quando estava mais fragilizada eu ia ter com, geralmente, com a funcionária que era da minha maior confiança, ela ao depois, obviamente, que tentava ajudar-me dentro daquilo que podia, mas nunca tive questão olha preciso de falar com um psicólogo, até porque nessa altura

não era nada comum esse tipo de situações, depois, a posteriori, eu não sei bem precisar o ano, à cerca de 8 anos, mais ou menos, talvez, um bocadinho mais, recebemos lá uma técnica de psicologia, já lá tínhamos recebido umas quantas, nomeadamente, a fazer estágios e etc., mas era assim a mesma coisa que não estarem lá, porque era assim, iam lá estavam lá duas ou três horas, não nos conheciam minimamente e depois pronto, isso para mim é a mesma coisa, a nível de impacto para nós é a mesma coisa que não estar lá ninguém, pronto. Depois recebemos uma psicóloga na altura, que efetivamente começou a fazer um acompanhamento, ela tinha uma escala em que nós tínhamos cerca de 45 minutos, mais ou menos, por utente, marcado com ela aquela horaaaa, depois começou a ser feito um acompanhamento mais pormenorizado, porque depois entretanto essa psicóloga subiu para outro cargo e veio outra então que, ainda o acompanhamento foi maior, porque ela depois deixou de conseguir exercer funções dentro dessa área e depois passamos a ter outra psicóloga que não só fazia os acompanhamentos individuais como também fazia muita terapia de grupo, que eu acho fundamental. Eu por acaso, eu na altura já estava na faculdade, portanto não, não havia essa coisa, mas houve uma altura eu disse eu quero fazer uma de grupo para ver como é que é e foi fazer com as miúdas que estavam lá todas mais ou menos da mesma idade e opa achei giro porque ela realmente, aaa, acho que é uma pessoa muito competente, aaaa, para para um sitio daqueles, hoje em dia um lar de infância e juventude que não tenha um bom técnico a nível de psicologia perde muito... e ela nisso é excelente, porque é uma pessoa que anda sempre à procura de ... de... de novas ideias e novos projetos para dinamizar as coisas e para se tornar mais próxima das jovens, eu acho que aquela casa apostando em técnicos assim ganha muito, porque eu acho que se nota muita diferença e depois também se ganha muito mais proximidade também com as utentes.

I – Quais é que achas que são os principais problemas do acolhimento?

E – Eu acho que é assim, o problema numero um, seja em que situação for é mesmo o processo de integração em si, e eu falo por mim, no meu caso foi o que foi, e mais eu tinha a facilidade de ter as minhas irmãs lá, como eu estava a dizer, há muitas miúdas que vão para lá e não têm ninguém, elas vão sozinhas tenham que idade for, o que torna as coisas muito mais complicadas. E que muitas vezes também, aaaa, contribui de forma quase imediata para uma rejeição, quer dizer, venho aqui parar a um sitio que eu não conheço ninguém, depois há miúdas lá que começam logo, são muito tagarelas, elas

começam logo a falar tudo e mais alguma coisa, as pessoas sentem-se um bocado invadidas, tipo, o que é isto... tive muita situações assim, que diziam assim, olha não sei quê, miúda nova e eu pensei, coitada, imagino, todo agente olhava para a pessoa e a pessoa estava ali, mesmo, tipo ... depois não é assim, nós por exemplo imagine-se, nós jantávamos todas ao mesmo tempo, 38 pessoas a jantar, imenso barulho, mesas geralmente eram 5 pessoas, 4/5 pessoas, se uma pessoa não se sente ali bem, aquilo depressa se torna caótico... depois as pessoas pensam que é isto, aquilo é assim um ritmo que oh a pessoa entra no ritmo ou realmente aaaa acaba por haver alguma rejeição o que é normal, eu acho que o principal ponto nessas questões é mesmo, como é que é o processo de integração inicial e haver um acompanhamento maior se possível.

I – Proximidade também afetiva?

E – Sim, para que a pessoa se sentia, sim, porque é assim, isto depois é assim, isto vai variando muito de acordo com as pessoas que lá estão, não é, há pessoas que, imagine, se calhar eu na altura em que entrei tinha muitas miúdas mais ou menos da minha idade, então facilitou-me, se eu não tivesse miúdas da minha idade e tivesse só pré-adolescentes, para mim já era complicado...

I – Acha que estar na instituição, a diferença de idades dos residentes é benéfica ou prejudicial?

E – É, eu acho que é benéfico porque há coisas que sempre se vão aprendendo com diferentes idades, há questões por exemplo que são questões femininas a temos miúdas da nossa idade, nós não vamos perguntar às miúdas da nossa idade porque nós não sabemos, vamos perguntar às mais velhas porque elas já sabem, já passaram por isso, e acho que isso, que isso tem essa... eu acho que pode ter os seus pontos negativos sim, evidentemente, mas os pontos fortes eu acho que são superiores, porque depois há uma troca de experiências que acaba por ser benéfica, imagine, por exemplo, hoje, imagine, aqueles dramas, por exemplo, da adolescência, ah o meu namorado acabou comigo e eu estou ali a chorar, a chorar, se calhar está ali uma mais velha, 2/3 anos, se calhar tem uma experiência diferente e pode chegar ao pé de mim e dizer, olha, mas olha que isso depois passa, na altura a pessoa não acredita, mas independentemente disso (risos) se for uma pessoa da nossa confiança nós vamos estar mais propensos a ouvir e a pensar, se calhar é verdade, ou se calhar realmente custa, ou se calhar... briguei com a minha melhor amiga e as coisas não correram muito bem mas há uma hipótese de conciliação

porque alguém já passou por isso e disse-me a mesma coisa, por isso eu acho que é benéfico nessa troca de experiências.

I – Mudava alguma coisa neste período de acolhimento?

E – Não, eu acho que não. Não!

I – Qual foi o momento mais difícil?

E – Desde que eu lá estive acho que foi mesmo a morte do meu pai, acho que foi o momento mais difícil não só do processo de acolhimento, mas da minha vida foi sem duvida o mais difícil.

I – A S1 alguma vez achou que esta ida para a instituição a afastou dos seus pais e por algum momento a fez sentir culpada por estar longe do seu pai?

E – Não é assim, aaaa, lá está...

I – Ele era uma referência para si?

E – Era, mas efetivamente, é o que eu digo, eu como depois tinha noção de que eu fui para lá e foi de alguma forma iniciativa dele porque foi ele que tomou a atitude de fazer da forma como fez, acho que ele tinha consciência de que era o melhor para mim, e tendo consciência do que era melhor para mim também não era aaaa, não fazia sentido para mim estar... primeiro a questão do guardar rancor, já me perguntaram várias vezes se eu não guardava rancor da minha mãe e do meu pai, se calhar por não terem tido as competências que eram preciso para eu crescer no meio da minha família, eu acho que não é por aí, eu acho que serve-me é de exemplo para certas coisas que não se devem fazer enquanto pais, eu acho que é mais por aí, é mais um alerta do que propriamente, olha fizeste-me isso... e acho que, o tempo que estive na instituição foi-me tão útil, de várias maneiras, que eu pensar assim, não, não, não faz sentido nenhum...

I – Qual foi o momento mais positivo que se lembra do acolhimento?

E – Aí, não sei, não sei, eu tive tantos (risos)

I – Se tivesse que colocar numa balança entre as coisas más do acolhimento e as coisas boas o que é que acha que prevalece? Teria mais momentos bons ou momentos maus?

E – Ah, momentos bons, claro, momentos bons, sim, sim, sim, é claro que momentos maus há sempre, mas momentos bons sem dúvida alguma.

I – Saiu da instituição com que idade?

E – Eu na altura, eu acho que tinha 24 se não estou em dúvida, 23/24 sim, mas acho que tinha 24.

I – Fez lá a universidade?

E – Sim.

I – Saiu por opção?

E – É assim, na altura eu tinha, estava a terminar o mestrado, e depois era a questão, então, mas o que é que te falta, o que é que te falta e eu... é assim, eu comecei a sentir-me muito asfiziada mesmo, e achava que precisava de parar um bocado mesmo. Eu percebo o lado deles, e claro que percebo né, quer dizer eles sempre me apoiaram de todas as maneiras não é, e era a primeira vez que alguém ali tirava um mestrado, licenciatura já não havia ninguém para aí há 30 anos que fizesse aquilo, já por si só, para quem lá estava também foi uma batalha ganha, porque é assim, costumou-me um bocado, até porque eu quando fui para o mestrado estava a terminar a licenciatura e a minha licenciatura foi em Beja, ou seja, eu andava entre Beja e Leiria, e se fosse sem o apoio delas eu tenho a plena noção que não conseguia, porque eu andava dois dias num sitio, depois vinha para casa e depois vinha ao fim-de-semana para Leiria, andava assim durante 6 meses. Ah, e foi uma coisa que realmente me custou muito, mas eu acho que fases para tudo, e eu naquela altura acho que... por uma questão de, de questões mais técnicas, acho que não é importante referir, mas teve a ver com a própria gestão do curso, houve ali coisas que não estavam a correr muito bem e, e houve coisas que, das duas, uma, ou eu, aaaa, se calhar mexia-me e ia falar com outras pessoas mais acima e andava ali a fazer um reboiço que não fazia sentido para mim, ou então punha, efetivamente, aquela situação de parte e tentava contornar as coisas de outra forma. E eu, eu tenho noção, e isto se calhar é um bocadinho mau de se dizer, mas é verdade, que me fui afastando aos bocadinhos também...

I – Da instituição?

E – Exatamente, porque obvio que percebo que por elas era uma coisa importante e a questão de resultados e tudo, mas nisso eu sempre tive apoio apesar de tudo, sempre posso dizer que tive apoio, mesmo quando estava a terminar a licenciatura estava a ter algumas dificuldades porque que só me faltava estatística, eu tive imenso tempo para fazer estatística e elas foram arranjar-me uma explicadora de estatística, houve sempre ali aquela coisa, é o que te falta e eu acredito que consegues fazer então vamos te

ajudar. Muito nesse sentido, e que acredito que a dada altura comecei a sentir-me assim um bocado... asfixiada mesmo, porque eu precisava de, de fazer as coisas por mim, com o meu tempo, é claro que percebo que numa situação daquelas em que não era só uma, uma batalha minha era uma batalha deles também, porque efetivamente era a minha casa e eram pessoas que me acompanhavam... não era só o técnico x ou y, não era e eu tenho plena noção disso. Mas eu precisava do meu espaço e fui-me afastando, eu na altura até estava em L, estava num apartamento alugado e como tinha guardado dinheiro no verão, aaa, foi pagando as coisas, etc., também era isso que elas achavam estranho, mas ela não tem dinheiro nenhum, não tem nada, como é que, ou seja, havia assim uma série de preocupações, de como é que...

I - S1 neste tempo que estava na escola, no mestrado, estava na instituição e no verão conseguia trabalhar?

E - Não, então, a questão foi assim, primeiro, elas lá nunca, e é verdade e eu percebo o lado delas, elas nunca quiseram que eu trabalhasse mesmo quando fui para a faculdade, não queriam achavam que fazia mais sentido eu focar-me naquilo e, nomeadamente candidatar-me a uma bolsa de estudo e ter outro tipo de apoio da parte delas, do que propriamente estar a trabalhar, aaaa, e, então eu, mas antes disso eu já tinha trabalho, trabalhava no verão desde miúda, mas era por opção aquelas questões, tipo projetos da fundação da juventude e tudo mais, mas era dinheiro que depois efetivamente ia para uma conta que eles tinham aberto em meu nome e eu não usufruía e, elas ali sempre foram da opinião que não fazia sentido...

I – Estes trabalhos que ia fazendo era através da instituição?

E – Não eu é que me candidatava (risos)

I – Mas já não era nos períodos que ia de férias à família?

E – Exatamente, era quando passava as férias na instituição. Candidatava-me e depois dizia candidatei-me ao não sei quê, depois não sabia se ficava ou não, pois, mas sempre tive essa autonomia, que elas até depois ficavam espantadas, como é que, como é que eu tinha não só capacidade de fazer, mas como é que eu depois conseguia tratar das coisas todas, e tinha os papéis todos que eram precisos e, depois dizia-lhes então que me tinha candidatado, não sabia se entrava ou não mas pronto. Ah mas para a faculdade foi igual, mesmo quando eu entrei na faculdade fui eu que tratei da matricula e tudo, agente só foi lá mesmo por uma questão que depois tínhamos que ver pela questão das residências

porque, fui eu que tratei de tudo, tanto que elas foram comigo e eu, então mas vocês só vêm passear (risos) porque não têm nada para resolver mas pronto... e como eu estava a dizer então, efetivamente depois fui-me afastando um bocadinho, pronto, e já não, apesar de estarem lá as minhas coisas, eu já não estava lá efetivamente, até porque depois, a dada altura tornou-se impossível, eu não estava lá em casa efetivamente a nível de me sustentar, já me sustentava a mim própria já não fazia sentido continuar lá. Depois se houve aquela preocupação de querer saber como é que correram as coisas, se tinha acabado ou não o mestrado, e eu pensava lá vem a mesma história, aaa, mas sempre tive, sempre tive muito apoio por parte delas.

I – Alguma vez depois de sair sentiu esse apoio? Alguma vez se sentiu abandonada?

E – É assim, eu não, só que é assim, eu acho que isto vai do feitio, há pessoas que são muito, à não sei quê preciso de ajuda nananana, eu nunca fui muito assim, mas elas sempre me disseram se precisares de alguma coisa diz.

I – Se tiver hoje um problema e não conseguir resolver sozinha e precisava de apoio de alguém tinha, sentia que podia recorrer à instituição?

E – Sem dúvida alguma, sim, sim, sim. Aliás é curioso porque na altura quando aconteceu isso com o meu pai eu fui ao funeral dele e fui acompanhada por duas funcionárias da instituição, também foram, não por terem obrigação, porque não tinham se quer, porque nem eram pessoas que tivessem cargos mais altos, até era uma funcionária de limpeza e a cozinheira, porque elas eram pessoas muito próximas do meu pai, conheciam o meu pai, conheciam a minha mãe, a minha mãe chegou a ir à instituição, inclusive, passar lá uns dias e dormir lá na própria instituição, por isso elas conheciam-na muito bem. Eu lembro-me quando vim depois para O, fiquei com a minha mãe, disseram logo se precisares de alguma coisa diz. E era do género eu precisava fosse do que fosse e sei que se ligasse em menos de nada elas faziam-me chegar, nem precisava de lá ir, faziam-me chegar, aaa, e hoje em dia, é claro que as coisas vão mudando, as pessoas vão mudando, mas sei que realmente se precisar de alguma coisa posso contar com elas. Sou sincera, evito, não por serem elas, mas é mesmo de mim, não...

I – Também quer a sua vida, a sua privacidade, a sua autonomia?

E – Exatamente, é mais por aí... tanto que, muitas vezes eu lembro-me, por exemplo, de estar a falar, com na altura a psicóloga, agora é a diretora técnica da instituição, ela

estar-me a dizer então porque é que não me disseste...muito, muito comum, fica olhar para mim tipo, opa mas não, não sei quê, ela fica mesmo, na cabeça dela, dado a relação que tínhamos não fazia sentido nenhum não pedir, ou não dizer preciso disto ou preciso daquilo, não, tipo há coisas que, mas é de mim mesmo, não tem a ver com elas não estarem lá tem haver mesmo com essa questão. Posso dizer-te que sempre, mas sempre tive uma porta aberta, aliás posso dizer-te que a última vez que lá estive foi em outubro, porque fui ver uma miúda que lá está e foi... eu na altura tinha 17 anos quando recebi elas e as irmãs dela ficaram no meu quarto, lá está foi uma situação muito parecida com a minha, a mais pequenina tinha 5 anos, depois a outra tinha 8 e a outra tinha 10... aaa. E eu por acaso foi lá vê-la, tive bastante tempo lá, a falar com ela, a saber as novidades, como é que ela estava, não estava, aaa e, por acaso depois liguei à diretora técnica e perguntei, olha ela está lá, não sabia se ela lá estava, se tinha ido passar o fim de semana, e ela disse olha está mas podias-me ter dito saí de lá à 5 minutos e não sei que, tudo assim, tipo, é aquela questão de, podemos até não nos ver mas independentemente disso à aquela relação, aquela proximidade e se for preciso efetivamente estamos lá uns para os outros, e eu acho que isso é que é importante.

I- A S1 mantém ligação com o grupo de pares?

E – É assim, há umas que sim a outras que não. Ahhh eu tinha, por exemplo uma de quem era muito próxima, mas ela entretanto foi para França, mas falamos à mesma, estamos sempre no face tautau tautau quando é que vens cá, quando é que vais lá, muito comum... depois tenho outras pessoas que ... acabei por ter mais proximidade noutros períodos que hoje em dia não somos tão próximas mas falamo-nos, ou eventualmente, olha encontrei ali, olha faço questão de, de falar, de manter contacto, mas sou sincera, sinceramente, são raros os casos, diria se calhar, passaram lá imensa gente não é, são 19 anos, é muito tempo, se calhar há um grupo de 15 pessoas no máximo que eu faço questão de ter, de ter contacto recorrente e de estar lá para o caso de as pessoas precisarem.

I – A S1 enquanto mais velha alguma vez se sentiu enquanto referência para as mais novas?

E – Tantas vezes, sem crer ainda por cima. É que, é assim...olha isso aconteceu, eu lembro-me de estar na faculdade e a diretora técnica dizer olha entrou uma menina nova e não sei quê, falei-lhe de ti, e eu, desculpa, falas-te de mim porquê, se ela não me

conhece de lado nenhum...não sei quê, depois havia vezes que chegava lá, tipo havia imensas mudança, havia pessoal novo e toda agente me conhecia, ah tu é que és a S1, oh, oh sim, tipo, aquilo era um bocado estranho para mim, porque eu estive sempre um bocadinho na minha, fazia as minhas coisas, é claro que quando achava que me devia envolver, envolvia, mas nunca tive sequer pretensão nenhuma de, de ser referência para ninguém ou ser assunto quando não estava lá, quer dizer, não faz grande sentido, mas acontecia muito, aconteceu sim com muita frequência.

I – Os processos por norma são acompanhados ou pela CPCJ ou pela equipa de assessoria aos tribunais, sempre teve conhecimento dos técnicos que acompanhavam o seu processo extra instituição?

E – Não, porque é assim, ali funcionava, a dada altura, para começar, imagine, em idade adulta esse tipo de questão, esse tipo de situação estava fora de questão porque não havia interesse em... porquê? A partir do momento em que o acompanhamento é feito em instituição e eh e não havia já sequer hipóteses de retornar à família biológica não faz qualquer sentido...

I – Isso acontece em que momento S1, quando é que sente que já não ia voltar à família biológica?

E – É assim, eu acho, principalmente depois do meu pai falecer, aí é que eu acho que não havia, eu sempre achei que a minha mãe não tinha se quer estrutura sozinha aaa, para... como é que eu vou dizer, para se orientar, eu acho que é mesmo dela. Há pessoas que têm mais capacidade, há outras que não têm, e acho que ela, como acho que ela vive num mundo muito a parte eu acho que ela não tem bem noção de como é que as coisas são e por isso é que eu acho que nunca fazia sentido, eu também sou sincera se me dessem a escolher eu dizia que não, eu preferia muito mais ficar ali num ambiente que eu já conhecia e que estava rodeada de pessoas, que se gostasse ou não, eram a minha família, aaaa, e que podia realmente, e depois tinha outras pretensões, eu depois também já fazia os meus planos, eu depois quando chegar a esta idade quero fazer isto, quer fazer isto, eu não pensava quando chegar a esta idade vou para casa dos meus pais, não, nunca foi assim.

I – Deixou de ser uma prioridade?

E – Sim, não pensava, eu acho, eu acho que só pensava assim mesmo quando era uma miúda, depois com o tempo quando fui crescendo eu já pensava naquilo que queria

fazer dali para a frente, queria chegar aquela idade queria fazer aquilo, depois queria fazer aqueloutro, e depois... isto assim aos poucos, nunca foi aquela coisa de ah depois um dia vou para casa dos meus pais, não, quer dizer, nem sequer me passou pela cabeça, se calhar, também por isso é que também, depois, nunca tive esse feedback do género, olha colocas a hipótese de... porque eu não colocava sequer a minha ideia era chegar ali, chegar então depois aos 18 anos e ir para a faculdade, depois consegui concretizá-lo com ajuda delas, evidentemente, ah, hum e queria fazer isto e queria fazer aquilo, mas tipo já pensado lá na, não, não equacionava essa hipótese sequer.

I – Fale-me da saída? Chegou, decidiu...

E – Sim, depois ela falou comigo efetivamente, também tinham reunido...

I – Foi por opção, podemos concluir que a sua saída foi por opção?

E – Aaaaa, sim, porque é assim, é a tal coisa eu já não, a ligação com elas efetivamente, falava, era muito raro, opa estava um bocadinho na minha, que é mesmo assim, aaaa, portanto para mim não...

I – Não considera que lhe tenha sido imposta a saída?

E – Não, porque é assim, para mim seria imposto, imagine, se eu, como é que eu vou explicar, seria imposto, se olha eu quero estar ali...

I – Se fosse convidada a sair?

E – Sim, porque eu para mim já não, não tinha aquela ligação efetivamente, aaaa, estava no meu espaço, era o que ela dizia, achava que realmente eeee e foi-me dito que achavam que eu se calhar estava a falhar um bocadinho, achavam que eu se calhar devia estar um bocadinho mais presente, mas na minha cabeça, não é, eu precisava efetivamente do meu espaço e eu estava no meu espaço então ela efetivamente disse que tinha, que tinham falado, nomeadamente a equipa técnica e tudo mais, em relação a mim e a outra pessoa, se fazia ou não sentido, porque nós ao fim ao cabo não estávamos lá de todo, não estávamos lá, não tínhamos sequer a ligação no sentido de, olha sim, não tão cá mas, se calhar têm nos dito isto, isto e isto, e tem sido feito isto, quer dizer mesmo a nível económico, não havia sequer a questão de, de já haver aquele suporte, aquilo já estava assim em standby, eu realmente na minha cabeça estava a fazer as coisas por mim, estava a tentar fazer... seguir outros caminhos, até porque na altura pensava exatamente em arranjar trabalho na área, embora não tivesse o mestrado

concluído mas tinha a licenciatura, portanto, de alguma forma estava a trilhar o meu caminho dali, portanto ela quando me diz, efetivamente, que tinham conversado, que a equipa técnica e que não achavam que fizesse sentido continuar a ser utente da instituição eu já não me sentia como tal, não é, porque já não estava lá, já tipo estava a tentar fazer as coisas por mim, não estava ... naquele sentido, olha vamos... não era assim um bocadito nesse sentido, e acho que se calhar aaa depois ela, depois ela efetivamente falou comigo, a preocupação dela era realmente como é que eu estava e como é que estavam as coisas, portanto isto depois demonstra que, não é aquela coisa do não te queremos aqui é aquela coisa do mas porque é que não quiseste estar aqui, um bocado aquela questão, e eu acho que isto se calhar só percebe quem lá está dentro. Eu acho giro, porque na outra vez eu estava a falar com a Dr.^a F.F. que também lá trabalhou durante alguns anos e estávamos a falar dessa questão, fogo, mas isso é muito tempo, e é verdade, para quem sabe como é que são as coisas lá, aquele período de tempo é muito tempo, agora é assim, eu não posso dizer, ah aí porque foi horrível, não foi, muito pelo contrário, foi muito bom, eu tive muito apoio da parte delas, não tenho, eu digo elas porque aquilo é uma casa que só tem funcionárias mulheres, pelo menos a trabalhar diretamente connosco, aaaa, portante eu acredito que se calhar por elas tinha sido um bocado, então nós ajudamo-la tanto e tudo mais e agora, um bocado naquela, aquela coisa de... pronto se calhar gostaríamos que tivesse sido diferente, só que é assim, independentemente disso eu também não me estava a ver muito mais tempo, estava a chegar a uma idade que eu precisava de, de sentir de fazer mais as coisas por mim, mesmo que me custasse mais. É claro que eu tenho noção, que se calhar se tivesse lá ficado e dissesse há sim, vamos fazer isto, isto e aqueloutro, que se tivesse conversado, que aquilo ali é muito à base da conversa, que se calhar hoje tinha uma vida muito mais confortável, eu tenho plena noção disso, disso tenho, mas era o que eu precisava e eu acho que às vezes temos que aprender a caminhar um bocadinho com os nossos passos, ou de alguém que nos dê mão.

I – Saiu na altura que estava a frequentar o mestrado, foi isso?

E – Sim, portanto na altura tinha tudo completo, faltava apenas entregar a tese. Estava ali num impasse como estava a dizer e eu disse tipo...

I – E nessa altura o que fez?

E – Nessa altura, pronto, o que em falta era só mesmo a parte do tratamento dos dados estatísticos, e eis que, a minha orientadora, eu acho que houve ali uma falhas, eu não me vou esticar muito nisso, mas houve e acho que, quando nós temos alguém que é suposto nos orientar e nos diz que, tens opção de pagar a x para fazer tal, acho que isso não se faz, e, aaa, a questão mesmo ali era das duas uma, ou eu efetivamente ia por esse caminho, o que eu acho que não faz sentido nenhum, porque eu acho que a tese é uma coisa minha, é um coisa pela qual eu dou a cara e vou defender inclusive, não faz sentido passar trabalho para outra pessoa e ah eu fico sempre... depois efetivamente se eu fosse confrontada com os dados e houvesse alguma coisa que não coincidissem eu não tinha forma de, de, de, de ripostar, e dizer ah não afinal foi isto ou aconteceu esta situação, achava que não fazia muito sentido e depois, até foi uma situação que eu até escolhi a pessoa que me estava a orientar pior ainda, então vamos deixar isto em standby e depois logo se vê... aaaa, hoje em dia sou sincera, não... acho que, se calhar podia ter feito as coisas de forma diferente, de forma a que elas não sentissem que eu de alguma forma não estava, estava a abandonar a casa, ou não estava a ser grata, para que elas não se sentissem assim não por mim, porque eu acho que a nível de opção de mestrado acho que teria a mesma opção, se calhar até, se calhar faria só mesmo o primeiro ano e não teria o trabalho que tive no segundo e ficava só mesmo com a pós-graduação sem, se calhar, aquele ano ao fim ao cabo não foi um desperdício porque eu ao fim ao cabo também estava a fazer outras cadeiras, mas se calhar não estar a gastar tanto tempo naquilo...

I – Durante este tempo que saiu o que é que tem feito?

E – Depois disso tive um tempo desempregada no início, até porque eu ... tive a mandar currículos, houve sítios que até havia a hipótese de, mas era fora aqui de L, depois tinha outras implicações evidentemente, depois disso, depois tive a viver com a minha irmã, estive a trabalhar num supermercado, o contrato acabou quis vir embora porque eu não, não, não gostei, não foi o tipo, não pelo trabalho em si, porque gosto de trabalhar no atendimento ao público, acho que há é outras coisas que também são importantes e ali sentia que me faltava qualquer coisa, então não quis. Depois, entretanto, tive uns meses desempregada, depois disso, tive outras oportunidades que não quis, não quis aproveitar, porque não, porque acho que não tinha nada a ver comigo. Depois tive a questão do Centro de Acolhimento onde tive lá a fazer as férias e depois passado um

mês entrei noutra supermercado, e pronto até agora as coisas tem corrido muito bem, não tem nada a ver...

I - É onde trabalha atualmente?

E – Sim, tou, tou, porque é diferente é uma empresa que, que, primeiro valoriza as pessoas com, com, com cursos superiores porque permite o crescimento dentro da empresa e há lá vários casos, e o objetivo é continuar a fazer o que estou a fazer e qui cá daqui uns tempos fazer outra coisa diferente. É claro que às vezes penso, então e se tentares outra vez na área social, que é a minha área...

I – Continua à procura?

E – É assim eu tenho que ser sincera, sim e não, porque eu... naaaaa, na altura antes de ir para o centro de acolhimento ainda estava à procura, depois sabia que era período não fazia sentido estar a procurar uma coisa antes de terminar o contrato não é, e depois entre esse período que eu saí de lá e a entrada no outro sitio não chegou a ser de um mês, quer dizer... oh tomava a opção de ir para ali ou continuava à procura, e então, ali as coisas foram-me apresentadas e eu achei que sim, que devia ficar, aaaa, e dado exatamente o tipo de empresa que é, e a oportunidade de subir de posto acho que é o ideal.

I – Atualmente a S1 vive sozinha?

E – Partilho casa...

I – Aluga um quarto? Paga as suas despesas? É responsável por si?

E – Sim, sim ,sim...

I – A S1 tem mais três irmãs que acabaram por viver uma situação de acolhimento, sendo que somos todos diferentes, acha que o acolhimento foi positivo para elas como foi para si?

E – Eu acho que não... eu acho que não...

I – Acha que o acolhimento lhe deu as ferramentas necessárias para a sua autonomia e para conseguir vingar na vida, digamos assim?

E – Eu acho que sim, isto faz lembrar a conversa que eu tive lá com a diretora técnica, depois quando eu fui lá, para buscar as minhas coisas, e ela estava-me a dizer, estávamos a conversar e ela dizia-me assim estava mais descansada, pelo menos sabia

que, eu mesmo estando saindo de lá, pelo menos aaaa a licenciatura eu tinha, portanto, eu não saía de lá sem nada, efetivamente não saí de lá com uma mão à frente e outra atrás, sem dissessem, olha saí de lá e foi assim, não...

I – Mas lá ensinaram-lhe a gerir o dinheiro, a parte das refeições e das organizações habitacionais...

E – Sim, sim, tanto que eles na faculdade davam-nos o fundo de maneo e tudo e havia sempre o controlo sobre aquilo que nós gastávamos e o feedback em relação aquilo que poderia ser ou não feito de forma diferente.

I – Foi falado consigo as questões de saúde, sexualidade?

E – Sim, sim, sim, sempre, elas inclusive tiveram várias vezes, ao longo dos anos tive, mas recentemente apostavam muito nisso, até porque depois a camada já era muito adolescente aa e era importante, nomeadamente irem lá enfermeiras, aa informarem acerca da questão da sexualidade, da saúde de modo geral, a questão da higiene oral também, às vezes iam lá higienistas, portanto, ver como é que estavam as coisas de modo geral, e íamos ao dentista com frequência, acontecia qualquer coisa, partia um dente elas faziam questão de marcar. Lembro-me perfeitamente uma vez que tive, eu tenho, eu tenho redução da produção de lágrimas, e é muito frequente apanhar conjuntivites porque eu tenho o olho muito seco, então houve uma vez que eu apanhei uma conjuntivite tão grande que eu estava com o olho todo fechado e, e, bastante vermelho, bastante irritado e, e por acaso estava a falar com a diretora técnica e ela disse o que é que te aconteceu, isso parece uma conjuntivite, mas aquilo estava mesmo... mas como eu sabia que aquilo passava, era só mesmo uma questão de usar medicação, poderia era demorar mais tempo, ela disse logo isso está fora de questão e, não sei quê, e foi logo marcar-me um oftalmologista porque achavam que não era normal haver tanto essa questão e, foi nessa altura que ele me disse, alertou-me para a questão da redução da produção de lágrimas, e que era preferível usar lágrimas artificiais, mas isto mostra a preocupação, se não ela dizia a então está bem mete isso e isso passa, não, então mas se é uma situação efetivamente, não é bonito de se ver claro que não era, na minha cabeça não era o fim do mundo era uma coisa que havia de passar, mas havia sempre essa preocupação a questão de saúde, se estava bem e se não está bem e se precisa de alguma coisa, sempre houve muito esse acompanhamento, isso houve, por

parte da genecologia e tudo elas sempre foram muito atentas a isso eeeee, e terem esse cuidados e mesmo a questão das consultas de planeamento familiar e tudo.

I – Ainda relativamente à instituição, quando estavam em acolhimento tinham oportunidades de participar em outras atividades da comunidade?

E – É assim, hoje em dia eu sei que cada vez mais, mas antes que não tento, se bem que eu lembro-me perfeitamente, se bem que era ao contrário, nós tínhamos um padre que ia lá dar a missa eu, eu na altura, eu achava que aquilo era horrível, porque era assim, tínhamos que estar todas bonitas, depois recebíamos pessoas de forma, porque nós tínhamos uma capela dentro da instituição, e, eu lembro-me perfeitamente de dizer, então mas o que é que as pessoas vêm para aqui fazer, na minha cabeça aquilo não fazia grande sentido, e depois hoje em dia é diferente claro, mas foi das coisas que eu me lembro mais foi que aquilo para mim não fazia grande sentido, ia tanta pessoa lá de fora, mas, vem para aqui e a missa era dada lá. Depois houve uma altura que era o contrário, íamos nós à missa geralmente era ao sábado às 7h00 depois começaram a contornar porque ao depois tínhamos que ir para lá para quê... e depois foram contornando, as miúdas que estavam na catequese fazia sentido irem, até porque o próprio padre queria que assim fosse, mas depois a partir de determinada idade não fazia sentido ir à missa porque se calhar já tinham feito a crisma mas nem sequer se identificavam com... mas outras atividades também, nomeadamente, escuteiros, eu cheguei andar na banda, patinagem, haviam lá miúdas que andavam na patinagem...

I – De certa forma possibilitavam a vocês a participação em atividades da comunidade?

E – Sim, sim, sim, muito, eu acho que há mesmo esse incentivo, era giro fazeres isto, aaa, eu conheci lá uma miúda que por exemplo estava no conservatório de música, ou seja, há sempre essa questão de apoio no sentido de as pessoas adquirirem mais competências, mesmo que seja a nível artístico, ou seja o que for.

I – Agora em relação às suas irmãs, fazendo uma analogia às quatro situações qual o balanço que faz?

E – Eu acho que é assim, eu acho que primeiro de tudo as oportunidades são completamente diferentes e depois acho que elas se calhar tiveram a desvantagem de irem mais tarde, numa fase mais adolescente, as mais velhas pelo menos. Aaaa a outra não porque ela tinha uma idade muito pequena em relação à minha, mas ainda assim foi a tal que ainda fugiu e teve um mês sem dar sinais de vida. A mas acho que são

situações diferentes e eu acho que o facto de eu lá estar tanto tempo, me deu uma perspetiva diferente, pelos menos as coisas que eu queria para mim, eeee, e das minhas ambições, ah e depois a nível do que consigo fazer enquanto competências, eu acho que as situações diferem-se mais por isso, elas se calhar tivessem passado lá mais tempo, ou se calhar se tivessem ido para lá mais cedo se calhar tinham um percurso diferente.

I – Mas depois de sair pode contar com o apoio delas?

E – É assim, eu acho que há situações e situações, não, não, considero ter assim uma relação muito próxima, não considero, porque acho que nós temos perspetivas muito diferentes e valores diferentes, embora haja um contacto, efetivamente, acaba por ser um contacto assim mais esporádico, eu também sou sincera não faço questão que seja diferente.

I – A S1 hoje tem alguém, da sua família biológica que tenha uma proximidade?

E – Não, não, se calhar ao fim ao cabo tenho uma sobrinha minha, que por acaso é um ano mais velha, que eventualmente será a pessoa com quem eu possa conversar mais, mas ela também não está cá.

I – Uma sobrinha sua?

E – Uma sobrinha que é filha da minha irmã mais velha, ela por acaso também tirou Educação Social e acaba se calhar por ser a pessoa com quem eu me, aaa, acabo por me identificar mais no sentido, temos áreas parecidas, uma altura por exemplo quando eramos miúdas acabava por ir para casa da minha irmã e estávamos muito próximas mas também não é nada uma relação por aí além, falamos o normal nada assim de... mas é a tal coisa, eu também não faço questão porque há coisas com as quais eu não me identifico. Então acho que existe uma coisa importante que é a paz de espírito e então eu prefiro estar no meu canto e ter paz de espírito com os meus, mesmo que não seja a minha família biológica, que seja a família que eu escolhi do que...

I – A S1 tem pessoas de referência que estão consigo?

E – Sim, sim, sim, exatamente, que não tenho ligação efetivamente biológica, mas que tenho ligação de afeto, eu acho que isso é o mais importante.

I – Como foram os primeiros meses após a saída? No seu caso será mais uma transição...

E – Sim, acho que foi uma transição, eu no início efetivamente tive, cria, cria ver se conseguia, eu na altura até estive em Lisboa e tudo, que acho que elas nem souberam sequer, porque lá está, elas, na cabeça delas não fazia grande sentido, então mas o que é que ela anda a fazer, eu acho que foi um bocado isso, e depois não percebiam o que é que, o que é que se passava, a, a, mas foi assim uma transição é uma situação assim um bocadito...

I – Acha que os problemas existentes na sua família poderiam ser trabalhados de alguma forma pelos técnicos?

E – Eu que eu acho é que há problemas muito enraizados ali, foi o que aconteceu, e acho que aaaa, há famílias em que os problemas já estão tão, de tal forma tão aaa impostos que, só seria possível um trabalho se fosse um trabalho de 24 h e isso é impossível, não é, com visitas domiciliárias esporádicas, ou com acompanhamento, ou com o tipo de apoio como eu já cheguei a ver, nomeadamente apoio económico para reestruturação da casa, o que chegou acontecer e a casa ficou muito bonita, mas eu acho que não é isso que vai ajudar a família, vai dar outras possibilidades a nível estrutural a nível das condições de vida mas eu acho que ali o problema é mesmo trabalhar as próprias pessoas, e as próprias pessoas é complicado.

I – Vida com ou sem acolhimento?

E – aaa, ah com ... com...

I – No percurso de vida mudava alguma coisa?

E – Não, a única coisa que disse mesmo era se calhar a forma como saí, se calhar acho que de alguma forma as pessoas ficaram a pensar, ok nós tivemos aqui para ti tipo, e agora parece que não queres saber, que se calhar dava-me um bocadinho essa sensação, mas depois acho, que sinceramente, falei com quem devia falar e deixei claro o meu ponto de vista para que não houvesse essa questão, isto é só mesmo a questão do afeto mesmo, não é mais nada...

I – Quem é a pessoa mais significativa para a S1? Mais próxima?

E – Eu tenho várias pessoas que considero mais próxima, tenho amigas, nomeadamente o meu namorado, que também é das pessoas mais próximas e que me atura mais (risos), o que não é fácil né, porque eu às vezes sei que tenho um feitiço complicado, mas sem dúvida sim algumas amigas que tenho, que guardo, algumas delas da faculdade mesmo,

aaaa, sem dúvida são as pessoas mais próximas. E curiosamente, algumas pessoas que eram técnicas lá na instituição, que ainda hoje...

I – Se te questionar como é que describes a tua história de vida?

E – É complicado, isso é complicado, mesmo complicado porque nem se quer nunca pensei mesmo nisso...

I – S1 acha que foi protegida efetivamente por este sistema de acolhimento de crianças e jovens em risco?

E – Sim, mas eu acho que, como é que eu vou explicar, por este sistema?, eu não diria o sistema em si, eu diria pela casa em questão, porque é muito específico, porque eu já vi outras casas em que não foi nada assim, fora dali, que não funcionava dessa forma, aquela casa por si, eu acho acabou por ter um papel muito importante para mim sim, e acho que o trabalho que elas lá fazem é mesmo de louvar e cada vez elas tem tido mais destaque a nível regional e tudo mais, eu tenho gostado de ver e penso olha no meu tempo não era assim, mas ainda bem que agora é, porque acho que é bom mesmo para as pessoas que lá estão para sentirem que efetivamente têm um lugar e que podem conquistar determinadas coisas e eu acho que isso é bom...

I – Gostava de partilhar alguma coisa que não tenha questionada, que a S1 acha que seja importante?

E – Não eu acho que dissemos essencialmente tudo, Que algo assim que falhe como eu estava a dizer é mesmo a questão da integração, acho que é muito importante, o acompanhamento se calhar um bocadinho mais rigoroso, aaa pessoalmente tendo em conta os perfis que são mais comuns de crianças e jovens institucionalizados exatamente porque ali uma série de questões que não são bem aprofundadas e depois acho que pode ter impacto na boa adaptação ou não a esse tipo de situação.

APÊNDICE D2 – TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA S2

TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA

Participante – S2

Data de Nascimento - 24/10/1990

Sexo – Feminino

Escolaridade – Frequência Universitária

Tempo em acolhimento – 11 anos

Saída do acolhimento - 2011

Duração da entrevista – 1 hora e 42 minutos

Investigador (I) – Fala-me um pouco da forma vivia antes do acolhimento residencial

Entrevistado (E) – Foi acolhida com 12 anos e meio ... (é pá) ...tipo ... antes do acolhimento ... opa... tipo.... Tipo o quê... o que quer saber? Como é que era?

I – Vivia com quem, por exemplo?

E – Vivia com os meus pais, os meus irmãos...

I – Tens quantos irmãos?

E – Somos sete irmãos...

I – sete irmãos... tu és a mais...

E – sou a terceira ... depois de mim ainda há quatro

I – Na altura, vivem todos em casa dos teus pais?

E – Opa numa altura ... depois ... por exemplo o meu irmão ... antes de mim, ou seja, o segundo, tem dez anos diferença de mim, então, tipo, imagina, eu tinha 8 ele tinha 18 ... então depois houve uma altura que eles ... foram para a Suíça os dois mais velhos, então eu era a mais velha ... depois pronto ... depois tomava conta deles ... dos garotos ... dos mais novos ... porque depois havia ... depois era eu ... que tomava conta deles ... porque a minha mãe tinha um problema de alcoolismo ... era o problema que nós tínhamos ... era... era esse ... basicamente ... era o alcoolismo ... que ... supostamente , segundo o que eu depois soube, depois de ter ido para o lar ... desenvolveu-se quando eu nasci... elas pressupõe que tivesse sido uma ... uma depressão pós-parto ... e não sei quê Por isso é que tenho uma diferença muito grande dos ... dos mais velhos ... porque depois os outros são muito... são idades muito mais juntas...

I – Quantos é que são depois de ti...

E – quatro ... eu é que tenho uma diferença maior dos mais velhos ... por exemplo, a outra a seguir a mim só tem 5 anos ... depois o outro tem para aí uns três de diferença ... da minha irmã, não nem isso...

I – Tu da tua a seguir tens 5 anos de diferença? Quando ela nasceu tu tinhas 5 anos?

E – 4 anos e meio... sim ... quase cinco

I – E a tua mãe na altura já tinha problemas de alcoolismo quando teve as tuas irmãs todas...

E – sim... porque... eu não sei Quando eu era pequenina não sabia bem ... isso foi uma conversa uma vez com a ... a diretora ... é feito um estudo ... ela explicou-me que foi feito um estudo sociológico, e não sei o quê, da história da minha família ... e na altura antes de eu nascer os meus pais não viviam cá ... viviam no norte ... então ... pelo que conseguiram juntar, e não sei quê, o problema começou depois de eu ter nascido... porque supostamente a minha mãe só queria aqueles dois e eu vim cá parar assim de coiso ... e então ... supostamente começou com isso.

I – Tu já nasceste em L?

E – Já... ela já veio... acho que já veio grávida, mas já nasci cá ... só os mais velhos é que nasceram lá em cima ... no norte.

I – O teu pai tinha algum problema?

E – não ...

I – Era só por parte da tua mãe?

E – Era...

I – E depois tu é que ficaste responsável pelos cuidados dos teus irmãos?

E – Ya... depois eu é que ... tipo ... tomava conta deles ... né ... tipo ela ... a maior parte das vezes não tinha noção do que estava a fazer ...

I – Mas lembras-te de a ver alcoolizada?

E – Lembro ... muitas vezes ... depois ela obrigava-me a ir comprar as cenas né ... e eu bué pequenina ia lá à loja, depois eu chegava a casa e o meu pai relhava comigo ... e

depois ... veio outro problema ... porque o meu pai começou-se a cansar ... e bateu-lhe, ... 1, 2, 3 vezes ... pronto ... bateu-lhe ...

I – O teu pai trabalhava na altura?

E – Sim... o meu pai sempre trabalhou... porque era o único... era ele que trabalhava eeee tanto que ... eu lembro-me que ouve uma altura ... quando era mais nova que aquilo não era tão grave e o meu pai recebia e o dinheiro estava sempre em casa, não havia aquela coisa de ter o dinheiro contado. Depois ele começou a cortar o dinheiro, ele deixava tipo o dinheiro para o dia ... em casa ... tau... tipo para controlar os consumos do álcool. E depois pronto ... ela ficava alterada e começava a chateá-lo ... a chateá-lo ... a chateá-lo ... e ela martirizava ... não estou a defender o meu pai ... (riso) mas era ... e ele ... olha ...

I – Então depois começou a haver o alcoolismo por parte da tua mãe e a violência doméstica entre ambos, porque havia a psicológica e a física...

E – Sim... porque ela ... ela martirizava-o ... ela, ela... ele tentava sair, ela ia atrás de dele, ele tava sentado tipo para... ele sabia que se ia enervar, ele tentava fugir dela e ela ia sempre atrás dele ... tipo... a picá-lo bué, a picá-lo bué, tipo levava-o à exaustão e depois ele... pronto batia-lhe...

I – Tu vivencias-te essas situações e as tuas irmãs também?

E – Elas ... dessa altura não se lembram muito bem né ... imagina se eu tinha 10 a minha irmã a seguir tinha 5 ela ... pouco se lembra ... lembra-se depois porque isto aconteceu durante muito tempo né... mas ... mas quem viveu mais isso ... acabei por ser eu.

I – Tu lembras-te de ir à escola nessa altura?

E – Lembro... eu ia sempre à escola.

I – Tinhas acompanhamento por parte de alguém, em termos de estudo, de orientação...

E – Hum ... não ... epá eu dava-me muito bem com a minha professora da primária e ... ela nunca me disse - eu sei ... mas eu acho que ela sabia né ... e então... ela era excelente para mim e não sei quê ... mas eu também nunca precisei ... hum ... apesar de isso se passar tudo em casa nunca tipo tive más notas, nem era rebelde nem... nem essas coisas na primária, nem nada disso ... que eu era das melhores alunas, e ... sei lá,

se calhar refugiava-me na escola, tipo eu tava ali bem, tipo, toda gente me tratava bem, eu brincava, eu estudava, e pronto...

I – Quem é que te levantava por exemplo para ires para a escola? A tua mãe ainda estava bem de manhã ou era o teu pai? Como era a vossa dinâmica lá em casa?

E – Oh pá o meu pai não, porque eu lembro-me que ele saía muito cedo e chega e já eu às vezes já estava a dormir ... porque ele ficava ... ele realmente evitava estar muito tempo em casa né... por causa disso. A minha mãe... eu realmente não me lembro de a minha mãe me acordar para a escola...

I – Não te lembras dessa rotina? Mas lembras-te se tinham as refeições feitas, se costumavas ter o almoço ou o jantar feito? Se a tua mãe ainda cuidava dessas coisas lá em casa?

E – Não sei com que idade comecei a fazer isso mas sei que foi muito cedo ... que eu comecei tipo ... a saber fazer... comer ... eu não sabia fazer bacalhau com natas né (riso), mas aquelas coisas tipo para agente comer ... eu lembro-me que eu comecei muito cedo tipo a fazer comer ... tipo às vezes ela não tava ... em condições ou depois eu não queria comer a comida que ela estava a fazer... ou não sei o quê... então eu ia e fazia

I – Tu lembras-te que tu comes-te muito cedo a assumir as responsabilidades da casa, desde os teus irmãos, aos cuidados, à alimentação... como é que te relacionavas com a tua mãe?

E – (Respiração profunda)

I – Também era pequena ...

E – ... mas não era muito bem ...

I – não te davas bem com a tua mãe, davas-te melhor com o teu pai...

E – ainda hoje...

I – Vocês perto da vossa casa tinham alguém, avós, tios ...

E – Não ... porque a minha família é toda lá de cima, as pessoas mais próximas, tipo, de família, assim direta, que eu tenho, é em Lisboa ... é o mais perto que está ... porque os meus avós, tios, e isso está tudo lá em Braga ou Guimarães ...é mais longe. Tinha era um vizi ... fui criada ali né ... tipo tinha um vizinho que eu dava-me... era um pai.

I - Muito bem... E ele tinha noção do que vocês tinham / passavam em casa? Ajudava-vos? Ainda hoje tens contacto com esse vizinho?

E – Não... porque ele morreu ... (choro)

I – Mas durante o tempo que estives-te acolhida essa pessoa continuava a relacionar-se convosco?

E – Hum ... eu ia vê-lo muitas vezes ...

I – Ele era mais velho?

E – Sim... (choro) ...

I – Em termos de amigos na escola? Sempre te relacionaste bem com amigos?

E – Ah sim...

I – Sentias que eles tinham noção daquilo que tu vivias?

E – Opa eu acho que sim ... mas acho que eles não estavam ali ... tipo ... ahah ... tipo ... a X passa bué mal ... opá não, não senti isso... tanto que ... eu tinha amigos que iam lá a casa brincar ... e isso .. e eu ia brincar para casa deles ... tinha era que fazer primeiro as coisas todas ... antes de ir brincar...

I – E ... em termos de saúde, tu lembras-te por exemplo se a tua mãe cuidava da vossa situação de saúde ou acabava por descorar um bocadinho em relação a...

E – Não ... isso não... eu lembro de estar doente e de ir ao médico e... lembro-me que uma vez que ... fui contra um carro parado e ela levou-me... levou-me ao hospital ... e eu agora percebo... devia ser um interno, e disse que eu não via 90% da vista direita, ou seja, eu estava praticamente cega e eu lembro-me que ela fez um filme e eu quase não podia fazer nada ... porque eu não podia ver televisão, eu não podia ler, eu não podia nada enquanto eu não fosse resolver o meu olho e não sei quê... nisso não... nisso eu não acho que ... que ela tenha assim descurado muito a nossa ... , ate porque as coisas, as vacinas eu tinha sempre em dia...

I – Lembras-te do dia em que foste para a instituição?

E – Lembro ...

I – Fala-me desse dia, como as coisas correram...

E – Foi horrível...

I – Lembras-te, por exemplo, se haver algum processo de acompanhamento antes de ires para a instituição?

E – Não... eu sei que a minha mãe foi notificada, os meus pais, foram notificados muitas vezes pela comissão, quer dizer, agora sei isso, na altura eu era mais nova não percebia nada dessas coisas ... aaah ... mas pronto eles devem ter ignorado, ignorado, ignorado, e aquilo acho que acabou então por ir para o tribunal em vez de ser resolvido com a comissão. E pronto... depois um dia ... era um dia normal e a policia bateu à porta ...

I – Estavas em casa?

E – Eu estava em casa, com os meus irmãos ... sim ... eu ainda tentei fugir ... e eu lembro-me que vinha, uma mulher polícia, um policia, e outra pessoa qualquer... que devia ser... sei lá uma assistente social, não sei. Porque eu lembro-me que vinha uma mulher polícia porque eu estava de pijama e ela foi connosco para o quarto, e ficou-nos a trancar a porta para nós mudarmos de roupa e nos vestirmos ... e pronto... e então foi ela...

I – Vocês 4?

E – Então ... a A tinha então... também era novita ... depois a M era bebé, de colo, tinha se calhar um anito e pouco ... o R, também era novito, devia ter uns 4 / 5 ... e a B... a B foi a única que não foi ... a B ficou em casa ... na altura... porque como a B tem Espina Bífida tinham que arranjar um sitio que a pudesse acolher... porque ela tinha necessidades diferentes. E então na altura eu e a A ficamos em L, o R e a M foram para CP, a minha irmã B ainda ficou em casa, pouco tempo, mas ainda ficou em casa, e depois foi para a N. Quando ela foi para a N os que estavam em CP foram transferidos para ao pé da B. Eu e a A ficamos sempre em L.

I – Estava a dizer que foi lá a polícia com uma senhora a casa, pediram para vocês trocarem de roupa...

E – pois... depois trocamos de roupa e não sei o quê ... e levou-nos...

I – Os teus pais estavam em casa?

E – Sim...

I – Estavam os dois?

E – Sim... sim... estavam os dois... Pronto... e aquilo..... E eu lembro-me que um dos polícias era meu vizinho, e ele na altura nem subiu ... era ... porque nessa altura nós não morávamos em MR, e, eu lembro-me que ele nem subiu... ele era o vizinho da serra... porque ... ele conhecia-nos desde garotos... e então aquilo também lhe estava a custar um bocadinho ... então eu lembro-me que ele nem subiu lembro-me de ele ir comigo na carrinha... mas não... mas ele nem subiu...

I – Vocês viviam num prédio?

E – Era ... ele tinha tipo três andares ... nós vivíamos no 1... ya

I – Alguém vos explicou o que estava acontecer? Alguém falou convosco?

E – Eu não me lembro ... isso eu não me lembro... não me lembro se alguém falou comigo na altura a dizer-me olha isto aconteceu... se foi também foi a tal polícia ... que é a única pessoa de quem eu me lembro ... e não me lembro se ela me explicou... até porque... eu estava mais nervosa por causa dos garotos ... e a M era bebé e então ... pronto...

I – E os teus pais como reagiram na altura, lembras-te?

E – Não porque ... eu lembro-me de eles se despedirem de nós entre aspas... e pouco mais ... porque eu vim com a polícia ... para o quarto, mas eles e não sei quê ... e eles ficaram a falar na sala com a outra senhora, e eu não sei, tipo não me lembro de grande... de grande coisa...

I – Como foi quando chegaste à instituição? De que te lembras?

E – lembro-me... eu cheguei, ainda estive um bocadinho com M e com o R ... eles eram mais pequeninhos, eles só choravam ... a M não, estava ao meu colo mas ... pronto... depois eu lembro-me da S falar comigo, explicar-me como é que ia ser ... como é que não ia ser ... explicou-me que compreendia que aquilo tivesse a ser difícil e que se eu precisa-se de ligar para os meus pais... para eu lhe pedir que ela não me ia impedir de falar com eles... e pouco mais ... depois lembro-me que me foram apresentar o quarto onde eu ia ficar e essas coisas, e instalar-me e....

I – Como te sentiste naquele momento?

E – Tipo um *alien* ... estava tudo a olhar para nós ... (riso) ya... sei lá... a primeira altura foi um bocadinho difícil...

I – Mas lembras-te quando chegas-te se estava muita gente lá a olhar para vocês, foi falar convosco ...

E – Primeiro... Não... porque nós entramos, entrámos pela frente e aquilo tem lá uma sala, que agente dizia tipo a sala das visitas e nós ficamos logo aí um bocadinho a falar não sei o quê... depois levaram... eles levaram a M e o R...

I – Explicaram-vos, ou explicaram-te a ti como eras a mais velha quando os levaram para onde é que eles iam...

E – Eu lembro-me de dizerem que ... eu lembro-me da S me dizer que se o R fosse uma menina ... ele tinha ficado connosco ... não é, porque aquilo era só de raparigas ... porque ele já tinha 4 / 5 ... 4 anitos /5 ... 4... e a M era muito bebé, ela tinha um aninho, sei lá ... e então elas ali não tinham capacidade para bebés... para crianças tão pequeninas ... então não podiam... então acabaram por ir os dois ... pronto... mais assim de coiso o que é que me explicaram?... assim mesmo mesmo... já não ...

I – Já não te lembras bem desse momento...

E – Não... opá eu sei la... eu acho chorava tanto... por estarem a levar a minha irmã pequenina...

I – Tu acabavas por ser a protetora dos mais novos?

E – Sim... Depois acabou por piorar um bocadinho quando a B nasceu. Porque ... a B tinha *Espina Bífida* então a minha mãe também andava sempre para trás e para a frente com ela ... a B teve que ser... nasceu, ela nunca tinha sido detetada que... que tinha *Espina Bífida*, só viram que ela tinha *Espina Bífida* quando nasceu, porque nasceu com um... com um buraco nas costas... e então... pronto a B começou a ser um bocadinho o centro das atenções, normal! Eu lembro-me de ser pequenina, eu ... eu... eu muitas vezes digo isso no trabalho, porque eu aprendi a tirar o xixi com uma sonda e a fazer-lhe os cuidados que ela precisava, porque eu às vezes ficava com ela e tinha de saber fazer isso, porque ela não tinha controlo sobre a bexiga e não sei quê... então nós é que tínhamos que lhe tirar a.. o xixi com uma sonda... e essas coisas...

I – Tu com 12 anos já fazias esses cuidados à tua irmã?

E – Á B... sim... com 12 e até antes né, 12 foi quando eu fui e ela já tinha, sei lá, 4/5...sim ... depois ela foi operada montes de vezes ... por causa dos pés... e eu lembro-me de... eu ia para a escola de manhã, antes de eu ir para a escola ela tinha o

gesso, de ter sido operada, e eu ia com ela dar uma volta, de manhã, para ela andar e eu agarra-la, e ela andar com o gesso, que era para ela começar a... por causa do pé ficar... e então ela tinha que andar... eu lembro-me que eu de manhã, eu ia sempre antes de ir para a escola dar uma volta com ela a pé ia andar com ela assim e ela pequenita...

I – Tu estives-te em quantas instituições?

E – Uma.

I – E os teus irmãos?

E – O R e a M estiveram em CP e então depois foram transferidos para a N, e depois estiveram só, aí, depois da N saíram, a B esteve na N e depois foi transferida para aqui, para ao pé de nós...

I – E a A esteve sempre aqui contigo?

E – E a A esteve sempre aqui comigo...

I – Quanto tempo estiveste em acolhimento?

E – Foi aqueles 9, mais ou menos, entre 9 a 10 anos...

I – Durante o período de acolhimento qual era a relação que tinhas com os teus pais? Tinhas? Não tinhas?

E – Ao início eu fui para lá a 24 abril ... e só voltei a ir a casa, no natal ... até aí eles vinham todas as semanas ver-nos. Vinham sempre ver-nos... sempre ... o meu pai só tinha a mota, ela ia a CP de mota mais a minha mãe, e depois vinha a L, chovesse fizesse sol, eles vinham sempre, nunca falharam uma visita, não... e depois fui a casa nesse natal ... e depois, eu não me lembro bem, sei que devo ter ido outra vez na pascoa e depois no verão e depois entretanto, eu acho que foi logo a seguir que começamos a ir a tribunal e eu acho que na altura ficou estipulado que eu ia tipo 15 em 15 dias, ou uma vez por mês, eu já não me lembro bem... não... porque eu prim... devia ser tipo um vez por mês se calhar ... porque eu depois comecei a ir passar fins-de-semana à N, aquele centro ... onde os meus irmãos estavam.

I – Tu ias daqui passar o fim de semana à instituição onde os teus irmãos...

E – Eu ia daqui ... eu e a A íamos passar os fins de semana à instituição onde eles estavam ... à N e cheguei lá a passar Verões, também... ia lá, depois ia, tipo, um bocadinho a casa, tipo, uma semanita ou quê a casa ...

I – E tu gostavas de ir daqui para a N?

E – Sim.

I – Sentias-te bem... também era uma instituição de acolhimento, certo?

E – E também foi um bocadinho opção nossa, também... quer dizer, na altura eu lembro-me... a minha irmã não sei se perguntaram a mim sim. Perguntaram-me se eu queria uma família de acolhimento e eu disse que não queria ... então...

I – Mas por algum motivo especial?

E – Não queria, porque eu achava que tinha a minha família e acho... não queria... porque é... eu via, havia lá pessoal que tinha... mas, epá não tinham contacto com a família, opa eu não estava com eles mas eles vinham sempre ver-me todas as semanas e ligavam-me e eu ligava para eles, e não sei quê, eu tinha contactos com eles... e eu achava que não, não queria. Eu preferia, eu preferia ir, quando não podia ir a casa, preferia ir para o centro e estar com os meus irmãos, do que, do que uma família de acolhimento, nunca quis...

I – E esta situação de irem a N estar com os teus irmãos foi muito tempo? Lembras-te?

E – opa se calhar ainda fizemos isso ... ah ainda um bom tempo...

I – As instituições, os técnicos das instituições ajudavam nessa relação, nessa proximidade com os teus irmãos?

E – sim, eu, eu, eu ia lá e ... eu, eu era como se fosse de lá...

I – Sentias-te bem...

E – sim... eu estava aqui, porque eu passava lá muito tempo, eu ia para lá aos fins-de-semana, eu não me lembro, já não me lembro se ia todos, mas sei que ia para lá muitos fins-de-semana e, e as férias do verão eu fazias quase sempre lá com eles e aquilo era um centro de acolhimento temporário, aquilo era uma casinha, pequenina e eu dava-me, e tenho amigas que estiveram lá, era como se eu estivesse nos dois sítios... era... eu dava-me bem com eles.

I – Como é que era a relação com as meninas na instituição?

E – Com o quê, com as minhas colegas? ... era boa...

I – Lembras-te de dar bem com elas?

E – sim... oh ... aquelas coisas normais né, nem gostas, não gostas sempre de toda a gente(riso) mas sim ... no geral sim...

I – Tu entras-te na instituição, primeiro há sempre aquela fase da negação, da aceitação, como é que descreves esse processo?

E – Ao início, tipo eu chorava uma be...assim, opá, eu chorava né, é normal, eu não queria estar ali , o que é aquilo e depois eu, eu estava habituada a orientar a minha vida sozinha né, e de repente eu tinha horas para tudo, e tinha que fazer, não era fazer, porque agente tinha rotinas né, tipo levantar-se de manhã, arrumares o quarto, depois aquilo era por andares tu tinhas uma tarefa por dia, ou limpar a casa-de-banho, ou, ou limpar a sala do andar ou qualquer coisa assim, não era isso que me fazia confusão porque eu estava habituada... era a história das horas, eu ter que sair aquela hora e entrar aquela hora e não poder sair mais...

I – Tu quando vieste para a instituição mantiveste a mesma escola ou foste para outra escola?

E – Não troquei, porque na altura estava no colégio em A e depois vim para L e tive de ir para a D.

I – E como é que foi essa adaptação a meio do ano, lembras-te?

E – Eu não me lembro de me tratarem mal nem de eu me... de eu me estranhar, eu normalmente até tinha facilidade em fazer amigos, nunca tive aquela coisa tipo *bichinho do mato* enfiada no canto, tipo sou nova aqui, não... isso não. E depois eu lembro-me que o filho da S, andava na altura aqui na escola, e até foi ele... que me foi apresentar a escola e dizer-me, então as pessoas pensavam que eu era irmã dele, durante muito tempo (riso) e diziam-me o teu irmão, o teu irmão, e eu, o meu irmão... tipo ficava assim por isso é que, mas muito tempo depois é que não, o N não é meu irmão, não. Mas não nunca me trataram mal e adaptei-me assim bué da bem...

I – Tu em termos de escola alguma vez sentiste que foste tratada de forma diferente por estares numa instituição? Os teus colegas sabiam mais ou menos...

E – Ah, sim, não! nada...

I – Mesmo em termos de professores, nunca sentiste...

E – Não, nada... até porque... primeiro ... e sempre fui assim e ainda hoje sou assim, não faço questão, de andar aí a espalhar aos sete ventos que estive ali mas se a conversa, se proporcionar também não tenho vergonha nenhuma nem escondo, e, que tive ali, e ... não, acho que não, até porque eu dizia sempre escusam de me tratar de forma diferente que uma coisa não tem nada a ver com outra, até porque às vezes quando começam com aquelas coisas à tem muito cuidado, ah tem pena, tem pena porque ela teve uma história triste, outra pessoa qualquer, eu fico logo danada porque eu acho que isso não é desculpa para ninguém, e então eu às vezes até digo olha eu também tive e ninguém sabe e não ando aí a espalhar e não é isso que faz uma pessoa... por isso, epá não... porque eu também nunca quis... nunca, nunca, porque eu acho que às vezes, usam isso... e... não eu nunca, nem tinha vergonha mas nem andava ali cuidado que eu sou do lar, cuidado, não...

I – Nesta altura do acolhimento qual foi o papel da tua família? Consegues dizer...

E – Papel? Lembro-me que os meus irmãos não estavam cá, né...souberam pelos meus pais

I – Como é que eles viveram isto tudo, esta situação? Porque eles eram adultos, com rendimentos e com vidas...

E – Eles não estavam cá. O meu irmão estava com a minha cunhada já a viver lá, o outro também lá estava. Eles souberam... eu acho que até foi pela minha cu... a mãe da minha cunhada é que deve ter dito, porque eu acho que os meus pais não lhe disseram logo, ah, e depois entretanto eles, eles ligaram para nós, falaram connosco, sei que o meu irmão mais velho, que é muito, eu e o mais velho somos muito pegados, ah, sei que ele passou um bocadinho mal pelo que a minha cunhada me conta ... pá pronto depois eles vinham cá, depois a minha cunhada na altura ele não podia vir veio a minha cunhada, a minha cunhada é que veio cá, veio ter connosco, veio logo ver-nos e não sei quê... eu estava ali, sei lá, há pouco tempo, 15 dias, tipo 3 semanas e ela apareceu-me lá do nada, ah, que assim que pode ela veio, e depois pronto, depois eles ligavam-nos muitas vezes e... e eu lembro-me que o meu irmão mais velho na altura não veio logo ver-me, mesmo quando veio não veio logo... porque ele sentia-se um bocado culpado, segundo o que depois a minha cunhada me disse, porque ele nessas coi..., porque ele achava que ...

I – Eles quando vão embora tu já tinhas nascido e... a tua mãe já tinha problemas de ...

E – já, já era crescida, já andava na primária, paí, já, e foi um bocadinho por causa disso, porque eu lembro-me do meu irmão me dizer, dizer que, que trabalhava né, antes de ir para a tropa, ele trabalhava e, e a minha mãe ficava-lhe com o dinheiro todo e não sei quê, depois há uma altura em que ele... começa, ele começou a namorar com a minha cunhada muito cedo, e começa a dar o dinheiro à minha cunhada para não o levar para casa se quer, ajudava, claro, mas ... que era para ficar com o dinheiro. Depois, entretanto ... vão pá Suíça e foi e pronto ... quando vinha cá estava connosco e... depois começou a ficar, em casa da minha cunhada para fugir um bocadinho dali, mas estava muitas vezes connosco e, e quase todos os dias nos vinha ver e não sei quê. E depois quando ele estava lá, eu acho que ele não veio logo porque ele sentia-se ... sentia... que estava lá... tipo... né, tinha condições, e que se calhar podia ... ter feito alguma coisa... mas ... e eu tenho, eu tenho a certeza que ele não nos veio buscar porque nós eramos 4... né... e ele a iniciar a vida dele, com a namorada, também compreendo, não ia espetar ali ... 4 garotos...

I – Mais a tua irmã pequenina e a B com problema de Saúde...

E – Exatamente... e então... ele na altura e eu sei que ele não conseguiu vir logo porque ele, ele não conseguia encarar-nos, eu acho que era isso ... foi... depois pronto, depois começou, depois sempre que vinha cá ele vinha muitas vezes almoçar comigo, ele vinha buscar-me à escola, ele vinha almoçar comigo e... e levava-me, tipo, fins-de-semana em casa da sogra dele... e não sei quê, pronto...

I – Quando estavas em acolhimento ias aos teus pais de tempo a tempo, e a tua mãe já tinha resolvido a situação do alcoolismo... a situação mantinha-se...

E – Estava-se a resolver supostamente, e eu depois durante a semana não sei como é que aquilo funcionava... eu acho é que ela... tentava... pelo menos ela sabia quando nós íamos oh se... opa não sei... e tentava não ... não beber... porque não era semp, ela não estava sempre sempre todos os dias, mas... mais ou menos, sim...

I – Mas tu lembras-te de alguma vez, por exemplo, já estares em instituição e ires a casa e teres voltado a ... ter que ser tu a cozinhar a ter que ser tu a fazeres as coisas porque ela estava alcoolizada?

E – Isso...não...nessa alt, opa não me lembro... não... não me lembro...eu sei que mais tarde...

I – Tu gostavas de ir a casa? Sentias-te bem quando ias a casa?

E – Nessa altura sim... gostava né... também não ia lá muita vez, ia de vez em quando, depois ia estava com os meus irmãos... e não estava aqui... ainda era naquela... aahh nessa altura sim... depois mais tarde é que começamos a ir, sempre, porque a M e o R, foram, voltaram para casa dos meus pais, nós fomos a tribunal, eu já não sei que idade é que eu tinha, mas... tipo sei lá... 14/15, se calhar... se calhar nem tanto... e... a M e o R voltaram, para casa dos meus pais... e eu lembro-me na altura a juíza perguntou-me, o que é que eu, achava e eu disse que não queria ir ... porque na altura eu já ia todos os fins-de-semana a casa e eu disse-lhe que... que não, não queria ir. E eu já tinha tido esta conversa antes com a S, antes de irmos, a tribunal, e eu disse-lhe que não, não queria ir, que estava aqui, que estava bem integrada nas escolas e, que aqui tinha... muita coisa e... e que assim como assim eu ia sempre lá aos fins-de-semana e férias era como se estivesse a estudar fora... e foi, eles voltaram para casa, a B foi transferida para aqui, para ao pé de nós e, eu ia todos os fins de semana a casa...

I – E a A?

E – A A continuava aqui comigo, também ficou...

I – E porque é que foram dois para casa e ... tu optas-te, por não ir, não foi, podia estar ido, a B e a A também optaram por ficar na instituição?

E – A B porque, e depois também era mais fácil irem, irem eles os dois, porque eles ainda não estavam na escola... eles ainda não andavam na primária, o R ia entrar a M ainda era mais novita, então, era mais fácil ... não havia aquela... por exemplo, eu ter que sair do colégio para vir para a D e depois sair da D para voltar para o colégio, então não... eu já estava aqui, já tinha as minhas coisas aqui, tinha as minhas, as minhas atividades cá, e então... eu disse que não, não queria, até porque depois eu ia vir estudar para L, quase de certeza não é... e então, disse que não, não queria, então depois a juíza acabou por, fazer assim, integrou, voltou a... a... os meus irmãos voltaram para casa e nós as três, que já estávamos, na escola e não sei quê, ficamos.

I – Tu sentes que neste processo todo de acolhimento que os técnicos iam falando contigo, iam te pondo a par da situação, iam ouvindo a tua opinião, ou achas que não...

E – AH sim... sim, porque, não, fala, sim ... e eu... sim... os técnicos, quer dizer, a S, tipo a diretora, porque eu sempre tive uma relação, uma relação muito boa com ela,

ainda hoje tenho e, e ela, ela falava muito comigo, e essa conversa foi mesmo por isso, eu sabia que ia a tribunal e ela no dia antes chamou-me à noite e eu tive com ela no gabinete e tivemos a pensar como é que íamos fazer, se nos prepusessem alguma coisa como é que... e ela deu-me a opinião dela e eu dei o que achava então chegamos a esse... vá a esse acordo, tipo é melhor assim... e foi isso que dissemos na altura à juíza... e pronto ela acabou por, por fazer aquilo que agente tinha...

I – Os teus irmãos mais novos desde que voltaram para casa sempre foram cuidados pelos teus pais?

E – Sim...eles ainda estão, sim, o meu irmão ainda agora, agora é que está a fazer os 18... fez agora em janeiro os 18, a M tá a fazer, fez... dia... agora também este mês 14, pronto...

I – E esses dois estão com os teus pais agora?

E – Sim...

I – A tua mãe já conseguiu ultrapassar a situação...

E – Ahh... mais ou menos... houve uma altura... que sim...

I – O teu pai continua a trabalhar?

E – O meu pai agora já se reformou...

I – Mas ele sempre teve na vida ativa, nunca desistiu...

E – Ah sim... não, não, não. Ele semp, e ela trabalha, ela faz, ela, isso eu não lhe posso, antes não, ela não trabalhava, e não sei quê, como eu te estava a dizer, mas depois, de nós virmos para aqui e, não sei quê, ela foi-se, foi trabalhando, porque ela trabalhou lembro-me de ela, de eu ser pequenita e ela trabalhar e, não sei quê, depois deixou... ah... mas depois disso sim, ela trabalha, tipo, tem montes de cenas, ela às vezes está numa casa até às não sei quantas, e sai e depois vai e depois vem para outra e, não sei quê...

I – Ela é doméstica, é isso?

E – Ela faz, cenas em bués sítios, e para além disso ainda toma conta de uma velhota... e então ela faz muitos, pronto. E o meu pai também, agora o meu pai normalmente é o meu pai que está em casa e não ela, né, ela tá, tipo, vai lá faz o almoço, come, almoça, vai embora trabalhar, é muito...

I – Mas tu a olhares agora de fora, para a vida dos teus pais, na altura em que foste retirada, achas que houve uma evolução positiva, achas que houve mudança efetiva?

E – Ah, não tem nada a ver... Ah sim... ah sim, houve... porque eu às vezes fico parva, porque eles, os que lá estão não têm que fazer nada e eu tinha que fazer tudo (risos)

I – E achas que se esta situação do acolhimento não acontecesse... achas que isto influenciou de alguma forma esta transformação dos teus pais, esta mudança de...

E – ya... sim... sim... acho que sim... opa com o meu pai nem tanto...

I – Porque o teu pai acabava por estar a trabalhar...

E – Opa o meu pai trabalhava, o meu pai nunca nos tratou mal, o meu pai deu-me uma chapada na vida só... e foi porque eu, tinha ido buscar álcool para a minha mãe e ele passou-se e deu-me uma chapada...

I – E a parte da violência doméstica que ele exerceu sobre a tua mãe deriva do comportamento...

E – Era sempre por cause de... sim... não era porque lhe apetecia, era... ele fugia e ela ia atrás d, opá eu não o desculpo mas ao mesmo tempo percebo, eu sei que é um bocado estúpido e aí é violência e não sei quê... mas eu também compreendo porque às vezes eu estava lá ao pé e até a mim me apetecia, porque ela, ela consumia-lhe a cabeça, ela não o largava e.. e eu também, e depois houve uma altura... o meu pai bateu-lhe, ainda nós estávamos em casa e eu era pequenita e ela obrigou-me a ir a ps, a GNR, fazer queixa do meu pai, tipo a meio da noite e eu, lá fui a pé, à GNR, e sentei-me no muro da GNR...

I – Sozinha?

E – Sozinha... isto foi pouco tempo antes de nós irmos, virmos para cá... e eu sentei-me no muro da GNR porque eu não queria entrar, né, eu não queria dizer – olha o meu pai bateu na minha mãe – e eu já lá tava, sei lá, para aí há 1 h e tal... e eu lembro-me que eles, um GNR veio cá fora, viu-me e, não sei quê, passado um bocado...

I – De noite isto, certo?

E – Sim... passado um bocado voltou outra vez, viu-me outra vez e foi ao pé de mim, e eu comecei a chorar, ele levou-me para dentro, deu-me um copo de água, e não sei quê, e teve ali a falar comigo, e depois eu disse... eu disse-lhe, e... depois eu só dizia... o

meu pai nunca me tinha batido, não sei porque é que eu também estava com aquelas coisas, mas eu depois estava com medo de ir para casa que tinha medo que o meu pai...

I – Que soubesse e te batesse...

E – Né, e então ele disse-me, não, vais para casa então, eu vivia em MR na altura...

I – Mas tu lembras-te se na altura disseste à GNR aquilo que a tua mãe queria ou explicas-te o motivo porque estavas ali...

E – Eu disse-lhe, eu disse-lhe, ele, ele viu-me a chorar, levou-me para dentro, deu-me um copo de água, lembro-me de tar lá sentada, e ele a falar comigo muito calmamente a ver se eu falava, não tipo que é que foi, que é que tás aqui a fazer, não, e ... e eu depois disse – o meu pai bateu na minha mãe, e eu disse-lhe – eu não queria, eu não queria vir aqui porque ela, ela, ela também, ela estava a picá-lo, qualquer coisa do género, eu expliquei que ela também estava a provocar a situação, e... e, que... eu não queria estar ali, que ela é que me obrigou... porque, eu não sei se a minha mãe me disse...tipo, ela obrigou-me, eu não sei como é que ela, não sei se ela disse vai se não eu bato-te, não sei, sei que ela me obrigou e eu tive que ir e, ... depois cheguei lá e eu estava naquela, vou não vou e sentei-me no muro montes de tempo a ganhar coragem e se o polícia não tivesse vindo cá fora eu se calhar não tinha entrado, tinha ficado ali porque também não queria ir para casa depois... e... e então depois ele mandou-me para casa... e ele disse, porque eu depois não queria ir para casa porque tinha medo... e ele mas tens medo que o teu pai, e eu dizia-lhe que o meu pai nunca me tinha batido e, não, e não, o meu pai não nos tratava mal, eu não tenho nada a dizer disso, e, e ele disse-me então vais para casa que daqui um bocado agente vai lá ter e, e assim não... pronto agente diz que alguém chamou ou qualquer coisa assim. E eu fui, e fiquei sentada nas escadas não, não entrei. E depois eles chegaram e eu estava sentada na escadas, bateram à porta, o meu pai é que abriu a porta... e eu lembro-me de entrar assim, tipo... sem ele coiso, e ele olhou para mim, e eu estava no corredor, estava a chorar e ele olha para mim e fez-me assim (gesto) tipo não te preocupes, e não, e ele nunca, nunca me tocou no assunto, sequer, nem nunca me disse tu foste, não sei o quê, não, mas pronto, a minha mãe foi tirar a queixa na altura,... foi lá disse que queria tirar a queixa e não sei quê, e então um bocadinho por causa disso é que também ainda sou um bocadinho revoltada contra ela, se calhar...

I – Mais ainda hoje?

E – Não sou revoltada contra ela mas tenho aquela... opa né...

I – Como é que tu te das hoje com a tua mãe?

E – Dou-me bem... é assim mais ou menos...

I – Tu costumavas estar com ela regularmente, com eles?

E – Sim... sim... estou e às vezes eles ficam-me com o menino e não sei quê, mas por exemplo, eu deixo, eu deixo lá o meu filho se o meu pai estiver...

I – Se o teu pai não estiver ainda não consegues confiar...

E – Se o meu pai não estiver eu fico um bocadinho...nnnnn

I – Ainda não confias 100% na tua mãe?

E – Eu ligo-lhe, pai não vais para casa e ele diz, pronto também, eu vou, oh... não é que... ela... não tenho coiso, mas, ela nunca lhe tocou, nunca fez mal ao meu menino, mas... é aquela coisa, sei lá, tenho medo, sei lá...

I – Mas tu sentes alguma relação hoje pela tua mãe? Alguma proximidade? Ahhh afetiva mesmo na questão de se tu necessitares é uma pessoa a quem recorres, ou achas que isso acabou por interferir na vossa relação e, e...

E – Ah sim...

I – Acaba por ser tua mãe mas não é a pessoa a quem tu recorres...

E – Ah não não é, não...

I – As tuas outras irmãs que estavam em acolhimento ainda hoje estão em acolhimento?

E – A A não já tem a vida dela.

I – A A está com que idade atualmente?

E – Faz 22...já tem a vida dela, saiu o ano passado se calhar, e a B ainda está... a B tem agora 19, 20, mais ou menos E então pronto, mas não, opa tu... né há pessoas que têm uma relação com a mãe tipo melhores amigas e... vá já digo amigas... não, não, com o meu pai ssss... tanto que eu dou-te um exemplo, eu estava grávida e eles souberem eu já estava quase de sete meses... eu não tive aquela coisa tenho que ir contar aos meus pais. A minha cunhada soube, o meu irmão soube, foram os primeiros a saber, o meu irmão mais velho, na altura a minha cunhada também estava

grávida...aaaa... eu só disse aos meus, a mãe dela soube e, e e, não sei quê, os meus pais foram dos últimos a saber.

I – Em termos da escola como é que tu falas do teu percurso escolar? Chumbas-te alguma vez?

E – Não.

I – Tu vieste no...

E – Eu vim para aqui estava no sétimo, a meio... vim para aqui...

I – As tuas notas enquanto estavas na casa dos teus pais, lembras-te?

E – Na primária eram, excelentes, no quinto e no sexto também, no sétimo eu acho que foi onde houve o pique da situação... não me lembro se foi... e então elas começaram a baixar, porque eu era um bocadinho... aí já começava a querer ser rebelde, mas acho que também era um bocadinho da idade... ah... e então... aí baixaram muito... não era porque eu não soubesse as coisas, era porque eu nem se quer me dignava a fazer os testes, eu chegava lá e tipo não, não faço... tipo não (risos)

I – Como é que a instituição ou os técnicos te acompanhavam na altura trabalharam essa situação contigo?

E – Opa, el, eu vou-te ser sincera, eles achavam todos que eu ia chumbar, então eu vim para aqui no segundo período com sete negas, elas pensaram, puf, este ano já foi. Mas é o que eu estava a dizer não era que eu não soubesse as coisas eu sabia...

I – Mas essa atitude rebelde ainda foi lá, ou foi quando vieste aqui para a escola?

E – Foi lá, lá... sim, e então quando eu cheguei aqui eu estudava e não sei quê, mas eles sempre acharam que eu ia chumbar né, então, sete negativas no segundo período, alguma vez, depois não, eu passei, não chumbei, porque era a tal coisa eu sabia as coisas, eu só não queria fazer.

I – Depois aqui em termos do acolhimento, a escola como é que correu?

E – De quê? Tipo...

I – Como é que fizeste, se tinhas acompanhamento a nível da escola, se os técnicos ligavam para a escola, se em termos de estudo se eles te acompanhavam...

E – Oh nós ali na altura, eu era, tínhamos aquele, aquela hora de estudo, todos os dias, depois de jantar e não sei quê tínhamos sempre ali uma hora de estudo...

I – Como é que era a rotina lá na casa?

E – Tu acordavas de manhã, arranjavas-te, preparavas-te, tomavas o pequeno-almoço, depois tinhas aquela tal tarefa que ... que nós normalmente tínhamos... tipo ou arrumar a sala òòòò tipo normalmente era só tipo limpar o pó òòòò aspirar òòòò passar o espanador só para coiso... porque as limpezas mesmas eram depois ao fim-de-semana, e arrumar o quarto e as tuas coisas e não sei quê... depois tomavas o pequeno-almoço, arranjavas-te e ias para a escola. Ias para a escola se viesses almoçar vinhas se não viesses fi, né... quando chegavas da escola, pronto, depois também dependia da hora que chegavas, pronto, orientavas a tua vida e não sei quê, tomar banho, à noite né... podias era depois fazer o estudo, depois dependia se tu chegavas cedo, tipo há hora do lanche, fazias o estudo de tarde, se chegasses mais perto do final da tarde tu ias jantar, tomar banho, depois ias jantar, arrumávamos a zona da copa e do refeitório, e depois íamos estudar, por volta das, nós jantávamos, por volta das, entre as sete e um quarto e as sete e meia e, normalmente começávamos a jantar, jantava tudo ao mesmo tempo, acabávamos todas ao mesmo tempo, arrumávamos aquilo e depois íamos pó, pó estudo.

I – Quantas meninas estavam na instituição na altura?

E – Era sempre à volta dos 40, das 40, entre as 40 e as 42... é a capacidade daquilo, aquilo normalmente está sempre, sempre cheio... pois havia era situações que às vezes estavam, estávamos a mais, porque imagina no verão iam... íamos tipo, o verão embora né, para casa das famílias ou assim e então elas tinham ali às vezes situações que é para ser temporário e então estavam na vez da outra que estava em casa a fazer o verão, por exemplo, mas eramos sempre à volta das 40/42, sim.

I – Em termos de apoio, quando tinhas mais dificuldades a uma disciplina, ou alguma situação, vocês sempre tiveram esse apoio em termos da escola?

E – Ah sim, sim, e mesmo elas viam, eu até podia dizer, não, não tenho necessidade nenhuma, mas se elas achassem, elas davam-me, arranjavam um explicador e, e isso tudo.

I – Como é que descreves os técnicos da instituição? Em termos de referência, são uma referência? Não são uma referência? Tens pessoas que te marcassem no teu período de acolhimento

E – Ah sim... tens... pois é que é assim, porque aquilo tu, no fundo estás um bocadinho com todas, mas nem todas ... porque aquilo é, tipo eu tenho uma educadora para o meu andar, que era a que estava responsável por mim, ou seja, o que era para ser tratado comigo, era com a minha educadora e com a diretora, eram elas as duas. Depois tinhas sempre o resto da casa né, não estavas, elas não tomavam conta das tuas coisas, mas, estavam ali ao almoço ao jantar, brincavam contigo, saíam contigo, e não sei quê. Mas sim as pessoas com quem eu fiquei mais ... mas mesmo assim, ainda foi mesmo só a S (risos)

I – Foi só mais a diretora?

E – É, a diretora para mim... é uma mãe, tipo... ya.

I – Sentes que é com todos ou por acaso a ti foi ela...

E – Não, eu sei que tenho, eu sei, eu sei... ela tentava não mostrar (risos), mas eu sei que, que sempre tive uma relação privilegiada com ela.

I – Mas por exemplo as outras meninas tu achas que elas identificam sempre alguma pessoa específica na casa, pode ser técnico ou auxiliar...

E – Ah sim, por exemplo eu era muuuuuito com a S e dava-me muito bem com as minhas, com as minhas educadoras, vá, mas era muito mais com a S e quando eu tinha algum problema eu ia falar era com a S e não sei quê, mas depois haviam umas que se davam muito melhor, a D, por exemplo, dava-se muito melhor com a psicóloga, com a SS, era muito chegada a SS e não sei quê, ééé sei lá, depende...

I – Depois tem a ver, se calhar, com um bocadinho com a maneira de estar e de ser, pois com a relação...

E – Pois, eu com a SS, por exemplo, dava-me bem, que era a psicóloga, eu dava-me bem com ela e brincava com ela e não sei quê, mas, e ela tentava-me puxar para ir lá ao gabinete dela mas eu odiava psicólogos (risos) e então prontos... ela só a muito custo é que me apanhava lá... assim por engano...

I – Qual foi o papel aqui da instituição? Que tu identifies, hoje... assim ... o que é que achas, o papel da instituição na tua vida?

E - ... eu acho, epá não foi a instituição em si, epa foi a S (risos), foi, foi mesmo, porque ela foi... foi uma mãe para mim...

I – Mas tu achas que a instituição foi importante, efetivamente?

E – Ah foi, foi, tanto... tanto que eu depois não me quis vir embora, achei que...opá, ok, estou aqui, estou bem, estou a orientar a minha vida, e... e vou a casa ver-vos, tipo ao fim de semana e não sei quê... por isso acho que sim, fez-me um bocadinho, tipo, o que eu sou hoje, sim.

I – Vocês em termos da instituição, a instituição é aberta à comunidade, vocês têm atividades na comunidade... Como é que funciona?

E – Ah sim... eu lembro-me, opá agora também... sabes, os últimos anos, eu já era um bocadinho, tipo, eu faço a minha vida, só venho aqui dormir.

I – Sais-te com...

E – 21...

I – Da instituição?

E – ya... com 21

I – Por opção?

E – Sim... eu fiz os 21 em outubro, e ela na altura chamou-me, e, porque eu a partir dos 18 tive, tinha que fazer pedidos para ficar, ah, fiz um pedido aos 18 e depois o tribunal de 6 em 6 meses mandava-me uma carta a dizer que prorrogava o pedido por mais 6 meses se eu não dissesse nada é porque aceitava se eu tivesse alguma coisa para dizer para responder... pronto e eu fui ficando... porque eu entrei depois para a faculdade tinha 17 ia fazer os 18 e, eu fazia a minha vida, eu só ia lá dormir.

I – Entraste cá em L Ficas-te cá em L?

E – Sim, aahh, e então depois fui ficando, depois eu lembro-me quando fiz os 21, ela chamou-me e, e disse-me, porque a partir dos 21, porque é assim, a partir dos 18, eu estava ali porque a instituição me permiti-a também, não era só o tribunal, né, então ela disse-me que eu estava a fazer 21, naquela altura ela não estava a precisar, vá, da minha vaga, entre aspas, ah e então eu ainda podia estar mais algum tempo e não sei quê... e

depois mais pó verão agente, nós voltávamos a conversar... nesse ano eu fui passar o natal à Suíça, a casa da minha madrinha e, quando voltei decidi, que... pronto me ia embora.

I – Mas nessa altura estavas a fazer o quê?

E – Estava a estudar.

I – Como é que... ias embora, para onde?

E – Ah já tinha tudo orientado. Então olha o S não estava cá, o meu namorado... estava lá em ST MG, aahh... só vinha ao fim-de-semana, então fui dividir casa com o pessoal da faculdade.

I – Tinhas bolsa de estudo?

E- Tinha bolsa. Então dividia casa, pagava o quarto e não sei quê, já era todo pessoal com quem eu me dava... aliás o S vivia naquela casa, então só pagava metade do quarto, porque..

I – Partilhavas quarto com o teu namorado e tu assumias metade do pagamento e ele a outra metade?

E – Pois... porque... até porque ele nunca, ele só vinha ao fim de semana, quando vinha, e então, eu basicamente estava era no quarto dele, e então pagava, vá metade, ele pagava as desp, não mentira, eu pagava o quarto ele pagava as despesas. E pronto, era assim...

I – Continuas-te a estudar?

E – E depois, depois engravidei... mas, mas ainda cheguei a ir á escola, ainda me fardei, grávida, trajei, grávida (risos) Ah, pronto, depois...

I – Quando engravidaste estavas em que ano? A universidade é de três anos certo?

E – No último ... eu acho que já era o quarto, porque eu deixei, sim.. porque eu tinha... pois... porque eu ia fazer, ya, era o meu quarto ano porque eu tinha...

I – A tua licenciatura tinha três anos é isso?

E – Sim... porque eu tinha cadeiras para fazer que eu não quis fazer, eu deixei-as e em vez de ir a espacial não, disse, não então, vou faze-las, coiso... e foi, fiz algumas, eu tinha 2 ou 3, sei lá, 3 ou 4, nesse ano, tipo fiz duas por frequência e deixava sempre

cadeiras para exame, sempre fiz isso... pronto são as que estão por fazer porque, entretanto, engravidei e os exames calhavam na altura em que o R nasceu.

I – E tu planeaste a gravidez ou aconteceu?

E – Não. Aconteceu, sim (risos)... tanto que eu só soube já estava, tipo, três meses mais ou menos.

I – Voltando aqui um bocadinho, já falamos mais um bocadinho do pós-acolhimento. Como é que te preparam para a tua autonomia? Tu tiveste nove anos numa instituição, passas-te grande parte da adolescência na instituição, ah, o que é que tu sentes, se foste preparada, ou o que é que fazias que foi importante...

E – Ah sim... houve uma altura elas lembraram-se entraram para lá umas...doutoras...(risos) que... lembraram-se de fazer lá uma coisa, então nós tínhamos umas reuniões semanais, que eu achava aquilo a coisa mais estúpida de todo o sempre (risos) e então uma falava tipo, olha já nem me lembro bem, sei que uma, elas foram lá num programa, num programa qualquer, foram lá integradas dentro de um programa qualquer, e eram supostamente só para ficar dois anos, mas elas ainda lá estão... e então, eu até não, que até dizia o que vale é que aquilo está para acabar, entretanto elas fazem dois anos e vão-se embora, então depois elas falavam-nos das compras, e onde é que agente havia de comprar, e onde é que os congelados eram melhor, e onde é que os enlatados eram melhor e, tás a ver, essas coisas da casa e não sei quê, pronto, um bocadinho disso que era para... ah depois tínhamos que fazer comer de vez em quando que era para aprender. Mas isso eu nunca queria fazer porque eu já sabia, (risos) então eu dispensava essa parte (risos), e então sim elas fizeram essas coisas todas. E dep, e opá a S sempre falou muito comigo sobre...

I – E a parte da gestão económica, achas que haviam estratégias na casa para vos ensinar?

E – Ah sim. Sim, por exemplo, eu tinha bolsa, eu tinha bolsa, e então eu recebia a bolsa na altura, era a máxima, no primeiro ano eu não recebia a máxima, mas eu recebia a bolsa, e então a S fazia, tipo, a gestão do meu dinheiro... tipo, eu, eu já não era suposto eu estar ali né a minha mesada era tirada da minha mesada, da minha bolsa, tipo aquele dinheirito para coiso. Claro eu tinha sempre os meus pais a dar-me dinheiro e não sei quê... ah, hum, e depois ela pagava as coisas da escola com a bolsa e o resto ia para uma conta minha, em meu nome, e, e, também estava a minha educadora junta na conta.

E ela fez isso durante vários tempos, tirava x, não sei se eram 150,00 se eram 200,00€ sempre, para essa conta, que era, tipo, uma conta poupança, depois eu tinha outra conta para onde ela transferia dinheiro, tipo, tipo a mesada, para eu comprar as minhas cenas e pagava a bolsa e não sei quê. Pronto, e ela fez sempre isso o tempo todo que eu lá estive, da bolsa e não sei que ela fez-me sempre isso, ou seja, quando saí dali eu tinha, não era muito dinheiro né, mas tinha qualquer coisas, aahh... e... ela sempre... epá depois elas... elas sempre, nos ensinaram né... depois dava-nos, né, nós tínhamos x dinheiro e nós tínhamos que nos orientar com aquele dinheiro pó mês todo. Eu tinha a sorte, do meu pai, e não sei quê, eles davam-me dinheiro né, por exemplo, eu no, no secundário, eles a darem-me, sei lá quanto é que eu recebia, ah, uma altura era tipo 10€ por mês, onde é que eu... e eu que bebia bué café onde é que 10€ me dava para um mês né... depois começaram a fazer do tipo 10,00€ era o base, se tirasses um 10, entre o 10 e o 12 ou 15 ou que era recebias mais x, do 15 para cima era mais tanto, se tirasse um 19 ou não sei quê, era mais não sei quanto né, então eu tinha meses que me fartava de tirar dinheiro, porque eu tinha boas notas, então, depois era feito assim... mas claro que se tivesses negativas... descontavam, também...

I – Aos 10,00€?

E – Sim.

I – Então havia possibilidade de algumas pessoas não receberem mesada...

E – Havia pessoal que ficava a dever dinheiro, sim. Tipo eu recebia sempre a mais (risos) e, mas só que depois, depois havia pessoal que ficava a dever, em vez de receberem mesada, ainda ficavam a dever dinheiro tipo na outra mesma, tipo na outra mesada, ainda tinham que pagar a dívida do mês passado mais... então não podiam tirar negativas, não era..

I – Em termos de educação sexual, de orientação, de consultas, em termos de ...nunca faltou, em termos da instituição?

E – Ah sim, isso sim. Ali? Não, até demais.

I – O que é que mudavas no período em que estiveste em acolhimento? Mudavas alguma coisa.

E – Acho que nada...

I – Qual foi o momento mais difícil do período do acolhimento?

E – Foi quando eu estava no secundário, a tirar o curso e a minha mãe foi internada, para fazer desintoxicação... acho que foi aí... eu estava no 12º tinha que apresentar o projeto, que nós tínhamos que fazer aquele projeto, né, tipo, uma ideia, tínhamos que criar uma instituição e não sei quê... e eu ia apresentar o projeto e recebo, na altura, uma mensagem a dizer que a minha mãe ia ser internada para fazer a desintoxicação.

I – Quem é que te mandou essa mensagem?

E – Eu não sei se foi... olha já não me lembro!

I – Mas não foi por parte da instituição, que tiveste essa informação na altura?

E – Naaaa, pois, não sei, é que isso eu já não me lembro quem é que mandou a mensagem, não sei se foi a minha m, os meus irmãos, não sei, sei que na altura recebi essa mensagem, que eu nem pedi a ninguém levantei-me e saí... ahhh, porque isso estava a mexer um bocadinho comigo eeee e foi, essa altura aí foi um bocadinho complicado, porque aquela, porque é assim, aqui em L tu não tens um sitio... não tens um sitio adequado, né, eles vão fazer a desintoxicação ao 4º piso, no hospital, tu tens uma alcoólico com um doente, todo depressivo ao lado eu aí visitar a minha mãe aquilo partia-me o coração, né, malucos a dizer ao meu pai que iam com ele para casa eee cenas assim, e então...

I – Lembras-te se a tua mãe esteve muito tempo internada?

E – Não... eu acho que ela não teve assim muuuuuito tempo, ainda esteve lá um bocado, sim, eu ia lá vê-la...

I – Esse período foi por opção dela?

E – Opa eu acho que lhe disseram, tipo, é assim tu tens que fazer e não sei quê, e então ela...

I – Os teus irmãos estavam com ela nessa altura e eram menores?

E – Já, sim, sim, nessa altura eles estavam, e eu lembro-me, eu acho que lhe falaram que ela tinha que fazer eeee um bocadinho coiso, porque eu acho que já tinham tentado, só que foi sempre o que me disseram, eles não podem ir obrigados, tipo, isso não vale de nada... e então, não sei o que é que se passou, ela lá, la cedeu e foi fazer na altura a desintoxicação, sei que nessa altura foi um bocadinho... um bocadinho coiso para mim,

até porque ela já tinha sido avisada muitas vezes que tinha que fazer aquilo e ela nunca, nunca quis, naquele momento tinha os dois pequenitos e foi.

I – Os pequeninos ficaram com quem?

E – Era o meu pai e eu, que estava no 12º né eee saia da escola, ia apanhar o autocarro ia para A e para ajudar o meu pai na, em casa...

I – Mas estavas na instituição?

E – Estava.

I – Isso foi só para suportar ali...

E – sim, sim isso foi, porque... eu queria que ela fosse e ela estava com muitos problemas, ela dizia que ia mas ao mesmo tempo estava com um bocadinho de problemas como é que o meu pai ia fazer com os pequenitos aaaa por causa da escola e de nnn e de trabalhar e não sei quê, e então eu na altura falei com a S e ela foi excelente comigo nesse ponto, deixou-me, tipo deixava-me ir, eu nessas alturas, tipo, tanto estava lá como... olha amanhã não, vou para casa do meu pai, o meu pai trabalha até às tantas e não sei quê, nanana.. e então sim, eu ia lá para os orientar.

I – Tu sempre sentiste por parte da instituição ou da doutora S esta relação de apoio para com a tua família? Achas que a instituição sempre teve relação com a família, nunca fechou as portas assim à família?

E – Sim... Não, não, isso não...

I – Lembras-te se era algum trabalho feito, diretamente com, com os teus pais.

E – É e acho que ainda é, não te sei especificar, mas acho que sim... eu acho que elas vão lá, tipo ... não sei se é uma vez por mês, ou qualquer coisa assim. Eu lembro-me que elas começaram a fazer, essas tais que vieram lá, no tal programa, eu estou a dizer essas, mas por exemplo, uma mais ou menos a outra eu gosto dela (risos) aaaa elas vão... vão lá... vai a P que é a assistente social e vai outra que é a educadora. Depois elas dividem-se porque aquilo são três andares, vai tipo...

I – Três famílias...

E – Aquilo são três andares né... por exemplo...

I – Ah da instituição?

E – Elas são duas educadoras e elas dividem-se ali, tipo, uma fica com este andar, outra fica com outro e a outra deve ser tipo metade, metade, qualquer coisa assim...aaaa... a mim era a C, que ia lá a casa com a P, então... e sim, eu acho que elas inda fazem, agora prontos só tenho a B...

I – Em acolhimento?

E – Em acolhimento, só está a B agora.

I – Mas tu lembras-te neste processo todo dos técnicos por exemplo da segurança social irem a casa dos teus pais, falarem contigo?

E – Isso... ah lembro...

I – Mas lembras-te se alguma vez falaram contigo?

E – Sim... (risos) aaaa os da segurança social por amor da santa (risos), opá olha lembro-me de quem... da... como é que ela se chama...

I – Lembras de mais de um ou só um?

E – Lembro-me de duas pelo menos, porque elas tinham estado no internato antes de ir para a segurança social... e então na altura eu já namorava com o S, o S tinha estado no internato e então, elas chegavam, eu lembro-me de uma situação, eu, acho que foi a D, acho que foi a D nesse dia. A M estava lá em casa, já era mais crescida e a M é tipo eu muito rabitesa, estás a ver, e a falar assim, então eu lembro-me, eu lembro-me que ela foi lá, nós estávamos lá em casa... eeee eu já estava na faculdade, e eu estava em casa nesse dia e era um dia de semana e a M também estava em casa e isso eu já não me lembro porquê e ela foi lá a casa e tipo *ah estás aqui* e não sei quê depois mandou assim uma boquitas por eu estar a estudar na universidade e o S ter o 9º ano estás a ver *ah, então e tu, depois com uma licenciatura e ele um zé ninguém...* tipo, qualquer coisa assim estás a ver...

I – Não te identificaste com...

E – Ah pois, ainda mais ficou-lhe muito mal, né, sendo que ela tinha trabalhado onde ele estava, pronto, e eu lembro-me que na altura ela estava a mandar assim uma coisa, tipo, uma boquita para o ar, tipo, ah porque a M andava a limpar o pó, a M andava a limpar o pó... e ela *ah tás e limpar o pó...* e a M acho que lhe disse *porquê quer vir limpar?* Ela era assim um bocadinho e também não gostava muito dela eeee depois elas

vinham assim com uma atitude um bocadinho... tás a ver... acho que era isso. Não era para a minha mãe, a minha mãe, tipo, era-lhes igual, nós é queee achávamos uma diferença.

I – Mas mesmo com vocês nunca ouve uma abertura de perceber o que é que vocês sentiam, por parte dos técnicos da segurança social ou da cpcj?

E – ah, haaa, eu nunca fui a CPCJ eu foi sempre tudo com o tribunal, e as da segurança social iam lá por causa dos que estavam em casa não era por causa de nós. Porque depois para nós iam lá as nossas. Tás a ver, para perceber. E depois elas faziam, as nossas, claro, faziam relatórios para a segurança social e essas coisas todas. Mas eu, eu quando as encontrava lá era por engano, não era porque elas faziam questão que eu lá tivesse, não, era mesmo tipo, porque eu estava lá e elas iam lá naquele dia

I – Qual foi o momento mais positivo que viveste na instituição? Aquele que se tivesses que identificar, assim alguma coisa que te tivesse marcado na instituição.

E – Eina sei lá

I – Digamos assim se tivesses que colocar numa balança as coisas boas que viveste na instituição e as coisas más o que é que tu achas que sobressaía mais?

E – Eu, eu, eu não tiro coisas más daquela casa... não tiro... porque as coisas mais coisas que tu tiras dali é o quê?! Era as regras e essas coisas, né, que te chateiam, depois tu és um teenager ná queres estar a ser chateada e não sei quê... mas pronto tu agora cresces um bocadinho e olhas para trás e pensas, ok, tipo, aquilo faz parte, né, tipo naquela altura tu ficas muito revoltada porque estão a querer controlar-te e porque eu não podia ter o telemóvel durante o dia e depois, só podia levar para a escola, a partir de uma certa altura (risos) e não sei quê, pronto mas são coisas, tipo... é normal, eles explicaram-me mil vezes porque é que eu não podia ter o telemóvel, porque é que eu tinha que chegar aquela hora, ou porque é que não sei quê...na altura claro, ficas tipo, epá, fogo, não sei que, né, mas isso é como tudo, tipo, pronto, eu não tinha regras em casa mas eu acredito que as outras crianças tinham (risos) ali era igual, mas nós ali não eramos nem uma nem duas eramos quarenta... e não, não tiro, não levo qualquer coisa má dali, tanto que eu já saí de lá, então, há 5 anos e, ainda vou lá muito, às vezes janto lá, às vezes almoço lá, às vezes vou lá jantar, aaaa, e vou lá muitas vezes, e falo muitas vezes com a S eeee, pronto, é, deslig, tanto que ao início quando eu sai de lá, fui dividir o quarto e diziam-me assim, olha J logo vamos sair e não sei quê queres ir, e eu tipo, à

se calhar, espera tenho que ver, depois tipo ficava, tenho que ver, porque era o que eu dizia antes tenho que ver se posso, depois tipo, não, não, não tenho que ver sou eu que mando... agora sou eu que mando, aquilo ao inicio bateu-me um bocadinho mal quando eu saí, tipo outras vez tudo, tipo sou eu que mando em mim, sou eu que oriento o meu tempo, o meu espaço, aquilo ao inicio eu fiquei assim WhatsApp...

I – Tu hoje és mãe, não é? Daquilo que me estavas a contar, tu assumiste um bocadinho o papel da tua mãe quando era criança...

E – Exato...

I – Tinhas responsabilidades que não eram para a tua idade. Foste para a instituição e essas atividades deixaram de fazer parte do teu “peso”, digamos assim. Passas-te a ser uma jovem, adolescente, pronto... ah... o que é que tu achas dessa situação?

E – De quê? De...

I – Como é que te sentiste quando deixaste de ter estas responsabilidades, porque, se ainda hoje sentes essa responsabilidade pelos teus irmãos ou conseguiste também aproveitar um bocadinho daquilo que era a adolescência? Porque tu em tua casa acabavas por não ter opção, não é... quando a tua mãe não estava bem tinhas que ser tu a olhar por eles, mas na instituição com as tuas irmãs tinhas adultos a responsabilizarem-se por elas, tu sentiste isso?

E – Senti! Tanto que... eu ao inicio era uma... eu e a minha irmã né temos 5 anos de diferença, e eu mal a podia ver... eu, tipo, sei lá... eu já não tinha que tomar conta dela, tipo, eu já não tenho que tomar conta de ti, e então, quando eles nos faziam tirar fotos, tanto que eu tenho fotos, a minha mãe tem lá uma foto linda, em casa que é, a S obrigou-nos a tirar aquela foto, eu no verão mais ela, ela toda linda para a fotografia e eu tipo de trombas de lado de costas para ela, porque eu não queria tirar aquela foto, porque é que me estavam a obrigar a tirar uma foto com ela, eu já estava farta... tipo, larguem-me deixem-me ir brincar, deixem-me, tipo, deixem-me... ah, sim, oh, mas foi ó inicio, foi do tipo, primeiro era muito aquela coisa, tipo, a minha irmã, os meus irmãos aqui ao pé de mim, depois, já lá estavam algum tempo, foi aquela fase do, quero lá saber, tipo, vai à tua vida, mas tinha sempre, claro que tinha sempre aquela coiso do, se lhe fazem alguma coisa, atenção, né, tinha sempre aquele tipo, é minha irmã... mas não, já não andava anda aqui, anda aqui, faz ali, faz aaa, depois mais, depois essa fase também passou... eee, agente começou-se a dar, tipo, uma relação mais irmãs mesmo,

tipo amigas e não sei quê... e ainda hoje é assim... mas ainda tenho um bocadinho aquele instinto, tipo...de... de proteção, de proteger as minhas, então a tem 20 e quê, tem 21,22 anos, vai fazer 22 anos, já namora, já tem a casa dela, e já trabalha, e ainda assim eu tenho que estar sempre a tomar conta das coisas dela (risos)... um bocadinho assim, sim, mesmo a M.

I – A M tem quantos anos?

E – A M está lá em casa né, tem 14 e eu ainda sou um bocadinho... tanto que ela quando tem negativas tem medo de me dizer...

I – Hoje lá em casa quem é que controla, ajuda ou apoio a tua irmã e o teu irmão? O teu irmão já vai fazer 18, está na escola?

E – O meu irmão já fez 18, está na escola, agora vai para a tropa...

I – Vai para a tropa, tem um objetivo.

E – A M está na escola.

I – Mas os teus pais supervisionam o que ela, a educação dela, sentes que há outro...

E – Sim. Sim massss mesmo assim eu sou um bocadinho mais... porque eu acho que eles não são tãoooo... e depois eu acho que eles... o meu pai nem tanto, porque o meu pai ainda tenta ser assim um bocadinho coiso, mas a mulher não deixa, e então ela é um bocadinho deixa andar, deixa fazer, deixa-os fazer tudo, e não sei quê. Eu não sei se é, por ela, por eu ter feito tanto, sei lá, não sei, que eu às vezes até fico parva, porque eu chego lá à casa e eles não fazem a cama deles, eles não fazem nada... os meninos, aí senhor, tadinho dos meninos, não, não têm que fazer nada eeee, e deixa-os fazer tudo, tipo ela chega, faz os trabalhos, ela orienta a vida dela, a M, basicamente, tipo, orienta a vida dela tipo, não na escola, tipo as coisas da escola, tipo, sabe, tipo, vou estudar agora ou vou estudar depois, ela, ela...

I – Ela consegue organizar nesse sentido...

E – Ela orienta-se assim, mas se quiser ir sair não sei quê, tipo sair, ir ter com as amiguitas né, também vai. Epá mas sei lá, e então acho que é um bocadinho essa coisa, tipo, eu acho que ela que ela é do tipo, ok, os outros, tipo, eu tive que fazer tanto, não tive infância nenhuma... que agora a M ela... vai deixando, agora mas mesmo assim agora a minha mãe já começa a obrigar a ter ali umas tarefazitas em casa e não sei quê,

porque, coitadinha da menina que nem podia fazer nada... (risos) era, era, eles eram tipo aí o deus meninos, por isso é que eu ficava possuída, quer dizer, eu, tinha que fazer tudo, tomar conta deles todos e os meninos nem a cama podiam fazer.

I – Tu em termos das pessoas que passaram na instituição, passaram muita não é, há umas que vão ficando há outras que não. Em termos de relação que trouxeste cá para fora, ou ainda manténs. Tu manténs relação com muitas pessoas que identificaste.

E – Algumas...

I – Ainda hoje estava a falar com a outra entrevistada que é, vocês todos chamam a instituição de casa, eu vou para casa, a minha casa, pronto, vocês acabam por estar ali 24 horas, é como se fossem todos irmãos, tu ali não tens só as tuas irmãs, acabavas por ter muito mais...

E – Ah sim, tenho, tenho pessoas que levei para a vida, tenho... a D, ainda vejo, a D é minha irmã, para todos os efeitos a D é minha irmã. Tenho e tenho mais... tipo umas que eram mais já na altura eram muito pegadas a mim, e eu continuo a falar muito com elas e não sei quê. Uma até sou madrinha dela. Aaaa e depois há outras que mesmo que não seja aquela coisa do aaa não sei que, tipo eu vejo-as e tipo sou capaz de ir beber café com elas e não sei quê... sim tenho!

I – La havia várias faixas etárias, tu achas que isso é produtivo para uma instituição ou não pelo contrário achas que não devia ser assim?

E – Epá, sei lá... eu acho, eu agora não percebo muito bem, porque é assim, eu no meu tempo, eu era da mais novas, não eu nunca fui das mais novas porque eu tinha aqueles 12/13 anitos era as médias, como agente chamava, depois havia as mais velhas e então na altura eu lembro-me que as mais velhas eram, nós olhávamos para elas como deus nosso senhor ali, tudo o que elas faziam era o que estava bem, nós guiávamos-mos muito, agora eu vou lá e fico parva, porque esta adolescência de hoje em dia é uma pouca vergonha que eu fico parva... e então não sei...

I – Porque antigamente vocês viam as mais velhas como uma referência?

E – Era...

I – Hoje as referências podem não ser a melhor é isso?

E – Pois porque elas agora, opá, pronto, mas é a atualidade (risos) eu fico parva quando lá vou... fico um bocado tipo que é isto... tipo... mas pronto é a sociedade, não é aquilo é a sociedade em si.

I – Tu quando decidiste sair da instituição, elas depois continuaram a acompanhar-te cá fora, estar a par das tuas coisas, orientar-te sempre que precisavas?

E – Ah sim, quando eu precisava... não era porque elas vinham e metiam-se na minha vida não, eu... a S, pronto, eu estava sempre...

I – Conseguiste ficar com uma referência na instituição a quem recorrer, no teu caso é a diretora...

E – Sim, sim...aaa sim.

I – Conheces outros jovens na tua situação que saem e quando precisam vão recorrendo à instituição? Que vêm o lar, digamos assim, como uma porta aberta?

E – Eu acho que sim... eu acho, por exemplo eu não tenho problemas nenhuns em, tipo se eu precisar desabafar, não sei quê ir ter com a S e faze-lo, estás a perceber? Eu acho é que depois há outras pessoas, meias, eu na, não tenho, graças a deus necessidades, mas, mesmo às vezes elas tentam ajudar quem elas sabem que, que até dava jeito eu acho que um bocadinho por orgulho, tipo, há pessoas que tipo, há deixa estar, não... estás a perceber, mas não, eu vou lá muitas vezes, falo com ela muitas vezes, eee, só porque sim.

I – Quando saíste como foi a relação com a tua família? Tu sempre tiveste relação com a família toda, praticamente?

E – Sim.

I – Com tios e tudo também?

E – Sim.

I – Os de Lisboa os do norte...

E – Sim, sim, sim, sim... tanto que eu depois uma altura cheguei... cheguei a ser capaz de dizer, tipo olha, eu quero ir a não sei a onde... e dizia à S, eu que quero ir para... por exemplo, fui para a faculdade né, tinha 17 estava a fazer os 18, mas estava ali e eu dizia-lhe, olha não quero ir para casa este fim-de-semana eu quero ir lá cima, eu ia, eu ia de

expresso e eu ia. Isso... eu continuei sempre a ter relação com eles e não sei quê...isso não foi problema.

I – Quais foram as mudanças que tu identificas como mais significativas? Foram muitas não é, porque foram 9 anos.

E – Pois... mudanças quê, em mim?

I – Sim...

E – hum...sei lá, porque eu não con, opá, eu acho que não foi mudança... porque, eu fui lá aos 12, fui para lá aos 12 né, tu tás a começar a desenvolver a tua personalidade e não sei quê... pronto, eu acho que não foi uma mudança... tipo... eu fiz-me lá.

I – Tu achas que o acolhimento fez aquilo que és hoje e achas que foi positivo?

E – Ah sim!

I – Achas que se estivesses em casa, se calhar hoje... é difícil avaliar...

E – Hum... ah não, de cert, eu acho que não, se estivesse em casa eu não tinha tido, epá sei lá, eu acho que estas situações tanto podem dar ou és completamente diferente ou viras o mesmo, por exemplo, eu tinha uma opinião do álcool né, deu, não, não, tipo, e eu, e hoje eu, eu não bebo, tipo de ir para a mesa e beber um copo de vinho, não, como quase toda agente faz, não, não bebo. Tipo se for sair né, sou capaz de beber no terreiro e não sei quê, pronto, agora beber, tipo, olha, à refeição, isso não, não faço, tanto que eu considero que só bebo socialmente e assim só muito, muito, muito de vez em quando...(risos) não tenho também muita vida para andar a sair (risos) mas... depois... por isso é que eu achava, eu sempre disse ou eu ou viro alcoólica e dou cabo da minha vida, ou sou completamente o oposto da minha mãe.

I – Achas que a instituição fez seres o oposto da tua mãe?

E – Fez... eu depois olhava e é assim... eu tenho noção que eu tive uma, uma infância...

I – Porque tu hoje ainda tens outra perceção, porque tu hoje estás no lugar da tua mãe...

E – Pois... e eu acho que... a minha infância teve o que teve e não sei quê, mas no fundo... epá ... eles não me maltratavam né... eu não passava fome... eu podia ter que fazer comer de vez em quando e não sei quê, mas, mas eu nunca me faltou comer em casa, não era que, e eu o meu pai dava-me brinquedos e não sei quê... ah eu via outras

histórias totalmente diferentes da minhas, que eu considerava muito piores, né, abusos e não sei quê... eu achava mil vezes preferível tomar conta dos meus irmãos e viver aquilo do que... e então, sei lá... ... eu acho, epá... nem sei... mas acho que sim... eu acho que se eu não tivesse saído dali eu, eu, a minha vida não tinha tido o mesmo, o mesmo desfecho, até porque eu estava ali, eu quando fui para ali estava naquela altura da rebeldia, estás a ver...

I – O papel da tua família no percurso do acolhimento?

E – Ah eles estiveram sempre...

I – Tu acabas-te por estar sempre muito próxima, não foi?

E – Sim... sim, eles foram sempre muito e o... aí está, o meu pai especialmente, tipo, tipo incentivava-me muito eeee...

I – Ele falava-te bem da instituição?

E – O meu pai, eu nunca ouvi o meu pai a refilar da instituição, não, mesmo as vezes a minha mãe tinha aquelas coisas, tipo, elas lá e não sei quê né, a revolta da gente estar lá e não sei quê, o meu pai não, o meu pai nunca, eu não o viaaa, eu acho que ele começou a ver um bocadinho como nós, ok estão a estudar fora e vêm aqui ao fim-de-semana e aquilo está-me a fazer bem, elas estão lá, estão integradas...

I – Eles souberam que tu optas-te por não ir para casa certo?

E – Quer dizer... sei lá o que é que eles...mas eu acho que sim...

I – Eles nunca falaram sobre isso contigo.

E – Mas eu acho que sim...não, eles não, nunca falaram comigo sobre isso, mas eles devem saber, ou ter uma noção, digo eu, não sei o que é que a juíza disse, porque agente não tinha, eles iam a tribunal eu ia a tribunal, mas não era juntos, não eramos ouvidos ao mesmo tempo, tanto para eles não influenciarem aquilo que eu ia dizer e ao contrário, tão eles falavam o que quisessem, depois eu falava o que quisesse depois ela dava a sua justiça, mais ou menos assim.

I – O que é que tu achas ou que tu mudavas no teu percurso de vida a olhares para trás.

E – Não mudava nada...

I – Não mudavas nada?

E – Não...

I – Achas que...

E – Eu acho que isso me fez uma pessoa melhor, muito mais forte e... e uma mãe melhor, porque eu, nunca vou ser capaz de deixar passar o meu filho por aquilo que eu passei...

I – Vida com ou sem acolhimento se tivesses que...

E – Eu continuo a dizer com... eu, eu não mudava nada da minha vida... eu não me arrependo de nada, eu não tenho vergonha de nada... epá, toda agente, né, achas ééé não sei quê... epá não, não, epá foi aquilo foi aquilo e eu não, não... epá não mudava não.

I – O que é que tu achas ainda que no sistema de acolhimento, se tivesses que identificar, o que é que achas que ainda devia ser modificado?

E – ... (silêncio)

I – A tua experiência de acolhimento também foi boa, houve uma proteção a todos os níveis...

E – É isso, é isso, eu não, eu não me posso queixar, eu não, é que eu não posso...

I – Tu achas que no sistema, tu sentes que...

E – Só que eu sei que nem tudo é assim, né. Mas é a tal coisa, eu nunca senti, tipo, desprezada, que as minhas coisas não tinham importância, ou que... não a S via-me a chorar por causa de um namorico e ela falava-me comigo estás a ver... e, é, por isso é que eu sei tive uma boa experiência, eu tive um bom acompanhamento, uma boa instituição, eu, eu...

I – Os técnicos que te acompanhavam eram técnicos ou mais que técnicos?

E – ... uns técnicos outros mais que técnicos.

I – O que é que tu achas sobre as pessoas que estão nas instituições? Porque fala-se muito do papel, não é, e são profissionais e não se devem envolver e...

E – Eu acho isso estúpido. Tu és humano tipo... é obvio que tu vais acabar por te aproximar a... de, ou vais ter mais afinidade com uma ou com outra... a diferença está que, não podes dar isso a evidenciar né... tipo, não podes fazer, estarem duas ao mesmo, uma ao lado da outra, com as mesmas, sem teres argumentos, por exemplo,

como às vezes me diziam, tu és a favorita, tu és a favorita tu tens tudo, mas eu tinha tudo não era porque era a favorita, eu tinha tudo porque eu tinha boas notas, porque eu me portava bem... oh porque eu quando me portava mal também era logo castigada...

I – Quando se portavam mal qual eram os castigos que vocês tinham na instituição?

E – Aí tinhas tantos, sei lá... olha... a mim o que me chateava era o não sair, pronto. aaahhh

I – Vocês tinham liberdade para saírem da instituição?

E – É assim, até uma altura... sei lá, epa aquilo tem horas... durante a semana não, esquece. Ao fim-de-semana aquilo tinha uma hora de saída, depois dependia tipo, das faixas etárias e não sei quê... aaaa e depois também depende da idade e não sei quê, mas eu lembro-me quando eu era mais nova era muito mais apertado. Porque as mais velhas saíam na hora da visita e acabou-se. E ao depois quando eu fui das mais velhas... eu tinha um bocadinho coiso, eu chegava a casa, tipo, se eu disse, depois do jantar, olha vou ali, imagina, olha vou ali ao ócio beber café, eu ia, ela só me dizia atenção... e não sei quê às horas, ou não sei quê, ia tipo uma horita, ia ali, não sei quê... tipo íamos dar caminhadas, tipo olha hoje vou correr, e eu ia. Eu dizia-lhe que ia correr, ela sabia lá, eu dizia que ia correr...

I – Mas se calhar porque crias-te essa relação lá. Eles também não te conheciam há um mês...

E – Exato. Tipo, é isso tu também tinhas ali aquilo que conquistavas.

I – Em termos deee, deee, ... o que é que eu te queria perguntar. Tu sentes, tu sentes, isto é o sistema de proteção de crianças e jovens em risco, tu sentes efetivamente, que a tua vida, a tua história foi protegida?

E – O quê...

I – Pelo sistema... neste caso pela casa em que estavas. Porque é assim muitas vezes, em termos das casas, tu algumas vez vivenciaste situações de violência dos técnicos para com as jovens, faltas de respeito dos técnicos, dos auxiliares...

E – Não, não...

I – Então achas que o sistema...

E – Havia lá uma que às vezes esticava-se um bocadinho, porque, (risos) mas ela já não está lá, aaahh porque nós achávamos que ela andava coiso ao marido, então andávamos sempre (risos) então depois uma vez apanhamo-la assim numa situação menos boa (risos) e hum e ela deitou a mão à D, mas depois era a nossa palavra contra à dela, né. E pronto, mas não, ninguém te batia só porque...

I – Achas que o sistema de protegeu, conseguiu eliminar, digamos assim entre aspas, aquilo a que estavas exposta quando estavas em casa dos teus pais e te deu bases para te formar em termos da tua identidade?

E – Ah sim, sim ...

I – Achas que te protegeu, nesse nível.

E – Ah sim, sim. Não, nós ali nã, não tens queixa nenhuma, eu não sei como é que elas se queixam, quem se queixa não sei como é que se queixa...

I – E quais eram os castigos?

E – Opa era do tipo coisas estúpidas, mas que tu ficavas danada né (risos) tipo ou não saias, ou ficavas sem ver televisão, ou ias para a cama mais cedo, ou, tipo imagina aquilo tinha horas de deitar diferentes, por exemplo umas deitavam-se às 9h30, que normalmente eram as mais novas, as outras às 10h30 em dias de semana,... pronto podia acontecer tu teres que ir para a cama às 9h30 com as mais novas... aaahhh ou ficar de castigo na loiça não sei quanto tempo, porque aquilo era por semanas... aaahhh, pronto era assim esses castigos.

I – O que é que tu achas dos benefícios do acolhimento?

E – Tipo a nível de quê?

I – Do geral, como tu avalias, olhas para o sistema de acolhimento, neste caso para a instituição, o que é que tu identificas como sendo uma coisa positiva ou benefício.

E – Opá sei l, opá isso é um bocado... porque eu não levo nada de mal... de lá, eu acho que tudo foi benefício para mim.

I – O que é que tu achas, por exemplo, se tivesse que identificar uma coisa que ainda funciona mal o que é que tu identificas... que não funcione tão bem... sem ser também por exemplo na instituição. Tu já disseste que em termos da segurança social que os técnicos pouco falam, não falam convosco na altura...

E – Ah sim, agora não sei, eu não, não tinha coiso nenhum com a segurança social...

I – Nem tinhas perceção que o teu processo passava por lá, que tinhas também um técnico de acompanhamento lá?

E – Eu juro-te eu tinha muito mais simpatia pela procuradora (risos) ou pela juíza, porque ela via-me passar ao tribunal todos dias de manhã para ir para a escola e ela dizia-me adeus da janela (risos), do que a segurança social... eu acho que... só se for isso porque de resto... eu não consigo, eu não consigo identificar, eu juro-te... eu ... aquilo... eu não tenho nada, opa não tenho, não tenho... nada que dizer de lá, tipo... na altura tu refilas e não sei quê, e meteram-me de castigo e nanana...

I – Mas tu achas que em termos de preparação, de educação, de carinho, de afeto, de segurança, de tudo, nunca te faltou...

E – Não... não... não, não tenho, sim, não, nunca, nunca me maltrataram, nunca me... e depois elas lá são peço, elas são meigas, elas são meigas para nós, tipo, elas tento ralham né, como se for preciso te abraçar elas abraçam-te.

I – Como se calhar tu fazes ao teu filho hoje?

E – Exatamente, eu sou capaz de estar aqui a repreende-lo, né, e depois dizer pronto mas dá beijinho à mãe, pronto estás a perceber... sei lá... não... mas é o que eu te digo... eu também tive, acho que tive... sei lá eu não tenho nada a dizer daquilo, eeeuuu devo ser das poucas que diz que não tem nada a dizer daquilo, nada... porque eu tive uma experiência mesmo ... eu sempre me senti bem lá eee achava e escutada porque acima de tudo eu acho que elas me ouviam, e eu falava muito com... pronto, eu não falava com quem elas criam que eu falasse né, com a psicóloga e essas coisas e não sei quê, porque eu não gostava, mas falava, tipo falava com a S e não sei quê, e eu ainda hoje, eu tenho uma relação com ela que eu acho que não tenho, nem com a minha mãe eu tive, então um bocadinho se calha por causa disso é que eu tenho ... porque depois eu também sentia que ... que lhe devia, não era que devia, tipo, mas ela tratava-me tão bem, tão, elas tratavam-me tão bem né mas eu tinha uma relação tão boa com ela que eu achava que tipo, não, não a posso... ela tem que ter orgulho em mim, não é.

I – Dizias que ela acaba por ser a tua referência e por isso também não a querias desiludir...

E – Era, sim.

I – Tu foste vista como referência de alguém que esteve lá? Já eras uma jovem adulta que ainda estavas em acolhimento?

E – Ah isso já não sei...

I – Nunca te sentiste de referência par alguém, alguma jovem que viesse mais nova, que recorresse a ti?

E – Ah sei lá... ah isso havia muitas, ainda às vezes eu vou lá e... e elas ficam contentes e, não sei quê, e dizem ah eu quero fazer como tu estás a fazer, oh eu quero fazer, eu também quero ir para a faculdade, tipo, coisas assim, tás a ver... e agora eu vou lá e elas ficam tipo, porque agora já muitas não estão lá, não é, agora eu conheço poucos das que agora estão lá, o resto conheço de vista de ir lá, quando eu lá vou... e então quando eu vou elas ficam assim quem é esta, e a S começa, estão a ver esta menina, esta menina esteve cá, ela também refilava e não sei quê mas olha já tem não sei quê, está a trabalhar, tem a casa dela, tem um filho, nananana...

I – E como é que tu te sentes?

E – Eu fico tipo Alien... tipo o que é que se está aqui a passar... aahh ... mas sim mas é.

I – Mas depois tens orgulho no percurso que tu construis-te?

E – Tenho... tenho eu não mudava nada...é que nada... porque eu acho que... fez-me uma pessoa... que eu não tenho vergonha de ser... tipo eu sou muito bem resolvida com as minhas coisas, eu não tenho problema nenhum, foi como eu disse, tipo, não faço questão de andar a espalhar por aí, que tive num centro, mas também não tenho vergonha de dizer quando a conversa proporciona isso, por exemplo, ali no hospital, né eu trabalho no hospital, aaahhh , há muita gente que não sabe que eu tive no centro e depois há outras que souberam, eu já assisti, tipo, eu estar na mesa e começarem a falar do centro porque não sabiam que eu tinha estado lá, e a dizerem coisas tipo, que não batiam certo, coisas que outras garotas disseram e acreditaram plenamente naquilo e não sei quê, porque, nem toda gente é como eu nem toda gente leva aquilo no coração e não sei quê, há outras que acham que foram muito injustiçadas, normalmente são, saíram de lá muito mais novas e só faziam asneiras e saíram naquela altura de, ou fugiam ou não sei quê... naquela altura da rebeldia, então nem sequer deram tempo de... de conhecer... tipo, porque eu estive ali passei a fase da rebeldia, passei os castigos, passei

tudo, sai dali já tinha 21 anos, já estava na faculdade, já tinha passado muita coisa, e não sei quê, e elas não, tipo... são garotas, andam a fugir e não sei quê, depois são castigadas, e não sei quê, depois fogem e ficam e vão e não sei quê... E elas não ficam com uma perspectiva de aquilo se calhar como eu fiquei. Eu também nunca fugi, né, mas... e então, pronto, eu via, deixei a pessoa falar, o que ela achava que era correto e no fim, no fim disse-lhe é verdade, eu sou uma grande puta (risos) desculpa, mas foi mesmo isso basicamente que ela disse, foi que agente eramos postas a render, basicamente, né, e tu ouves aquilo, e tipo eu tive lá 9 anos, tipo, e ficas um bocadinho, tipo o quê, é essa a imagem, tipo, mas não é tipo... alguém que não gostou e não sei quê e mnaaa e depois tem uma história que ok não é bonita e ... sai dali de uma maneira má, vá entre aspas, e depois vai dizer o que entende para os outros ficarem mal... e, e depois as pessoas ficam tipo... vives-te lá...

I – Mas isso depois tem a ver com a história de vida de cada um e não propriamente com a instituição em que tu crescestes?

E – Sim...

I – Porque a oportunidade que foi dada a ti em termos de instituição...

E – Foi dada a todas... se não tiveram mais se calhar foi porque não as conquistaram.

I – Achas que em termos da entrada para a instituição, porque é assim, falamos de um sistema de proteção e num superior interesse da criança, mas muitas vezes se calhar não é, dá-se muitas oportunidades às famílias e as crianças já são, já vão para o acolhimento tarde, achas que faz diferença em termos da formação da identidade das crianças serem retiradas mais cedo, ou mais tarde em determinados ambientes familiares?

E – Eu acho... e do que eu percebia, porque eu depois comecei a ver as crianças que iam para lá...

I – Porque tu, desculpa, de certa forma disseste que tu sofreste mais que os teus irmãos.

E – Exatamente. Porque eu já fui, era o que elas consideravam bué da velha, porque já tinha 12 anos, os meus irmãos estavam numa altura relativamente normal... eeeee... eu acho que depois ainda foi piorando, elas cada vez vinham mais tarde, para ali né... a Da foi para ali, porque pediu e já tinha, e já era bué da tarde, né, tinha 17 ou 16 sei lá... que idade tinha.

I – Tu continuas com uma relação com os teus irmãos, eles têm a mesma percepção do que vocês viveram?

E - Os mais novos, não.

I – Eles lembram-se de todos os aparatos das retidas, do alcoolismo da tua mãe...

E – Não, não eles não se lembram...

I – Achas que este período de acolhimento que eles tiveram, porque ainda tiveram acolhidos, acabaram por estar todos acolhidos, que interferiu na forma de estar deles e sentimentalmente e emocionalmente?

E – Eu acho que... eu acho... opá porque eles eram muito pequeninos, a M tinha um anito, ela também não esteve lá, ela se teve lá, se teve foi dois anos pouco mais, e eu acho que, eu lembro-me que, a M não se lembrava de nada é escusado, porque agente fala-lhe tipo a casinha, porque era assim que chamavam era a casinha e ela não se lembra de nada. O R uma altura, a seguir a isso agente dizia-lhe vais voltar para, se eu lhe dissesse por exemplo estás-te a portar mal vais voltar para a casinha, ele ficava em pânico e não queria e não sei quê... agora falas-lhe nisso e ele diz hã...estás a falar do quê? Tipo, não, não, não tem, nem do processo antes nem da vida lá, devem lembrar-se vagamente que viveram na N mas ...

I – A tua irmã hoje que está em instituição é vontade dela estar em instituição ou ...

E – A B? Opá a B....

I – A B é uma situação mais especial porque precisa de cuidados de saúde...

E – Exato, cuidados de saúde diferentes...

I – Porque ela entretanto também faz os 21?

E – Pois, ela agora, eu acho que é 19 que ela tem. Opa eeee eu a última vez que falei sobre isso, à S, eu acho que ela me disse que a alternativa seria arranjar casas que são específicas para isso, porque ela... ela mesmo estando ali, ela, ela também não, não estima muito a saúde dela, mesmo estando ali, e mesmo com pessoas sempre em cima dela, ela ...

I – Ela precisa de supervisão por causa do problema de saúde constante?

E – Porque ela, ela mesmo assim ela... opá não se trata assim muito bem.

I – Tua achas que os teus pais nesta altura ainda não conseguem fazer, nem vão conseguir fazer esta supervisão à tua irmã?

E – (silêncio)

I – Eles também viveram longe da doença, eles acabaram por estar mas...

E – Oh mas eu acho que aquilo não, porque, ela, o problema que ela tem, até porque se ela não for para um sitio assim tipo e depois, né, mesmo que os meus pais fiquem com ela, é o que agente pensa, mesmo que os meus pais, mesmo que a B vá para os meus pais né, é tudo muito bonito mas a B ... ela tem, ela é nova, o que é que ela vai fazer da vida, né, tipo inserir-se na sociedade e essas coisas todas e não sei quê, depois os meus pais, tipo, né, eles não vão durar para sempre, e depois ela fica como? Por isso é, acho, é uma coi...quando eu falei nisso é uma coisa que elas já a estudar a algum tempo e não sei quê.

I – Tu agora já saíste da instituição, as tuas irmãs ficaram lá mais um tempo, tu consegues ter a perceção, que já davas valor, mas achas que em termos do projeto de vida da tua irmã a equipa que a acompanha acaba por estar a fazer o que é o melhor para a tua irmã?

E – Para a qual?

I – Para a que está em instituição.

E – Ah a B sim... sim eu acho que elas nissso... sim, eu acho que sim... elas tentam pelo menos, opá é o que eu estou a dizer elas já algum tempo que andam a ponderar essas hipóteses todas, para onde é que a B vai quando tiver que sair daqui, o que ela vai fazer, eeee...

I – Eles preocupam-se com o vosso projeto de vida?

E – Ah sim. E eles falam muito sobre isso... eles falavam muito, eles, lembro-me na altura de elas falarem temos que fazer o projeto, era assim uma coisa que ela falavam tipo, que perspetivas é que eu tinha, que é que eu queria fazer, e como é que eu ia fazer, e eu lembro-me que eu avisei que ia sair, em janeiro, quando vim, ainda tive o mês todo, porque eu não saí tipo olhe tchau vou-me embora, tive o mês todo e disse olha vou fazendo assim, já tenho casa, ela acompanhou tudo e depois foi uma saída assim uma coisa muito normal...

I – Tipo um filho que saí de casa?

E – Muito do tipo hoje fui levar umas coisas dormi lá, hoje fui levar mais outras coisas e nnnhhuuu, e um dia acabei de levar as coisas e, olha, já tenho cá tudo vou ficar cá, pronto. Foi uma coisa assim muito normal, muito tipo, tipo muito soft, tipo há aquelas que tipo vou sair e naquele dia despejam tudo cá para fora e vão se embora, eu não, eu foi do tipo vou sair, não sei quê...

I – Tudo programado e trabalhado com a equipa?

E – Sim com a S...aaahhhh

I – Acabava por ser a tua técnica de referência, apesar de ser a diretora acaba por ser a pessoa da instituição que tu tens maior relação.

E – É, mas ela, ela, mas ela tem uma re, ela às vezes até dizia opá larguem-me todas, porque uma certa altura, chegou, hum, nós tínhamos todas uma relação com ela que eu fico... era boa... porque ela... agente jantava, se não tivéssemos que ir para a copa nem nada ela, ela já sabia, assim que se sentava na secretária estavam lá 500 pessoas à volta dela, tipo a rir e a brincar ela a tentar trabalhar e nós...

I – Tu lembras-te dela na instituição após aqueles horários das 9h00 às 17h00.

E – Ah sim que ela nunca fazia, nunca saía às 17h00, deus me livre e se ela saísse é porque tinha alguma coisa... não, não, não, quantas vezes eram tipo 11h00 eee e ela lá, sim, e, então aquele bocadinho era sagrado, agente a seguir ao jantar ir lá pó gabinete que aquilo é uma coisa ... não sei se tão grande como esta sala, e tem a secretária dela a secretária da P uma cadeirita e agente todas lá encafuadas dentro... tipo ela larguem-me deixem-me trabalhar, eu tenho mesmo que fazer isto, eu tenho mesmo que fazer isto, mas oh S agente tem mesmo que dizer uma coisa bbhbfhbhfbhfb, estarmos ali era quase sagrado, ela, se não fôssemos para ali ela, o mundo estava para acabar...

I – Tu lembras-te de alguma vez, não sei se já te fiz esta pergunta, lembras-te alguma vez de te sentir discriminada, alguma vez na escola, ou numa relação com alguém por saberem que estavas no centro...

E – Não, não, não, e também se fosse queria lá saber.

I – Mas nunca sentiste?

E – Não, não, não.

I – Não sei se há mais alguma coisa que queiras partilhar que eu não tenho perguntado...

E – Sei lá já falei de tanta coisa....

I – Quem é a pessoa mais significativa hoje para ti? Assim a mais próxima?

E – Oh tenho o S né... sei lá...

I – Porque o S também esteve em acolhimento? Vocês têm uma relação já algum tempo?

E – Ah 11 anos...

I – Vocês sentem que acabaram por ser o apoio um do outro nestes momentos que vocês tinham mais difíceis...

E – Sim, pois eu comecei a namorar com ele muito cedo tinha 16 anitos...

I – Ele estava em instituição e tu estavas em instituição?

E – Tínhamos 16 anos porque temos a mesma idade, nós passamos quase tudo junto né...

I – Nesta fase da tua mãe ir para a desintoxicação já estavas com ele?

E – Já, foi no 12º ano, estava com ele há relativamente pouco tempo na altura ya.

I – Sentiste que ele seria o apoio...

E – Sim, mas essas coisas eu no inicio não falava muito com ele, né, estava com ele há pouco tempo... mas sim eu sabia ...

I – Hoje falam disso naturalmente?

E – Há sim, sim, já há muito tempo né... Eu já namorava há uns três anos quando ele foi lá a casa, à vontade.

I – A tua família acaba por ser hoje a tua referência. Hoje tu contas com eles?

E - Sim... sim...

I – De forma geral? Mesmo as tuas irmãs?

E – Ah sim, mesmo a minha irmã A eu sou muito pegada a ela, somo muito amigas. Pois é a B, já tenho um bocadinho menos ligação, os mais velhos são, mas o mais velho é tipo um 2º pai. Porque ele também passou um bocadinho a tal... mas depois ele saiu

de casa e fiquei eu né... mas, sim, eu lembro-me de ele tomar conta de mim. Eu tenho uma cicatriz enorme, tipo no rabo, porque eu estava sozinha deixei cair um copo e sentei-me... qualquer coisa assim, eu lembro-me de ele ir a correr comigo, pequenita, nos braços, a esvair-me em sague, que ainda levei muitos pontos, e eu a esvair-me em sangue e ele a levar-me nos braços, não sei se foi a casa dos vizinhos ou a casa de não sei de quem para ir comigo para o hospital e foi ele que foi...

I – Ou seja, houve aqui, primeiro, quando tu nasceste a tua mãe apareceu com o problema, ele foi o teu protetor, o teu cuidador, até tu chegares à idade de teres os teus irmãos e passares ser tua a cuidadora.

E- Basicamente, se bem que eu não me lembro muito bem porque era pequenita, lembro-me dessa situação isso eu lembro-me perfeitamente e ele também diz muitas vezes e sim...

APÊNDICE D3 – TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA A3

TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA

Participante – A3

Data de Nascimento - 15/09/1990

Sexo – Masculino

Escolaridade – 9º ano

Tempo em acolhimento – 7 anos

Saída do acolhimento - 2008

Duração da entrevista – 1 hora e 14 minutos

Investigador (I) – Fale-me um bocadinho da vida anterior ao acolhimento. Vivas aonde?

Entrevistado (E) – Bem, isso tem que ser um bocado pelo início. Bem eu nasci, nasci em Moçambique, o meu pai era português, a minha mãe era moçambicana, aaaaa, o meu pai adoeceu e a única família, pronto, na altura que o meu pai confiasse era a que tinha cá, então eu vim para cá tive em casa de uns tios meus, entretanto o meu pai acabou por falecer, tinha tido uma embolia, uma embolia cerebral, já quando me deixou cá, já sabia que iaaa, que ia morrer...aaa...

I – Eles vieram traze-lo a casa deste tio?

E – Sim, sim, sim...

I – E tu ficas-te a viver com este tipo e eles regressaram para Moçambique, foi isso?

E – Exatamente, o meu pai voltou para Moçambique, ya. O meu pai já estava separado da minha mãe e por isso é que nunca hou hipótese sequer de eu ficar com a minha mãe, eu, o meu pai tinha se separado da minha mãe eu tinha 1 ano ou que foi...

I – Então tu viste sempre com o teu pai?

E – Ya, não tinha conhecido a minha mãe, conheci a minha mãe há dois anos (riso) tipo, fiquei, aqui com esses meus tios, entretanto esse meu tio quando o meu pai adoeceu, foi para Moçambique tomar conta das coisas que eram do meu pai, que na altura não podia tomar conta de nada, não é, depois a minha tia teve uns problemas de saúde, não sei quê, não sei que mais, e acabei por vir parar ao internato. Pronto e..

I – Tinhas que idade quando vieste para Portugal?

E – Quando vim para Portugal tinha... 7, 7 anos, 7 anos, em 97 exatamente...

I – O teu pai faleceu com que idade?

E – O meu pai faleceu... um ano antes de eu, dois, um ano, um ano ou dois antes de vir para moçambique, antes de eu ir para o internato, deveria ter sido se calhar em 2000, 1999, 2000...

I – Desde que ficaste em Portugal e ele regressou a Moçambique tu tinhas contacto com ele regularmente?

E – Não, não...

I – Tu já não tinhas contacto com ele nessa altura?

E – Não, não, era muito raro, até porque o meu pai já sabia, já não, não dizia coisa com coisa... porque ele, o problema que ele teve foi, teve um derrame cerebral e depois pronto, aquilo, os médicos na altura já lhe tinham dado até nem um ano de vida, ele ainda se aguentou paí 2 ou 3 só que... ele já começou a ir a baixo, o que valeu pronto foi os amigos, ainda chegue a falar com ele algumas vezes, mas muito pouco.

I – Os teus tios era o irmão do teu pai?

E – Sim, sim, sim, o irmão do meu pai...

I – Depois atua tia ficou doente...

E – Exatamente, na altura já o meu tio estava em Moçambique, pronto...

I – E tu ficas-te aos cuidados da tua tia? Eles não tinham filhos?

E – Exatamente. Tinha, tinham dois filhos, mas maiores do que eu, o mais novo tinha 10 anos de diferença, aaaa entretanto quando ela ficou doente, teve dois cancros seguidos, e pronto, os meus primos já eram crescidos, ela estava sozinha, o meu tio não podia abandonar as coisas em Moçambique, e que, pronto, a única solução que houve na altura foi... foi o internato.

I – Nunca ponderarão que tu regressasses a Moçambique para junto do teu tio?

E – Ah, não, até porque o meu tio... nunca chegou a estar assim tão bem para isso. Porque... aquilo é o quê... ele tinha as coisas que eram do meu pai, só que Moçambique é completamente diferente, o meu tio por muito que quisesse fazer grandes alterações às

coisas ela não podia, porquê, porque o meu pai na altura comprou, meteu as coisas no nome dele / no meu, porquê porque o meu pai não era moçambicano e em Moçambique um estrangeiro não pode ter propriedades, então o meu tio a única coisa que pode fazer foi manter aquilo que estava até eu ter a minha maior idade, nunca podia fazer nada.

I – O teu pai tinha algum negócio, coisas em nome dele?

E – Sim, sim, sim, eu agora estou a pegar naquilo já, devagar, devagar...

I – Esse teu tio ainda está em Moçambique.

E – Não, esse meu tio morreu o ano passado.

I – E quem é que toma conta das coisas em Moçambique?

E – Nesta altura agora sou eu, pronto e agora, agora tenho aquilo que já devia ter sido há muito tempo, tenho a minha mãe a ajudar-me com estas coisas todas.

I – A tua tia que estava cá em Portugal ainda é viva?

E – Ainda é viva, ainda é viva, mas, pronto, agora já nem sequer tenho grande ligação com ela porque se passou muita coisa, ainda agora depois que o meu tio morreu, de certa forma ela culpou-me um bocadinho pelo que aconteceu.

I – Ele morreu lá?

E – Ya, exatamente, de certa forma ela culpou-me um bocadinho por ele ter morrido lá e tudo mais...

I – Tu tinhas mais tios?

E – Tinha, tinha, tinha...

I – Cá ou lá em Moçambique?

E – Lá tenho uma família enorme, não conhecia, mas pronto agora já conheço, graças a deus, tenho uma família enorme. Cá, também, mas sinceramente é família que, que, epá nem vale a pena...

I – Tens conhecimento porque é que os teus pais se divorciaram? E porque é que ficaste com o teu pai.

E – Opá eu acho que aquilo na altura era um bocado, o meu pai também sempre teve ligado à política e tudo mais e, pronto a minha mãe, mesmo que quisesse depois eles se

separem, o meu pai era daqueles homens à antiga. Queres ir embora vais embora, mas ele fica comigo e nunca mais lhe metes o olho em cima, foi um bocado tipo isto.

I – Ela estava em Moçambique?

E – Sim, entretanto já se casou com outro homem, não teve mais filhos por acaso, mas...

I – Ficou sempre em Moçambique?

E – Sim, sim, sim.

I – Como é que te reencontraste agora com ela?

E – Aaaaa, através deste meu tio, antes de ele morrer, eu fui lá a Moçambique e, por acaso calhou, ela até estava mesmo em Moçambique, porque ela costuma andar entre Moçambique e Africa do Sul, porque o marido dela é de Africa do Sul, e por acaso calhou mesmo na hora certa e, pronto foi assim.

I – Tu já a tinhas procurado antes?

E – Aaaa eu não, eu não...

I – Porque não calhou ou ...

E – Não, nunca tive uma imagem sequer...

I – Nunca sentiste que precisavas de a encontrar?

E – Exatamente, sempre cresci com o meu pai, depois de crescer com o meu pai tive aquela passagem com os meus tios, depois acabei no internato nunca tive aquela imagem vá de mãe...

I – Antes do acolhimento andas na escola? Como corria a escola?

E – Ya, ya... Cá em Portugal corria-me bem a escola, aaa , quando vim para cá, até na altura estive na JB, quer dizer, mentira, antes fiz a pré-primária, aaaaa, opá correu-me sempre tudo bem, a única coisa que tive assim mais coisa que tive antes de ir para o internato foi, eu cheguei cá, porque eu tinha começado a escola lá, um ano antes do que o que se começava cá, então tive que baixar um ano de... em vez de ir para o quarto fui para o terceiro...

I – Em termos de acompanhamento a tua tia fazia esse acompanhamento, ajudava-te?

E – Sim, sim, sim, mas depois pronto não tive grandes problemas, a língua era a mesma, aaa, não, não tive grande problemas.

I – Em casa da tua tia sempre tiveste as tuas necessidades asseguradas ou sentiste falta de alguma coisa?

E – aaaa, atenção, não, eu quando vim para cá, se calhar também, eu estava habituado a uma vida que era o filhinho do papá, isso aí, não havia hipótese...

I – O teu pai em Moçambique tinha boas condições?

E – Sim, sim, sim, foi daquelas coisas que se eu queria eu tinha, pronto, mas uma coisa é certa com a minha tia nunca tive falta de nenhum bem essencial, se calhar podia não ser nenhum rei dentro da escola nem tudo mais, mas nunca, nunca tive falta de nenhum bem essencial.

I – Em termos de acompanhamento de saúde, educação, ela proporcionava-te todos esses cuidados.

E – Ah, sim, sim, sim, epá eu também nunca tive grandes problemas de saúde nem nada, mas sim o essencial eu tinha, eu tinha nunca me faltava nada.

I – Como era a tua relação com os teus colegas?

E – aaaa, ainda no tempo da minha tia... opá, na altura quando vim tive certo problemas quando cheguei cá, aaaa, eu fui para uma aldeiazinha pequena para os lados de P, como é que aquilo se chama ... e epá na altura era um bocado mais escuro, ainda por cima vinha bem queimado do sol eeeee, epá tive ali alguns problemas, eu lembro-me que na primeira semana vim logo para casa... a professora deixou-me logo em casa porque eu tive alguns problemas com, epá, hoje não vejo da mesma maneira mas na altura o pessoal, não sei, via-me de outra cor, se calhar também era pessoal que em casa nunca tinha tido, oooo, formação para isso, também não sei se era de ser um meio pequeno...

I – Mas eles tratavam-te de forma diferente e tu reagias é isso?

E – Ya, ya, ya, tive um bocadito, mas também foi só ali, não me lembro de ter assim nenhuma, problemas de racismo em Portugal.

I – Lembras-te se antes de ires para a instituição tinhas algum acompanhamento, algum processo de promoção e proteção?

E – Não, não...

I – Como é que soubeste que ias para uma instituição?

E – Escolhi, escolhi...

I – Tu optas-te? Lembras-te do processo?

E – Lembro, aquilo foi, a minha tia adoeceu, pronto, aaa, na altura ela ponderou eu ir para casa de alguns dos meus tios, e eu também foi coisa que eu nunca quis...

I – Que idade tinhas, lembras-te? Ou em que ano andavas?

E – Ah, na escola acho que andava no 5º ano digo eu, acho que andava no 5º ano, sim, já andava na JB, andava no 5º ano, se calhar não sei 11 anos paí...aaaa, e pronto foi, foi aí nessa altura que ela adoeceu, cheguei a ficar com o meu primo mais velho, o meu primo mais velho, o meu primo mais novo já não morava com a minha tia, cheguei a ficar com o meu primo mais velho enquanto ela estava no hospital, porque ela esteve muito tempo mesmo internada, aaaa, só que entretanto pronto, a minha tia achou que aquilo não era... pronto, não era o que chegasse, até porque ele trabalhava, e tudo mais e eu acaba por fazer a minha vida um bocado, pronto, era novo de mais para as responsabilidades que já tinha que ter, pronto... as opções que haviam ou ia para uma, pronto para uma casa social, ou pronto, na altura nem se falava em casa social, era uma casa para acolher algum miúdo, ou então ia para a família do resto dos meus tios, que pronto foi sempre a opção que eu nunca quis.

I – Porque é que nunca optas-te ficar com os teus outros tios?

E – aaaa, nunca os vi assim bem como família, foram daquelas pessoas que também, quando o meu pai adoeceu e tudo mais também nunca quiseram ajudar, eu embora fosse muito miúdo, sempre me apercebi, que não...

I – A ida para a instituição tu foste a tribunal?

E – Não, não, não, não sei explicar ao certo o processo porque era pequeno, sei que na altura a minha tia andou a ver, eu ia com ela e tudo, e, e, pronto, e víamos as condições das casas e tudo mais, cheguei a ir até à casa do gaiato, lembro-me desse, lembro-me bué da bem, que eu disse logo não, isto não, para isto, minha nossa, tá quieta... aaaa, fomos a mais uma casa, acho que aquilo era FV, uma coisa qualquer, já não me lembro muito bem, pronto e depois quando viemos a esta aqui...

I – Sem vocês os dois, ou lembras-te de ser acompanhado mais alguém, algum técnico?

E – Não, não, não só nos os dois, só nos os dois... aaaa, pronto, fomos até aqui, e depois eu lembro-me bué da bem, quando foi no internato, foi aí que a minha tia fez lá o pedido paraaaaa, pronto, para ver se eu podia ficar lá ou não, e aí eu acho que até tive que assinar alguma coisa, já não me lembro, mas eu lembro-me que até tive ali uma pequena reunião. Depois passado pouco tempo, pouco tempo, não sei dizer se foram muitos meses, mas foi pouco tempo, aaaa, prontos, a minha tia disse-me que então eu ia para lá, comecei a passar primeiro, passava, comecei primeiro uns dias, voltei para casa da minha tia, depois comecei a ficar tipo durante, durante a semana, a minha tia ia buscar-me para passar uma noite ou duas, aaaaa, e aos fins de semana ia para casada, depois prontos, chegou uma altura que só comecei a ir aos fins-de-semana, e pronto, acabei por ficar, normal, igual a maior parte dos miúdos.

I – E a entrada na instituição, consegues descrever o primeiro dia.

E – Opa lembro-me, lembro-me, lembro-me, o primeiro dia, epá, pronto, também era miúdo, embora aquilo fosse assim um bocado chocante, aaa, o final do dia, no final do dia lembro-me que até não desgostei porque acima de tudo, qualquer miúdo com 10 ou 12 ou até mesmo 15, chega a um sitio com 50 ou 60 miúdos epá, tipo, é brutal, e agente nem sequer se lembra o que se está a passar na realidade, mesmo.

I – Lembras-te como foi o processo de acolhimento? Quem é que te recebeu?

E – aaa, pronto, na altura foi até mesmo a diretora da casa...

I – Foste com a tua tia?

E – Sim, sim, sim, mas depois quando foi para, para começar a interagir na casa, aí lembro-me que já fui só eu, a diretora e na altura foi depois a educadora que acabou por ficar mesmo a minha educadora, e pronto começou a mostrar-me a casa, a apresentar-me os miúdos, essa coisa toda, depois lembro-me que fui almoçar e depois à tarde, foi quando comecei a interagir com os miúdos eeee, os miúdos, havia pessoal bem mais velho que eu na altura...

I – Como era a receção, eles recebiam bem os miúdos novos?

E – Depende, depende, depende, havia miúdos que aquilo era 5 estrelas, brutal, tipo mais um e o caraças, altamente, mas havia, pronto, havia sempre deles um bocado assim mais doentes da cabeça.

I – Elas tinham que idades?

E – aaaa, eu acho que na altura quando cheguei era dos mais novos, era se calhar vá daquele, vá daquele, olha aquilo estava dividido por andares, oh melhor, eram dois andares, um dos andares, metade do andar era para o pessoal mais velho, já a partir dos 17 até aos dos 20 eeeee, e depois o outro era aquela parte mais adolescente, vá, não sei, talvez dos 14 aos 16/17 e depois o piso de baixo era mesmo só os mais novos. Eu estava no piso de baixo, lembro-me na altura que até já era dos mais velhos, mas era se calhar havia miúdos sei lá, se calhar entre os 7 e acho que na altura o mais velho deveria ter 24 anos, se não me engano.

I – Optas-te por ir para a instituição, a instituição correspondeu às tuas expectativas?

E – Sim, sim, correspondeu...

I – Achas que aquilo que foste à procura encontras-te na instituição?

E – Sim, correspondeu.

I – Tu referiste que ficaste com uma técnica, haviam vários técnicos e cada criança tinha uma técnica de referência ou havia um técnico por área, tipo um para a escola, outro para a saúde?

E – Ah, sim, nós tínhamos, vá, era como se fosse a nossa mãe lá dentro, a nossa encarregada de educação, exatamente, o nome era esse, aaaa, depois havia claro, havia mais pessoas, havia as monitoras, faziam aqueles trabalhos mais banais, com os miúdos tipo roupa, cama, andavam a ver como é que o pessoal andava, a, a, a, a, havia também, pronto... não sei já quantas, mas para aí umas 3 professoras e auxiliares para, para, para a educação, aaaa, pronto, depois cada sitio, havia a parte das cozinheiras, da roupa, pronto tudo isso.

I – Vocês tinham tarefas?

E – Aaaaa, tínhamos, tínhamos, mas por acaso, hoje vendo bem até tínhamos muito poucas para o que... o que devíamos ter, mas tínhamos.

I – Descreve um dia normal na instituição?

E – Um dia semanal? Semanal... epá, deixa-me lá ver, epá, era... Levantar, higiene, vestir, aaa, comer, voltava outra vez ao quarto, aaaa, fazer camas, tudo mais...aaaa preparar as coisas para levar para a escola, descer, passava na sala da educadora, que a sala da educadora é sempre cá em baixo na saída, passava na educadora, dizia bom dia,

se houvesse alguma coisa, algum recado para dar se não houve, e pronto, depois ir para a escola... escola, normal como qualquer escola, voltava da escola, era um bocado o inverso, vá, passava na educadora, recados não há, pronto, voltava para cima, banho, epá, brincava, fazíamos o que tínhamos a fazer, se tivéssemos que limpar o quarto, se tivéssemos que... pronto, jantar, a seguir ao jantar, pronto, o pessoal entretia-se, fazia alguma coisa, ou...

I – Vocês tinham acompanhamento a nível dos trabalhos de casa, explicações?

E – Sim, sim, sim, exatamente, exatamente, quando chegávamos da escola também havia essa coisa, tínhamos então que ir à sala da ... pronto à sala de estudo, exatamente, o nome era mesmo esse a sala de estudo. Tínhamos que ir à sala de estudo, se lá tivesse a professora ou as auxiliares agente mostrava os cadernos e isso tudo, pronto, isso depois também era um bocado consoante as idades. Depois de chegar a uma certa idade, às vezes já nem sequer lá punha os pés, ya, ia direto ao meu quarto, fazia o que queria, às vezes fazia os trabalhos outras nem por isso...

I – E não tinhas controlo se não fosses estudar...

E – Tinha, tinha, tinha controlo, tinha controlo, se descobrissem que não... pronto, que agente não andasse a fazer as coisas, havia sempre, havia sempre algum castigo, quanto mais não fosse era a semanada que ia a menos, ou então chegava altura de comprar roupa e se calhar... cortavam o plafon...

I – Mas vocês tinham semanada?

E – Tínhamos, tínhamos, agora não sei dizer ao certo...

I – Era fixa? Igual para todos?

E – Não, havia prémios, havia prémios...aquilo, opa, isto houve várias fases, mas a semanada servia, a semanada embora fosse pouca, era, foi, era a maneira que a diretora da casa tinha de implementar alguma, alguma regras, porque quase todos os miúdos, havia lá muito poucos, havia lá um ou outro, embora se só visse o pai uma vez de ano a ano tinha sempre dinheiro aaaa, mas a maior parte dos miúdos a semanada contava sempre para tudo, valia, embora fosse pouco, aquilo contava para tudo, então tipo... faziam esquemas com escola, com a maneira como deixavas o quarto arrumado, tudo contava para a semanada.

I – Havia mais algum tipo de castigo quando vocês não cumpriam as regras?

E – aaaa, havia, havia, havia um por exemplo que era ir ajudar para a cozinha, isso por exemplo não era um tarefa... nem sequer era mesmo tarefa, no máximo se fosse era para ajudar com a loiça, isso era uma das tarefas, agora ajudar mesmo na cozinha, a limpar a cozinha toda e isso, isso já era o castigo.

I – Quais eram as tarefas que te lembrás que tinham de fazer regularmente?

E – Quartos, pronto, essa da cozinha, que já nem me estava a lembrar, que era a zona dos pratos, ajudar a cozinheira a servir, aaaa, tinha tipo como se fosse uma cantina, pronto, o pessoal chegava levantava o tabuleiro e, no final, entregava lá o tabuleiro, e era isso, ajudava-se a montar o tabuleiro para o outro levar e ajudar depois as desmontar os tabuleiros para por a loiças nas máquinas e tudo mais, pronto, isso era uma delas, era quartos, era a limpeza dos pisos, também havia, também havia uma escala que ia rodando por quartos, se eu não me engano... aaaaaaa, casas de banho, mas isso acabava também por ser pelos pisos...o exterior também rodava, havia uma escala de limpeza aos fins-de-semana, aos sábados aquilo também ia rodando, já não me lembro bem se era por pessoas, se era por quartos, pisos, era uma coisa assi, do género, já não me lembro muito bem, já passou alguns anos. Eeeee, acho que não, não me lembro mais de nada.

I – Vocês em termos de atividade tinham atividades fora da instituição?

E – aaaa, eu apanhei duas fases daquela casa, apanhei duas fases daquela casa, apanhei uma fase que era 5 estrelas, na altura em gerido pela Segurança Social, essa fase aí foi 5 estrelas, depois apanhei outra, uma fase que já era gerida por uma Fundação. Aquilo a Fundação ganhou um concurso, a Segurança Social, quando se começou a desfazer destas casas, uma das Fundações ganhou o concurso e, entretanto, deixou de haver um bocado dessas atividades, antigamente havia bastantes. Nós tínhamos tudo, até hipismo havia, só não fazia, só não fazia quem não queria, nós tínhamos um bocadinho de tudo, mas, mas... mas depois quando veio então essa Fundação, ou não havia quase nada ou então o pouco que havia eram aquelas coisas, pronto... a que o pessoal não despertava grande interesse, era mesmo, era mesmo, às vezes só havia para encher ali o horário e dizer que se fazia ali alguma coisa... mas os meus primeiros anos...

I – Então tu entras com a Tutela da Segurança Social, digamos assim, e quando saís está outra organização responsável pela instituição?

E – Sim, exatamente.

I – Consegues dizer-me quais as diferenças que ocorreram com esta mudança?

E – As diferenças... as diferenças, ...

I – Uma foi das atividades, como acabaste de referir?

E – Sim, se bem que eu acho que não seja importante, é importante, mas por outro lado isso é só uma regalia, aaaa, um exemplo, aaaa, no tempo da SS¹, havia uma coisa que era bastante, bastante bom, que era o quê, nós embora fossemos miúdos e tudo mais, tínhamos pessoas com idade e que já sabiam, já estavam mais que habituadas, estavam batidas naquilo, já tinham não sei quantos filhos, já tinham, sei lá, pronto já sabiam como é que a coisa gastava.

I – Em termos de funcionárias?

E – Exatamente, em termos de funcionários. Pronto, eeeee, o respeito ponto numero um é outro, não há hipótese, é outro, e são pessoas que sabem, apanham, apanham logo, se vão falar com miúdos de 10/15 anos apanham nos logo ali na primeira curva, eeee, depois, quando veio então essa Fundação apanhávamos pessoas se calhar na média de idades era entre os 20 e os 30 anos, se havia se calhar de duas pessoas com mais de 30 anos se calhar era pouco.

I – Achava que essas pessoas não tinham tanta experiência para vos ajudar e orientar?

E – Não, não tinham... não tinham, não tinham...

I – Aí houve alteração de regras, o funcionamento da casa...

E – Houve, houve, houve alterações, porqueeeee, aquilo foi, primeiro, inicialmente veio a diretora, ainda com a SS para fazer aquela fase de habituação, então depois entrou toda agente... pronto foi aquela mudança drástica.

I – Vocês sentiram muita alteração a nível de Recursos Humanos nessa altura?

E – Houve, houve, houve, houve quase tudo, só ficou lá quem quis, pronto, só ficou lá, acho que a SS deu a opção a quem quisesse ficar... ficava, pronto, e ficou muito pouca gente, muito pouca gente...e os poucos que ficaram foram até pessoas que na altura, essa diretora já sabia, pronto, como via o funcionamento da casa antes, eram pessoas

¹ SS – Segurança Social

que ela sabia que iam fazer mesmo bastante falta, aaaa, ai se calhar se ficaram 4 pessoas foi muito.

I – Tu tens dois momentos o período da SS e pós SS, tu tens alguma pessoa que fosse a tua pessoa de referência? Se tivesses algum problema com quem falavas?

E – aaaa, mas aaaa, mas como.... Espera, nas duas?

I – Como houve uma alteração tão drástica...

E – Sim, sim, sim...

I – Na tua vida, imagina olhares para trás, quando tinhas algum problema recorrias a quem. Tinhas uma pessoa de referência, não tinhas...

E – Aaaa, não tinha.

I – Não tinhas ninguém que se precisasses ias falar com aquela pessoa?

E – Não, não, não...

I – Nunca te identificaste com uma pessoa específica.

E – No tempo da SS tinha, tinha, a minha educadora, embora lhe tivesse bastante respeito, era uma pessoa que já me conhecia eeee, pronto estava disposta, aaaa, pronto sabia, sabia quando é que eu precisava. Também era a tal coisa, aí a idade era outra, era uma pessoa se calhar com quase 40 anos, aaa, mas pronto estava mais que habituada a trabalhar com miúdos, eu nem precisava de dizer nada, a forma como eu chegasse a casa e a fosse cumprimentar ela já sabia que se passava alguma coisa, mas depois disso não, depois disso não, nunca mais tive ninguém assim de referência.

I – Tu sentias que tinhas mais proximidade, mais relação com os funcionários da SS, e depois conseguiste manter com a entrada dos novos funcionários?

E – Ainda hoje tenho, tenho uma boa relação com esses funcionários que eram dos tempos da SS, aaa, pronto, e das pessoas todas que entraram no tempo da Fundação... não vou dizer que não as cumprimento e não falo com elas na rua, falo, mas nunca, nunca vou ter a mesma ligação que tive com qualquer uma dessas pessoas da SS.

I – Tu consegues precisar o tempo que tiveste enquanto SS e depois com a Fundação?

E – aaaa, sei, sei, sei mais ou menos, a Fundação tive 3 anos, acho eu, 3 anos, acho eu, acho que foi isso, se não me engano foi isso...

I – O restante período foi sob tutela da SS, acabando por a maior parte do tempo ser anterior à Fundação.

E – Sim. Eu não, eu não tive mais, foi uma das coisas que me fez, fez desistir daquela casa foi mesmo isso, foi... eu saí daquela casa aos 17 anos, aos 17 anos pedi uma autorização do tribunal para sair mais cedo, sem ter a maioridade, pronto, foi mesmo porque já não aguentava, já não aguentava a casa, já não...

I – Porquê? Consegues explicar?

E – Opa não sei, se calhar o problema era mesmo esse, era não ter ninguém, ninguém com quem me identificasse, que me orientasse, aaaaa... Opa não, não, não me sentia bem, não, embora me desse bem com a maior parte de todo o pessoal que lá estava dentro, mas a... pronto, eu vi uma casa, que aquilo... nós chegávamos por exemplo ao final do ano letivo, e víamos, pronto, havia, aqueles prémios para o pessoal quase todo, o pessoal tinha algum gosto em, em estudar, quanto mais não fosse fazia-se sempre os mínimos, e eu agora para o fim quando eu via aquela casa, já era diferente, era... era se calhar em 30 havia se calhar 10 que faziam os mínimos, o resto já nem isso fazia...

I – Mas as recompensas e os apoios saíram?

E – Já não, isso já nem havia, mas acho que a questão não era essa, era... pronto, o pessoal se não cumprisse, ouvia, era castigado, por exemplo, as regalias que havia antigamente deixaram de existir, se calhar também, se calhar também faziam diferença... aquilo era, tu estudavas, fazias tudo bem, pouco mais ganhavas que o outro que não fazia nada da vida. Epá isto na altura é um bocado um jeito infantil, um jeito infantil...

I – Até porque são idades complicadas, não é?

E – Sim, sim e depois ali apanha-se, apanha-se miúdos que também... se calhar a medida de sanidade mental ou entrar dentro da casa, se calhar, se calhar, fui dos mais santos que ali entrou...

I – Como era a tua relação com os teus amigos? Vocês eram uma casa só de rapazes?

E – Sim. Opa tive fases, tive fases... tive fases em que me dava bem com toda agente, tive fase que me dava bem com dois ou três, tratava os outros todos muito mal, aaa

I – Mas havia muito conflitos na casa e entre vocês?

E – Há havia, havia... eu só desmaiei uma vez à porrada dentro daquela casa.

I – Mas muitas vezes?

E – Todos os dias, todos os dias... se não houve havia problemas sérios dentro daquela casa, alguma coisa se passava.

I – Esses episódios depois eram trabalhados, analisados, geridos com os técnicos? Havia estratégias para eliminar esses comportamentos?

E – Isso também foi umas das diferenças, umas das diferenças que houve, pronto quando era o tempo, o tempo então dessa, da SS, o que é que a SS fazia?, usava do pessoal mais velhos para manter a ordem e ao mesmo tempo para não ter que entrar em conflito, educadora-educando, então o que é que fazia?, por norma o pessoal mais velho naquela altura estava todo orientado, a casa fazia tudo para que o pessoal a partir dos 18, 20 anos, já, pronto, já tivesse, já toda gente tivesse terminado os estudos, já tinha arranjado trabalho como deve ser e, então, por norma esse pessoal é que metia a ordem, pronto se havia confusões, se havia, se alguém andasse à chapada, aparecia sempre um desses mais velhos e pronto, pronto, já não havia hipótese, ou a coisa parava ou então ele dava conta do assunto na hora.

I – Mas também com recurso à violência?

E – Às vezes era, às vezes era...

I – Estas pessoas mais velhas, algumas delas foi a tua referência?

E – Há tinha, tinha, tinha, tinha, tinha, tive bastantes, quase todos, quase todos, aaa, quase todos me dava bem e. eeeee, e gostava, gostava de ver, por exemplo, tinha um, tinha lá um rapaz que ele, ele teve bastantes problemas, estava lá, eram 3 irmãos, teve bastantes problemas na, pronto, quando eram pequenos e, ele na altura era o irmão mais velho, até tinha tomado conta dos outros dois e não sei que mais, eu não sei bem a história, mas sei que foi mais ou menos algo assim do género, eles estudou, fez um curso de moldes e tudo demais, eu na altura lembro-me que ele já estava muito bem a trabalhar, tinha dois trabalhos, ainda estava em casa e tinha dois trabalhos, já estava a fazer uma conta poupança, porque ele começou a trabalhar aos 18... exatamente, aos 18 anos e depois a casa permitiu que ele ficasse lá até aos 21, até aos 21 anos a angariar dinheiro para ter uma saída estável. Aaaa, e pronto, já tinha a carta, já tinha carro, pronto já estava a estabelecer a vidinha dele toda para quando saísse de ali para fora,

já pensava em casar-se e casou quando saiu da casa e tudo mais, aaaa e tinha muitos... tinha, sei lá... todos, todos que estavam lá naquela altura, todos já tinham acabado os seus estudos, já estavam com trabalhos fixos, estavam, todos bem, todos bem.

I – Sentes que foste alguma vez referência para os mais novos?

E – Aaaa, se calhar não, proteger isso sempre, proteger isso sempre, naquela casa isso não há hipótese, há sempre um mais velho que protege o mais novo, sempre, porque há sempre uma afinidade, há sempre uma afinidade, isso aí todos... e o mais novo que não tiver um mais velho que o defenda... das duas uma, ou anda sempre naquela linha ou então, ou então, quando tiver problemas leva sempre no focinho, a coisa é um bocado assim.

I – Tu estiveste sempre na mesma instituição?

E – Sempre, sempre, sempre...

I – Na altura em que estives-te acolhido tinhas relação com a família, neste caso com a tua tia?

E – Tive e deixei de ter e voltei a ter e deixei de ter...pronto aquilo...

I – Por opção?

E – Epa um gaijo era miúdo, não é, e as vezes não compreendia bem as coisas, às vezes bastava se calhar um fim-de-semana que eu já estava a fazer conta que ia a casa, aaaa, se por acaso não fosse e depois se por acaso o outro fim-de-semana a seguir não fosse, pronto, era a tal a coisa, agente não compreende o que é a vida, o que é que é o trabalho, o que é que é o dinheiro, eeee, pronto.

I – Tu nessa altura esperavas, quase sempre, ir o fim-de-semana a casa era isso?

E – Sim, sim, sim...

I – Tu gostavas de ir nessa altura a casa da tua tia, aos fins-de-semana?

E – aaaa, gostava, gostava, gostava, epá quanto mais não fosse saía um bocado, mudava um bocado de ambiente, às vezes, nem todos os fins-de-semana, havia fins-de-semana que eu gostava de lá ficar, por exemplo se houvesse uma boa atividade, ooo, se o pessoal combinasse alguma coisa porreira, às vezes, eu próprio chegava lá em baixo e pedia para ligar e dizia à minha tia, que este fim-de-semana queria ficar, ou ia mais tarde, ou para me vir buscar só no final de sábado em vez de sexta, alguma coisa assim.

I – Vocês tinham atividades diferentes ao fim-de-semana?

E – Aaaa pronto, era a tal coisa, nem sempre era as mesmas coisas, por exemplo no verão era quase sempre a mesma coisa, ó praia, ou maripark, isso pronto, na altura da SS, tínhamos uma colónia, colónia, tinhas colónias de férias mesmo, e chegamos a fazer muita vez um campo que era no Algarve, Albufeira, mesmo, por acaso era um campo brutal, aaaa, epa pronto sei lá...

I – Diz-me uma coisa, me termos da escola na instituição, como corria?

E – Como assim na instituição?

I – Na casa da tua tia a escola corria bem, e quando vieste para a instituição? Como foi a mudança de escolas? Sentiste dificuldades?

E – Epa correu bem, por acaso...

I – Sentiste alguma coisa, tiveste dificuldades de integração?

E – aaa, não, não, não...

I – Lembras-te em que época do ano vieste para a instituição? No meio de um período escolar, no início do ano?

E – Setembro, setembro, entrei em setembro.

I – Entraste na instituição para depois quando iniciasse o ano letivo já estares lá.

E – Exatamente, em setembro, entrei praticamente no início do ano letivo, até tive pouco tempo sem livros e tudo.

I – Correu bem, sentiste alguma diferença?

E – Correu, correu, correu, correu, depois também havia uma coisa que era 5 estrelas, eu por acaso, eu lembro-me, que não tinha ninguém do internato na minha turma, estava sozinho, aaa, mas pronto quanto mais não fosse tocava o sino eu chegava cá fora e pronto, eramos bastantes, pelo menos sozinho na escola, se calhar, ou seja o espaço de recreio, por norma onde os miúdos têm mais problemas em se adaptar, pronto, eu estava... ao final de uma semana é como se já andasse a estudar naquela escola há anos...

I – Os teus colegas de escola tinham conhecimento que estavas numa instituição, alguma vez sentiste que fosses tratado de forma diferente...

E – AH, houve, houve, houve, havia bastantes problemas, ainda por cima aquilo era uma casa bastante famosa, houve, houve, houve sempre problemas. Epá, se calhar chegue a ter algum... também havia pessoal que não sabia bem o que é que falava, até sou capaz de dizer que na escola onde eu andava grande percentagem da escola não conseguia ter metade da vida que eu tinha nessa altura... embora eu tivesse numa casa social, havia muito gente que passava muita necessidade, opa, mas pronto havia sempre aquela coisa, estás no internato e não sei quê...

I – Mas sentias que os teus colegas, as pessoas da tua turma, os professores te tratavam de forma diferente?

E – Na minha turma não me lembro, não me lembro, de alguma vez ter tido, não me lembro, até porque as pessoas da minha turma eram aqueles com que eu mais, com quem eu mais, sempre me dei, até porque eu na escola levei sempre o mesmo pessoal da turma até, até, até me vir embora, epá sei lá.

I – E em relação aos professores sentiste que te tratavam de forma diferente?

E – Não 5 estrelas, 5 estrelas.

I – Em relação à ligação escola- instituição, havia relação?

E – Bastante, bastante, isso aí é uma daquelas coisas que por muito que um pai e uma mãe consiga, nunca consegue ter a mesma ligação que tem uma casa destas, pelo menos na altura quando foi da SS. Aaaa. Pronto é o trabalho deles, estão ali um dia inteiro, só fazem aquilo, pronto, não escapava nada, nada...

I – Em termos de saúde, sentias que a instituição vos proporcionava todas as vossas necessidades?

E – Sim, sim, sim, sim, isso aí tanto a segurança social com até mesmo na altura da fundação, não houve problema nenhum.

I – Vocês na instituição tinham professores e outro tipo de funcionários, psicólogos, etc.?

E – Ah sim, sim, sim, tínhamos sempre uma psicóloga, a tínhamos uma psicóloga, tanto no tempo da SS como da Fundação, só mudou...

I – Tinham animadores, educadores, que trabalhavam convosco, que faziam atividades?

E – Animador, só tínhamos uma, só tínhamos uma animadora, pronto. Ela era animadora e durante o dia sei que fazia lá mais um trabalho qualquer de escritório, não sei o que é que era. Aaaa, depois os monitores que faziam os turnos da noite, as educadoras sociais mesmo, não trabalhavam à noite, podiam ir lá se houve alguma coisa, mas não, não trabalhavam à noite, e ao depois, mesmo durante o dia, havia sempre pelo menos um monitor de serviço e os monitores acabavam por ser sempre um bocado poli valentes, até havia monitores que, embora fossem monitores, sabiam fazer outras coisas, eram formados noutros cursos quaisquer, alguns eram mesmo animadores, chegamos até a ter um que era mesmo palhaço e tudo (risos)

I – Hoje quando olhas de fora o que consideras que está mal no acolhimento ou o que correu mal? O que achas que devia ter e não teve ou que até já teve, mas depois perdeu-se?

E – O que eu acho... quando eu entrei na altura que aquilo era SS eu acho que, aaaa, se calhar havia alguma coisa que se podia mudar?, se calhar podia, mas pronto, ninguém é perfeito e é impossível as coisas correrem sempre a 100%, acho que naquela altura aquilo era 5 estrelas, 5 estrelas, no tempo da Fundação, se calhar a culpa foi também um bocadinho, devido à SS na altura, pronto devia ter pensado melhor na altura, pronto na altura que se livrou da casa, e a Fundação quando pegou naquilo a equipa se calhar não foi escolhida de uma maneira como deve ser... epá...

I – Achas que nesta casa o papel dos técnicos e do pessoal que trabalha são os principais fatores de sucesso e insucesso.

E – São, são, são, porque uma coisa é certa, uma casa até pode não ter recursos nenhum, até pode ter muitos maus recursos, nós por exemplo fazíamos muitos intercâmbios com outras casas de, e eu conheci pessoal que estava em casas que se calhar tinham muito menos regalias que nós, aaa, se calhar... muitos deles às vezes até mesmo para giletas tinham que roubar, eu conheci pessoal que estava em casas em L epá eles não tinham nada, tinham o comer e pouco mais, mas se calhar, pronto eles sabiam onde estavam , a própria educadora e monitora e tudo mais, sabia o que é que era, dizia-lhes que as coisas eram assim, não lhes omitia, não lhes prometia nada, eeee, e pronto eu vi que muitas vezes nessas casas assim, onde até as condições eram piores, mas as pessoas sabiam lidar com... pronto, com os miúdos e jovens que tinham, as coisas às vezes corriam melhor.

I – O que é que tu mudarias?

E – O que é que eu mudaria?

I – Se tu hoje fosses aquele miúdo de 11 anos e se perguntassem queres ir para a instituição?

E – aaaa..

I – Tu mudavas?

E – Não, não mudava.

I – Tu durante o teu percurso...

E – Eu hoje se mudasse preferia ter ido para lá logo quando o meu pai morreu.

I – Diz-me uma coisa, o tempo que tiveste em instituição os adultos ouviam a tua opinião?

E – Sim.

I – Tu ires a casa ou não ires ia de acordo com as tuas vontades?

E – Não, não, não elas nunca se quer me obrigavam a ir a casa, nunca, por exemplo, se a minha tia, isso por acaso era uma coisa que a casa sempre funcionou bem... a minha tia até podia ter acabado de chegar à porta estava tudo combinado, mas por acaso o miúdo dissesse não, afinal não quero ir, pronto, a voz dele ali é que mandava em tudo.

I – Tu lembras-te se o teu processo decorreu em tribunal? Lembras-te de ir a tribunal ou a proteção de menores?

E – Não, fui a tribunal já depois de estar no internato, já depois de estar no internato, mas foi... pronto, porque no final de não sei quanto anos eu tive outras vês a tribunal para fecharem então o processo, porque... eu quando fui para o internato a minha tia, pronto, era minha tutora legal, pronto, havia ali uma coisa qualquer que, ela era a minha tutora, mas uma espécie, tinha cedido temporariamente, porque eu fui em fase de adaptação, aaa, e na altura era porque ela estava doente, depois então acabei mesmo por lá ficar, até porque eu depois eu habituei-me aquilo e a minha tia viu que eu gostava, que eu gostava, que eu gostava da casa.

I – Houve alguma altura durante o percurso que te perguntaram se querias voltar para casa?

E – Não, não, não, não.

I – Qual foi o momento do acolhimento que mais te marcou? Algum episódio? Alguma situação?

E –

I – O que é que gostavas mais de fazer no acolhimento?

E – Epá... o episódio que mais me marca ali é... sei lá... sei lá...

I – Qual foi a coisa que mais gostaste de fazer ali na instituição?

E – Epá muita coisa, muita coisa, houve ali muito momento, epá... muita coisa que nunca se ade esquecer... epá sei lá... é uma pergunta muito difícil, não é difícil, epá só que... tenho que me lembrar assim... assim...

I – E se for o momento mais difícil?

E – O momento mais difícil, mais difícil, foi... se calhar, não sei... se calhar... quando entrou a Fundação nós tivemos ali uma altura, tivemos até um dos rapazes, era mais velho que eu, mais velho uns 3 anos, aaa que ele tentou, andou, até andou aí a fazer uma petição com placard e tudo na rua a pedir para voltar então a SS. E nessa altura eu lembro-me muito bem que custou, essa altura custou-me, custou bastante porque foi então aquela altura que eu começava a chegar a casa, e se tivesse problemas na escola, com miúdas, pronto com tudo e então era aquela altura em que começou a entrar aquele vazio... pronto, embora uma pessoa fosse tão pequena já tinha que ser tão grande dentro de uma casa daquelas... essa altura custou-me bastante, custo-me bastante, custou, foi uma altura que me custou bastante, aí foi tipo, parece que de um dia para o outro, embora tivesse na mesma casa, parece que tinha sido abandonado para ali.

I – Fala-me da saída do acolhimento.

E – A saída... epá a saída foi... a saída foi, pronto, foi um dia desses que eu cheguei a casa assim meio... meio aluado e pensei cá para mim, epá o que é que eu estou aqui a fazer... eu não, eu vou-me embora daqui, e eeeee, foi, fui ao gabinete da diretora, havia um papel para se preencher para sair da instituição... e eu preenchi o papel, às três pancadas e disse-lhe, olha eu quero ir-me embora, vou arranjar trabalho e depois vou para a tropa, pronto.

I – Tu na altura fazias o quê?

E – Na altura, na altura

I – Estudavas, trabalhavas?

E – Na altura tinha feito um curso de eletricidade e ia começar a, ia começar outro curso de eletricidade também para fazer 12º, pronto e foi assim.

I – O que é que te motivou a sair da instituição?

E – O que é que me motivou?

I – Sim, porque é que não querias estar lá?

E – Estava farto, estava farto, estava mesmo farto.

I – Dos colegas, dos...

E – Não, do sistema da casa, do sistema da casa, por exemplo, aí lembro-me que eu quis falar com a diretora da casa, aaaa, e tive, isto foi verdade, tive 3 semanas, todos os dias batia à porta de manhã, batia à porta à noite, das duas uma ou não estava ou estava ocupada.

I – Sentias que desde que a Fundação entrou a relação com vocês tinham...

E – Ah não, aquilo para falar com a diretora da casa, é aí ui meu deus, era preciso fazer um requerimento, acho que mais facilmente falávamos com o Presidente da Republica.

I – Conta-me mais ou menos, assinaste o papel e depois, o que é que te lembras?

E – Depois lembro-me que, não sei quê, aaaa, mas para, para, eu na altura para assinar esse papel tinha que ter alguém que assumisse a minha responsabilidade até eu ter 18 anos, e eu tinha que apresentar um trabalho ou coisa assim do género, ou, ou um projeto para fazer alguma coisa, aaa, e foi então que recorri à minha tia. Recorri à minha tia, e disse-lhe a ela, que até, ia para casa dela e ficava-lhe a dar, na altura já não me lembro, ficava a dar-lhe cento e tal euros por mês

I – Nessa altura tinhas relação frequente com a tua tia?

E – Não, não. Nessa altura nós já tínhamos tido um episódio um bocado mau, porque foi naquela altura que eu me desliguei um bocado da minha tia, e ela se desligou um bocado de mim, ela nessa altura já tinha tido uma relação com um outro homem e, aí eu senti, pronto, fiquei ali um bocado...

I – O teu tio já tinha falecido nessa altura?

E – Não, não, ainda não, ainda não. E nessa altura senti que a minha tia, pronto, quase que já não me tinha, já não me dizia nada, pronto e tivemos aí tivemos se calhar aí um ano sem nos falarmos, pouco antes da minha saída tivemos para aí um ano sem nos falarmos. Pronto, e depois voltamos a falar-nos, mas nunca mais foi a mesma relação.

I – Quando precisaste dela para sair da instituição ela apoiou-te?

E – Sim, quando eu lhe fui pedir isto ela apoiou-me.

I – Foste para casa dela novamente?

E – Sim, sim, sim. Fui para casa dela, tive, lá não sei quantos meses, mas também não foi muito, não foi muito.

I – Mas a trabalhar?

E – Sim, sim, na altura trabalhava numa, numa oficina de pneus.

I – Lembras-te se nesta transição de sair da instituição e ir para casa dela tiveste muita dificuldade em encontrar trabalho?

E – Não, não, não, não. Encontrei logo. Lembro-me que na altura não tinha assim nenhum grande ordenado, também era um miúdo com 17 anos, nunca tinha trabalhado, pronto, fui lá para essa oficina, tive lá algum tempo, e nisto, quando sai inscrevi-me logo para a tropa, tinha 17 anos.

I – Quando saís já tens como projeto de vida entrar na tropa?

E – Exatamente, foi mesmo, foi mesmo. E, sim, não se eu não tivesse entrado na tropa por algum motivo, tinha-me corrido tudo muita mal, não sei onde é que tinha ido parar. E pronto e foi assim.

I – O que é que tiveste de fazer para chegar à tropa.

E – Concorri, tive que ter uma autorização do internato também, porque eu até fazer 18 anos estava em casa da minha tia, mas.... Aaaa, o internato geria na mesma o meu processo, aaaaa, eeee, tive de pedir uma autorização ao internato para poder ir para a tropa antes de ter os 18 anos, aaa, inscrevi-me e tudo, acabei por só engrenar num curso quando já, já depois de ter 18 anos, tinha acabado de os fazer, e pronto, foi assim. Fiz os testes normais e correu tudo bem não tive problemas nenhuns.

I – Nesta altura quem era o teu apoio.

E – Nessa altura o meu apoio, o meu apoio, se calhar era, já era um bocado a minha namorada.

I – Nesta altura, nestas decisões de saíres da instituição tu já tinha uma namorada.

E – Já, já, já, mas atenção nessa altura, quando foi para eu sair da casa ela nem sempre foi da mesma opinião, aaa, pronto, ela depois acabou por aceitar, um pouco coisa e tudo mais, mas pronto, ela aí até, pronto, fez-me pensar muita vez na coisa. Mas eu pronto decidi assim um bocado às três pancadas, também cabeça jovem...

I – Mas acabaste por sair com um objetivo que acabaste por concretizar?

E – Sim, sim, sim.

I – Qual o papel da instituição na vossa autonomização? O que é que eles faziam para vos preparar para a saída?

E – Pois, essa também era outra, nesta altura já não havia nada. Não havia nada.

I – Tu lembras-te agora no fim de vos prepararem algum projeto de vida juntamente com os técnicos?

E – Nada. Nada. Nada. Agora cada qual inscrevia-se no curso que queria e pronto. Era assim.

I – E chegavam aos 18 anos ou os 21 e iam embora consoante...

E – Aliás, eu cheguei a ver miúdos que chegou-se aos 18 anos e foram postos na rua. Mesmo toma lá a tua malinha o teu tempo acabou.

I – Mas por algum motivo?

E – Não, bastava só por exemplo não estarem a estudar já, e, pronto anda lá que está no teu tempo.

I – E saíam independentemente de terem ou não projeto de vida ou alguém que os acolhesse?

E – Exatamente.

I – Conheces pessoas que saíram de lá e ficaram efetivamente sem apoio?

E – Eu tive, eu tive, e tive que dar casa a um miúdo uma vez uma noite.

I – Porque saiu de um dia para o outro?

E – Ya. Não tinha mesmo nada, nada, nada. Ainda hoje não tem projeto nenhum de vida.

I – Por opção?

E – Epá... as coisas não lhe correram bem, às vezes é sorte, ou vês também... sei lá. Isto cada qual é como é cada qual tem, pronto...

I – Tu alguma vez após a saída tiveste necessidade de recorrer à instituição?

E – Não, não. Nada. Eu tive casos de colegas que saíram e, por exemplo, aqueles primeiros tempos até iam buscar, por exemplo, comidas eeee tudo mais, e eu lembro-me que eu por acaso fiz de tudo, tudo, tudo, tudo, nem que não ficasse com dinheiro nenhum para mim, aquele que trabalhasse fosse, nunca ia lá buscar nada, nada, nada. Eu saí mesmo chateado e eu não queria mesmo mais nada com aquela casa.

I – Neste processo lembra-te se algum serviço por exemplo a SS acompanhava o teu processo?

E – aaaa, não.

I – Não tens perceção disso?

E – Eu lembro-me que na altura eu tive que fazer, tinha que ir à SS, mas eu depois, não sei o que é que aconteceu, ou fui... já sei, já sei o que aconteceu. Na altura a técnica que era da SS, pronto, era, não era a minha educadora, mas era uma antiga educadora do internato, ela saiu do internato, voltou para a SS, e depois calhou a ser ela a mesma técnica que ficou com o meu processo. E depois, pronto, ela, ela já conhecia a minha tia, já, já sabia, sabia de tudo, agente às vezes encontrávamos-mos no café e tudo mais...

I – Tu também a conhecias a ela?

E – Sim, sim, sim, dava-me muito bem com ela, ainda hoje me dou.

I – Lembras-te do que foste fazer à SS?

E – Sim, sim, sim, fui só falar com ela, mas, por acaso nunca chegamos a ter uma audiência em casa, nunca, nunca, eu até na altura nem me lembro, agora que penso nisso nem sei porquê nunca, nunca, nunca chegaram a ir a casa da minha tia, mas é normal isso acontecer.

I – Quando tiveste com ela, lembras-te se ela te perguntou o que é que tu querias?

E – Lembro-me que na altura o que ela me perguntou foi, o que é que eu estava a pensar fazer? Foi na altura em que eu já tinha tudo pronto para ir para a tropa e tudo mais. Se calhar foi um bocado isso que nunca mais, ela nunca mais me chateou com isso porque eu já tinha tudo, tudo pensado na cabeça.

I – Em que fase da tua vida é que és tu que comesas a tomar as decisões e comesas a traçar o teu caminho?

E – Ah foi logo a seguir, foi logo a seguir à SS se ir embora.

I – Tu apercebeste que tu é que tinhas de traçar o teu caminho sozinho?

E – Ah sim.

I – Sem qualquer apoio ou retaguarda?

E – Isto é por exemplo um exemplo, aquela coisa que eu disse que... que no tempo da Fundação toda agente fazia o que queria, escolha de cursos e tudo mais, no tempo da SS não era assim. Não era assim, havia aquelas certas vagas, as educadoras iam ver quais eram as vagas que haviam e depois analisavam o miúdo e analisavam a saída de trabalho, e elas por exemplo, se houvesse um curso, por exemplo, sei lá, para ... para jardineiro, se houvesse um curso para moldes diziam-te logo só há vaga para moldes, pronto.

I – Acabavam por vos ajudar a orientar o vosso futuro profissional?

E – Exatamente. E se agente disse não, não eu quero ir para jardineiro, sei que, elas diziam-te logo, não, não vais. Vais para aqui porque se fores para isto não vais ter trabalho.

I – Qual a maior mudança que sentes desde que saíste do acolhimento?

E – A maior mudança... a responsabilidade... responsabilidade, responsabilidade. Isso foi a maior mudança.

I – O que é que a instituição ajudou a mudar em ti?

E – Em mim, tudo, tudo, tudo. E aí se calhar a fase da fundação ainda me ajudou em bastantes coisas. Que eu sempre desde miúdo sempre fui muito, sempre tinha sido muito bem tratado, nunca, nunca, me tinha preocupado com nada na vida, não... pronto, nunca, não... se calhar eu chegava, hoje se calhar se ainda vivesse com o meu pai ainda não sabia tratar das minhas finanças por exemplo. Não havia nada meu que não fosse eu

que tratasse, sei lá, nunca tive medo de enfrentar nada desde que saí dali se calhar, aaa, quando fui para lá era um miúdo mimadinho, nunca tinha tido problemas nenhuns na vida... chapadas e companhia isso então impossível...

I – Tu lembras-te alguma vez vivenciares na instituição situação de maus-tratos entre funcionários e jovens?

E – Ah sim, isso lembro-me.

I – As situações eram depois devidamente analisadas?

E – Não. Lembro-me de um único miúdo que chegou a haver problemas, mas depois a coisa acabou por não calhar em nada, aaaa, depois inda por cima, isto na altura era da SS. Isto foi um miúdo, já não sei como, ele conseguiu chamar a policia, apareceu lá a policia a perguntar o que é que se tinha passado, não sei que mais, pronto, o miúdo queixou-se que lhe tinham batido e tudo mais, só que ali, entretanto, tinha havido uma troca de, de insultos, já não me lembro quem é que começou e acho que o funcionário deu-lhe uma chapada e o miúdo respondeu e, depois o funcionário meteu um bocadinho na linha, pronto e não sei, foi a única coisa que me lembro. Mas, aaa, lembro-me de haver muita vez, de haver muita vez, aquilo por exemplo se um miúdo por acaso se lembrasse de responder mal ou vai para aqui ou vai para acolá, havia muito funcionário que nem sequer se deixava, pelo menos uma chapadinha, aquilo, levava.

I – Saíste aos 17 anos. O que tens feito até agora. Saíste aos 17 anos, foste para casa da tua tia, foste trabalhar para uma fabrica de pneus...

E – Uma oficina, sim, sim, sim. Tive lá muito pouco tempo, tive lá muito pouco tempo, depois, aaaaa, fui para a tropa, tive lá sete anos, aaaa, entretanto, mal fui para a tropa, comecei...

I – Quando foste para a tropa estavas em casa da tua tia?

E – Estava em casa da minha tia, tive lá o primeiro mês, não... tive lá os primeiros três meses, acabei a recruta, fui logo morar para uma casa. Depois disso, sei lá...

I – Aí já tinhas a tua autonomia financeira, estavas a receber o teu ordenado da tropa...

E – Já, já, já. Também já, eu nessa altura pronto, também me lembro que já tinha casa, se soubesse o que sei hoje nunca tinha alugado uma casa.

I – Foste viver sozinho nessa altura?

E – Pois, mas nessa altura mal vinha a casa, se soubesse o que sei hoje nunca tinha alugado uma casa, que depois disso desisti da casa e comecei a viver em quartos.

I – Porque estavas a pagar uma casa e só vinhas ao fim-de-semana?

E – Exatamente, exatamente, comecei a viver em quartos, depois disso, só agora para o fim, depois pedi transferência e vim aqui para o quartel de L e depois, é que já comecei mesmo, e voltei de novo para uma casa, é que ainda tive muito tempo em quartos. Não me valia a pena.

I – Foste para onde quando foste para a tropa?

E – A tive em muita unidade, tive em St. Margarida, tive em Braga, tive em Beja...

I – Ias sendo colocado ou ias optando por esses sítios?

E – aaaa, pronto, eu fui colocado no primeiro, depois as outras era, pedia para ir para lá, ou é porque havia algum curso ou porque queria fazer alguma formação. Eeeee e depois ficava sempre lá algum tempinho a mais, pronto. Eeee, ou então era porque havia algum *aprontamento* para alguma missão, pronto. O único que eu pedi mesmo para ser colocado foi aqui em L, foi depois quando nasceu o meu filhote, já agora...

I - Enquanto estavas na tropa mantinhas o teu relacionamento?

E – Sim, sim, sim. Eu acho que foi, no meu primeiro ano ela, pronto ela já ficava aos fins-de-semana quando eu vinha, já ficava sempre comigo, nessa altura ainda não dividíamos casa. Depois quando eu fui para os quartos, foi assim, aaa, ela na altura estava na universidade e aiiiiii, começamos aaaaa, ela alugava o quarto e eu ao fim-de-semana ficava, e foi assim. Depois quando, não, foi, foi um bocado antes de eu ser colocado acabei mesmo por ir para uma casa, foi na altura que eu já sabia que ela... foi na altura em que ela engravidou e tudo mais, fomos logo para uma casa, aaaa e pronto, passados uns meses fui colocado, ainda antes de ela, aaa, de ela ter o bebé, e foi assim.

I – Atualmente estão juntos? O bebé tem quantos anos

E – Exatamente.

I - O bebé tem quantos anos?

E – Com 4 anos?

I – Ela está a trabalhar?

E – Ya.

I – E tu como estás em termos de trabalho?

E – Eu, vou começar um novo trabalho segunda-feira.

I – Mas por opção?

E – É pá, foi opção e ao mesmo tempo tive problemas, chatee-me epá... estava numa empresa que aquilo era um bocado uma selva, um vê se te havias. Na altura em que eu fui para lá, mesmo porque já estava habituado a um ritmo destes, era tipo tropa, eles pagavam bem e tudo mais, mas também abusavam um bocado da carga horária... mas sim, se formos a ver foi por opção minha.

I – Alguma vez tiveste dificuldade em arranjar trabalho?

E – Não, não, por acaso não. Se calhar foi sorte, se calhar foi sorte, eu até mesmo tipo part-time, sempre que eu queria arranjava, eu quando estava na tropa conseguia sempre um part-time, não era sempre, mas havia uma altura ou outra que precisava fazer dinheiro para alguma coisa e arranjava sempre.

I – Qual é o papel dos técnicos neste percurso?

E – Os técnicos da SS... os da Fundação não...

I – É importante os técnicos para a vossa história de vida?

E – É, têm, têm, tanto no bom como no positivo. Há casos, há casos, que não vale a pena, se os miúdos que tenham deficiências, seja limitado, por muito que eles façam não vão conseguir fazer de ti... uma pessoa de sucesso normal como as outras, se bem que há cassos, há casos... Mas sim têm... a maneira como eles te cativam, a maneira como eles te demonstram a vida, a maneira como eles te preparam, às vezes só a simples coisa de não te paparicarem e mostrarem logo a vida isso é, isso é, bastante precioso.

I – Consegues identificar algum benefício do acolhimento?

E – Algum benefício... epá a maior coisa, a maior coisa que eu aprendi dali foi, foi ajudar o próximo.

I – A tua história de vida com ou sem acolhimento?

E – Há voltava ao acolhimento, se calhar mudava a última fase, mas voltava ao acolhimento.

I – Alguma vez te arrependeste de sair com os 19 anos?

E – Arrependi-me, arrependi-me, ainda hoje... ainda hoje, hoje, pronto, já não penso nisso, mas sim arrependo-me. Arrependo-me, eu na altura, eu na altura devia era ter tido juízo e pensado noutra forma de ver as coisas, se calhar tinha continuado a estudar... não vou dizer que talvez tivesse melhor do que estou hoje, mas se calhar por exemplo quando fosse a procura de trabalho tinha tido outras coisas, ó opá, pelo menos tinha feito alguma coisa diferente, tinha, tinha, tinha trabalhado um bocado mais na minha formação.

I – Sentiste acompanhamento nesta transição?

E – Não, aí não. Aí o meu acompanhamento mesmo foi a minha namorada, foi a minha namorada. Pronto era, eu pensava nas coisas, pronto, e fala com ela, pronto. Ela dava-me o parecer às vezes também, nem sempre era o mais certo, mas pronto, era assim.

I – A tua namorada foi o teu pilar destes momentos.

E – Foi, foi.

I – Estamos sempre a falar da mesma pessoa.

E – Sim, ya.

I – Quem é que hoje é a tua pessoa de referência?

E – Epá... é a mesma pessoa... é a mesma pessoa.

I – Costumas estar com a tua mãe? Reatas-te a relação com ela?

E – Sim, sim reatei, reatei e nunca pensei que pudesse alguma vez ter uma relação tão boa com ela.

I – A tua mãe está organizada?

E – Está, está, está. A minha mãe está bem, está bem. Aaa, pronto, nunca... eu chamo-a de mãe e tudo mais, até porque Moçambique é um país diferente, os valores familiares são muito importantes, se calhar cá nem se vê nem metade, mas lá os valores familiares tipo, eu lá não conheço metade da família pelos nomes mas, mas toda agente me trata mesmo como família, aaaa, epá, não vejo a minha mãe como um pilar, embora ela me apoie em tudo, só que a coisa... está a um continente de distância, só que queira pedir ajuda em muita coisa, até porque há coisas que ela não compreende, ela não compreende o estilo de vida que nós levamos cá, não compreende-me como é que é a

vida cá em Portugal, é tudo diferente. Mas pronto há sempre alturas que se eu precisar de desabafar ligo e sei que ela está lá para me ouvir.

I – Achas que podia ter sido diferente se a tivesses conhecido, mas cedo?

E – Acho, acho, acho.

I – A tua vida acaba por mudar por situações de saúde, tu perdes o teu pai, depois é a tua tia, e é isto que te leva ao acolhimento?

E – Sim, sim, sim, eu acho que até na altura, acho que até fui aaaa, fui o único miúdo a passar ali assim, porque foi mesmo por livre vontade.

I – Antes de ires para o acolhimento foi ponderado tu ires para a tua mãe?

E – Proto, pelos vistos isso ainda chegou a ser ponderado, mas eu nunca soube... já soube disso agora mais tarde. Isso chegou a ser ponderado, mas aaaa, na altura o meu tio ainda era vivo, antes de eu ir para o acolhimento e ele quis respeitar um bocado aquilo que o irmão lhe pediu, aaaa.

I – O teu pai não queria que te aproximasses da tua mãe?

E – Exatamente, exatamente. O meu pai era assim um bocado casmurro, assim um bocado da tropa, da guerra...

I – Quando ele faleceu tu tinhas que idade?

E – Acho que era 9, 8... uma coisa assim do género.

I – Alguma coisa que gostasses de partilhar.

E – Epá sei lá... não sei.

I – Já te lembras qual foi o momento que mais te marcou no acolhimento?

E – O momento que mais me marcou, se calhar lembro-me de um, lembro-me de um momento. Eu tive um miúdo lá em casa, que se chamava M. O miúdo era 5 estrelas de cabeça, 5 estrelas, tinha uma deficiência numa perna que incapacitava o miúdo de... de andar e tudo mais. Quando foi esta mudança da casa, aaa, o miúdo teve ali uma fase, pronto como eu senti aquele abandono, o miúdo teve uma fase sim, teve um abandono, teve um abandono muito mau, e... ele teve uma operação... foi operado 13 vezes à mesma perna aquele miúdo, teve uma operação, opa não deve ter sido a última, mas pelo menos que eu me lembre, que eu tenha visto, depois disso já deve ter sido operado

mais vezes, teve aí uma operação eeee, e lembro-me muita bem que nós, que toda agente pensasse que o miúdo podia, não andar corretamente, mas, pelo menos podia perder as dores. Porque o problema não era no andar mal, andava mal e tinha dores mesmo, ele tinha alturas que tinha que andar com aqueles carrinhos como os velhotes, e lembro-me que o miúdo foi operado, estávamos todos com alte expectativa que ele fosse melhorar e quando... quando o miúdo tirou o gesso e tudo mais aquilo, aquilo ficou mil vezes pior, e depois ele tinha que fazer fisioterapia, não havia ninguém que... que o ajudasse, que o incentivasse... nós entre nós o pessoal mais velho começamos a fazer uma escala para ajudar o miúdo, porque vimos que se não fossemos nós, não havia ninguém que o fosse ajudar, então, começamos a fazer uma escala, que às vezes se fosse preciso, se tivéssemos que faltar à escola para levar o miúdo à piscina, íamos com o miúdo à piscina, entre nós íamos rodando.

I – Vocês sentiam um grande sentimento de pertença ali ao grupo? Como é que tu vias os teus colegas? Vocês foram da casa protegiam-se uns aos outros?

E – Ainda hoje, ainda hoje. Aaaa, por falar nisso, falaste-me agora... um momento que nunca me hei-de esquecer, não sei se isto é bom ou mau, mas este nunca me hei-de esquecer. Temos um rapaz uma vez nas roulottes que apanhou um gaijo, que opa não sei dizer, se ele era, um bocado homossexual ou quer que seja, sei que o miúdo se sentiu pressionado pelo homem, e nisto ele chega a casa, chega ao internato a correr, a chorar desalmado, opa e nisto, fomos todos em direção ao homem, nós ali tínhamos duas ou três personagens mais descoladas da cabeça... pronto e ao confrontarmos o homem, o homem não tem mais nada saca de uma ... de uma naifa... de uma ponta e mola... desataram todos para cima dele, no final houve dois, houve dois que o não deslaram, não o deslaram... entretanto a confusão em vez de ser só com o homem começou a ser com outros, a tentarem tirar de lá, e demos com o homem inconsciente... demos com o homem inconsciente, nem sequer sabíamos se o homem estava morto, se chamávamos a ambulância... epá no dia a seguir vem policia, vem policia judiciaria, tudo e mais alguma coisa, o homem não se passou para outro mundo porque... porque não calhou, esteve em coma e tudo e, eu lembro-me que nessa altura a única coisa que nos safou foi o homem estar podre de bêbado, então, acho que aquilo no exame safou-se, porque eu lembro-me que nessa altura havia pessoal que apesar de não ser ainda maioria estava quase a fazer a maioria e já podia ter outros tipos de pena.

I – Manténs relação de amizade, proximidade com jovens que cresceram contigo no internato?

E – Opa mantenho, mantenho bastante, mantenho bastante, tento manter com... com todos. Opa às vezes custa-me bastante, há deles que não tenho mais porque custa-me, custa-me... tenho colegas meus que estão na rua, tenho colegas que estão muita bem, a trabalhar em grandes sítios, em grandes empresas, outros países.

I – Tens outros colegas que se conseguiram orientar?

E – Tenho. Tenho... tenho deles que foram expulsos da casa aos 18 anos, arranjam logo qualquer coisa, e a parte melhor foi que, que... por norma, nesta fase final, por norma aquele que, aqueles que estavam piores em medida de... medida de.... De percurso de vida, aaa, os que estavam pior, aqueles que todos achavam que... este aqui não vai dar nada... pronto, vá, é como se fosse os vândalos parece que foram os que se orientaram... mas isto é verdade.

I – Obrigado.

APÊNDICE D4 – TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA A4

TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA

Participante – A4

Data de Nascimento - 09/02/1991

Sexo – Masculino

Escolaridade – 9º ano

Tempo em acolhimento – 14 anos

Saída do acolhimento – 2010

Duração da entrevista – 1 hora e 27 minutos

Investigador (I) – A4 fala-me de quando é que foi a 1ª vez que entrou no acolhimento institucional?

Entrevistado (E) – A 1ª vez... em 1996, já tinha 5 anos e ... não me recordo quando era mais pequeno, até aos 10 pelo menos, recordo-me da instituição, vivia lá também com o meu irmão, depois aaaa, recordo-me mais da transação para L, que eu vim para L, recordo-me dessa transação e, aí, aí é que começou.

I – Esta primeira instituição o A4 tinha que idade lembra-se.

E – Essa primeira, tinha quase 5 anos, tinha 4 anos e pouco.

I – Não se lembra do período anterior à instituição, de viver com os seus pais?

E – Não, nada, nada.

I – Quando foi para a instituição foi com outro irmão, foi isso?

E – Foi.

I – Mais velho ou mais novo?

E – Mais velho, tem 5 anos a mais.

I – Vocês foram para que instituição ao início? Lembra-se onde era?

E – Era nas C.

I – Lembra-se de alguma coisa nessa instituição?

E – ... não, não.

I – Em que ano é que veio para a Instituição aqui de L.

E – Em 1999.

I – Veio sozinho?

E – Não vim com o meu irmão, já tinha 9... o meu irmão ia fazer os 15... eeee, acabamos por ter de mudar, mas...

I – Lembra-se porque é que tiveram que mudar?

E – Eu acho que era por causa da idade, porque aquilo onde nós estávamos eu lembro-me que havia bebés, havia recém-nascidos, recordo-me muito bem, recordo-me disso, eeee, não me lembro mais, não me lembro porque é que nos trocaram, mas acabaram por trocar, aconteceu.

I – O A4 lembra-se como foi a integração cá em L.

E – Ah foi fácil, ah foi fácil porque... foi fácil porque quando eu entrei já... já... o sistema já estava... as pessoas também nos acolheram bem e tal, foi muito, também havia rapazes também, muitos rapazes da minha idade. Eramos todos muito novinhos apesar de haver mais velhos, mas eu recordo-me que havia muitos novos que teriam entrado ali na mesma altura que eu. Até foi fácil, e a equipa técnica até ajudou nessa altura, ajudou-nos bastante.

I – Durante o período de acolhimento o A4 teve contacto com os seus pais?

E – Ah não, não, não tinha.

I – Nunca teve contacto com os seus pais?

E – Não, aliás eu sou filho de pai incógnito.

I – Conheceu a sua mãe?

E – Só a minha mãe.

I – E tem alguma relação com a sua mãe, durante estes anos que estava em acolhimento?

E – Ah... só, durante o acolhimento não, não me era permitido. Não deixavam que ela tivesse contacto connosco...

I – Por algum motivo especial? O A4 tinha conhecimento desse motivo?

E – Ah sim, porque ela tem depressões e... teve um esgotamento, ela psicologicamente, ela psicologicamente não estava bem.

I – Durante o período todo do vosso acolhimento ela não conseguiu uma estabilidade psicológica?

E – Psicologicamente nunca se conseguiu equilibrar, mas... mas de resto ela sempre fez a vida dela, trabalhou, ela viveu em LI, trabalhou, fez a vida dela, não aceitava bem.

I – E hoje o A4 tem algum contacto com a sua mãe?

E – Há tenho, tenho, tenho, a minha mãe acabou por... depois conhecia quando tive 18 anos, 18...

I – Por opção?

E – Sim. Porque saí, ia sair da instituição, o meu irmão foi viver para LI para gerir um grupo que era o X, teve lá, teve lá e, depois acabou por ir, comecei a ir lá aos fins-de-semana, o meu irmão já tinha contacto com ela, conseguiu arranjar o contacto ... eeee.... E eu tive esse ano, tive contacto com ela, ia visitá-la, estava com ela, saímos íamos almoçar e não sei o quê, pronto... foi, foi estranho, porque nem ela própria me conhecia... tipo olhou para mim, o meu irmão disse-lhe, olha... a minha mãe quando chegou perguntou assim ao meu irmão, olha hoje trazes um amigo cá a casa?, ... afinal eu era o filho dela.

I – Não sabe se ela perguntava por si ao seu irmão?

E – Perguntava.

I – Durante o vosso desenvolvimento vocês tiveram sempre juntos na instituição?

E – Tivemos sempre juntos na instituição, mas ele, o meu irmão também não tinha contacto com ela, o meu irmão quando saiu é que conseguiu... não me recordo como é que ele o fez, mas conseguiu arranjar contacto, e acabou por ir para LI que era onde ela vivia e ainda conseguiu saber.

I – Saiu com que idade da instituição o seu irmão?

E – ... ora então... ele deve ter saído com ... 20, ya tinha 20.

I – O A4 saiu com?

E – Com quase 19, eu acho que já tinha 19 na altura.

I – Vamos falar um bocadinho da instituição. Conseguir retratar um dia lá na instituição? Como eram as vossas rotinas?

E – O antes... ou após SS?

I – Pode ser os dois? Porque o A4 viveu a transição na instituição, antes, com a tutoria da SS e depois gerida pela F².

E – O antes era mais... era mais familiar também, era mais... havia mais união, tínhamos também sempre alguém, que chamávamos de educadora, que olhávamos, que olhávamos se calhar para essa pessoa, tomamo-la como... era... se calhar era... não sei explicar... não era uma maaaamaaa, não era uma mãe, mas era muito aproximado (sorriso) porque era aquela pessoa que estava lá connosco quando chegávamos da escola, estava ali connosco, falava connosco, ia pôr-nos a fazer os trabalhos da escola, dizia o que tínhamos de fazer, as nossas regras, tudo, pronto, mas qualquer coisa que nós tivéssemos falávamos com a pessoa, se calhar a nível de... de outras oportunidades de, de, se calhar muitos garotos na altura, nem mesmo muitos deles, que vivessem em casa dos pais, não tinham, se calhar, naquela altura, se calhar, os benefícios que nós tínhamos, tínhamos coisas que na altura a SS nos proporcionava, viagens e... e... ou excursões, organizava muita coisa, nós eramos, nós... era muito dinâmico, era muito bom, mas... depois, ... aaa, havia lá uma Diretora muito 5 estrelas, que era a Dra. F., Dra. F.F., ela foi Diretora da SS... era qualquer coisa na SS. Ela era amiga da Dra. do lar, da Dra. C., sei que eram amigas, pronto era amigas... tirando essa parte (risos) se calhar foi, foi das melhores pessoas, e depois não era só e, a nível de alimentação também era diferente... era tudo, era tudo cuidado, também, mas havia, não sei, era diferente, nós também depois quando mudamos, também foi o choque da transição, se calhar tínhamos, tínhamos muito também, mas também, quando fomos, aaaa a problemática não era igual para aquela que é agora a realidade do século XXI que é bastante diferente.

I – Quando diz que é diferente...

E – Diferente no âmbito da...

I – Antigamente que problemáticas eram e quais são as que identifica agora?

E – Era mais falta de posses das famílias, era mais, era mais isso, era muitas famílias desfavorecidas...

² F- Fundação

I – E agora atualmente?

E – Agora, (risos), ou os pais são toxicodependentes, ou álcool, ou assaltaram e estão presos, é diferente e os garotos vêm mais crescidos. Eu quando entrei já ... houve montes de garotos a entrar, montes, montes, montes deles a entrar. Também entrar, também houve daquela situação em que, quando eu entrei estavam a sair e mais tarde regressaram, e depois voltaram a sair outra vez... também foi estranho, mas o mais estranho foi a transição, porque nós tínhamos um ambiente mais familiar quando eramos todos, na altura da SS, era melhor, era muito mais bem gerido, muito mais... não nos faltava nada.

I – Eram quantos?

E – 30.

I – Até à sua saída manteve-se os 30?

E – Era 30, 30 e poucos eu recorde-me. Aaaa, mas o que nos diferenciava ali muito era o nível de condições, porque nós no início tínhamos um nível de condições eee, não nos faltava nada, o problema foi quando a F começou a vir, começou a faltar algumas coisas... tudo.

I – Quais foram as principais mudanças que vê?

E – Nós não tínhamos uma peça de roupa, que não fosse, que não, nós se pudéssemos... nós aceitávamos a... muita gente ia dar lá roupa e eu acho isso, acho isso, bom, porque é sinal que ainda há gente que tem... tem coração também, mas... aaaa... também quando nos davam roupa alguma não servia ou não sei quê, havia ali sempre alguma diferença e não dava para todos, eramos muitos garotos, e se calhar naquela altura não, na altura da SS, ia-se comprar roupa, o garoto precisa de roupa, precisa de umas calças pó, precisa 2 ou 3 par de calças para educação física, precisa de uma roupa para ir sair, quando vão ao cinema, ou não sei quê, havia sempre ali, ou ao teatro ou coisa assim e, depois, deixou de haver isso, a alimentação também era diferente porque havia uma empresa que estava a gerir, a gerir a parte da alimentação, se calhar, era para controlo e qualidade mas... não quer dizer que, passássemos fome, não, nunca passamos fome, não, mas não era... não, se calhar, oh não sei, eu também falo porque também estou cá fora e agora já sei confecionar, e se calhar aquilo que eu via lá dentro que confecionavam para mim não era aquilo que eu queria, não era, não

sou esquisito, mas não era a alimentação se calhar adequada, algumas delas não eram adequadas para os garotos.

I – Em termos de referência, disse-me que na altura da SS vocês tinham uma técnica de referencia que chamavam de educadora, com quem vocês partilhavam, que vos acompanhava a nível da escola, após a SS manteve-se esse sistema.

E – Manter manteve-se, mas era muito mais complicado nós apanharmos uma educadora, ou diretora, naquele caso a Dra. F. às vezes estava lá até às 9,10, 11 da noite até à meia noite eu já a apanhei lá, nós conseguíamos ter sempre uma conversa, expormos alguns problemas, não eram problemas, mas algumas, alguns ajustes se calhar na instituição ou alguma coisa que no faltasse ou que víssemos que podíamos melhorar... depois havia 2 grupos, não 3, era o grupo dos mais novos, os médios e depois os mais velhos, os mais velhos já trabalhavam, já eram mais autónomos, já era diferente, os médios, era a malta que, quando já entrava no ciclo, e nós mais novos eramos aqueles que andávamos na primária, mas, quando... a... recordo-me a nível, era diferente, nós conseguíamos conversar, nós conseguíamos, tínhamos regras como toda agente tem, tínhamos horários, mas era tudo muito mais organizado era diferente. Depois aquilo quando mudou... já começou a ser... já já não havia aquele grupo dos mais velhos, que se calhar nós também tomávamos como referência, eram nossos colegas na mesma mas trabalhavam e trabalhavam, se calhar já tinham uma coisita aqui mais outra coisita ali e nós já víamos onde podíamos chegar também, já era outra referência... com mais juízo, eee, e depois disso era diferente, o apoio técnico, nós chegávamos lá não estava lá ninguém, não, não, nós de manhã saíamos não estava ninguém, chegávamos à noite também não estava ninguém.

I – Fala-me um dia na altura da SS.

E – Um dia, acordava já estava lá a uma, uma educadora, elas normalmente elas, elas rodavam entre elas... já estava lá uma, algum problema, alguma situação, ou se tivéssemos alguma visita de estudo na escola elas orientavam-nos logo, nós levitávamos íamos tomar o pequeno almoço cerca das 8h00, normalmente a partir das 7h00 já se podia tomar o pequeno almoço, quem já tivesse despachado, cama feita, quarto todo arrumado...

I – Vocês tinham essas tarefas de manhã?

E – De manhã era arrumar o quarto, arrumar tudo e fazer a cama e, nós, nós normalmente no dia anterior já deixávamos as coisas prontas para a escola quando acabávamos os trabalhos e, e alguns exercícios aaa, arrumávamos tudo para o dia a seguir, e só depois é que íamos brincar, portanto nós de manhã já tínhamos quase tudo orientado, era só tomar o pequeno almoço, lavar os dentes e ir embora. Chegávamos sempre a horas à escola, sempre, sempre, sempre. Mas havia uma educadora, logo de manhã, que nos ia chamar, aaa para o pessoal limpar e a monitora também chamava, dava a volta aos quartos todos, para a malta se levantar, há sempre um mais preguiçoso, mais não sei quê, outro mais rabugento, havia mais um ou outro rapaz que tinha alguma deficiência motora, para o ajudar também, aaa ... quando acabávamos íamos para a escola, passávamos o dia na escola, almoçar, almoçávamos na escola, no final do dia chegávamos, lanchar, fazer os trabalhos, organizar tudo para o dia a seguir, e depois íamos brincar. 7h00 íamos jantar. Acabávamos jantar, íamos, lavávamos os dentes, preparávamos as nossas, o que houvesse para fazer, alguns tinham algumas tarefas, a... ou limpar a casa de banho, havia uma escala, tens que limpar a casa de banho, tens que limpar o corredor, mas isso normalmente fazia-se sempre ao fim-de-semana, durante a semana não, não o fazíamos. Íamos para a sala, víamos um bocadinho de televisão, jogávamos jogos didáticos, tínhamos computadores jogávamos entre nós as lan, e depois, pronto, íamos para a cama, chegava cerca das 10, 9h30, 10h00, era o horário do nosso deitar, nós mais novos, porque depois os, os, os do meio era às 10h30 e os mais velhos às 11h00, mas normalmente chegava às 10h30 já não estava lá ninguém, estava tudo na cama.

I – Isso foi na altura da SS e depois na altura da F as rotinas eram as mesmas ou alteraram-se?

E – Não, não, não, mudou tudo. Mudou... mudou tudo porque... porque se calhar nós também, porque depois... na SS ainda houve outra mudança, ainda houve outra Diretora... com essa diretora, estive lá dois meses correu mal, foi-se embora... eeeee, e depois sim veio a F... se calhar a alteração para a F foi o desastre completo.

I – Vocês com a F tinham rotinas na mesma?

E – Ho, não existia, não havia controlo... era, era... aquilo era o salve-se quem puder, e cada um faz o que quer... não havia regras, mesmo que metessem regras, não haviam, porque se calhar o que é que eu olhava para uma educadora... pronto, eu já falo porque

se calhar já tinha 16,17,18 anos... o que é que eu olhava para uma educadora que se calhar com 25 anos, e se calhar outras situações que aconteceram lá graves... porque havia monitoras, educadoras que se calhar diziam coisas que não se deviam dizer, aaa... acho que a equipa técnica que foi para lá não estava preparada para tal... quando, nós quando estamos numa instituição, nós também temos que saber com o que é que vamos lidar, com que tipo de garotos vamos lidar. Elas também viram ali a alteração, porque ainda tivemos lá muitos da geração anterior, no início, até foi ali o balanço, o balanço, mas depois viram que não conseguiram orientar já esses, que já estavam a crescer que já estavam a ganhar maturidade, se calhar precisavam de acompanhamento. E havia outra diferença, na altura da SS quando havia, quando saiam ainda conseguiam ter algum acompanhamento... os mais velhos.

I – Ou seja, os mais velhos saiam e se precisassem de solicitar apoio regressavam sem problema nenhum?

E – Alguma coisa não havia problema nenhum... ou trabalho, ou alguma coisa, mas normalmente eles quando saiam já saiam com tudo orientado, já tinham trabalho, já tinham tudo, viam uma casa para eles, orientavam-lhes. Neste caso, no caso da F, não, era, chegávamos... vou-te contar um dia normal, de manhã, acordávamos, uns apeteciam ir à escola iam, outro não apeteciam não iam, normalmente quase todos iam, aaa, mas havia ali sempre um ou outro que falhava, outros... já começava a haver muito as suspensões na escola, mau comportamento, notas, as notas eram... já não havia tão boas notas, já não havia tanta competitividade com havia no início. Porque nós antigamente ganhávamos alguns prémios, davam-nos mais uma coisita aqui, mesmo pelo pouco que fosse, nós valorizávamos, tentávamos sempre lutar... depois no tempo da F não... já houve o desleixo, já deixaram o... deixaram as coisas ir também... depois também começou a entrar garotos, mais tarde... depois se calhar arranjaram, depois aqueles do meio que começaram a crescer, depois também não conseguiram ter orientação neles, eles, não conseguiam... como é que te hei-de explicar... não estavam a ver um futuro para eles, esse é que era o problema. Se calhar o, o futuro que eles viram se calhar era... era... era assaltos...

I – O A4 quando entra na Instituição tem as referências das pessoas mais velhas que estão organizadas e saem com projeto de vida. Nesta parte da F esses projetos de vida deixam de existir e os mais novos ficam sem referências, é isso?

E – É verdade. Acabou. E depois os mais novos que entram também já são um pouco mais velhos, se calhar já entram com 14, 15, 16... já vão, já vão com outros hábitos familiares, já aconteceram outras coisas, já viveram... ali, a fase do crescimento, pronto eu sempre vivi numa instituição, mas ali a fase do crescimento se calhar já com 13,14,15,16 anos já é diferente, se calhar quando eu andava, se calhar já andavam no ciclo, não fizeram aquela transição, da primária para o ciclo que é bastante importante também, de haver ali assim um grupo... quando nós temos um grupo, se calhar, eu falo entre mim, quando eramos, andávamos 6 ou 7 vá na primária, nós íamos todos os dias juntos para a escola, nós vínhamos todos os dias, porque os horários eram sempre os mesmos, aaaa, havia se calhar ali uma competitividade entre nós na escola, um queria ter melhores notas o outro também, era sempre assim, e se calhar era aquilo que também não houve na F, se calhar não havia esse grupo, nem o do meio, nem dos mais velhos... os mais velhos acabaram por se, tentaram se calhar... porque depois havia rapazes mal comportados, com há em todo o aldo, se calhar, com alguns problemas também, mas também, em vez de, se calhar, nos tentarem entender e ajudar, aaa, não, se calhar também tentaram mandar para o fundo, e se calhar... a parte de começarem já a ameaçar, ah, deixa lá que quando fizeres 18 anos vais-te embora... o que é que uma pessoa vai fazer?

I – Vocês sentiam-se mais motivados e orientados na altura da SS?

E – Na altura, porque se calhar diziam-nos assim, olha, vamos, temos uma casa, com uma pré-autonomia, vão par a lá, estão lá um x tempo e depois dali saís e vais fazer... x, olha tens a tua vida, tens o teu trabalho, depois comesas a orientar a tua vida, e há sempre um acompanhamento, ali não...

I – Em termos de apoio educativos como era? A instituição estava em contacto com a escola, não estava?

E – Sempre. Sempre, as nossas educadoras na altura da SS, as nossas educadoras estavam sempre, nunca havia nenhum problema, todos os dias viam-nos a caderneta dos recados, se havia alguma coisa, aaaa, hum, nunca havia, só quando havia algum... o rapaz tem de ir ao médico, ligavam para a escola, íamos à escola na mesma, mas íamos ao médico, já tínhamos as horas todas marcadas, normalmente era no Centro de Saúde de M, estava tudo orientadinho, nós saímos do Centro de Saúde, escola.

I – Este acompanhamento manteve-se ou deixou de existir?

E – Não deixou de existir, o problema foi esse... era... havia também, havia... havia o acompanhamento saúde/escola, mas já não era a mesma coisa, se fosse preciso, tinha uma falta justificada e não ia o dia inteiro. Ali não, acabavas de ir ao médico vais para a escola. Vais seguir o...

I – Ajudavam-vos a repensar quais eram os melhores cursos, as melhores áreas?

E – Não, por exemplo, eu se calhar quando, quando tive nos M, passei da primária, depois fui para o 5º ano, 5º,6º,7º... foi no 7º que houve ali a transição da F, eu fui culpado, fui culpado, porque comecei a fazer ali algumas asneiras, segui caminhos que não devia ter seguido mas... muito, depois muito rapidamente chumbei, chumbei no 7º, mas depois, muito rapidamente aaa, vi que não era aquilo que eu queria e consegui voltar outra vez a restabelecer-me a orientar-me logo, foi um anito assim, pronto, uma fase escolar assim terminada, mas voltei, voltei ao sitio e pensei não, não é isto que eu quero, eu tenho que estudar... mas depois, aaa, eu é que fui arranjar o meu próprio curso, porque não houve ninguém na F que me fosse inscrever a uma escola, que fosse comigo, não, eu já tive que ir... aaaaa... porque não queriam saber, e eu olha... não querem saber olha, eu tenho que fazer por mim...

I – O A4 teve essa capacidade de ir procurar e tentar...

E – Tive colegas que não tiveram, tive colegas que se calhar tiveram 1 ano sem, sem inscritos numa escola, acho isto, isto, isto... puf, de mais, uma pessoa fica em casa, a fazer?...

I – O A4 quando concluiu o 9º ano chegou a ir para outro nível académico?

E – Conclui o 9º ano e pelo impressionante que seja pedi para seguir os estudos, acho que já tinha os 18 anos, queria prosseguir, queria pedir uma autorização porque a minhaaaaa, aaaaa, como é que eles se chamam quando acaba a nossa.... Quando acabam o nossoooo aaaa... a nossa medida, acho que eles chamam a nossa medida, acabava aos 18 anos, eu perguntei acaba aos 18 anos o que é que eu vou fazer da minha vida?, acabei o 9º ano eu não tenho trabalho não tenho nada... porque é que me tiraram aos meus pais se agora me vão mandar novamente outra vez para a rua?, não tenho casa... não tenho nada... faz o teu melhor, disseram-me isto... e eu pedi para voltar a estudar, queria estudar, pedi para pediram ao diretor da F, para que me mantessem lá pelo menos até aos 21, para eu fazer o, o, o, até ao 12º eeee, eee pronto, queria continuar

a estudar e se pudesse fazer a universidade, não nem me deram hipóteses disso, acabou a medida, acabou tens que te ir embora.

I – O A4 não lhe foi proposto ficar até aos 21 anos?

E – Não.

I – Se tivesse essa oportunidade era isso que queria na altura?

E – Se tivesse essa oportunidade sim, era perseguir os estudos e até possivelmente a universidade quem sabe... naquela altura.

I – A saída do acolhimento não foi por sua iniciativa?

E – Não... disseram-me que tinha de me ir embora no dia x, e eu tive que ir, mas antes, por acaso, felizmente tinha trabalho, também tinha dinheiro, felizmente, também tinha um padrinho, que eu depois fui... na altura, na altura da SS eu não tinha nenhum padrinho e eles criam que todos os garotos que andavam lá, andavam na catequese, foi outra coisa que não contei, andávamos todos na catequese, ao sábado, aaaa, gostei muito, por acaso foi muito bom e, depois fomos todos batizados, porque acho isso... acho isso importante. Achei, foi é essa a diferença, na F não havia nada disso, não havia uma catequese a um sábado para um garoto, um garoto chegava ao fim de semana não tinha nada para fazer, ou ia para a família, e era sempre a mesma coisa, o garoto ia para a família e vinha de lá, já vinha mal... porque a família não estava bem...

I – Vocês tinham atividades extra instituição para além da catequese?

E – Era, extraescola era, atletismo, futebol, piscina, isto na altura da SS, da F também havia, mas já não havia, havia, havia futebol e essas coisas todas, isso era normal, mas a catequese acho importante, acho importante, por exemplo, a parte do batismo, mas como já eram garotos já mais velhos, já, já entram com outras idades, não deu se calhar para fazer o percurso, compreendo a parte, mas...

I – O A4 falava-me que tinha um padrinho que...

E – Tive um padrinho, uma pessoa que me acolheu... quando eu saí da primeira instituição e fiz a transição para a 2ª para L.

I – Essa pessoa era da família?

E – Não. Essa pessoa, ajudava-nos naquela primeira instituição, quando chegava o natal, ele, ele ia lá e dava prendas a todos os garotos... ele e um grupo que era os *lyans*,

que eram de L, de C, davam, juntavam e davam prendas à instituição, a garotos, pediam quero um carrinho telecomandado, quer isto, eles tentavam fazer, tentavam ajudar nesses pedidos.

I – O A4 conheceu esta pessoa ainda nas C?

E – Ainda na C. Vim para L.

I – Quando sai de uma instituição vai logo para outra instituição ou passou algum tempo...

E – Não, não fui logo de uma instituição para a outra. Aaa, depois passado, se calhar quando vim para L, passado 1 ano, de tratarem da papelada toda, porém tudo em ordem, para ele ser meu padrinho, para eu poder lá passar os fins-de semana, depois aí começou, comecei a ir lá passar os fins de semanas, aaa, uma grande parte ele ajudou-nos.

I – O A4 ia sozinho?

E – Não, ia sempre mais o meu irmão, sempre.

I – Eram os 2?

E – Eramos os 2.

I – Este padrinho tinha família, tinha filhos?

E – Tinha, tinha uma família bastante grande, também tinha posses. Já era uma pessoa que também tinha lutado...

I – Como era a casa onde ia passar os fins-de-semana?

E – aaaa, era totalmente diferente, era daquilo a que nós nunca estávamos habituados. Aaa, casas de férias, iates...

I – Era uma pessoa com bastantes posses? Mas quem é que vivia lá em casa?

E – Era, era, tinha duas filhas mais velhas, uma delas era da idade do meu irmão e outra ainda era mais velha, uma tinha ... a R tinha para ai uns 15 anos e a J tinha para aí uns 18 já, ou 17 ou 18... eeeee ... mais a mulher, mas depois eles tinham mais família, que eles eram muitos, e depois o objetivo era nós sermos afilhados, fomos fazer o batismo, porque ele tinha 40 afilhados, nós fazíamos um jantar todos os anos e nós eramos 40.

I – Todos relacionados com acolhimento institucional?

E – Não, não, não, eramos só nós os dois, eramos só nós os dois das instituições. Ele tinha muito o conceito familiar, todos os domingos havia o almoço familiar, almoço ou jantar, havia sempre... havia sempre almoço e jantar de família, era diferente, também tínhamos outras coisas, começamos a, a ganhar outros valores, valores a nível pessoal aaa, se calhar hábitos que nós não tínhamos, começamos a ganhar alguns hábitos também, aaaa, a ver o que também queríamos para o nosso futuro, aaaa, posso dizer-te que se calhar, onde eu comecei a trabalhar, não tinha contrato, não tinha dinheiro, não tinha nada, trabalhava para ele, ele dizia-me olha, hoje vais aos correios, ele tinha, tinha 15 lojas, algumas nas C, TV, A, L, ele tinha um grupo grande, hoje vais aos correios, vais lá e entregas estas cartas que a senhora já sabe tudo, criava algum para ganhar responsabilidade, amanhã vais ao banco, mais tarde, houve uma televisão num cliente que avariou vais ali com o rapaz, que era um dos empregados dele, vais com ele, vais lá e tiram a televisão e levam a nova, aaa, ele tinha na área das energias renováveis, eletrodomésticos, tinha... eletricidade, construção civil, mecânica, tinha muitas áreas.

I – Esta família, dizia-me que ia lá aos fins de semana...

E – Fins de semana e férias, férias de verão ia sempre para lá, trabalhar, férias, por depois também fazíamos férias, aaa, eles também, fechavam ali uma parte, eles fechavam a última de agosto e a primeira, não fechavam, ficavam os empregados e nós íamos. Eles ainda eram muitos, ainda eram 40 empregados na altura.

I – Esta ligação com esta família manteve-se sempre?

E – Manteve-se até aos se calhar aos meus 18 anos, porque depois ... 17, 18, o meu irmão também saiu da instituição, também foi, foi viver para LI, também depois o que é que acontece, depois aaa, eu não sabia, também era novo eu não tinha a noção, mas depois, nessa altura, também o meu padrinho começou a ter, não estava a fazer face ao mercado que veio, foi as grandes superfícies, se calhar levou um grande arrombo, se calhar já não teve... teve que vender alguns dos seus bens, a vida dele mudou, teve que estudar para ser professor, ele agora é professor na, sei que ele dá aulas nas prisões e faz mais alguma coisa, sei que a parte da construção civil está parada, investiu muito dinheiro num projeto que não, não pode construir em O, ele ia construir um hotel em O, tinha um terreno, tinha tudo, mas não conseguiu construir, aaaa... Também se calhar, foi ali uma mudança grande também para ele, ele estava a tentar, ele já tinha 40, se calhar não me conseguiu dar apoio a mim, tinha as filhas também, a sair de casa, estava

a ver que as filhas, as filhas também trabalhavam com ele, numa ervanária que ele tinha, e tinha, tinha um spa também, e aquilo tava a balançar também e ele estava a ver que se calhar... também pode ter sido um pouco, muita coisa, muita coisa para a mesma pessoa, eeee, e acabou, pronto, se calhar acabou também por perdemos alguma ligação, algumas coisas, mas pronto... são coisas que acontecem.

I – E hoje ainda tem alguma ligação?

E – Não, não, não. Se calhar também por eu ser frio e... e acabei por pensar, se eu já vivi este tempo todo sozinho, não precisei de ninguém, porque é que vou precisar agora de alguém. Também nunca procurei o meu pai, é o mesmo caso. Nunca procurei assim, já a minha mãe, pronto, a minha mãe foi um caso diferente.

I – Qual era a importância desta família para si na altura?

E – Na altura era tudo, era tudo, porque na altura, a nível pessoal, se calhar aquilo que nós nunca tivemos foi um ambiente familiar, no meu caso, e no do meu irmão, era, era, foi isso que nos ficou, não foi os bens que nós já nem ligávamos aquilo, aaaa, ganhar mais 200 ou 300 euros no natal para nós não era, não era, não era aquilo, era a relação, era o convívio, porque todos os sábados havia sempre o almoço e o jantar de família, e eram muitos 30, 40 às vezes, 50... não os afilhados mas sim a família mais direta, primos, tios, sobrinhos, avós, bisavós.

I – O A4 acha que para as crianças que estão em acolhimento deve haver estas famílias de afeto, chamemos assim?

E – Sim, uma família. Sim é bastante importante, a... a... mas ainda é mais importante, é importante fazer isso mas se calhar com, com gente mais jovem, porque gente que se calhar, já tem alguma, com 15/16 anos, 14/15/16 anos já não dá, porque já tem a sua família, já tem os seus hábitos, já tem ... quanto mais novo isso acontecer melhor, porque nós ainda nos estamos ali a moldar e temos alguém que se calhar tá ali, que dizemos que é a nossa família, que nos tenta ajudar, que consegue-nos moldar, que consegue-nos dizer o que é que é o melhor, o que é que deves fazer, e acabamos às vezes... se calhar tive um colega meu lá que hoje chama mãe a uma senhora que o acolheu que teve a mesma situação que nós.

I – E mantem...

E – Mantem a ligação e chama-lhe de mãe, e ele diz que aquela é que é a mãe dele, apesar dessa senhora não ter tido filhos, era professora, era professora na CM e depois acho que foi dar aulas para outra escola. E hoje tem, hoje a família dele é ela, e os pais dela e a família dela, apesar de, pronto ... essa senhora já estava junto com outro marido, coitado, infelizmente, já teve 2 que faleceram e agora este 3º aconteceu a mesma coisa e se calhar já fez 2 anos. Foi um rapaz, que também soube o que queria, também foi orientado, também teve na família que eu tive, quando eu e o meu irmão fomos para esse tal padrinho, passado 4 anos este rapaz veio da mesma instituição que nós, das C, e aconteceu a mesma coisa, não era, não foi padrinho dele de batizado, mas tratava-o como um padrinho e como nós tratávamos e acabou, criou uma ligação, nós trabalhávamos lá, o meu irmão já era mais velho, já tinha muitas bases de informática, trabalhava, trabalhou muito na zona de informática para ele, e esse rapaz que era o C, foi tudo, construção civil, foi aaaa loja, tudo...

I – O A4 acha que estas tarefas que lhe eram dadas por este padrinho que também contribuíram...

E – Eram bastantes importantes... para sermos mais autónomos, mas... depois como houve, ao longo do tempo... quando foi, quando mudou para a F ainda continuamos a ir coisa e tal, mas depois houve ali um tempo que deixamos de ir, houve uma falta de ligação também...

I – Alguma vês vos foi explicado porque é que não estavam a ir?

E – Não, não, não nunca nos disseram nada. A nós diziam-nos sempre olha vais de fim-de-semana, não se esqueças, tens de preparar a mala, e mais não sei quê que vêm cá buscar-te às x horas... normalmente ao início era o meu padrinho, mas depois... aaaa, o meu padrinho como também tinha uma vida ocupada... ele pediu, ele pagava-nos as viagens ir e vir, ou apanhávamos o autocarro ou o comboio. Nós íamos uma pessoa não tinha gastos, não tinha nada.

I – Nunca vos foi explicado o porquê desta rutura.

E – Não, não depois deixou de haver ali esse também, também foi um dos problemas, porque eu já estava tão habituado, tive 3 meses sem ir, depois 4, depois 6, depois...

I – Alguma vez perguntaram ao A4 se queria ir, se não queria, se corria bem, o que não corria tão bem?

E – Não, não, não, depois do coiso, depois quando veio a F, não, não nos perguntavam nada, nós... eu acho que o muito importante é o acompanhamento nessas alturas, porque realmente se a pessoa está a gostar se está a conseguir integrar, e também...

I – E por parte da SS essa supervisão era realizada?

E – Havia, ligavam sempre ao meu padrinho a perguntar como é que se comportou, se correu tudo bem, havia sempre ali uma ligação, uma ligação, também falavam da escola, se havia trabalhos, essas coisas, havia ali sempre uma ligação entre eles. E isso é bastante importante entre a família de apoio eeeee a nossa educadora, para saberem, tem que ser, tem que ser mesmo assim, tem que haver uma regra, tem que se saber o que é que se passa, se está tudo a correr bem, quando uma pessoa sai de uma família é porque algo não está a correr bem, e pode vir com perturbações, é normal, aí se calhar era um pouco... mas eu sinto muita diferença hoje.

I – O A4 teve conhecimento se o seu processo decorreu no CPCJ ou em tribunal? Alguma vez foi chamado a tribunal?

E – Uma vez... mas não me recordo... acho que foi aos 16.

I – Lembra-se se tinha mais alguma técnica sem ser as das instituições?

E – Ah não, acho que não tinha mais ninguém, só de lá.

I – Não se lembra se havia alguma técnica da SS ou da CPCJ.

E – Não, não havia.

I – Sabe se em algum momento houve alguma equipa a trabalhar com a sua mãe?

E – Com a minha mãe?, não.

I – Nunca teve apoio dos serviços.

E – Não, nada, a minha mãe depois ... desenrascou-se foi viver para LI, ela viva nas CR, foi viver para LI, e depois arranjou trabalho, esteve lá a trabalhar até aos seus ... até ter um AVC, que ela depois teve um AVC aos 65 anos, foi quando a conheci, foi um ano depois de a ter conhecido que teve um AVC depois a partir daí pronto ... começou a ir-se... a partir daí... a partir daí para a mulher se calhar foi desastroso. Ela, mesmo assim ela levantasse, faz as coisas dela, ela, ela está num lar de idosos, por acaso fica mesmo em frente aos armazéns DC, fica mesmo no sitio ideal, eu vou-lhe comprar uma coisinha lá à frente e levo a ela, ou vou passear com ela, ou às vezes o meu irmão

quando que ir ao cabeleireiro com ela, roupa, ela já tem 70 anos, ela meche-se bem apesar do lado direito ter sido todo apanhado... vamos sempre com ela, o natal passa sempre connosco, vamos sempre com ela aos armazéns, comprar roupa ou aquilo que ela quer, e gosta, ela adora LI, LI para ela é tudo, vamos aos pastéis de X, vamos sempre passeá-la.

I – Ainda na instituição como é que era a sua relação com os seus colegas?

E – A nossa relação com os colegas, que depois acabou por... com os colegas, acaba sempre por haver grupos, porque são muitos... uns que se dão mais outros que se dão menos... há bullying há! ... há muito bullying nas instituições, nem imaginam... mas por parte dos colegas.

I - Mas por parte dos colegas.

E – Dos colegas mais velhos...

I – Mas isso é trabalho com as técnicas?

E – Não é... isso se calhar também acaba por ser mau... porque... uma pessoa que vive na mesma casa, com 2 andares ou 3, ter se calhar ali um grupo assim que nos bate, se calhar hoje temos uns ténis amanhã não temos... e era o que acontecia já à muito, pós SS. Não havia, aquele mais velho, aquela parte mais velha, e não havia respeito, porque nós se calhar tínhamos um grupo mais velho que era assim, era assim e tens que fazer assim, aquilo não há, aqui ninguém rouba ninguém, nem bate ninguém, ninguém faz nada, acabou. Tás aqui é para seres um homem, mais ou menos assim. Depois disso, não havia nada disso, havia os monitores, olha tiram-me isto, olha tiram-me o telemóvel...

I – Eles não faziam nada? Havia estratégias para controlar essas situações?

E – Não, não havia. Não havia. Depois havia colegas que seguiam outros caminhos, os assaltos, a droga... puf...

I – Vocês tinham atividades que vos fizessem trabalhar essas questões dentro da instituição?

E – Não, não, não, não existia nada disso. Era... nós chegávamos da escola, depois quando estava a F, nós chegávamos e muitas pessoas já nem faziam os trabalhos, olha para te ser sincero eu nunca mais me lembro de ter feito trabalhos, nunca mais estudei,

sempre consegui fazer a escola, mas nunca mais estudei, nunca mais fazia nada, eu chegava da escola, ia lanchar, ia jogar à bola lá para baixo, juntávamo-nos todos íamos jogar à bola e não havia nada para ninguém, e outros nem estavam lá, às vezes vinha para L, outras vezes começava a sair à noite, outra vezes...

I – Vocês podiam sair?

E – Não podíamos sair...

I – Mas não havia controle?

E – Não havia controle, nenhum, à não vais sair, não vou?, oh, vai mas é para casa, punha-me logo andar pela porta da frente, não havia hipótese. (risos) E acabou, eu chegava às 3, 4 da manhã, 5, não havia nada, relhavam comigo no dia a seguir, olha vamos-te tirar isto, então tira amanhã arranjo mais.

I – E na escola os seus amigos e professores sabiam que estava numa instituição? Sentiu alguma vez que tenha sido tratado de forma diferente?

E – Ah sim, muitos dos meus colegas sabiam, os professores sabiam. Não, não nem havia hipótese para isso, na escola eramos mais unidos, na escola eramos unidos, se houve alguma coisa, um problema ou uma situação com alguma colega. Mas nós normalmente nunca tínhamos muitos problemas na escola.

I – O A4 alguma vez teve noção de qual era o seu projeto de vida de acordo com a instituição? Alguma vez esse projeto foi trabalhado consigo?

E – Não, nunca nos foi criado um projeto de vida, nós chegávamos, aaa, no início não, no início da F, da F não, no início da SS havia, nós falávamos, queriam saber o que nós queríamos fazer para o futuro, conversávamos, a nossa educadora falava connosco, o que queríamos fazer, o desporto também era bastante importante naquela altura da transição do 4º para o 5º ano, olha agora vais para a escola, vai ser com os mais velhos, depois vamos ter que arranjar um desporto, um tempo mais reservado para o teu estudo, tens que descansar mais, havia sempre um acompanhamento diferente. Depois da F, no início houve, mas depois perdeu-se.

I – Alguma vez foi trabalhado consigo a questão da gestão económica, a gestão doméstica?

E – A gestão doméstica sim, a gestão económica não. (risos) Nós tínhamos uma semanada, uma coisa que eles chamavam uma semanada, posso dizer, se calhar quando estava na SS, eu posso dizer, isto era o que acontecia, eu era novo, tinha, tinha se calhar 9,10 anos, andava se calhar nos M, na primária davam-nos 1,5€ por semana, mas posso dizer que esse 1,5€ rendia como se fosse 10,00 (risos), nós fazíamos tudo para o não gastar. (risos) Não gastávamos, dizíamos assim, ela chegava ao pé de nós e dizia esta semana, nós já sabíamos, era normalmente era a sexta-feira, acho que era à sexta, já não me lembro o dia, mas um dia da semana, eu dizia logo eu não quero o dinheiro, eu nunca lhe pedia o dinheiro, porque eu queria sempre, elas guardavam-nos o dinheiro a nossa educadora, porque era a nossa educadora que dava a cada, eram $\frac{3}{4}$ educadoras que davam as semanadas aos seus utentes...

I – Quando saís da instituição se quisesses voltar para pedir ajuda tinhas esse apoio?

E – Não.

I – Não vos contactavam para saber como estava a correr a vossa autonomização?

E – Não, nada, não queriam saber de nada. Nós íamos pronto.

I – Fala-me dessa transição, do dia que tiveste que sair? Porque tiveste que sair, certo? Foi-te dado um prazo?

E – Deram-me um prazo, disseram-me no dia x tens que sair, nós tínhamos um género assim de um livro que lhe chamavam o livro de recados, com todos os recados que eram passados, do, dos, utentes, isso já vem desde a altura, desde a altura da SS, foram eles que implementaram, aaaa, havia os recados só para os monitores, um livro de recados só para monitores, que era entre eles e, para as crianças. Para amanhã é preciso X para aquela criança, ou tem que tomar o X comprimidos, era tudo, era tudo muito, muito bem controlado, era todo bem organizado. Podia falhar, podia haver uma coisa ou outra que falhasse mas... não, não aparentava que havia má falha, se calhar conseguiam dar a volta à situação, só na F, se calhar também foi, a, a, aaaaaaa, foi a transição também do, do, da geração, também pode ter sido isso que também que levou também se calhar ao descalabre... foi um pouco de tudo, mas... sim é muito triste porque tu ali acabas por sair ... ou desenrascas-te e lutas muito, ou então vais ser bandido, ou vais preso, porque tu, não te dão um futuro, não te garantem, não têm que nos garantir um futuro, mas encaminham-nos, deixarem só... não.

I – No dia em que saíste foste para onde?

E – Ah no dia que saí (risos) no dia que saí posso te dizer, no dia que saí... felizmente já tinha trabalho, tinha algum...

I – Estavas a fazer o quê?

E – Trabalhava numa fábrica de formas nos P, já tinha a carta de condução, que eu tirei-a logo, tinha comprado um carro, eu ainda vivi na instituição já tinha comprado carro, antes de ir embora.

I – Estas coisas foram todas adquiridas com o teu trabalho?

E – Sim, tudo ... tudo com o meu trabalho, sim, tudo com o meu trabalho, tudo com o meu dinheiro, foi tudo com, fui eu que tive que lutar e fazer, seguir em frente... aaaaa, no primeiro dia, no dia que me disseram que eu tinha que me ir embora, posso dizer que se calhar a primeira hora entrei em pânico, mas depois, pensei assim tenho que arranjar uma solução rápida, liguei a um amigo meu... que era esse meu amigo que era o C, que ele tem uma família, bastante boa... e ele tinha o avô dele, avô dele, ele chamava-lhe avô, que tinha um apartamento para alugar...

I – O pai desta senhora que era a referência dele que não era da sua família biológica?

E – Sim, não era família biológica, que ele conheceu através do acolhimento, correto. Eeee... e eu liguei ao C e ele não há problema A4, eu, eu arranjo-te casa, vais lá, ficas lá, eu falo com o meu avô pagas uma renda mínima... e andas lá, fazes a tua vida, está feito. Foi o que aconteceu. Fui, mudei, fui para lá, posso dizer que se calhar o meu primeiro dia não sabia fazer nada, nem cozinhar, nem passar a ferro, nada, nada.

I – Nunca vos explicaram como é que se faziam essas coisas? Na instituição nunca foram preparados para essas coisas?

E – Nunca, nada, nunca, nada... Se calhar limpezas, pró, (risos) nos últimos anos já nem me lembro de limpar alguma coisa, porque havia sempre empregadas de limpeza. Mas não sabia fazer nada. E depois, foi o choque, não era de não saber fazer nada, porque isso não era o meu choque, o meu choque foi de saber que não tinha ninguém. Por mais amigos que uma pessoa tenha, naquele momento deitar a cabeça na almofada e pensares, eu não tenho ninguém, eu não tenho nada...

I – Sentiste-te sozinho nessa altura?

E – Se calhar aquele momento senti-me, posso-te dizer que se calhar as primeiras noites foi complicado dormir... mas depois comecei logo ali a ganhar os hábitos, a ver, depois, quando tinha alguma dúvida não perguntava a uma pessoa diretamente, perguntava assim, olha como é que tu fazes o arroz?, olha como é que fazes isto?, olha como é que fazes aquilo?, ou não sei quê, muitas das vezes recorria ao meu irmão e perguntava olha como é que fazes isto, olha como é que fazes aquilo, ...

I – Nunca perdes-te o contacto com o teu irmão?

E – Não, com o meu irmão nunca perdi contacto.

I – Depois de ele ir para LI e sair da instituição tu costumavas estar com ele?

E – Ia ter com ele a LI, passar os fins de semana com o meu irmão, já quando vivia na instituição também ia. Eu depois deixei de ir ao meu padrinho e comecei a ir ao meu irmão. Eu pedi-a olha vou para o meu irmão e elas também.

I – Quando saíste de instituição o teu irmão já estava a trabalhar?

E – Trabalhava, geria o grupo X em LI.

I – Nunca pensaste em recorrer a ele?

E – Não, porque... porque o meu irmão... na altura, quando ele foi para LI, o apartamento não era dele, era pago pela empresa, ele não tinha despesas... aaaaaa ... e depois o meu irmão quando saiu desse apartamento juntou-se com uma rapariga ... viveram junto, pronto, tiveram uma relação, correu tudo bem, eu ia, apoiava-me muito, correu mesmo muito bem. O meu irmão, sempre foi aquela pessoa que eu sempre que precisei de alguma coisa, se precisasse de alguma coisa ele estava sempre ali.

I – O teu irmão continuou sempre a ser a tua referência?

E – É, é... porque é uma pessoa que se calhar soube levar a sua vida a bom porto. Trabalhou muito também... é, é um, é um, é uma pessoa que se calhar fez de mãe, de pai, de irmão... posso te dizer que se calhar hoje em dia não tenho afeto pela minha mãe, não tenho. Eu posso estar um ano sem ver a minha mãe... é-me completamente indiferente...

I – Com o teu irmão as coisas já não são assim?

E – Ah não, não são assim, se bem que eu vejo o meu irmão também poucas vezes... também derivado ao trabalho que levo, à vida que levo... e agora também estou na

minha fase... mas vou a LI, vou a LI passo lá o fim-de-semana, estou com o meu irmão, mas não vou sempre, vou uma vez ou outra, o meu irmão às vezes vai para os sogros para a C, outras vezes vai viajar não está... outras vezes está em prevenção noutras... não pode sair de casa porque está a gerir um grupo lá na empresa X, aquilo às vezes complica-se são muitos empregados, aaa...

I – O teu irmão também esteve em acolhimento e conseguiu reorganizar a vida dele?

E – Sim, ele fez tudo. Ele é que... na escola ele já quando foi para o 10º ano foi ele que se inscreveu...

I – Ele chegou a apanhar a F?

E – Chegou... já numa fase final, chegou, até que acabou o 12º ano, quando terminou o 12º ano foi procurar trabalho, porque não lhe deram abertura para a licenciatura.

I – Tu lembras-te porque quem foi trabalhado o projeto de vida do teu irmão?

E – Não, não, não, não houve trabalho nenhum com ele. Ele disse eu fazer isto e sito. Aliás eramos no quarto, eramos nós os dois, estávamos sempre juntos.

I – Tu saíste, aprendeste a fazer as coisas sozinho... tiveste sempre a trabalhar?

E – Nunca fiquei desempregado até hoje...

I – Conseguiste sempre a tua autonomia financeira?

E – Sempre cheguei... precisava disto, via neste trabalho está assim, mas eu também sei fazer isto, vamos ver se naquela área dá, experimentei várias áreas, fui, trabalhei em alguns sítios ... e acabei por, por calhar nos transportes... agora ganho muito dinheiro, mas mato-me a trabalhar, faço 12h por dia, mas não é fácil.

I – Estás na mesma empresa onde está o S3?

E – Sim, sim, mas ele faz noite e isso a mim não me interessa, eu sou motorista.

I – Tu atualmente és motorista? Longo curso?

E – Ah, não, não, é porta à porta, é as entregas normais, como tu vez CTT, Chronopost, DHL, mas é mais, como aquilo é mais dedicado só a empresas... é diferente, mas sim muito trabalho. Mas... a nível, a nível de apoio não tivemos nenhum. Eu vejo o meu irmão, o meu irmão conseguiu o que conseguiu, felizmente tem 30 anos conseguiu comprar uma casa a pronto, quase ninguém hoje em dia com 30 anos, por também... ter

uma boa gestão financeira e trabalhar muito para ganhar o que ganha, felizmente, e sempre, sempre que vou a LI, sempre que vou com ele é uma guerra para pagar, não deixa ninguém pagar, nem namorada, nem ninguém, vamos para lá e jantamos e estamos sempre lá até às tantas, e pronto, se calhar tenho luxos que se calhar hoje em dia, se calhar muita gente também não tem, eu não abduco de nada, mas hoje em dia sinto muita diferença, daquilo que tinha e naquilo que tenho na minha autonomia.

I – A4 em relação à sua mãe o A4 alguma vez tentou perceber porque é que ela não vos procurou, se ele tentou mudar?

E – A minha mãe? Não, porque, quando uma pessoa se calhar tem uma depressão... e se calhar já, e se calhar o grau da depressão já era elevado, digo eu, que também teve dois esgotamentos, bateu mesmo no fundo, e uma pessoa quando tem uma depressão aquilo não tem cura, não há cura para a depressão, eu acho que, para mim uma depressão é pior que um cancro, porque a depressão psicologicamente acaba com uma pessoa.

I – Alguma vez falou com ela sobre o seu pai? Alguma vez teve interesse em saber quem era o seu pai?

E – A minha mãe fala sobre isso, mas neste momento nós achamos ... que como está descompensada, não está, não está... não está certa. Nós não falamos sobre isso, nós não temos qualquer tipo de conversa, esse tipo de conversas com a minha mãe, fugimos a esse tipo de conversas. Conversas familiares não existe com a minha mãe. Vamos, damos dois beijinhos, perguntamos o que é que ela precisa, se está tudo bem, se vamos passear, como é que tem corrido a semana, temos essa conversa com ela, mas mais... oferecemos-lhe um computador para ver se ela começa ali, já tem um telemóvel também... aaa, já sabe ligar.

I – Vocês têm-lhe proporcionado algumas condições. Ela está num lar, quem é que suporta essa despesa é ela?

E – O meu irmão, o meu irmão dá-lhe uma parte do apoio. Porque é muito caro ter uma pessoa num lar em LI, muito caro mesmo, ainda por cima na zona onde é. Fogo já eu para ir lá por o estacionamento pago uns 5,00€, só para ir lá, fogo, só para ir, pronto, também passamos lá algum tempo, também estamos lá com ela e depois, saímos, ou coisa assim, mas aquela zona é muito cara.

I – Quais são os problemas do acolhimento?

E – É a família. Tem que se trabalhar muito bem a família para aquilo que vão... porque não vão, não vão com uma criança logo... chegam ali, já vem com alguns vícios...

I – Falamos destas famílias de afeto, é isso? Trabalhar a família biológica ou a família de afeto?

E – Sim... a família de afeto. A família biológica também deve ser trabalhada, mas... já são casos mais complicados. Por que já está tão avançado às vezes, já... aaaa, às vezes uma pessoa pensa que há solução e que as pessoas mudam e que conseguimos mudar, mas não mudam. As pessoas não mudam! As pessoas adaptam-se, o problema é quando se deixam de adaptar, ou que algo, ou que lhes dá um clique na cabeça, não, não é isto que eu quero, não, não é isto que eu quero, pode estar a correr tudo bem, mas depois lembram-se que não é isto que eu quero e acabou-se, já não há adaptação, já não há nada e, já volta tudo outra vez. E isto aplica-se em vários casos (risos)

I – Mais algum problema que identifique no acolhimento?

E – No sistema de acolhimento... haver famílias preparadas para tal, arranjam famílias preparadas para tal, conseguem essas famílias, porque nem todas as famílias estão preparadas para isso, nem há famílias que queiram... eeeee, eeee, tem que se fazer um trabalho muito grande com uma família e, depois não é tem que se escolher, mas tem que se arranjar uma personalidade de uma criança que se calhar se adapte aquela família, porque pode não dar, porque pode entrar em grande choque. Pode ser um garoto bipolar, pode ter esquizofrenia, pode ter... as doenças e se calhar psicologicamente pode não ser o garoto indicado para aquela família, acho que também, isso também, não se trata de uma escolha... mas também temos que ver as personalidades nem todos os garotos são iguais, nem todos somos iguais, mas se calhar aquele garoto... pode ser uma família imaginamos muito desportista, gosta muito de desporto, mas vêm que aquele garoto faz muito desporto, adora desporto, olha vamos juntá-los.

I – Fazer uma avaliação para que esta relação seja positiva logo desde o início?

E – Logo desde o início, porque tem que haver logo uma ligação em alguma coisa. No meu caso não foi porque eu era muito novo, era muito novo e fui moldado, fui moldado praticamente, foi moldado, eu descobri, ei descobri pela família, puf, mas sim criei alguns gostos, porque também uma pessoa foi habituada a algumas coisas, acabou por

ser bom, porque acabamos por ver hoje em dia... oooo, o que é ter muito, o que é ter pouco e se queres muito vais ter que lutar porque se não fores trabalhar não te vai dar nada e, e acabou por ser, no meu caso acabou por ser por aí, porque eu sei, eu sei hoje o que é que é, e nós hoje, eu sei diferenciar perfeitamente o que é qualidade de vida e o que não há qualidade de vida. Eu vejo montes de colegas meus que se calhar, mesmo saindo da instituição eu sei que não têm uma qualidade de vida, eu.... Eu posso me dar ao luxo de ir a um sitio e alugar um privado, ou uma limusine ou ir à loja e não estar a ver preços, eu gosto disto compro, não vou estar ali a, a escolher, também, também sou contido, às vezes (risos)

I – O que é que mudarias no acolhimento?

E – No acolhimento mudaria... tudo, tinha que haver um grande acompanhamento, tinha que haver, tinha que haver a educadora, neste caso, tinha que continuar a acompanhar como, como... tinha que ser igual à SS, o procedimento tinha que ser igual, porque se não fosse igual as coisas não iam funcionar, agora... se calhar tinha que se mudar alguma coisa porque também a problemática agora é diferente, ou se calhar não podia haver acolhimento de famílias, para famílias com garotos se calhar com X de idade... só se fosse já um garoto que já tivesse um percurso de vida assim semelhante ao meu que não tivesse nenhum, nenhum apoio familiar, não tivesse ninguém, “órfão”, que o tentasse encaminhar assim, mesmo que fosse mais velhos, mas com uma idade muito avançada, não valia a pena, tentar trabalhar se calhar com a família, mas... antes de trabalhar com a família, trabalhar com o garoto, aaa, se calhar a família pode já não estar preparada para o receber mas autonomiza-lo logo, dizer-lhe assim, a tua família é muito boa, não sei quê, tau, tau, mas não, tu primeiro estás tu em primeiro lugar, vais tu... tens que fazer isto, tens que ver o que é que tu queres realmente, quando saíres daqui nós queremos que tu tenhas uma casa, um trabalho, não uma família, uma casa, um trabalho que te consigas orientar.

I – Trabalhar com a criança ou jovem desde que chegam a saída deles? Trabalhar com ele, com a suas vontades, trabalhar diariamente o seu projeto de vida de forma a ter uma autonomização sem depender de terceiros, é isso?

E – É... Acho mais importante, acho muito melhor, é muito melhor, aaaa, e mesmo assim, se houvesse uma casa de uma casa como algumas instituições têm, não sei se,

agora há muitas, L também não é muito bom nisso, mas sei que em LI há, há instituições que têm, que têm aqueles apartamentos de autonomização, espetacular.

I – Isso faz falta no sistema de acolhimento? Era uma mais valia para a vossa saída?

E – Faz, faz... era, era porque ir lá uma educadora ver se está tudo bem, como é que está a correr, como é que estão a comprar os alimentos, como é que estão a confeccionar, se a casa está limpa, o trabalho como é que está a correr, se há alguma namorada, porque isso também acaba por destabilizar psicologicamente, podes estar num momento mais frágil e as vezes podes, não quer dizer que, cada um faz as suas escolhas, não é, mas...

I – Após saírem poderem contar com aquele elemento de referência para falarem, para perguntarem, para desabafarem era fundamental para a vossa saída?

E – Era, porque nós depois também, se calhar, acabamos por ver essas pessoas como “mães”, tiveram, acompanharam-nos, não nos deixaram, não chegaram ali e não disseram, já foste, olha agora, foi a mesma coisa que me disseram, agora desenrasca-te, se estás bem ou estás mal, se tens casa ou não tens, ninguém quer saber disso.

I – Quais foram as mudanças interpessoais que ocorreram ao longo do acolhimento?

E – (risos)

I – Tu cresceste na instituição?

E – Eu cresci na instituição, mas mudei muito, não tem nada a ver com aquilo que eu era lá. Porque se calhar vim cá para fora e vi realmente o que é que isto, o que é que é mundo, a realidade... mas... também, sou, nesse aspeto também sempre fui muito forte, não me deixo logo ir a baixo.

I – Para ser quem és hoje, quem foi a tua referência?

E – Não tive. Não tive referência... se calhar o meu irmão um pouco, porque eu olhava para o meu irmão e pensava assim não o meu irmão conseguiu, pera aí, também vou conseguir.

I – Quem é que é aquela pessoa que tu não queres desiludir?

E – aaaa, neste momento é mesmo para mim. Eu sei que o meu irmão, o meu irmão preocupa-se, preocupa-se comigo mas... eu sei que eu nunca, eu sei que não tenho nada que o possa vir a desiludir, se calhar neste momento, digo eu, mas não eu sou muito

seguro de mim, felizmente, é uma coisa que, que, só nós não fomos seguros, ou não formos determinados em saber o que queremos também não... não nos vai levar a bom porto, temos que saber... às vezes temos que ser firmes... isto é como o meu irmão diz, a vida é um negócio, nossa vida desde que vamos, desde que saímos temos que ser duros, temos que saber que negociar, temos que saber fazer, temos que saber lutar, temos que saber estar, falar, seja, o grupo que tiveres, de amigos, ricos, pobres, engenheiros, empresários, temos que saber estar.

I – Qual foi o momento mais difícil?

E – O momento mais difícil... quando eu saí?

I – Na instituição por exemplo?

E – O bullying.

I – E quando saíste?

E – Quando saí... a solidão, porque... não vale a pena termos milhares e milhares de amigos, se nós próprios nos sentimos sozinhos porque não temos ninguém.

I – Como é que ultrapassaste isso? Ou já ultrapassaste essa solidão?

E – Ah, ultrapassei logo, fui muito rápido... psicologicamente a única coisa, isto é tudo muito psicológico, porque uma pessoa sente-se sozinha, mas depois começamos a criar objetivos, eu comecei logo a criar, ora, então, estou numa casa, ... tenho que começar a fazer alguma coisa, tenho que orientar a casa, o que é que eu pensava, orientava a casa, fazia as minhas limpezas ... pesquisava alimentos, como confeciona-los, se calhar isso também me levou um bocadinho a entreter, a cozinha, as mulheres, sim, também tive uma namorada, que esteve numa instituição que era amiga da J, mas ela, o caso dela foi diferente. Mas... o... se calhar, se calhar ela também ajudou, também posso dizer que ela ajudou, também me entreti muito com ela, e muito para me entreter com ela.

I – Na altura em que saíste tinhas uma namorada?

E – Tinha.

I – E ela acabava por ser ali um bocadinho o teu apoio, era isso?

E – Sim, o meu apoio, era.

I – Qual foi o momento mais positivo?

E – Mais positivo mais positivo. ... se calhar... se calhar...

I – Ou alguns momentos mais positivos?

E – Se calhar... posso te dizer, dos momentos mais positivos, olha, um deles é ver o T e a J bem, foram pais, são meus amigos, eu vou a casa deles, acabei por não perder a ligação de alguns colegas, mas também sei... gosto... eu sou... epa gosto muito de escolher às vezes o meu grupo ali e não... porque se calhar quando era mais novo também me cansei de, de, de, de alguns grupos de colegas que não, não me favoreceram muito. Nós às vezes achamos que são amigos, mas não

I – Então os momentos mais positivos que caracterizas é os amigos que trazes e que manténs nas tuas relações?

E – Sim, pois, e se calhar o meu irmão, o nível de vida que levo, aaaaa, se calhar foi tudo um pouco, foi tudo um pouco isto que me levou... mas eu hoje sinto-me triste também... por às vezes ver colegas meus, txu, às vezes saiu à noite, uns estão a pedir, outros estão... se fores, já me calhou, às vezes de ir, no café X, trabalha lá o F... o F, também é uma pessoa que também te sou sincera, não é um exemplo que eu te diga, não ele foi o exemplo... isto no meu ver, foi dos mais velhos, ele era, ele era... da turma do meu irmão e tudo, entre ele e o meu irmão vejo um percurso de vida diferente, não quer dizer que ele esteja mal, mas... ele como pessoa e como amigo, não te posso dizer assim, não, era uma pessoa que eu, que eu... que eu gostava dele, que fosse diferente não... o F não é uma pessoa, opa, se calhar também teve os seus problemas, eu sei a mãe dele, e coiso e tal mas... e ele também é como é se calhar também... ele é uma capa, ele é uma capa, para se proteger, é muito gozão e papa papa papa papa, é uma capa dele, porque, aquilo para mim, eu... aquilo para mim não é nada, não é, não faz parte, porque eu sou muito assim, eu sempre trabalhei e não sei quê, mas... sou daquelas pessoas que gosto de ter os objetivos. Eu não vou jantar naquele dia à noite porque me apetece... eu vou jantar porque vou com um amigo, ou vou conversar com ele, ou vou com amigos, ou vou onde for, ou vou porque quero ir experimentar aquele tipo de comida que nunca experimentei, indiano, seja o que for, italiano, mas quero ir porque quero ir conhecer, gosto de conhecer coisas novas, é, acho, acho mais importante, à coisas que eu já não dou tanta importância, há muita coisa que eu já não dou importância, e depois, nós também quando começamos a ficar mais velhos, também comesas a ficar mais... a ficar mais exigentes connosco próprios e se calhar com a

próxima pessoa que estiver ao nosso lado, vamos ser muito mais exigentes a escolher a próxima pessoa, não haja dúvidas. Mas também temos que ter... também temos uma coisa, não nos podemos acomodar e isto... é nós somos assim.

I – O teu objetivo é não acomodar?

E – Não acomodar, nunca acomodar... é a pior coisa. Nós procuramos sempre por procurar coisas diferentes, coisas que eu nunca fiz na vida, e... procurei outro tipo de coisas e, e, agora, já tenho outros objetivos, já penso em viajar, já tenho feito algumas viagens, estou a tratar de outra viagem.

I – Qual é o papel dos técnicos na instituição? Qual é a tua opinião, é relevante, não é?

E – O papel dos técnicos é o mais importante ali, é o mais importante no sentido do acompanhamento que tem que ser, tem que ser muito persistente, tem que ser muito bem feito, aaaa, tem que haver também alguma proximidade porque ... é muito, a parte da educação, de nós... é diferente nós termos alguém de manhã que nos diga bom dia e nos dê dois beijinhos, e não sei quê, se calhar um abraço, se calhar foi o que faltou depois, se calhar um pouco de tudo e também não querem saber, não queres fazer não fazas depois tu sofres as consequências, mas nós isso já sabíamos, mas tipo, tentarem dar a volta aquilo...

I – Achas importante a proximidade, a relação que tens com os técnicos?

E – Sim... aaa.... Sim... e acho que um técnico tem que saber de tudo, tudo, tudo, mas tudo, se está mesmo tudo bem, se o rapaz tem namorada ou não tem, como é que estão as coisas na escola, no futebol, no desporto, que seja, o que é que ele acha para o futuro, eu acho isso muito importante e foi o que não foi feito... depois, no início pode ter sido feito, porque foi a transição da SS para a F mas depois ao longo do tempo perdeu-se e foi aí que foi mesmo o descalabro, aquilo já nem... aquilo, aquilo era o salve-se quem puder, aquilo foi, aquilo foi... e hoje em dia aquilo é igual é o salve-se quem poder. Apesar de estar lá outra técnica, eu acho que a F vê os garotos como números, porque eu quando me fui embora disseram-me assim, tu também estás aqui e já não estás a dar dinheiro à casa, foi o que eu pensei, só me vêm como um numero, sou mais um. Se estou a dar alguma coisa, se estão a pagar para eu estar aqui ou não... não sei, não sei valores, mas sei que para uma F eles tem que receber, a SS tem que dar algum apoio, aquilo não é por obra, não lhes caí assim, alguém tem que os apoiar. E depois também era, havia uma grande desilusão quando nós, víamos três diretores e todos os anos eles

tinham um carro novo, ou um Mercedes, ou um BM, ou um Jaguar, eu sabendo que se calhar precisava de uma casa ou de um coiso, ou queria ir estudar e não sei quê, diziam que não, mas o seu filho estuda, não estuda?!

I – Achas que com o aparecimento da F vocês foram tratados de forma diferente?

E – Diferente, como números, não fomos tratados se calhar como um jovem, que precisava mesmo de ajuda e que estava lá para aquilo, tudo bem que nós não somos todos, não temos todos a mesma educação, é verdade, mas também foi falta da, da, da F, da equipa técnica não ter dado educação, porque nós precisamos de educação, nós precisamos de regras, mas também precisamos de carinho, precisamos de amor, precisamos de... um pouco de tudo, e se calhar é isso que nos falta, uma boa conversa... e era isso, é isso que falta, mas também falta... falta força de vontade, porque não é só irmos tirar uma licenciatura, sou uma técnica... e logo se vê. Eu conheço uma que hoje em dia trabalha na X, olho para ela e digo-lhe, então tiras-te uma licenciatura... tiveste lá, era aquilo que tu querias, e agora, estás aqui a trabalhar há 5 anos e afinal não era aquilo que tu querias, olha vai tirar outra licenciatura... e se calhar foi outra das pessoas que teve na F e prejudicou, e era nova, deve ter o quê, de ver 30 anos agora e eu, eu tenho 25, só tem 5 anos a mais que eu.

I – Há mais alguma coisa que queiras partilhar.

E – Acho que não há nada, acho que contei por alto um pouco de tudo... o que eu acho mais importante, acho que devia, pronto tu já sabes, acho que devia de haver mais acompanhamento e... e ter atenção agora à nova geração que a nova geração é complicado, as gerações mudam, as pessoas mudam... mas hoje em dia choca-me, a geração de hoje em dia choca-me, é muito diferente estarmos em uma instituição e depois virmos para a rua e termos colegas que vivem com os pais, terem um nível de vida diferentes, as coisas são todas diferentes... um pouco de tudo, mas acho que a instituição devia ter mais... devia tentar autonomizar mais os rapazes, lá um showcooking ou fizessem o que fizessem, ensinassem-nos a fazer alguma coisa diferente...

I – Proporcionar as condições necessárias para a vossa autonomia?

E – Claro. Para mim isso era melhor do que dar uma volta de Ferrari à pista do Estoril... autonomizar uma pessoa, ensiná-la a cozinhar, a fazer as coisas de casa, o básico, o mais importante, e saber procurar trabalho é o mais importante... do que fazer

coisas estúpidas que eles fazem às vezes, atividades que não fazem sentido, para mim faz muito mais sentido isso, eu prefiro isso, porque, depois... porque depois, o problema é o depois, o problema não é o ... o agora, o problema é o depois, porque depois é o que nos dizem, depois vais... se estás bem ou estás mal desenrasca-te... se é por esse campo, têm que nos preparar. Se não eles vão para a rua, não vai ser a andar de bicicleta ou de mota, seja onde nos leve, tudo bem que são atividades, mas há atividades e atividades, essas atividades também são importantes, mas também temos que nos preparar... e mostrar o mundo da realidade de hoje em dia, o mundo da noite, isso também é muito importante, porque nós também nos acabamos por perder, a noite, os amigos que às vezes temos, ele não é o amigo, não é, não vai ser, não vale a pena e acaba por ser um pouco aí, nós tivemos um colega, eu e o S em comum, que nós não o tivemos que por de parte, porque nós não o metemos de parte, mas se calhar, deixamo-lo de o ajudar, porque não era bom para nós, e ele não estava a ser bom para ele, porque ele estava a ir por caminhos que não devia de ir.

APÊNDICE E – CATEGORIAS

CATEGORIAS

MEDIÇÃO	Categorias	Subcategorias
	Período Anterior Acolhimento	Fatores Individuais
		Fatores Familiares / Relação com a Família
		Fatores Escolar / Relação Escola - Família
		Relação / Frequência de outros Sistema da Comunidade
		Grupo de Pares
		Fatores de Proteção e Fatores de Risco
		<i>Incidentes críticos, pessoas críticas e fases críticas</i>
	Período de Acolhimento	Momento do Acolhimento
Processo de Integração		
Fatores Individuais		
Fatores Familiares / Relação com a Família		
Grupo de Pares		
Fatores Escolar / Relação Escola - Instituição		
Relação / Frequência de outros Sistema da Comunidade		
Famílias de Afeto		
Fatores Metodológicos e Institucionais		
<i>Incidentes críticos, pessoas críticas e fases críticas</i>		
Processo de Autonomização		
Projeto de Vida		
Período Pós - Acolhimento	Momento da Saída	
	Fatores Individuais	
	Fatores Familiares / Relação com a Família	
	Grupo de Pares	
	Fatores Escolar / Fatores Profissionais	
	Relação / Frequência de outros Sistema da Comunidade	
	Famílias de Afeto	
	Fatores Metodológicos e Institucionais	
	<i>Incidentes críticos, pessoas críticas e fases críticas</i>	
	Momento Atual	

APÊNDICE F – SINOPSE DE ENTREVISTAS

SINOPSE DAS ENTREVISTAS – MOMENTO ANTERIOR AO ACOLHIMENTO

MOMENTO ANTERIOR AO ACOLHIMENTO

Subcategoria - Fatores Individuais	S1	<p>“[...] Era a mais nova dos meus irmãos e, tinha, três irmãs minhas que já tinham ido à priori [...]”</p> <p>“[...] eu era muito curiosa [...]”</p> <p>“[...] falava muito depressa, ainda hoje falo (risos) mas falava muito depressa e depois eu lembro-me que era muito magrinha, uma coisa assim esquelética, era uma coisa assim mesmo... e depois era assim muito energética, não parava aaaa queria sempre descobrir coisas novas, queria sempre saber tudo, aaaa, eu acho que era uma criança alegre apesar dessas coisas todas, porque é o que eu acho, apesar dos meus pais se calharem falharem um bocadinho como pais na questão do cuidar e da proteção, há outras coisas que eu acho que... eles acabaram também por compensar, eu por exemplo se me dissessem assim tens de ir não sei onde com o teu pai eu sentias-me segura, se calhar até não estava (risos), mas eu sentia-me efetivamente [...]”</p>
	A3	<p>“[...] nasci em Moçambique, o meu pai era português, a minha mãe era moçambicana [...]”</p> <p>“[...] vim para Portugal tinha... 7, 7 anos [...]”</p>

S1

“[...] eu acho que era tipo a menininha dos papás, não é com 6 anos dava-me muito bem, andava sempre com o meu pai para todo o lado [...] acho que de alguma forma na altura o meu pai era um bocadinho o meu ídolo, queria aprender aquilo tudo o que ele sabia fazer, ele fazia imensos biscates eu ia sempre acompanhá-lo, para ver como se fazia e etc. [...] A minha mãe era uma relação mais diferente, até porque ela passava muito mais tempo em casa era doméstica, mas também tínhamos uma relação muito próxima, elaaa, tinha muito aquela coisa da proteção porque eu era a mais nova [...] as minhas irmãs nasceram todas em Moçambique e a minha mãe também é Moçambicana, aahh,... a experiência dela como mãe comigo, eu acho que foi a primeira experiência a sério que ela teve, porque ela lá tinha um estilo de vida diferente e não passava tanto tempo com as minhas irmãs e aqui não, desde que eu nasci efetivamente foi ela que fez tudo, todo o meu acompanhamento, todo o tempo comigo, ao contrário do que aconteceu com as minhas irmãs, pronto, acabou por ser uma relação muito mais próxima, nesse sentido... [...]”

“[...] minha mãe tinha um estilo de vida completamente diferente, os pais dela tinham algumas posses e ela acabava, como é que vou dizer... ou seja, os meus irmãos acabavam por não ser tão criados por ela ao fim ao cabo mas pelos empregados que ela tinha, que era mesmo assim. E, e ela veio para cá numa situação completamente adversa que não tem nada a ver com o estilo de vida a que ela estava habituada e acredito que isso também tenha tido alguma influência, aahhh, para potenciar determinadas situações, nomeadamente, se calhar frustração porque são situações que não tem nada a ver uma com a outra [...]”

“[...] meu pai trabalhava, efetivamente, mas não era um trabalho fixo, ele tinha vários biscates [...]”

Família alargada “[...] Lembro-me do meu avô muitas vezes passar mesmo lá perto de casa e ocasionalmente ir a casa deles, mas não... para mim pelo menos não era uma relação muito próxima, aaaa, de vez em quando via o meu avô ou via a minha avó e falava com eles, mas nada assim muito próximo, o meu pai *qui çá* mas isso depois são coisas que eu nãoooo [...] não para ficar, no sentido de cuidar, no sentido de suporte, isso não, não tenho noção disso.”

	S2	<p>“[...] Vivia com os meus pais, os meus irmãos [...] sete irmãos [...] foram para a Suíça os dois mais velhos, então eu era a mais velha [...]”</p> <p>“[...] Não ... porque a minha família é toda lá de cima, as pessoas mais próximas, tipo, de família, assim direta, que eu tenho, é em Lisboa ... é o mais perto que está ... porque os meus avós, tios, e isso está tudo lá em Braga ou Guimarães ...é mais longe. Tinha era um vizi ... fui criada ali né ... tipo tinha um vizinho que eu dava-me... era um pai [...]”</p>
	A3	<p>“[...] O meu pai já estava separado da minha mãe e por isso é que nunca hou hipótese sequer de eu ficar com a minha mãe, eu, o meu pai tinha se separado da minha mãe eu tinha 1 ano [...]”</p> <p>“[...] sempre cresci com o meu pai, depois de crescer com o meu pai tive aquela passagem com os meus tios, depois acabei no internato nunca tive aquela imagem vá de mãe [...]”</p> <p>“[...] o meu pai adoeceu e a única família, pronto, na altura que o meu pai confiasse era a que tinha cá, então eu vim para cá tive em casa de uns tios meus, entretanto o meu pai acabou por falecer, tinha tido uma embolia, uma embolia cerebral, já quando me deixou cá, já sabia que ia, que ia morrer [...]fiquei, aqui com esses meus tios, entretanto esse meu tio quando o meu pai adoeceu, foi para Moçambique tomar conta das coisas que eram do meu pai, que na altura não podia tomar conta de nada, não é, depois a minha tia teve uns problemas de saúde, não sei quê, não sei que mais, e acabei por vir parar ao internato.[...]”</p>

Fatores Escolar / Meio envolvente / Relação Escola - Família	S2	<p>“[...] eu ia sempre à escola [...]”</p> <p>“[...] apesar de isso se passar tudo em casa nunca tipo tive más notas, nem era rebelde nem... nem essas coisas na primária, nem nada disso ... que eu era das melhores alunas, e ... sei lá, se calhar refugiava-me na escola, tipo eu tava ali bem, tipo, toda gente me tratava bem, eu brincava, eu estudava, e pronto [...]”</p> <p>“[...]Na primária eram, excelentes, no quinto e no sexto também, no sétimo eu acho que foi onde houve o pique da situação... não me lembro se foi... e então elas começaram a baixar, porque eu era um bocadinho... aí já começava a querer ser rebelde, mas acho que também era um bocadinho da idade... ah... e então... aí baixaram muito... não era porque eu não soubesse as coisas, era porque eu nem se quer me dignava a fazer os testes, eu chegava lá e tipo não, não faço... tipo não (risos) [...]”</p>
	A3	<p>“[...] corria-me bem a escola [...] não tive grandes problemas, a língua era a mesma, aaa, não, não tive grande problemas [...]”</p>
	S1	<p>“[...] eu acho que isso terá sido à posteriori de lá estar, obviamente também as coisas foram mudando e o próprio sistema vai, vai sinalizando certas situações, vão fazendo um acompanhamento mais pormenorizado, mas não tenho lembrança de na altura acontecer esse acompanhamento. A posteriori sim, cheguei a ver inclusive... porque depois a minha chegou a ser acompanhada mesmo depois já da institucionalização e lembro-me sim de lá irem técnicas a casa de fazerem visitas e de fazerem um acompanhamento mais rigoroso. Em relação aaaa ao período inicial não tenho recordação. [...]”</p>
Subcategoria - Relação / Frequência entre Sistema da Comunidade (Saúde)	S2	<p>“[...]eu lembro de estar doente e de ir ao médico e... lembro-me que uma vez que ... fui contra um carro parado e ela levou-me... levou-me ao hospital [...]”</p> <p>“[...] eu sei que a minha mãe foi notificada, os meus pais, foram notificados muitas vezes pela comissão, quer dizer, agora sei isso, na altura eu era mais nova não percebia nada dessas coisas ... aaah ... mas pronto eles devem ter ignorado, ignorado, ignorado, e aquilo acho que acabou</p>

		então por ir para o tribunal em vez de ser resolvido com a comissão. E pronto... depois um dia ... era um dia normal e a policia bateu à porta [...]"
	A3	"[...] Ah, sim, sim, sim, epá eu também nunca tive grandes problemas de saúde nem nada, mas sim o essencial eu tinha, eu tinha nunca me faltava nada. [...]"
Subcategoria - Grupo de Pares	S1	"[...] Lembro-me de uns amigos que eu tinha na escola na altura, lembro-me propriamente de uns dois ou três que eu sei que frequentava a casa deles e tenha uma relação mais próxima, aaa, mas lá está, também era muito pequenina, portanto há coisas que eu nãooooo... mas tenho, tenho dois, três amigos, que depois lembro-me, à posterior de ir passar férias, aaa e de continuar, efetivamente, a conviver com eles, porque a fim ao cabo eram os meus amigos de infância até o, ir para a instituição [...]"
	S2	"[...]eu acho que sim ... mas acho que eles não estavam ali ... tipo ... ahah ... tipo ... a X passa bué mal ... opá não, não senti isso... tanto que ... eu tinha amigos que iam lá a casa brincar ... e isso .. e eu ia brincar para casa deles ... tinha era que fazer primeiro as coisas todas ... antes de ir brincar [...]"
	A3	"[...]altura quando vim tive certo problemas quando cheguei cá, aaaa, eu fui para uma aldeiazinha pequena para os lados de P, como é que aquilo se chama ... e epá na altura era um bocado mais escuro, ainda por cima vinha bem queimado do sol eeee, epá tive ali alguns problemas, eu lembro-me que na primeira semana vim logo para casa... a professora deixou-me logo em casa porque eu tive alguns problemas com, epá, hoje não vejo da mesma maneira mas na altura o pessoal, não sei, via-me de outra cor, se calhar também era pessoal que em casa nunca tinha tido, oooo, formação para isso, também não sei se era de ser um meio pequeno [...]tive um bocadito, mas também foi só ali, não me lembro de ter assim nenhuma, problemas de racismo em Portugal [...]"

<p style="text-align: center;">Subcategoria - Fatores de Proteção e Fatores de Risco</p>	<p style="text-align: center;">S1</p> <p>“[...] Em relação à situação pré-acolhimento, não é das mais, das mais favoráveis por assim dizer, porque efetivamente eramos muitos eeeee as condições dos meus pais não eram das melhores, a própria casa, a própria estrutura não tinha grandes condições, eee ahhh a nível de rendimentos eram praticamente inexistentes, também não, não, não facultava esta gestão de uma família tão grande a fim ao cabo... [...]”</p> <p>“ [...]... estas situações acabam por ser, às vezes, um ciclo vicioso, ou seja, uma situação origina a outra, é os problemas socioeconómicos, isto depois também gera alguma instabilidade mesmo a nível emocional para qualquer uma delas, tanto que depois o que me foi dito, foi até que, a institucionalização tinha sido feita porque uma das minhas irmãs supostamente tinha feito queixa de maus-tratos a um dos professores dela. Isto foi o que me foi dito, não sei se será, se terá sido assim ou não ... Isso foi o que me foi dito, realmente existia essa questão dos maus-tratos eee da violência doméstica, aaaa, e acho que realmente, não é que, sendo que existindo problemas numa família não tem que ser necessariamente uma ou a outra, mas para mim, no caso da violência, pode não ser necessariamente física, mas psicológica, e eu acho que crianças crescerem num ambiente assim é violento por si só... [...]”</p> <p>“[...] conosco também mas é assim, eu sinceramente, as minhas irmãs falam muito e eu percebo perfeitamente, eu acho que eu não passei muito por isso, eu acho que elas terão passado muito mais porque eu era muito mais pequena. [...]”</p> <p>“[...] as condições eram mesmo mínimas, e quando me refiro mínimas é mesmo mínimas, não o essencial, o mínimo mesmo [...]”</p> <p>Relativamente à violência física “[...] Sim, não muitas, sinceramente, mas sim ainda vivenciei algumas [...]”</p> <p>Relativamente a passar necessidades, nomeadamente, fome “[...] Sim, algumas vezes mesmo [...]”</p> <p>“[...] a minha mãe como é analfabeta, ela só sabe mesmo escrever o nome, eu sentia que tinha a obrigação de cuidar dela, ou seja, aqui os papéis</p>
---	---

	<p>invertiam-se um bocadinho... aaa se calhar não era tanto ela a cuidadora e mais eu, enquanto que com o meu pai era o contrário [...]"</p>
<p>S2</p>	<p>" [...]depois tomava conta deles ... dos garotos ... dos mais novos ... porque depois havia ... depois era eu ... que tomava conta deles ... porque a minha mãe tinha um problema de alcoolismo ... era o problema que nós tínhamos ... era... era esse ... basicamente ... era o alcoolismo ... que ... supostamente, segundo o que eu depois soube, depois de ter ido para o lar ... desenvolveu-se quando eu nasci... [...]"</p> <p>" [...] Lembro ... muitas vezes ... depois ela obrigava-me a ir comprar as cenas né ... e eu bué pequenina ia lá à loja, depois eu chegava a casa e o meu pai relhava comigo ... e depois ... veio outro problema ... porque o meu pai começou-se a cansar ... e bateu-lhe, ... 1, 2, 3 vezes ... pronto ... bateu-lhe ...[...]"</p> <p>"[...]eu lembro-me que eu comecei muito cedo tipo a fazer comer ... tipo às vezes ela não tava ... em condições ou depois eu não queria comer a comida que ela estava a fazer... ou não sei o quê... então eu ia e fazia [...]"</p> <p>"[...]eu aprendi a tirar o xixi com uma sonda e a fazer-lhe os cuidados que ela precisava, porque eu às vezes ficava com ela e tinha de saber fazer isso, porque ela não tinha controlo sobre a bexiga e não sei quê... então nós é que tínhamos que lhe tirar a.. o xixi com uma sonda... e essas coisas... com 12 e até antes né [...]"</p>
<p>A3</p>	<p>"[...] com a minha tia nunca tive falta de nenhum bem essencial, se calhar podia não ser nenhum rei dentro da escola nem tudo mais, mas nunca, nunca tive falta de nenhum bem essencial. [...]"</p> <p>"[...] foi aí nessa altura que ela adoeceu, cheguei a ficar com o meu primo mais velho, o meu primo mais velho, o meu primo mais novo já não morava com a minha tia, cheguei a ficar com o meu primo mais velho enquanto ela estava no hospital, porque ela esteve muito tempo mesmo internada, aaaa, só que entretanto pronto, a minha tia achou que aquilo não era... pronto, não era o que chegasse, até porque ele trabalhava, e tudo</p>

		mais e eu acaba por fazer a minha vida um bocado, pronto, era novo de mais para as responsabilidades que já tinha que ter, pronto [...]"
	A4	"[...] ela tem depressões e... teve um esgotamento, ela psicologicamente, ela psicologicamente não estava bem [...]"
Subcategoria - Incidentes críticos, pessoas críticas e fases críticas	S1	<p>"[...] acho que de alguma forma na altura o meu pai era um bocadinho o meu ídolo, queria aprender aquilo tudo o que ele sabia fazer, ele fazia imensos biscates eu ia sempre acompanhá-lo, para ver como se fazia e etc. [...]"</p> <p>" [...]efetivamente o meu pai, e eu sempre achei, era um homem super inteligente, acho que, se calhar não tomou as melhores opções de vida para estar na situação em que estava, mas sempre foi uma pessoa que apesar de tudo sempre tinha assim alguma sensatez e acho que, ah, por muito que lhe tenha doído porque depois percebi que foi complicado para ele, que tinha noção de que a melhor opção seria essa, do que estar adiar, porque depois se calhar chegava aos 8 anos e ah mais não e ... seria uma bola de neve, eu acho que... [...] a minha relação com a minha mãe sem dúvida alguma era uma relação de co dependência [...]"</p>
	S2	<p>"[...] Eu estava em casa, com os meus irmãos ... sim ... eu ainda tentei fugir ... e eu lembro-me que vinha, uma mulher polícia, um policia, e outra pessoa qualquer... que devia ser... sei lá uma assistente social, não sei. Porque eu lembro-me que vinha uma mulher polícia porque eu estava de pijama e ela foi connosco para o quarto, e ficou-nos a trancar a porta para nós mudarmos de roupa e nos vestirmos [...]"</p> <p>"[...]o meu pai bateu-lhe, ainda nós estávamos em casa e eu era pequenita e ela obrigou-me a ir a ps, a GNR, fazer queixa do meu pai, tipo a meio da noite e eu, lá fui a pé, à GNR, e sentei-me no muro da GNR... [...] Sozinha... isto foi pouco tempo antes de nós irmos, virmos para cá... e eu sentei-me no muro da GNR porque eu não queria entrar, né, eu não queria dizer – olha o meu pai bateu na minha mãe – e eu já lá tava, sei lá, para aí há 1 h e tal... e eu lembro-me que eles, um GNR veio cá fora, viu-me e, não sei quê, passado um bocado... [...] passado um bocado voltou outra</p>

	<p>vez, viu-me outra vez e foi ao pé de mim, e eu comecei a chorar, ele levou-me para dentro, deu-me um copo de água, e não sei quê, e teve ali a falar comigo, [...] Eu disse-lhe, eu disse-lhe, ele, ele viu-me a chorar, levou-me para dentro, deu-me um copo de água, lembro-me de tar lá sentada, e ele a falar comigo muito calmamente a ver se eu falava [...]e eu depois disse – o meu pai bateu na minha mãe, e eu disse-lhe – eu não queria, eu não queria vir aqui porque ela, ela, ela também, ela estava a picá-lo, qualquer coisa do género, eu expliquei que ela também estava a provocar a situação, e... e, que... eu não queria estar ali, que ela é que me obrigou... porque, eu não sei se a minha mãe me disse...tipo, ela obrigou-me, eu não sei como é que ela, não sei se ela disse vai se não eu bato-te, não sei, sei que ela me obrigou e eu tive que ir e, ... depois cheguei lá e eu estava naquela, vou não vou e sentei-me no muro montes de tempo a ganhar coragem e se o polícia não tivesse vindo cá fora eu se calhar não tinha entrado, tinha ficado ali porque também não queria ir para casa depois... e... e então depois ele mandou-me para casa... e ele disse, porque eu depois não queria ir para casa porque tinha medo... e ele mas tens medo que o teu pai, e eu dizia-lhe que o meu pai nunca me tinha batido e, não, e não, o meu pai não nos tratava mal, eu não tenho nada a dizer disso, e, e ele disse-me então vais para casa que daqui um bocado agente vai lá ter e, e assim não... pronto agente diz que alguém chamou ou qualquer coisa assim. E eu fui, e fiquei sentada nas escadas não, não entrei. E depois eles chegaram e eu estava sentada na escadas, bateram à porta, o meu pai é que abriu a porta... e eu lembro-me de entrar assim, tipo... sem ele coiso, e ele olhou para mim, e eu estava no corredor, estava a chorar e ele olha para mim e fez-me assim (gesto) tipo não te preocupes, e não, e ele nunca, nunca me tocou no assunto, sequer, nem nunca me disse tu foste, não sei o quê, não, mas pronto, a minha mãe foi tirar a queixa na altura,... foi lá disse que queria tirar a queixa e não sei quê, e então um bocadinho por causa disso é que também ainda sou um bocadinho revoltada contra ela, se calhar [...]"</p>
<p>A3</p>	<p>"[...] O meu pai faleceu... um ano antes de eu [...] antes de eu ir para o internato [...]"</p>

	<p>“[...] entretanto quando ela ficou doente, teve dois cancros seguidos, [...]”</p> <p>“[...] meu pai também sempre teve ligado à politica e tudo mais e, pronto a minha mãe, mesmo que quisesse despois eles se separem, o meu pai era daqueles homens à antiga. Queres ir embora vais embora, mas ele fica comigo e nunca mais lhe metes o olho em cima, foi um bocado tipo isto [...]”</p>
--	--

SINOPSE DAS ENTREVISTAS – MOMENTO DO ACOLHIMENTO

MOMENTO DO ACOLHIMENTO

Subcategoria – Momento do Acolhimento	S1	<p>“[...] na altura que fui, para a instituição tinha 6 anos [...]”</p> <p>“[...]“[...] Então... o meu pai chegou ao pé de mim, não é...como eu disse eu costumava muitas vezes, ele ia fazer os biscates dele ou ia ali ou acolá e eu ia sempre com ele, fazia questão de ir. Ele disse-me assim, ah olha hoje vamos ver as tuas irmãs, e eu já não estava com elas a algum tempo, né, fiquei toda contente, então fomos. Obvio que eu não tinha sequer noção de onde é que elas estavam, porque eles efetivamente nunca chegaram ao pé de mim, olha S1 as tuas irmãs foram para ali, nunca podíamos estar com eles... [...]Ele disse portanto que íamos ver as minhas irmãs, eu fiquei toda contente, não é, e depois a... eu fui para lá, lembro-me tipo, não tem nada a ver, a casa era enorme, não tinha nada a ver com a minha casa, aquilo era um mundo aparte, imensas miúdas e eu pensei, ei que giro, lá tá S1 toca a brincar com elas todas e não sei quê, depois, também tinha muitas miúdas pequenas, que acontece, hoje em dia não tanto, pelo menos naquela, naquela instituição são mais adolescentes, que se vê, a maior parte são mais adolescentes que são acolhidas, naquele caso não havia muitas crianças, eu estava super animada, toda contente... e nisto o tempo passa, passa, passa e eu ali a brincar a brincar (risos) a certa pensei, mas nunca mais tinha visto o meu pai, tanta gente ali mas eu tava tão entretida que não dei conta do tempo passar, quando vou a ver estava ele a ir-se embora, porque ele veio com um amigo dele, ele supostamente já deviam ter aquilo combinado eu é que não fazia ideia né. [...] ele tinha-se ido embora e não sei quê, aquilo foi, foi complicado para mim, porque efetivamente eu era para ir com ele, na minha cabeça, a e depois elas explicaram-me que eu ia lá ficar, etc. essa conversa que é normal, porque acho que todas as pessoas que estão nessa situação devem ter, aaa, com uma criança que está nessa situação... (choro) [...]</p>
	S2	<p>“[...] Fui acolhida com 12 anos e meio [...]”</p> <p>“[...] Foi horrível [...]”</p> <p>“[...] a A tinha então... também era novita ... depois a M era bebé, de colo, tinha se calhar um anito e pouco ... o R, também era novito, devia ter uns 4 / 5 ... e a B... a B foi a única que não foi ... a B ficou em casa ... na altura...</p>

	<p>porque como a B tem Espina Bífida tinham que arranjar um sitio que a pudesse acolher... porque ela tinha necessidades diferentes. E então na altura eu e a A ficamos em L, o R e a M foram para CP, a minha irmã B ainda ficou em casa, pouco tempo, mas ainda ficou em casa, e depois foi para a N. Quando ela foi para a N os que estavam em CP foram transferidos para ao pé da B. Eu e a A ficamos sempre em L. [...]"</p>
<p>A3</p>	<p>"[...] Lembro, aquilo foi, a minha tia adoeceu, pronto, aaa, na altura ela ponderou eu ir para casa de alguns dos meus tios, e eu também foi coisa que eu nunca quis [...] minha tia andou a ver, eu ia com ela e tudo, e, e, pronto, e víamos as condições das casas e tudo mais [...] fomos até aqui, e depois eu lembro-me bué da bem, quando foi no internato, foi aí que a minha tia fez lá o pedido paraaaaa, pronto, para ver se eu podia ficar lá ou não, e aí eu acho que até tive que assinar alguma coisa, já não me lembro, mas eu lembro-me que até tive ali uma pequena reunião. Depois passado pouco tempo, pouco tempo, não sei dizer se foram muitos meses, mas foi pouco tempo, aaaa, prontos, a minha tia disse-me que então eu ia para lá, comecei a passar primeiro, passava, comecei primeiro uns dias, voltei para casa da minha tia, depois comecei a ficar tipo durante, durante a semana, a minha tia ia buscar-me para passar uma noite ou duas, aaaaa, e aos fins de semana ia para casada, depois prontos, chegou uma altura que só comecei a ir aos fins-de-semana, e pronto, acabei por ficar, normal, igual a maior parte dos miúdos. [...]"</p>
<p>A4</p>	<p>"[...] tinha 5 anos [...]"</p> <p>"[...] não me recordo quando era mais pequeno, até aos 10 pelo menos, recordo-me da instituição, vivia lá também com o meu irmão, depois aaaa, recordo-me mais da transação para L, que eu vim para L, recordo-me dessa transação e, aí, aí é que começou. [...]"</p>

Subcategoria - Processo de Integração	S2	<p>“[...] eu cheguei, ainda estive um bocadinho com M e com o R ... eles eram mais pequenininhos, eles só choravam ... a M não, estava ao meu colo mas ... pronto... depois eu lembro-me da S falar comigo, explicar-me como é que ia ser ... como é que não ia ser ... explicou-me que compreendia que aquilo tivesse a ser difícil e que se eu precisa-se de ligar para os meus pais... para eu lhe pedir que ela não me ia impedir de falar com eles... e pouco mais ... depois lembro-me que me foram apresentar o quarto onde eu ia ficar e essas coisas, e instalar-me e [...] Tipo um <i>alien</i> ... estava tudo a olhar para nós ... (riso) ya... sei lá... a primeira altura foi um bocadinho difícil [...] eu acho chorava tanto... por estarem a levar a minha irmã pequenina...”</p>
	A3	<p>“[...] lembro-me, o primeiro dia, epá, pronto, também era miúdo, embora aquilo fosse assim um bocado chocante, aaa, o final do dia, no final do dia lembro-me que até não desgostei porque acima de tudo, qualquer miúdo com 10 ou 12 ou até mesmo 15, chega a um sitio com 50 ou 60 miúdos epá, tipo, é brutal, e agente nem sequer se lembra o que se está a passar na realidade, mesmo [...] diretora e na altura foi depois a educadora que acabou por ficar mesmo a minha educadora, e pronto começou a mostrar-me a casa, a apresentar-me os miúdos, essa coisa toda, depois lembro-me que fui almoçar e depois à tarde, foi quando comecei a interagir com os miúdos [...]”</p>
Subcategoria - Fatores Individuais	S1	<p>“[...] para não perder o contacto e por efetivamente, quando eu vinha de férias vinha mais contente, mais alegre, era outra questão, eeee [...]”</p> <p>[...] Na infância eu acho que tive uma infância feliz, eu não posso dizer que não tive, tinha sempre imensas miúdas para brincar [...]”</p> <p>“[...] efetivamente quando fui para lá tinha 6 anos, muitas delas foram elas que me deram banho, foram elas que me ensinaram certas coisas que eu não sabia, que me vestiam para ir para a escola, são situações diferentes, ainda por cima, aaa, numa idade tão precoce, 6 anos é muito pouco tempo mesmo, aaa é normal que haja certos laços que existam ali, que exista se calhar um maior carinho, olha porque é pequenina, está bem que está com as irmãs, mas não tem a noção de... é normal que haja ali alguma proteção e nesse sentido acho que elas tiveram muito bem porque acho que sempre me deram... sempre foram um pilar para mim, e sempre me deram essa estrutura, essa segurança para que eu pudesse crescer normalmente sem sentir aaa sem me sentir</p>

	<p>diferente, depois disso também há coisas que acontecem na adolescência, mas acho que isso é comum a qualquer adolescente, não é ah porque estas numa instituição... não, não acho que seja o caso, acho que todas as situações vivenciadas são normais da adolescência [...]"</p> <p>"[...] eu também sou sincera, foram raros os casos, apesar de ter muita proximidade com muitas delas que passaram lá, aqueles casos em que eu dizia que confiava em A,B, ou C, eu nunca fui muito de dar demasiada confiança, nunca fui, aaaa mas depois tinha 2 ou 3 pessoas que realmente eram aquelas pessoas que eu sabia que podia confiar e vice-versa, tanto que se eu tivesse que estar no meu canto, estava no meu canto, não estava nada incomodada, não, não, não sou daquelas pessoas que ai que agora me estou a sentir tão sozinha, não [...]"</p> <p>"[...]que o meu problema mesmo, ah questão de me sentir sozinha, ou sentir a falta dos meus pais, era à noite, quando ia dormir, aí sim é que era mesmo para esquecer, porque durante o dia estava distraída, era a tal coisa, e depois chegava à noite, era a tal coisa né, não estava habituada, ah, aaa ir dormir, também que tinha as minhas irmãs, mas era diferente [...]"</p>
S2	<p>"[...] Ao início, tipo eu chorava uma be...assim, opá, eu chorava né, é normal, eu não queria estar ali , o que é aquilo e depois eu, eu estava habituada a orientar a minha vida sozinha né, e de repente eu tinha horas para tudo, e tinha que fazer, não era fazer, porque agente tinha rotinas né, tipo levantar-se de manhã, arrumares o quarto, depois aquilo era por andares tu tinhas uma tarefa por dia, ou limpar a casa-de-banho, ou, ou limpar a sala do andar ou qualquer coisa assim, não era isso que me fazia confusão porque eu estava habituada... era a história das horas, eu ter que sair aquela hora e entrar aquela hora e não poder sair mais [...]"</p> <p>"[...]e sempre fui assim e ainda hoje sou assim, não faço questão, de andar aí a espalhar aos sete ventos que estive ali mas se a conversa, se proporcionar também não tenho vergonha nenhuma nem escondo, e, que tive ali, e ... não, acho que não, até porque eu dizia sempre escusam de me tratar de forma diferente que uma coisa não tem nada a ver com outra, até porque às vezes quando começam com aquelas coisas à tem muito cuidado, ah tem pena, tem pena porque ela teve uma história triste, outra pessoa qualquer, eu fico logo danada porque eu acho que isso não é desculpa para ninguém, e então eu às vezes até digo olha eu também tive e ninguém</p>

		<p>sabe e não ando aí a espalhar e não é isso que faz uma pessoa... por isso, epá não... porque eu também nunca quis... nunca, nunca, porque eu acho que às vezes, usam isso... e... não eu nunca, nem tinha vergonha mas nem andava ali cuidado que eu sou do lar, cuidado, não [...]"</p>
A4		<p>"[...] as pessoas também nos acolheram bem e tal, foi muito, também havia rapazes também, muitos rapazes da minha idade. Eramos todos muito novinhos apesar de haver mais velhos, mas eu recorde-me que havia muitos novos que teriam entrado ali na mesma altura que eu. Até foi fácil, e a equipa técnica até ajudou nessa altura, ajudou-nos bastante. [...]"</p>
Subcategoria - Fatores Familiares / Relação com a Família	S1	<p>" [...] até vá 2002, eu de hábito, ia sempre as férias, as maiores, portanto, páscoa, natal, as férias de verão, ia sempre passa-las a casa dos meus pais, depois em 2002 o meu pai faleceu, nooo verão eeee, é assim, eu honestamente não sei precisar, porque para começar nesse verão, depois eu lembro-me que, que portanto isto foi em agosto, ele faleceu a 2 de agosto se não estou em erro, aaa, houve funeral e tudo mais, eu tinha uma irmã minha a residir lá em O, fiquei lá, fiquei lá com a minha mãe, porque na altura também não fazia sentido deixa-la sozinha para ela ficar em casa depois desta situação toda era complicado, passei lá esse verão, mas depois, a partir dai, estávamos basicamente mais juntos era nos períodos de... de natal, depois ai comecei a passar mais férias em casa das minhas irmãs, tanto neeee... nessa irmã que vivia em O, tanto noutra que vivia na C, e acabei por não passar se calhar tanto tempo com a minha mãe, só se calhar o natal quando ela, quando ela, quando ela lá estava, ou eventualmente quando ela estava em casa de uma das minhas irmãs. Ou seja, acabou por haver ali uma quebra nessa altura em que o meu pai faleceu e eu acabei por não ir tantas vezes... [...]"</p> <p>"[...] eu acho que ... na pior das condições, tive se calhar a melhor das hipóteses, que foi ter lá as minhas irmãs e depois tipo [...] aquilo era muito diferente da, da experiência que eu tinha antes [...] foi bom nesse sentido porque tinha sempre companhia e não me sentia sozinha, acho que o meu problema mesmo, ah questão de me sentir sozinha, ou sentir a falta dos meus pais, era à noite, quando ia dormir [...]"</p> <p>"[...]] era mais a questão mesmo do afeto. Eu a nível de competências não era isso que fazia diferença, eu acho que as minhas competências sempre</p>

	<p>foram mais adquiridas ao longo do ano letivo, não é, com as pessoas com quem eu tinha contato no meu dia a dia e com as coisas que aprendia lá também, a nível de competências com a minha família não acho que fosse por aí. Claro que vinha com maior incentivo, mas acho que, aaa, o que eu tirava daí era maior proveito a nível emocional e a nível afetivo isso sim. [...]"</p>
<p>S2</p>	<p>"[...] eu fui para lá a 24 abril ... e só voltei a ir a casa, no natal ... até aí eles vinham todas as semanas ver-nos. Vinham sempre ver-nos [...] fui a casa nesse natal ... e depois, eu não me lembro bem, sei que devo ter ido outra vez na pascoa e depois no verão e depois entretanto, eu acho que foi logo a seguir que começamos a ir a tribunal e eu acho que na altura ficou estipulado que eu ia tipo 15 em 15 dias, ou uma vez por mês, eu já não me lembro bem... não... porque eu prim... devia ser tipo um vez por mês se calhar ... porque eu depois comecei a ir passar fins-de-semana à N, aquele centro ... onde os meus irmãos estavam. [...]"</p> <p>"[...] ela trabalha, ela faz, ela, isso eu não lhe posso, antes não, ela não trabalhava, e não sei quê, como eu te estava a dizer, mas depois, de nós virmos para aqui e, não sei quê, ela foi-se, foi trabalhando, porque ela trabalhou lembro-me de ela, de eu ser pequenita e ela trabalhar e, não sei quê, depois deixou... ah... mas depois disso sim, ela trabalha, tipo, tem montes de cenas, ela às vezes está numa casa até às não sei quantas, e saí e depois vai e depois vem para outra e, não sei quê [...]"</p> <p>"[...] (se esta situação do acolhimento não acontecesse... achas que isto influenciou de alguma forma esta transformação dos teus pais) [...] E – ya... sim... sim... acho que sim [...]"</p> <p>"[...] O meu pai, eu nunca ouvi o meu pai a refilar da instituição, não, mesmo as vezes a minha mãe tinha aquelas coisas, tipo, elas lá e não sei quê né, a revolta da gente estar lá e não sei quê, o meu pai não, o meu pai nunca, eu não o viaaa, eu acho que ele começou a ver um bocadinho como nós, ok estão a estudar fora e vêm aqui ao fim-de-semana e aquilo esta-me a fazer bem, elas estão lá, estão integradas [...]"</p>
<p>A3</p>	<p>"[...] Tive e deixei de ter e voltei a ter e deixei de ter [...] as vezes não compreendia bem as coisas, às vezes bastava se calhar um fim-de-semana que eu já estava a fazer conta que ia a casa, aaaa, se por acaso não fosse e depois</p>

		<p>se por acaso o outro fim-de-semana a seguir não fosse, pronto, era a tal a coisa, agente não compreende o que é a vida, o que é que é o trabalho, o que é que é o dinheiro, eeee, pronto [...] saía um bocado, mudava um bocado de ambiente, às vezes, nem todos os fins-de-semana, havia fins-de-semana que eu gostava de lá ficar, por exemplo se houvesse uma boa atividade, ooo, se o pessoal combinasse alguma coisa porreira, às vezes, eu próprio chegava lá em baixo e pedia para ligar e dizia à minha tia, que este fim-de-semana queria ficar, ou ia mais tarde, ou para me vir buscar só no final de sábado em vez de sexta, alguma coisa assim. [...]"</p> <p>"[...] quando eu lhe fui pedir isto ela apoiou-me [...]"</p>
	<p>A4</p>	<p>"[...] não, não tinha. [...]"</p> <p>"[...] eu sou filho de pai incógnito [...]"</p> <p>Em relação à mãe – "[...] durante o acolhimento não, não me era permitido. Não deixavam que ela tivesse contacto connosco [...]"</p> <p>"[...] Psicologicamente nunca se consegui equilibrar, mas... mas de resto ela sempre fez a vida dela [...] a minha mãe acabou por... depois conhecia quando tive 18 anos, 18 [...] ia sair da instituição, o meu irmão foi viver para LI para gerir um grupo que era o X, teve lá, teve lá e, depois acabou por ir, comecei a ir lá aos fins-de-semana, o meu irmão já tinha contacto com ela, consegui arranjar o contacto ... eeeee.... E eu tive esse ano, tive contacto com ela, ia visitá-la, estava com ela, saímos íamos almoçar e não sei o quê, pronto... foi, foi estranho, porque nem ela própria me conhecia... tipo olhou para mim, o meu irmão disse-lhe, olha... a minha mãe quando chegou perguntou assim ao meu irmão, olha hoje trazes um amigo cá a casa?, ... afinal eu era o filho dela. [...]"</p>
<p>Subcategoria - Grupo de Pares</p>	<p>S1</p>	<p>"[...] estávamos sempre a brincar, estávamos sempre a ver desenhos animados e aquilo era uma paródia, pronto nós andávamos sempre a inventar qualquer coisa para fazer pronto [...]"</p> <p>"[...] não era fácil porque aquilo era um meio pequeno e às vezes as pessoas vão muito pela maldade e, pelos estereótipos que é achar olha, aquela está ali ou aquelas estão, olha é porque então é burra ou porque os pais são isto ou porque os pais são aquilo, eu nunca tive ninguém, ainda bem para o lado da pessoa, porque eu na altura (risos) eu não sei, que me chegasse ao pé de mim e dissesse olha tu és assim ou isto</p>

	<p>ou aquilo, porque os miúdos dizem, é mesmo próprio dos miúdos, os miúdos são cruéis, faz mesmo parte da vida, e qualquer pessoa sabe [...] tive sim em relação a dizerem isso a outras miúdas e que eu achei que devia interferir, porque depois é assim, nós ali acabávamos por ser um bocado umas pelas outras [...]"</p>
S2	<p>"[...] sim... oh ... aquelas coisas normais né, nem gostas, não gostas sempre de toda a gente(riso) mas sim ... no geral sim [...]"</p> <p>"[...] porque na altura estava no colégio em A e depois vim para L e tive de ir para a D [...] eu normalmente até tinha facilidade em fazer amigos, nunca tive aquela coisa tipo <i>bichinho do mato</i> enfiada no canto, tipo sou nova aqui, não... isso não. E depois eu lembro-me que o filho da S, andava na altura aqui na escola, e até foi ele... que me foi apresentar a escola e dizer-me, então as pessoas pensavam que eu era irmã dele, durante muito tempo (riso) e diziam-me o teu irmão, o teu irmão, e eu, o meu irmão... tipo ficava assim por isso é que, mas muito tempo depois é que não, o N não é meu irmão, não. Mas não nunca me trataram mal e adaptei-me assim bué da bem [...]"</p>
A3	<p>"[...] Opa tive fases, tive fases... tive fases em que me dava bem com toda agente, tive fase que me dava bem com dois ou três, tratava os outros todos muito mal, aaa [...]"</p> <p>" [...] em setembro, entrei praticamente no início do ano letivo, até tive pouco tempo sem livros e tudo [...] depois também havia uma coisa que era 5 estrelas, eu por acaso, eu lembro-me, que não tinha ninguém do internato na minha turma, estava sozinho, aaa, mas pronto quanto mais não fosse tocava o sino eu chegava cá fora e pronto, eramos bastantes, pelo menos sozinho na escola, se calhar, ou seja o espaço de recreio, por norma onde os miúdos têm mais problemas em se adaptar, pronto, eu estava... ao final de uma semana é como se já andasse a estudar naquela escola há anos [...]havia bastantes problemas, ainda por cima aquilo era uma casa bastante famosa, houve, houve, houve sempre problemas. Epá, se calhar chegue a ter algum... também havia pessoal que não sabia bem o que é que falava, até sou capaz de dizer que na escola onde eu andava grande percentagem da escola não conseguia ter metade da vida que eu tinha nessa altura... embora eu tivesse numa casa social, havia muito gente que passava muita necessidade, opa, mas pronto havia sempre aquela coisa, estás no internato e não sei quê [...] Na minha turma não me lembro, não me lembro, de alguma vez ter tido, não me lembro, até porque as pessoas da minha turma eram aqueles com que eu mais, com quem eu mais, sempre me dei, até porque eu na escola levei sempre o mesmo pessoal da turma até, até, até me vir</p>

	<p>embora [...]”</p>
<p>A4</p>	<p>“[...] da primária para o ciclo que é bastante importante também, de haver ali assim um grupo... quando nós temos um grupo, se calhar, eu falo entre mim, quando eramos, andávamos 6 ou 7 vá na primária, nós íamos todos os dias juntos para a escola, nós vínhamos todos os dias, porque os horários eram sempre os mesmos, aaaa, havia se calhar ali uma competitividade entre nós na escola, um queria ter melhores notas o outro também, era sempre assim, e se calhar era aquilo que também não houve na F. [...]”</p> <p>“[...] A nossa relação com os colegas, que depois acabou por... com os colegas, acaba sempre por haver grupos, porque são muitos... uns que se dão mais outros que se dão menos... há bullying há! ... há muito bullying nas instituições, nem imaginam... mas por parte dos colegas. [...] Não havia, aquele mais velho, aquela parte mais velha, e não havia respeito, porque nós se calhar tínhamos um grupo mais velho que era assim, era assim e tens que fazer assim, aquilo não há, aqui ninguém rouba ninguém, nem bate ninguém, ninguém faz nada, acabou. Tás aqui é para seres um homem, mais ou menos assim. Depois disso, não havia nada disso, havia os monitores, olha tiram-me isto, olha tiram-me o telemóvel [...]”</p>
<p>Subcategoria - Fatores Escolar / Relação Escola - Instituição</p> <p>S1</p>	<p>“[...] no 5º e no 6º, lembro-me perfeitamente, e eu, epá não gostava da minha turma, sou sincera, não gostava, primeiro aquilo, é um meio pequeno, e depois eu caí numa turma que se calhar não foi das melhores, que aquilo, eram... como é que eu vou dizer, isto, isto não é estar a falar mal, mas muito deles se calhar tinham vidas completamente diferentes das minhas, então eram aqueles miúdos típicos de, ah o meu pai isto e a minha mãe aquilo e não sei quê, não é que houvesse a questão da inveja, mas acho que eram pessoas que tinham assim um bocadinho falta de noção, na minha cabeça, não é, aquilo não, não...não fazia muito sentido, havia uma ou duas pessoas com quem eu me dava mais [...]”</p> <p>“[...] eu tinha imenso apoio por parte dos professores, eu nunca me senti discriminada ao ponto de dizer, olha, porque és assim, não, muito pelo contrário, tinha uma diretora de turma excelente [...] acho que sempre tive muito esse acompanhamento [...] sempre tive muitas facilidades na escola [...]”</p> <p>“[...] quando estava a terminar a licenciatura estava a ter algumas dificuldades porque que só me faltava estatística, eu tive imenso tempo para fazer estatística e elas foram arranjar-me uma explicadora de estatística, houve sempre ali aquela coisa, é o que te falta e eu acredito que consegues fazer então vamos te ajudar [...]”</p> <p>Relação com a escola – “ [...]Sim, mas o normal, o acompanhamento, a ida à escola, de</p>

vez em quando sei que ligavam para saber como é que as coisas estavam, se bem que havia os recados nas cadernetas que eram infalíveis, mas de qualquer das formas, havia aquela questão do querer saber de como é que as coisas estavam, ou sabia, se calhar eu no meu caso nunca notei muito, mas se havia uma mudança de comportamento ou qualquer coisa eles depois tentavam entre eles perceber se havia alguma alteração na escola ou o que é que se passava, eu sei porque por exemplo quando foi a situação do meu pai, obvio que eu não ia para a escola estar a dizer que me aconteceu isto ou aquilo, nem era do meu feitio sequer, mas a minha diretora de turma sabia, ou seja, se ela sabia foi porque alguém de lá lhe tinha dito, pronto, mas ela fez as coisas assim de forma muito discreta [...]"

"[...] houve muitas mudanças durante estes anos como é evidente ... e acho que às vezes na expectativa de haver uma mudança, haviam muitos retrocessos e isto era muito negativo, que era do género, imagina, hoje há vamos ter aqui um técnico que vos vai acompanhar neste sentido, neste sentido tal, tal, tal, tal, ok, tudo bem, íamos conhecer a pessoa, passado dois ou três dias aquilo já estava tudo virado do avesso, já ninguém se entendia, depois as pessoas diziam à se for preciso tratar de não sei quê, falem com x ou falem com y, aquilo andou assim uma fase muito conturbada, isto é muito mau, para nós é, porque é assim nós estamos habituados aquelas rotinas, sabemos que se for preciso isto falamos com x se for preciso aquilo falamos com y, se for preciso fazer tal, falamos com tal, aquilo está tudo muito delineado e depois quando há esta quebra desta rotina e há este ... esta incerteza, acaba por ser muito mau, porque a pessoa efetivamente não sabe o que é que se está ali a passar ah, e quanto tempo é que aquilo vai durar, geralmente depois aquilo era uma situação que se fosse preciso passados duas semanas as coisas estabilizavam mas houve assim períodos de muita oscilação. [...]"

Violência na instituição "[...] já lá tive situações a que eu assisti nomeadamente violência das utentes para com as funcionárias [...] violência dos técnicos para as jovens? [...] Também aconteceu, não nos últimos anos, mais no primeiros anos que eu lá tive, aconteceu, acho que às vezes, porque as situações são diferentes, agora há coisas que não são permitidas de todo, e na altura não era bem assim, e estas situações, que eu acho que eram desnecessárias, que eu acho que não se justifica, aaaa mas lá está eu acho que isto com o tempo vai mudando, acho que há situações que vão melhorando, nesse sentido acho que foi, na altura se calhar... as coisas não eram, não havia tanto rigor, nesse sentido, na questão ah não vamos estar aqui a chegar ao ponto da violência física porque não se justifica, daí a questão das medidas reparadoras, à posteriori e etc., funciona melhor, já vi mas nada por aí além, existiam situações

	<p>mais graves ao contrário, porque é a tal coisa, eu acho que, há situações em que as pessoas vão para lá numa situação limite, limite a nível psicológico, se calhar nem sempre identificada, a pessoa vai para lá, agora vais para aqui porque os teus pais não podem estar contigo, por exemplo, às vezes a conversa é um bocado esta, mesmo assim, ahah e as pessoas não percebem porque é que têm de lá estar ah e porque é que alguém que eles não conhecem de lá nenhum chega lá e diz agora tens que ir para a cama, agora tens que ir fazer isto, e sentem aquilo como uma ameaça direta, quer dizer mas então eu não te conheço de lado nenhum e vens aqui e dizes-me isto, pronto, e acho que esse tipo de situações muitas vezes originam esse tipo de... de conflito”</p> <p>“ [...] medidas reparadoras [...] limpar as paredes [...] depois houve uma altura que era a parte da copa, do refeitório e da cozinha, supostamente a pessoa tinha que fazer tudo, à noite, depois do jantar, era o castigo, mas isso era quando a coisa estava muito mal, ou já não era a primeira vez e era uma situação mais grave, era muito comum então em vez de fazerem duas tarefas fazer três de manhã, coisas assim desse género assim.”</p>
<p>A3</p>	<p>“[...] Bastante, bastante, isso aí é uma daquelas coisas que por muito que um pai e uma mãe consiga, nunca consegue ter a mesma ligação que tem uma casa destas, pelo menos na altura quando foi da SS. Aaaa. Pronto é o trabalho deles, estão ali um dia inteiro, só fazem aquilo, pronto, não escapava nada, nada [...]”</p>
<p>A4</p>	<p>“[...] passei da primária, depois fui para o 5º ano, 5º,6º,7º... foi no 7º que houve ali a transição da F, eu fui culpado, fui culpado, porque comecei a fazer ali algumas asneiras, segui caminhos que não devia ter seguido mas... muito, depois muito rapidamente chumbei, chumbei no 7º, mas depois, muito rapidamente aaa, vi que não era aquilo que eu queria e consegui voltar outra vez a restabelecer-me a orientar-me logo, foi um anito assim, pronto, uma fase escolar assim terminada, mas voltei, voltei ao sitio e pensei não, não é isto que eu quero, eu tenho que estudar... mas depois, aaa, eu é que fui arranjar o meu próprio curso, porque não houve ninguém na F que me fosse inscrever a uma escola, que fosse comigo, não, eu já tive que ir... aaaaa... porque não queriam saber, e eu olha... não querem saber olha, eu tenho que fazer por mim [...]”</p> <p>“[...] Conclui o 9º ano e pelo impressionante que seja pedi para seguir os estudos, acho que já tinha os 18 anos, queria prosseguir, queria pedir uma autorização porque</p>

a minhaaaaa [...]eles chamam a nossa medida, acabava aos 18 anos, eu perguntei acaba aos 18 anos o que é que eu vou fazer da minha vida?, acabei o 9º ano eu não tenho trabalho não tenho nada... porque é que me tiraram aos meus pais se agora me vão mandar novamente outra vez para a rua?, não tenho casa... não tenho nada... faz o teu melhor, disseram-me isto... e eu pedi para voltar a estudar, queria estudar, pedi para pediram ao diretor da F, para que me mantassem lá pelo menos até aos 21, para eu fazer o, o, o, até ao 12º eeee, eee pronto, queria continuar a estudar e se pudesse fazer a universidade, não nem me deram hipóteses disso, acabou a medida, acabou tens que te ir embora. [...]"

"[...] da primária para o ciclo que é bastante importante também, de haver ali assim um grupo... quando nós temos um grupo, se calhar, eu falo entre mim, quando eramos, andávamos 6 ou 7 vá na primária, nós íamos todos os dias juntos para a escola, nós vínhamos todos os dias, porque os horários eram sempre os mesmos, aaaa, havia se calhar ali uma competitividade entre nós na escola, um queria ter melhores notas o outro também, era sempre assim, e se calhar era aquilo que também não houve na F. [...]"

"[...] A nossa relação com os colegas, que depois acabou por... com os colegas, acaba sempre por haver grupos, porque são muitos... uns que se dão mais outros que se dão menos... há bullying há! ... há muito bullying nas instituições, nem imaginam... mas por parte dos colegas. [...] Não havia, aquele mais velho, aquela parte mais velha, e não havia respeito, porque nós se calhar tínhamos um grupo mais velho que era assim, era assim e tens que fazer assim, aquilo não há, aqui ninguém rouba ninguém, nem bate ninguém, ninguém faz nada, acabou. Tás aqui é para seres um homem, mais ou menos assim. Depois disso, não havia nada disso, havia os monitores, olha tiram-me isto, olha tiram-me o telemóvel [...]"

"[...] Ah sim, muitos dos meus colegas sabiam, os professores sabiam. Não, não nem havia hipótese para isso, na escola eramos mais unidos, na escola eramos unidos, se houve alguma coisa, um problema ou uma situação com alguma colega. Mas nós normalmente nunca tínhamos muitos problemas na escola. [...]"

"[...] as nossas educadoras na altura da SS, as nossas educadoras estavam sempre, nunca havia nenhum problema, todos os dias viam-nos a caderneta dos recados [...]"

Tempo da F – "[...] havia o acompanhamento saúde/escola, mas já não era a mesma

		<p>coisa, se fosse preciso, tinha uma falta justificada e não ia o dia inteiro [...]”</p> <p>“[...] nós chegávamos da escola, depois quando estava a F, nós chegávamos e muitas pessoas já nem faziam os trabalhos, olha para te ser sincero eu nunca mais me lembro de ter feito trabalhos, nunca mais estudei, sempre consegui fazer a escola, mas nunca mais estudei, nunca mais fazia nada, eu chegava da escola, ia lanchar, ia jogar à bola lá para baixo, juntávamo-nos todos íamos jogar à bola e não havia nada para ninguém, e outros nem estavam lá, às vezes vinha para L, outras vezes começava a sair à noite, outra vezes [...]”</p>
Subcategoria - Relação / Frequência entre Sistema da Comunidade (Saúde)	S1	<p>“[...] ao longo dos anos tive, mas recentemente apostavam muito nisso, até porque depois a camada já era muito adolescente aa e era importante, nomeadamente irem lá enfermeiras, aa informarem acerca da questão da sexualidade, da saúde de modo geral, a questão da higiene oral também, às vezes iam lá higienistas, portanto, ver como é que estavam as coisas de modo geral, e íamos ao dentista com frequência, acontecia qualquer coisa, partia um dente elas faziam questão de marcar. [...] havia sempre essa preocupação a questão de saúde, se estava bem e se não está bem e se precisa de alguma coisa, sempre houve muito esse acompanhamento, isso houve, por parte da genecologia e tudo elas sempre foram muito atentas a isso eeeee, e terem esses cuidados e mesmo a questão das consultas de planeamento familiar e tudo”</p> <p>Relação com a comunidade – “hoje em dia eu sei que cada vez mais [...] eu conheci lá uma miúda que por exemplo estava no conservatório de música, ou seja, há sempre essa questão de apoio no sentido de as pessoas adquirirem mais competências, mesmo que seja a nível artístico, ou seja o que for [...]”</p>
	S2	<p>“[...] <i>(Em termos de educação sexual, de orientação, de consultas, em termos de ...nunca faltou, em termos da instituição?)</i> E – Ah sim, isso sim. Ali? Não, até demais. [...]”</p> <p>“[...] eu nunca fui a CPCJ eu foi sempre tudo com o tribunal, e as da segurança social iam lá por causa dos que estavam em casa não era por causa de nós. Porque depois para nós iam lá as nossas. Tás a ver, para perceber. E depois elas faziam, as nossas, claro, faziam relatórios para a segurança social e essas coisas todas. Mas eu, eu quando as encontrava lá era por engano, não era porque elas faziam questão que eu lá tivesse, não, era mesmo tipo, porque eu estava lá e elas iam lá naquele dia [...]”</p>

	A3	<p>“[...] Nós tínhamos tudo, até hipismo havia, só não fazia, só não fazia quem não queria, nós tínhamos um bocadinho de tudo, mas, mas... mas depois quando veio então essa Fundação, ou não havia quase nada ou então o pouco que havia eram aquelas coisas, pronto... a que o pessoal não despertava grande interesse, era mesmo, era mesmo, às vezes só havia para encher ali o horário e dizer que se fazia ali alguma coisa [...]”</p> <p>“[...] (<i>I – Em termos de saúde, sentias que a instituição vos proporcionava todas as vossas necessidades?</i>) E – Sim, sim, sim, sim, isso aí tanto a segurança social com até mesmo na altura da fundação, não houve problema nenhum [...]”</p> <p>“tinhas colónias de férias”</p>
	A4	<p>“[...] “[...] na altura da SS eu não tinha nenhum padrinho e eles criam que todos os garotos que andavam lá, andavam na catequese, foi outra coisa que não contei, andávamos todos na catequese, ao sábado, aaaa, gostei muito, por acaso foi muito bom e, depois fomos todos batizados, porque acho isso... acho isso importante. Achei, foi é essa a diferença, na F não havia nada disso, não havia catequese a uma sábado para um garoto, um garoto chegava ao fim de semana não tinha nada para fazer, ou ia para a família, e era sempre a mesma coisa, o garoto ia para a família e vinha de lá, já vinha mal... porque a família não estava bem [...]”</p> <p>“[...] extraescola era, atletismo, futebol, piscina, isto na altura da SS, da F também havia, mas já não havia, havia, havia futebol e essas coisas todas, isso era normal, [...]”</p>
Subcategoria – Famílias de Afeto	S1	<p>“ [...] havia lá uma coisa naquela casa que eu não sei se é muito comum nas outras, mas que ali havia, que era as funcionárias levarem com frequência as miúdas para casa delas, num fim de semana, num evento qualquer, exatamente para que, não houvesse um corte total com a vida, exterior à instituição, ou seja, para as pessoas não pensarem que é só aquilo, que há mais que aquilo, aaahhh, aquela questão de o olha este fim de semana ou hoje vens almoçar a minha casa e depois vais conhecer as minhas filhas ou o meu marido, quer dizer, aquela coisa de as pessoas perceberem que têm ali um apoio e não é só aquela relação de funcionária aaaa com o utente que ali havia, acho que, sempre houve ali um esforço naquela instituição para que as pessoas se sentissem mais integradas, pelo menos aqui há uns anos atrás era assim, agora não sei, acho que os tempos vão mudando, mas na altura havia muito essa questão. [...]”</p> <p>“[...] Às vezes não queria sou sincera (risos) com essa senhora que eu estava a</p>

	<p>dizer, e hoje, e ainda hoje falo com ela, ainda por acaso na outra vez via no shopping aaaa, o filho dela até foi da minha turma mais tarde, e tudo mais e... é das pessoas que guardo como referência eee, é a tal coisa, sempre tive noção que ela me protegeu muito e sempre foi na questão de, olha fizeste alguma coisa mal vou falar contigo, porque eu sei que se falar contigo tu vais perceber, e era sempre esta coisa que é muito maternal [...]</p> <p>“ [...]ela acho que foi das pessoas mais... como é que vou dizer, mais compreensivas que eu lá tive, e que... eu às vezes sentia-me mesmo como se fosse filha dela, até de mais, para o bem e para o mal (risos) para o bem e para o mal, pronto eu acho mesmo é que depois havia a... como o filho dela e eu tínhamos idades muito próximas eu acho que já estava assim um bocado cansada, via-o na escola e depois ela dizia vens aqui para a instituição que vocês dois vão estudar hoje, depois eu, já chega, tipo... (risos) ... [...]”</p>
S2	<p>“[...] Perguntaram-me se eu queria uma família de acolhimento e eu disse que não queria [...] Não queria, porque eu achava que tinha a minha família e acho... não queria... porque é... eu via, havia lá pessoal que tinha... mas, epá não tinham contacto com a família, opa eu não estava com eles mas eles vinham sempre ver-me todas as semanas e ligavam-me e eu ligava para eles, e não sei quê, eu tinha contactos com eles... e eu achava que não, não queria. Eu preferia, eu preferia ir, quando não podia ir a casa, preferia ir para o centro e estar com os meus irmãos, do que, do que uma família de acolhimento, nunca quis [...]”</p>
A4	<p>“[...] Tive um padrinho, uma pessoa que me acolheu... quando eu saí da primeira instituição e fiz a transição para a 2ª para L [...]Essa pessoa, ajudava-nos naquela primeira instituição, quando chegava o natal, ele, ele ia lá e dava prendas a todos os garotos... ele e um grupo que era os lyans, que [...] davam prendas à instituição, a garotos, pediam quero um carrinho telecomandado, quer isto, eles tentavam fazer, tentavam ajudar nesses pedidos. [...] quando vim para L, passado 1 ano, de tratarem da papelada toda, porém tudo em ordem, para ele ser meu padrinho, para eu poder lá passar os fins-de semana, depois aí começou, comecei a ir lá passar os fins de semanas, aaa, uma grande parte ele ajudou-nos. [...] ia sempre mais o meu irmão [...] tinha duas filhas mais velhas, uma delas era da idade do meu irmão e outra ainda era mais velha [...] mais a mulher [...]Ele tinha muito o conceito familiar, todos os domingos havia o almoço familiar, almoço ou</p>

jantar, havia sempre... havia sempre almoço e jantar de família, era diferente, também tínhamos outras coisas, começamos a, a ganhar outros valores, valores a nível pessoal aaa, se calhar hábitos que nós não tínhamos, começamos a ganhar alguns hábitos também, aaaa, a ver o que também queríamos para o nosso futuro, aaaa, posso dizer-te que se calhar, onde eu comecei a trabalhar, não tinha contrato, não tinha dinheiro, não tinha nada, trabalhava para ele, ele dizia-me olha, hoje vais aos correios, ele tinha, tinha 15 lojas, algumas nas C, TV, A, L, ele tinha um grupo grande, hoje vais aos correios, vais lá e entregas estas cartas que a senhora já sabe tudo, criava algum para ganhar responsabilidade, amanhã vais ao banco, mais tarde, houve uma televisão num cliente que avariou vais ali com o rapaz, que era um dos empregados dele, vais com ele, vais lá e tiram a televisão e levam a nova, aaa, ele tinha na área das energias renováveis, eletrodomésticos, tinha... eletricidade, construção civil, mecânica, tinha muitas áreas. [...] Fins de semana e férias, férias de verão ia sempre para lá, trabalhar, férias, por depois também fazíamos férias, aaa, eles também, fechavam ali uma parte, eles fechavam a última de agosto e a primeira, não fechavam, ficavam os empregados e nós íamos [...]"

"[...] Na altura era tudo, era tudo, porque na altura, a nível pessoal, se calhar aquilo que nós nunca tivemos foi um ambiente familiar, no meu caso, e no do meu irmão, era, era, foi isso que nos ficou [...]"

"[...] Sim, uma família. Sim é bastante importante [...]quanto mais novo isso acontecer melhor, porque nós ainda nos estamos ali a moldar e temos alguém que se calhar tá ali, que dizemos que é a nossa família, que nos tenta ajudar, que consegue-nos moldar, que consegue-nos dizer o que é que é o melhor, o que é que deves fazer, e acabamos às vezes... se calhar tive um colega meu lá que hoje chama mãe a uma senhora que o acolheu que teve a mesma situação que nós. [...]"

"[...] para sermos mais autónomos, mas... depois como houve, ao longo do tempo... quando foi, quando mudou para a F ainda continuamos a ir coisa e tal, mas depois houve ali um tempo que deixamos de ir, houve uma falta de ligação também [...] Não, não, não nunca nos disseram nada [...]"

" [...] eu acho que o muito importante é o acompanhamento nessas alturas,

	<p>porque realmente se a pessoa está a gostar se está a conseguir integrar [...] (por parte da SS essa supervisão era realizada?) E – Havia, ligavam sempre ao meu padrinho a perguntar como é que se comportou, se correu tudo bem, havia sempre ali uma ligação, uma ligação, também falavam da escola, se havia trabalhos, essas coisas, havia ali sempre uma ligação entre eles. E isso é bastante importante entre a família de apoio eeeee a nossa educadora, para saberem, tem que ser, tem que ser mesmo assim, tem que haver uma regra, tem que se saber o que é que se passa, se está tudo a correr bem, quando uma pessoa sai de uma família é porque algo não está a correr bem, e pode vir com perturbações, é normal, aí se calhar era um pouco... mas eu sinto muita diferença hoje. [...]"</p>
<p style="writing-mode: vertical-rl; transform: rotate(180deg);">Subcategoria - Fatores Metodológicos e Institucionais</p>	<p>S1</p> <p>“[...] só meninas [...] houve várias oscilações 38, 42 ao longo dos anos, mais ou menos estes números [...]"</p> <p>“[...] foram 19 anos é muito tempo, e houve muitas reestruturações a nível da instituição [...] tínhamos uma psicóloga que nos estava a acompanhar e ela fez-nos uma série de perguntas para perceber qual era a minha opinião em relação a essa situação de ir a casa [...] isso depois não foi para a frente, exatamente pela questão económica, porque depois de duas em duas semanas era um custo muito exacerbado para eles. Eu acho que foi por isso que não aconteceu, mas eu acho que só o facto de se colocar essa hipótese significava que se calhar ainda havia uma réstia de possibilidade de um dia poder haver, portanto essa reintegração no seio familiar, mas nunca aconteceu [...]"</p> <p>“[...] a casa era tão grande e o espaço à volta era tão grande nos inventávamos sempre qualquer coisa para fazer [...]"</p> <p>“levantávamos-mos de manhã por volta das 7, agora deve estar um bocado diferente, mas eu acho era mais ou menos isso, mas foi mais ou menos isso ao longo deste período todo, portanto, não ade ser muito diferente, depois eles tinham uma lista de tarefas mensais que nós estávamos destinadas a fazer, uma questão de organização porque a casa é grande, efetivamente, e umas estavam responsáveis por varrer um corredor, outras varrer por parte do refeitório, a parte da copa, isto estava tudo designado e eram tarefas que eram feitas logo de manhã antes do pequeno almoço, de forma que depois do pequeno-almoço fosse só mesmo escovar os dentes, acabar de preparar as coisas e ir para a escola, porque nós eramos muitas mesmo (risos) e aquilo tinha que haver mesmo alguma orientação porque se não dava barraca. E depois é assim, umas precisavam mais de ajuda, as mais pequeninas, porque ou não</p>

se conseguiam vestir, oh se calhar a roupa estava escolhida do dia anterior, mas achavam que podiam vestir outra coisa qualquer que não tinha nada a ver, aaa... E era feito assim o acompanhamento mais rigoroso, mas basicamente era esse de manhã, portanto, pequeno-almoço, escola, depois, no meu caso, eu tinha sempre aulas de manhã depois vinha almoçar a casa, aaa depois de almoço trabalhos de casa, depois dos trabalhos de casa, aí sim, podíamos ir brincar e depois mais ou menos por volta da hora de jantar, o jantar era às sete e meia, aaaa, íamos tomar banho, íamos já, portanto jantar com o banho tomado, já para evitar que depois de jantar andasse ali tudo à nora e depois por voltas, mais ou menos das 9h30, aaa, deitar então, até porque depois tinha de haver um certo período de... até porque depois acordávamos às 7h00.”

“[...] nós tínhamos as funcionárias que estavam durante o dia e depois tínhamos aquelas que, habitualmente, tirando ao fim-de-semana, por uma questão de horários, faziam as noites, e geralmente eram duas, eles depois iam intercalando [...]Eu tinha uma funcionária minha que depois dizia, começava, pronto, a coisa da birra, chorava e chorava e depois queria a minha mãe, queria a minha mãe, e então ela dizia-me que, isto imagine-se, isto foi logo nos primeiros dias de certeza, isso eu tenho garantido porque na altura lá está, foi mesmo um choque, então o que é que ela fazia, contava de forma decrescente os dias que faltavam para eu ver a minha mãe, depois ela ia lá, sempre que era ela a fazer as noites e depois dizia faltavam 30 dias, ou faltavam 29, ou faltavam 27... e eu como via que, tipo, o numero era cada vez mais pequeno, não é que eu soubesse contar assim tanto, mas depois sabia, porque eu depois ia procurar, eu perguntava, ela ia lá sempre dizer que faltavam poucos dias, até que houve uma altura que já não precisava disso, até porque eu já sabia que faltava pouco tempo já não, não tinha aquela ansiedade, mas ela fazia isso, fazia mesmo. Fazia-me sentir mais confortada, isso ficava, porque ela realmente tinha aquele cuidado de ir lá e dizer [...] isso tem mesmo a ver com a preocupação que as pessoas têm, a e com os afetos que vão ganhando com as pessoas que lá passam, pronto, e ela realmente sempre teve esse cuidado de ir lá, e dizer que faltavam poucos dias e que não sei quê, sempre teve esse cuidado, lembro-me de ser miúda, e ela... pronto... e no entanto era das pessoas que eu acho que eram mais rígidas ali, ela depois quando ralhava connosco fujam (risos), mas depois tinha esse lado extremamente amoroso e extremamente aaaa era mesmo afetiva, nesse sentido era, quando tinha que ralar, ralhava e nós andávamos todos ali em sentido, mas depois tinha esse lado que era extremamente amoroso e eu é das coisas que eu não me esqueço é isso...”

Técnica de referência – “[...] na altura da infância eu acho que sem dúvida ela foi das pessoas que, exatamente por essas questões [...] Ao longo do tempo, obvio que depois ouve outras pessoas que também foram referências para mim. Tive outra professora”

“ [...] é a nossa casa, então nós efetivamente vivemos as nossas coisas e há coisas que nos aproximam acho que isso é inevitável, a não ser que a pessoa esteja ali só mesmo por estar, mas isso é raro acontecer e quando acontece depois não é muito bom, porque depois as pessoas acabam por se sentir tão sozinhas [...]”

“[...] agora vou ter de partilhar o meu espaço com três pessoas que eu não conheço de lado nenhum... e isto é assim às vezes é complicado e, ainda por cima se forem adolescentes pior ainda, porque isto são pessoas que às vezes não se pensa, porque as pessoas chegam lá dessa maneira, mas tem impacto [...] havia ali muitos, muitos casos, que as pessoas as vezes, efetivamente, aaa, eram institucionalizadas, passe a expressão, tarde, não é, e depois isso tinha ali certas, certas falhas porque depois as pessoas não se conseguiam adaptar, houve ali muitos casos que depois não se conseguiram mesmo adaptar [...]”

Relação com a escola – “[...]Sim, mas o normal, o acompanhamento, a ida à escola, de vez em quando sei que ligavam para saber como é que as coisas estavam, se bem que havia os recados nas cadernetas que eram infalíveis, mas de qualquer das formas, havia aquela questão do querer saber de como é que as coisas estavam, ou sabia, se calhar eu no meu caso nunca notei muito, mas se havia uma mudança de comportamento ou qualquer coisa eles depois tentavam entre eles perceber se havia alguma alteração na escola ou o que é que se passava, eu sei porque por exemplo quando foi a situação do meu pai, obvio que eu não ia para a escola estar a dizer que me aconteceu isto ou aquilo, nem era do meu feitio sequer, mas a minha diretora de turma sabia, ou seja, se ela sabia foi porque alguém de lá lhe tinha dito, pronto, mas ela fez as coisas assim de forma muito discreta [...]”

“[...] houve muitas mudanças durante estes anos como é evidente ... e acho que às vezes naaa, na expectativa de haver uma mudança, haviam muitos retrocessos e isto era muito negativo, que era do género, imagina, hoje há vamos ter aqui um técnico que vos vai acompanhar neste sentido, neste sentido tal, tal, tal, tal, ok, tudo bem, íamos conhecer a pessoa, passado dois ou três dias aquilo já estava tudo virado do avesso, já ninguém se entendia, depois as pessoas diziam à se for preciso tratar de não sei quê, falem com x ou falem com y, aquilo andou assim uma fase muito conturbada, isto é muito mau, para nós é, porque é assim nós estamos habituados aquelas rotinas, sabemos que se for preciso isto falamos com x se for preciso aquilo

falamos com y, se for preciso fazer tal, falamos com tal, aquilo está tudo muito delineado e depois quando há esta quebra desta rotina e há este ... esta incerteza, acaba por ser muito mau, porque a pessoa efetivamente não sabe o que é que se está ali a passar ah, e quanto tempo é que aquilo vai durar, geralmente depois aquilo era uma situação que se fosse preciso passados duas semanas as coisas estabilizavam mas houve assim períodos de muita oscilação. [...]"

Violência na instituição “[...] já la tive situações a que eu assisti nomeadamente violência das utentes para com as funcionárias [...] violência dos técnicos para as jovens? [...] Também aconteceu, não nos últimos anos, mais no primeiros anos que eu lá tive, aconteceu, acho que às vezes, porque as situações são diferentes, agora há coisas que não são permitidas de todo, e na altura não era bem assim, e estas situações, que eu acho que eram desnecessárias, que eu acho que não se justifica, aaaa mas lá está eu acho que isto com o tempo vai mudando, acho que há situações que vão melhorando, nesse sentido acho que foi, na altura se calhar... as coisas não eram, não havia tanto rigor, nesse sentido, na questão ah não vamos estar aqui a chegar ao ponto da violência física porque não se justifica, daí a questão das medidas reparadoras, à posteriori e etc., funciona melhor, já vi mas nada por aí além, existiam situações mais graves ao contrário, porque é a tal coisa, eu acho que, há situações em que as pessoas vão para lá numa situação limite, limite a nível psicológico, se calhar nem sempre identificada, a pessoa vai para lá, agora vais para aqui porque os teus pais não podem estar contigo, por exemplo, às vezes a conversa é um bocado esta, mesmo assim, ahah e as pessoas não percebem porque é que têm de lá estar ah e porque é que alguém que eles não conhecem de lá nenhum chega lá e diz agora tens que ir para a cama, agora tens que ir fazer isto, e sentem aquilo como uma ameaça direta, quer dizer mas então eu não te conheço de lado nenhum e vens aqui e dizes-me isto, pronto, e acho que esse tipo de situações muitas vezes originam esse tipo de... de conflito”

“ [...] medidas reparadoras [...] limpar as paredes [...] depois houve uma altura que era a parte da copa, do refeitório e da cozinha, supostamente a pessoa tinha que fazer tudo, à noite, depois do jantar, era o castigo, mas isso era quando a coisa estava muito mal, ou já não era a primeira vez e era uma situação mais grave, era muito comum então em vez de fazerem duas tarefas fazer três de manhã, coisas assim desse género assim.”

Tarefas – “ [...] ter que ir para a costura, estar a dobrar cuecas, estar a dobrar roupa, estar a esticar lençóis, mas isto tipo nem me serve para nada, porque é assim, quando tu és miúdo não estás a pensar nessas coisas, tu queres é brincar e ir ver desenhos

animados, alguma vez dobrar curcas (risos) aa dobrar meias, estender roupa, não, aaaa e nós tínhamos essa questão, durante muitos anos tínhamos, portanto, nós passávamos, íamos prestar esse apoio, porque nós depois tínhamos funcionárias sempre, tínhamos uma costureira e uma pessoa que tratava da parte da lavandaria, nós íamos só dar um apoio pontual, a questão mesmo ou estender roupa que fosse mais simples, ou dobrar meias e cuecas, etc., etc., a... depois tínhamos as tarefas comuns, que eu estava a dizer, que geralmente aaa à umas... a casa de modo geral fazia-se de manhã, e depois tínhamos então o refeitório, a copa e a cozinha que eram tarefas que se faziam depois do almoço e depois do jantar, sendo que nós tínhamos sempre uma cozinheira, não é, tirando, ela estava sempre dentro do período normal, que acho que era 9 -18, e depois deixava as coisas minimamente feitas para quem ia fazer o jantar, sendo que eram sempre dadas indicações daquilo que estava ou não feito e daquilo que era preciso ou não fazer, aaa e tínhamos também uma funcionária de limpeza, as limpezas eram feitas por nós...[...] a questão da cozinha era uma questão que requeria algum cuidado, então eram sempre escolhidas as pessoas mais velhas da instituição para evitar não é, que aquilo não corresse bem [...]"

"[...] nós portanto tínhamos um período, depois de vir da escola, que era só mesmo para estudarmos e depois tínhamos salas próprias de estudo, aquilo era tudo muito organizado nesse sentido, e tínhamos um acompanhamento mesmo de perto. Não há, perguntavam sempre pelos trabalhos de casa, ah não tenho, então deixa-me ver o teu caderno, (risos) acontecia muitas vez [...] havia muito esse acompanhamento, mas rigoroso mesmo, tanto que depois ao longo dos anos, nos últimos anos até já temos uma equipa técnica diferente, até já tem educadores sociais e tudo, portanto essa questão do estudo lá sempre foi primordial, nunca foi aquela coisa há andem assim como querem, não, muito pelo contrario, eu às vezes dizia, não tem nada para fazer então vai ler um livro, e eu estava ali 1 hora a ler um livro, porque tinha que reservar aquela hora para uma coisa que não fosse estar a brincar ou a fazer o que queria, era uma coisa que fosse mais... vá, de, de cariz intelectual, às vezes lia banda desenhada porque não estava para ler livros, era só mesmo para dizer que estava ali."

"Depois recebemos uma psicóloga na altura, que efetivamente começou a fazer um acompanhamento, ela tinha uma escala em que nós tínhamos cerca de 45 minutos, mais ou menos, por utente, marcado com ela aquela horaaaa, depois começou a ser feito um acompanhamento mais pormenorizado, porque depois entretanto essa psicóloga subiu para outro cargo e veio outra então que, ainda o acompanhamento foi maior, porque ela depois deixou de conseguir exercer funções dentro dessa área e depois passamos a ter outra psicóloga que não só fazia os acompanhamentos

	<p>individuais como também fazia muita terapia de grupo, que eu acho fundamental. Eu por acaso, eu na altura já estava na faculdade, portanto não, não havia essa coisa, mas houve uma altura eu disse eu quero fazer uma de grupo para ver como é que é e foi fazer com as miúdas que estavam lá todas mais ou menos da mesma idade e opa achei giro porque ela realmente, aaa, acho que é uma pessoa muito competente, aaaa, para para um sitio daqueles, hoje em dia um lar de infância e juventude que não tenha um bom técnico a nível de psicologia perde muito... e ela nisso é excelente, porque é uma pessoa que anda sempre à procura de ... de... de novas ideias e novos projetos para dinamizar as coisas e para se tornar mais próxima das jovens, eu acho que aquela casa apostando em técnicos assim ganha muito, porque eu acho que se nota muita diferença e depois também se ganha muito mais proximidade também com as utentes.”</p> <p>“ [...] eu acho que é benéfico porque há coisas que sempre se vão aprendendo com diferentes idades, há questões por exemplo que são questões femininas a temos miúdas da nossa idade, nós não vamos perguntar às miúdas da nossa idade porque nós não sabemos, vamos perguntar às mais velhas porque elas já sabem, já passaram por isso, e acho que isso, que isso tem essa... eu acho que pode ter os seus pontos negativos sim, evidentemente, mas os pontos fortes eu acho que são superiores, porque depois há uma troca de experiências que acaba por ser benéfica [...]”</p>
S2	<p>“[...] Eu ia daqui ... eu e a A íamos passar os fins de semana à instituição onde eles estavam ... à N e cheguei lá a passar Verões, também [...]”</p> <p>“[...] os técnicos, quer dizer, a S, tipo a diretora, porque eu sempre tive uma relação, uma relação muito boa com ela, ainda hoje tenho e, e ela, ela falava muito comigo, e essa conversa foi mesmo por isso, eu sabia que ia a tribunal e ela no dia antes chamou-me à noite e eu tive com ela no gabinete e tivemos a pensar como é que íamos fazer, se nos prepussem alguma coisa como é que... e ela deu-me a opinião dela e eu dei o que achava então chegamos a esse... vá a esse acordo, tipo é melhor assim... e foi isso que dissemos na altura à juíza... e pronto ela acabou por, por fazer aquilo que agente tinha [...]”</p> <p>“[...] tínhamos aquele, aquela hora de estudo, todos os dias, depois de jantar e não sei quê tínhamos sempre ali uma hora de estudo [...] mesmo elas viam, eu até podia dizer, não, não tenho necessidade nenhuma, mas se elas achassem, elas davam-me, arranjavam um explicador e, e isso tudo”</p>

“ [...] acordavas de manhã, arranjavas-te, preparavas-te, tomavas o pequeno-almoço, depois tinhas aquela tal tarefa que ... que nós normalmente tínhamos... tipo ou arrumar a sala òòòò tipo normalmente era só tipo limpar o pó òòòò aspirar òòòò passar o espanador só para coiso... porque as limpezas mesmos eram depois ao fim-de-semana, e arrumar o quarto e as tuas coisas e não sei quê... depois tomavas o pequeno-almoço, arranjavas-te e ias para a escola. Ias para a escola se viesses almoçar vinhas se não viesses fi, né... quando chegavas da escola, pronto, depois também dependia da hora que chegavas, pronto, orientavas a tua vida e não sei quê, tomar banho, à noite né... podias era depois fazer o estudo, depois dependia se tu chegavas cedo, tipo há hora do lanche, fazias o estudo de tarde, se chegasses mais perto do final da tarde tu ias jantar, tomar banho, depois ias jantar, arrumávamos a zona da copa e do refeitório, e depois íamos estudar, por volta das, nós jantávamos, por volta das, entre as sete e um quarto e as sete e meia e, normalmente começávamos a jantar, jantava tudo ao mesmo tempo, acabávamos todas ao mesmo tempo, arrumávamos aquilo e depois íamos pó, pó estudo [...]”

“[...] Era sempre à volta dos 40, das 40, entre as 40 e as 42... é a capacidade daquilo, aquilo normalmente está sempre, sempre cheio [...]”

“[...] aquilo tu, no fundo estás um bocadinho com todas, mas nem todas ... porque aquilo é, tipo eu tenho uma educadora para o meu andar, que era a que estava responsável por mim, ou seja, o que era para ser tratado comigo, era com a minha educadora e com a diretora, eram elas as duas. Depois tinhas sempre o resto da casa né, não estavas, elas não tomavam conta das tuas coisas mas, estavam ali ao almoço ao jantar, brincavam contigo, saíam contigo, e não sei quê. Mas sim as pessoas com quem eu fiquei mais ... mas mesmo assim, ainda foi mesmo só a S (risos) [...] epá não foi a instituição em si, epa foi a S (risos), foi, foi mesmo, porque ela foi... foi uma mãe para mim [...]”

“[...] (I – Lembras-te se era algum trabalho feito, diretamente com, com os teus pais.) É e axo que ainda é, não te sei especificar, mas acho que sim... eu acho que elas vão lá, tipo ... não sei se é uma vez por mês, ou qualquer coisa assim. Eu lembro-me que elas começaram a fazer, essas tais que vieram lá, no

	<p>tal programa, eu estou a dizer essas, mas por exemplo, uma mais ou menos a outra eu gosto dela (risos) aaaa elas vão... vão lá... vai a P que é a assistente social e vai outra que é a educadora [...]"</p> <p>"[...] depois também depende da idade e não sei quê, mas eu lembro-me quando eu era mais nova era muito mais apertado. Porque as mais velhas saiam na hora da visita e acabou-se. E ao depois quando eu fui das mais velhas... eu tinha um bocadinho coiso, eu chegava a casa, tipo, se eu disse, depois do jantar, olha vou ali, imagina, olha vou ali ao ócio beber café, eu ia, ela só me dizia atenção... e não sei quê às horas, ou não sei quê, ia tipo uma horita, ia ali, não sei quê... tipo íamos dar caminhadas, tipo olha hoje vou correr, e eu ia. Eu dizia-lhe que ia correr, ela sabia lá, eu dizia que ia correr [...]"</p> <p>"[...] (E quais eram os castigos?) E – Opa era do tipo coisas estúpidas, mas que tu ficavas danada né (risos) tipo ou não saias, ou ficavas sem ver televisão, ou ias para a cama mais cedo, ou, tipo imagina aquilo tinha horas de deitar diferentes, por exemplo umas deitavam-se às 9h30, que normalmente eram as mais novas, as outras às 10h30 em dias de semana,... pronto podia acontecer tu teres que ir para a cama às 9h30 com as mais novas... aaahhh ou ficar de castigo na loiça não sei quanto tempo, porque aquilo era por semanas... aaahhh, pronto era assim esses castigos."</p>
A3	<p>"[...] aquilo estava dividido por andares, oh melhor, eram dois andares, um dos andares, metade do andar era para o pessoal mais velho, já a partir dos 17 até aos dos 20 eeeee, e depois o outro era aquela parte mais adolescente, vá, não sei, talvez dos 14 aos 16/17 e depois o piso de baixo era mesmo só os mais novos. Eu estava no piso de baixo, lembro-me na altura que até já era dos mais velhos, mas era se calhar havia miúdos sei lá, se calhar entre os 7 e acho que na altura o mais velho deveria ter 24 anos, se não me engano. [...]"</p> <p>Técnica de referência – “ [...], sim, nós tínhamos, vá, era como se fosse a nossa mãe lá dentro, a nossa encarregada de educação, extamente, o nome era esse, aaaa, depois havia claro, havia mais pessoas, havia as monitoras, faziam aqueles trabalhos mais banais, com os miúdos tipo roupa, cama, andavam a ver como é que o pessoal andava, a, a, a, a, havia também, pronto... não sei já quantas, mas para aí umas 3 professoras e auxiliares para, para, para a educação, aaaa pronto, depois cada sitio, havia a parte das cozinheiras, da roupa, pronto tudo isso. [...]"</p>

	<p>“[...] (<i>I – Vocês tinham tarefas?</i>) E – Aaaaa, tínhamos, tínhamos, mas por acaso, hoje vendo bem até tínhamos muito poucas para o que... o que devíamos ter, mas tínhamos. [...]”</p> <p>“[...]Levantar, higiene, vestir, aaa, comer, voltava outra vez ao quarto, aaaa, fazer camas, tudo mais...aaaa preparar as coisas para levar para a escola, descer, passava na sala da educadora, que a sala da educadora é sempre cá em baixo na saída, passava na educadora, dizia bom dia, se houvesse alguma coisa, algum recado para dar se não houve, e pronto, depois ir para a escola... escola, normal como qualquer escola, voltava da escola, era um bocado o inverso, vá, passava na educadora, recados não há, pronto, voltava para cima, banho, epá, brincava, fazíamos o que tínhamos a fazer, se tivéssemos que limpar o quarto, se tivéssemos que... pronto, jantar, a seguir ao jantar, pronto, o pessoal entretia-se, fazia alguma coisa, ou [...]quando chegávamos da escola também havia essa coisa, tínhamos então que ir à sala da ... pronto à sala de estudo, exatamente, o nome era mesmo esse a sala de estudo. Tínhamos que ir à sala de estudo, se lá tivesse a professora ou as auxiliares agente mostrava os cadernos e isso tudo, pronto, isso depois também era um bocado consoante as idades [...]”</p> <p>“[...]Não, havia prémios, havia prémios...aquilo, opa, isto houve várias fases, mas a semanada servia, a semanada embora fosse pouca, era, foi, era a maneira que a diretora da casa tinha de implementar alguma, alguma regras, porque quase todos os miúdos, havia lá muito poucos, havia lá um ou outro, embora se só visse o pai uma vez de ano a ano tinha sempre dinheiro aaaa, mas a maior parte dos miúdos a semanada contava sempre para tudo, valia, embora fosse pouco, aquilo contava para tudo, então tipo... faziam esquemas com escola, com a maneira como deixavas o quarto arrumado, tudo contava para a semanada [...]”</p> <p>“[...]ir ajudar para a cozinha, isso por exemplo não era um tarefa... nem sequer era mesmo tarefa, no máximo se fosse era para ajudar com a loiça, isso era uma das tarefas, agora ajudar mesmo na cozinha, a limpar a cozinha toda e isso, isso já era o castigo [...]”</p> <p>Tarefas – “ [...]Quartos, pronto, essa da cozinha, que já nem me estava a lembrar, que era a zona dos pratos, ajudar a cozinheira a servir, aaaa, tinha tipo como se fosse uma cantina, pronto, o pessoal chegava levantava o tabuleiro e, no final, entregava lá o tabuleiro, e era isso, ajudava-se a montar o tabuleiro para o outro levar e ajudar depois as desmontar os tabuleiros para por a loiças nas máquinas e tudo mais, pronto, isso era uma delas, era quartos, era a limpezas do pisos, também havia, também havia uma escala que ia rodando por quartos, se eu não me engano... aaaaaaa, casas</p>
--	--

de banho, mas isso acabava também por ser pelos pisos...o exterior também rodava, havia uma escala de limpeza aos fins-de-semana, aos sábados aquilo também ia rodando, já não me lembro bem se era por pessoas, se era por quartos, pisos, era uma coisa assi, do género, já não me lembro muito bem, já passou alguns anos. Eeeee, acho que não, não me lembro mais de nada [...]"

"[...] no tempo da SS, havia uma coisa que era bastante, bastante bom, que era o quê, nós embora fossemos miúdos e tudo mais, tínhamos pessoas com idade e que já sabiam, já estavam mais que habituadas, estavam batidas naquilo, já tinham não sei quantos filhos, já tinham, sei lá, pronto já sabiam como é que a coisa gastava [...] em termos de funcionários. Pronto, eeeee, o respeito ponto numero um é outro, não há hipótese, é outro, e são pessoas que sabem, apanham, apanham logo, se vão falar com miúdos de 10/15 anos apanham nos logo ali na primeira curva, eeee, depois, quando veio então essa Fundação apanhávamos pessoas se calhar na média de idades era entre os 20 e os 30 anos [...]"

"[...]No tempo da SS tinha, tinha, a minha educadora, embora lhe tivesse bastante respeito, era uma pessoa que já me conhecia eeee, pronto estava disposta, aaaa, pronto sabia, sabia quando é que eu precisava. Também era a tal coisa, aí a idade era outra, era uma pessoa se calhar com quase 40 anos, aaa, mas pronto estava mais que habituada a trabalhar com miúdos, eu nem precisava de dizer nada, a forma como eu chegasse a casa e a fosse cumprimentar ela já sabia que se passava alguma coisa, mas depois disso não, depois disso não, nunca mais tive ninguém assim de referência. [...]"

" [...] Isso também foi umas das diferenças, umas das diferenças que houve, pronto quando era o tempo, o tempo então dessa, da SS, o que é que a SS fazia?, usava do pessoal mais velhos para manter a ordem e ao mesmo tempo para não ter que entrar em conflito, educadora-educando, então o que é que fazia?, por norma o pessoal mais velho naquela altura estava todo orientado, a casa fazia tudo para que o pessoal a partir dos 18, 20 anos, já, pronto, já tivesse, já toda gente tivesse terminado os estudos, já tinha arranjado trabalho como deve ser e, então, por norma esse pessoal é que metia a ordem, pronto se havia confusões, se havia, se alguém andasse à chapada, aparecia sempre um desses mais velhos e pronto, pronto, já não havia hipótese, ou a coisa parava ou então ele dava conta do assunto na hora. [...]"

"[...] tínhamos sempre uma psicóloga, a tínhamos uma psicóloga, tanto no tempo da SS como da Fundação, [...] Animador, só tínhamos uma, só tínhamos uma animadora, pronto. Ela era animadora e durante o dia sei que fazia lá mais um trabalho qualquer de escritório, não sei o que é que era. Aaaa, depois os monitores

	<p>que faziam os turnos da noite, as educadoras sociais mesmo, não trabalhavam à noite, podiam ir lá se houve alguma coisa, mas não, não trabalhavam à noite, e ao depois, mesmo durante o dia, havia sempre pelo menos um monitor de serviço e os monitores acabavam por ser sempre um bocado poli valentes, até havia monitores que, embora fossem monitores, sabiam fazer outras coisas, eram formados noutros cursos quaisquer, alguns eram mesmo animadores, chegamos até a ter um que era mesmo palhaço e tudo [...]"</p> <p>"[...] não elas nunca se quer me obrigavam a ir a casa, nunca, por exemplo, se a minha tia, isso por acaso era uma coisa que a casa sempre funcionou bem... a minha tia até podia ter acabado de chegar à porta estava tudo combinado, mas por acaso o miúdo dissesse não, afinal não quero ir, pronto, a voz dele ali é que mandava em tudo. [...]"</p> <p>"[...] eu cheguei a ver miúdos que chegou-se aos 18 anos e foram postos na rua. Mesmo toma lá a tua malinha o teu tempo acabou. [...]"</p> <p>"Lembro-me de um único miúdo que chegou a haver problemas, mas depois a coisa acabou por não calhar em nada, aaaa, depois inda por cima, isto na altura era da SS. Isto foi um miúdo, já não sei como, ele conseguiu chamar a policia, apareceu lá a policia a perguntar o que é que se tinha passado, não sei que mais, pronto, o miúdo queixou-se que lhe tinham batido e tudo mais, só que ali, entretanto, tinha havido uma troca de, de insultos, já não me lembro quem é que começou e acho que o funcionário deu-lhe uma chapada e o miúdo respondeu e, depois o funcionário meteu um bocadinho na linha, pronto e não sei, foi a única coisa que me lembro. Mas, aaa, lembro-me de haver muita vez, de haver muita vez, aquilo por exemplo se um miúdo por acaso se lembrasse de responder mal ou vai para aqui ou vai para acolá, havia muito funcionário que nem sequer se deixava, pelo menos uma xapadinha, aquilo, levava."</p>
A4	<p>"[...] O antes era mais... era mais familiar também, era mais... havia mais união, tínhamos também sempre alguém, que chamávamos de educadora [...] não era uma mãe, mas era muito aproximado (sorriso) porque era aquela pessoa que estava lá connosco quando chegávamos da escola, estava ali connosco, falava connosco, ia pôr-nos a fazer os trabalhos da escola, dizia o que tínhamos de fazer, as nossas regras, tudo, pronto, mas qualquer coisa que nós tivéssemos falávamos com a pessoa, se calhar a nível de... de outras oportunidades de, de, se calhar muitos garotos na altura, nem mesmo muitos deles, que vivessem em casa dos pais, não tinham, se</p>

calhar, naquela altura, se calhar, os benefícios que nós tínhamos, tínhamos coisas que na altura a SS nos proporcionava, viagens e... e... ou excursões, organizava muita coisa, nós eramos, nós... era muito dinâmico, era muito bom, mas... depois, ... aaa, havia lá uma Diretora muito 5 estrelas [...] nós conseguíamos ter sempre uma conversa, expormos alguns problemas, não eram problemas, mas algumas, alguns ajustes se calhar na instituição ou alguma coisa que no faltasse ou que víssemos que podíamos melhorar... depois havia 2 grupos, não 3, era o grupo dos mais novos, os médios e depois os mais velhos, os mais velhos já trabalhavam, já eram mais autónomos, já era diferente, os médios, era a malta que, quando já entrava no ciclo, e nós mais novos eramos aqueles que andávamos na primária, mas, quando... a... recordo-me a nível, era diferente, nós conseguíamos conversar, nós conseguíamos, tínhamos regras como toda agente tem, tínhamos horários, mas era tudo muito mais organizado era diferente. Depois aquilo quando mudou... já começou a ser... já já não havia aquele grupo dos mais velhos, que se calhar nós também tomávamos como referência, eram nossos colegas na mesma mas trabalhavam e trabalhavam, se calhar já tinham uma coisita aqui mais outra coisita ali e nós já víamos onde podíamos chegar também, já era outra referência... com mais juízo, eee, e depois disso era diferente, o apoio técnico, nós chegávamos lá não estava lá ninguém, não, não, nós de manhã saíamos não estava ninguém, chegávamos à noite também não estava ninguém. [...]"

"[...] quando nos davam roupa alguma não servia ou não sei quê, havia ali sempre alguma diferença e não dava para todos, eramos muitos garotos, e se calhar naquela altura não, na altura da SS, ia-se comprar roupa, o garoto precisa de roupa, precisa de umas calças pó pó, precisa 2 ou 3 par de calças para educação física, precisa de uma roupa para ir sair, quando vão ao cinema, ou não sei quê, havia sempre ali, ou ao teatro ou coisa assim e, depois, deixou de haver isso, a alimentação também era diferente porque havia uma empresa que estava a gerir, a gerir a parte da alimentação, se calhar, era para controlo e qualidade mas... não quer dizer que, passássemos fome, não, nunca passamos fome, não, mas não era [...]"

"[...] Era 30, 30 e poucos eu recordo-me [...]"

No tempo da SS - "[...] Um dia, acordava já estava lá a uma, uma educadora, elas normalmente elas, elas rodavam entre elas... já estava lá uma, algum problema, alguma situação, ou se tivéssemos alguma visita de estudo na escola elas orientavam-nos logo, nós levítávamo-nos íamos tomar o pequeno almoço cerca das 8h00, normalmente a partir das 7h00 já se podia tomar o pequeno almoço, quem já tivesse despachado, cama feita, quarto todo arrumado [...] De manhã era arrumar o

quarto, arrumar tudo e fazer a cama e, nós, nós normalmente no dia anterior já deixávamos as coisas prontas para a escola quando acabávamos os trabalhos e, e alguns exercícios aaa, arrumávamos tudo para o dia a seguir, e só depois é que íamos brincar, portanto nós de manhã já tínhamos quase tudo orientado, era só tomar o pequeno almoço, lavar os dentes e ir embora. Chegávamos sempre a horas à escola, sempre, sempre, sempre. Mas havia uma educadora, logo de manhã, que nos ia chamar, aaa para o pessoal limpar e a monitora também chamava, dava a volta aos quartos todos, para a malta se levantar, há sempre um mais preguiçoso, mais não sei quê, outro mais rabugento, havia mais um ou outro rapaz que tinha alguma deficiência motora, para o ajudar também, aaa ... quando acabávamos íamos para a escola, passávamos o dia na escola, almoçar, almoçávamos na escola, no final do dia chegávamos, lanchar, fazer os trabalhos, organizar tudo para o dia a seguir, e depois íamos brincar. 7h00 íamos jantar. Acabávamos jantar, íamos, lavávamos os dentes, preparávamos as nossas, o que houvesse para fazer, alguns tinham algumas tarefas, a... ou limpar a casa de banho, havia uma escala, tens que limpar a casa de banho, tens que limpar o corredor, mas isso normalmente fazia-se sempre ao fim-de-semana, durante a semana não, não o fazíamos. Íamos para a sala, víamos um bocadinho de televisão, jogávamos jogos didáticos, tínhamos computadores jogávamos entre nós as lan, e depois, pronto, íamos para a cama, chegava cerca das 10, 9h30, 10h00, era o horário do nosso deitar, nós mais novos, porque depois os, os, os do meio era às 10h30 e os mais velhos às 11h00, mas normalmente chegava às 10h30 já não estava lá ninguém, estava tudo na cama. [...]"

No tempo da F – “[...] não existia, não havia controlo... era, era... aquilo era o salve-se quem puder, e cada um faz o que quer... não havia regras, mesmo que metessem regras, não haviam, porque se calhar o que é que eu olhava para uma educadora... pronto, eu já falo porque se calhar já tinha 16,17,18 anos... o que é que eu olhava para uma educadora que se calhar com 25 anos, e se calhar outras situações que aconteceram lá graves... porque havia monitoras, educadoras que se calhar diziam coisas que não se deviam dizer, aaa... [...]"

“[...] E havia outra diferença, na altura da SS quando havia, quando saíam ainda conseguiam ter algum acompanhamento... os mais velhos. [...]"

“[...] eles quando saíam já saíam com tudo orientado, já tinham trabalho, já tinham tudo, viam uma casa para eles, orientavam-lhes. Neste caso, no caso da F, não, era, chegávamos... vou-te contar um dia normal, de manhã, acordávamos, uns apeteciam ir à escola iam, outro não apeteciam não iam, normalmente quase todos iam, aaa, mas havia ali sempre um ou outro que falhava, outros... já começava a haver muito

as suspensões na escola, mau comportamento, notas, as notas eram... já não havia tão boas notas, já não havia tanta competitividade com havia no início. Porque nós antigamente ganhávamos alguns prémios, davam-nos mais uma coisita aqui, mesmo pelo pouco que fosse, nós valorizávamos, tentávamos sempre lutar... depois no tempo da F não... já houve o desleixo, já deixaram o... deixaram as coisas ir também [...]"

"[...] O antes era mais... era mais familiar também, era mais... havia mais união, tínhamos também sempre alguém, que chamávamos de educadora [...] não era uma mãe, mas era muito aproximado (sorriso) porque era aquela pessoa que estava lá connosco quando chegávamos da escola, estava ali connosco, falava connosco, ia pôr-nos a fazer os trabalhos da escola, dizia o que tínhamos de fazer, as nossas regras, tudo, pronto, mas qualquer coisa que nós tivéssemos falávamos com a pessoa, se calhar a nível de... de outras oportunidades de, de, se calhar muitos garotos na altura, nem mesmo muitos deles, que vivessem em casa dos pais, não tinham, se calhar, naquela altura, se calhar, os benefícios que nós tínhamos, tínhamos coisas que na altura a SS nos proporcionava, viagens e... e... ou excursões, organizava muita coisa, nós eramos, nós... era muito dinâmico, era muito bom, mas... depois, ... aaa, havia lá uma Diretora muito 5 estrelas [...] nós conseguíamos ter sempre uma conversa, expormos alguns problemas, não eram problemas, mas algumas, alguns ajustes se calhar na instituição ou alguma coisa que no faltasse ou que vissemos que podíamos melhorar... depois havia 2 grupos, não 3, era o grupo dos mais novos, os médios e depois os mais velhos, os mais velhos já trabalhavam, já eram mais autónomos, já era diferente, os médios, era a malta que, quando já entrava no ciclo, e nós mais novos eramos aqueles que andávamos na primária, mas, quando... a... recordo-me a nível, era diferente, nós conseguíamos conversar, nós conseguíamos, tínhamos regras como toda agente tem, tínhamos horários, mas era tudo muito mais organizado era diferente. Depois aquilo quando mudou... já começou a ser... já já não havia aquele grupo dos mais velhos, que se calhar nós também tomávamos como referência, eram nossos colegas na mesma mas trabalhavam e trabalhavam, se calhar já tinham uma coisita aqui mais outra coisita ali e nós já víamos onde podíamos chegar também, já era outra referência... com mais juízo, eee, e

depois disso era diferente, o apoio técnico, nós chegávamos lá não estava lá ninguém, não, não, nós de manhã saíamos não estava ninguém, chegávamos à noite também não estava ninguém. [...]"

"[...] quando nos davam roupa alguma não servia ou não sei quê, havia ali sempre alguma diferença e não dava para todos, eramos muitos garotos, e se calhar naquela altura não, na altura da SS, ia-se comprar roupa, o garoto precisa de roupa, precisa de umas calças pó pó, precisa 2 ou 3 par de calças para educação física, precisa de uma roupa para ir sair, quando vão ao cinema, ou não sei quê, havia sempre ali, ou ao teatro ou coisa assim e, depois, deixou de haver isso, a alimentação também era diferente porque havia uma empresa que estava a gerir, a gerir a parte da alimentação, se calhar, era para controlo e qualidade mas... não quer dizer que, passássemos fome, não, nunca passamos fome, não, mas não era [...]"

"[...] Era 30, 30 e poucos eu recordo-me [...]"

No tempo da SS - "[...] Um dia, acordava já estava lá a uma, uma educadora, elas normalmente elas, elas rodavam entre elas... já estava lá uma, algum problema, alguma situação, ou se tivéssemos alguma visita de estudo na escola elas orientavam-nos logo, nós levitávamo-nos íamos tomar o pequeno almoço cerca das 8h00, normalmente a partir das 7h00 já se podia tomar o pequeno almoço, quem já tivesse despachado, cama feita, quarto todo arrumado [...] De manhã era arrumar o quarto, arrumar tudo e fazer a cama e, nós, nós normalmente no dia anterior já deixávamos as coisas prontas para a escola quando acabávamos os trabalhos e, e alguns exercícios aaa, arrumávamos tudo para o dia a seguir, e só depois é que íamos brincar, portanto nós de manhã já tínhamos quase tudo orientado, era só tomar o pequeno almoço, lavar os dentes e ir embora. Chegávamos sempre a horas à escola, sempre, sempre, sempre. Mas havia uma educadora, logo de manhã, que nos ia chamar, aaa para o pessoal limpar e a monitora também chamava, dava a volta aos quartos todos, para a malta se levantar, há sempre um mais preguiçoso, mais não sei quê, outro mais rabugento, havia mais um ou outro rapaz que tinha alguma deficiência motora, para o ajudar também, aaa ... quando acabávamos íamos para a escola, passávamos o dia na escola, almoçar, almoçávamos na escola, no final do dia chegávamos, lanchar, fazer

os trabalhos, organizar tudo para o dia a seguir, e depois íamos brincar. 7h00 íamos jantar. Acabávamos jantar, íamos, lavávamos os dentes, preparávamos as nossas, o que houvesse para fazer, alguns tinham algumas tarefas, a... ou limpar a casa de banho, havia uma escala, tens que limpar a casa de banho, tens que limpar o corredor, mas isso normalmente fazia-se sempre ao fim-de-semana, durante a semana não, não o fazíamos. Íamos para a sala, víamos um bocadinho de televisão, jogávamos jogos didáticos, tínhamos computadores jogávamos entre nós as lan, e depois, pronto, íamos para a cama, chegava cerca das 10, 9h30, 10h00, era o horário do nosso deitar, nós mais novos, porque depois os, os, os do meio era às 10h30 e os mais velhos às 11h00, mas normalmente chegava às 10h30 já não estava lá ninguém, estava tudo na cama. [...]"

No tempo da F – “[...] não existia, não havia controlo... era, era... aquilo era o salve-se quem puder, e cada um faz o que quer... não havia regras, mesmo que metessem regras, não haviam, porque se calhar o que é que eu olhava para uma educadora... pronto, eu já falo porque se calhar já tinha 16,17,18 anos... o que é que eu olhava para uma educadora que se calhar com 25 anos, e se calhar outras situações que aconteceram lá graves... porque havia monitoras, educadoras que se calhar diziam coisas que não se deviam dizer, aaa... [...]"

“[...] E havia outra diferença, na altura da SS quando havia, quando saiam ainda conseguiam ter algum acompanhamento... os mais velhos. [...]"

“[...] eles quando saiam já saiam com tudo orientado, já tinham trabalho, já tinham tudo, viam uma casa para eles, orientavam-lhes. Neste caso, no caso da F, não, era, chegávamos... vou-te contar um dia normal, de manhã, acordávamos, uns apeteciam ir à escola iam, outro não apeteciam não iam, normalmente quase todos iam, aaa, mas havia ali sempre um ou outro que falhava, outros... já começava a haver muito as suspensões na escola, mau comportamento, notas, as notas eram... já não havia tão boas notas, já não havia tanta competitividade com havia no início. Porque nós antigamente ganhávamos alguns prémios, davam-nos mais uma coisita aqui, mesmo pelo pouco que fosse, nós valorizávamos, tentávamos sempre lutar... depois no tempo da F não... já houve o desleixo, já deixaram o... deixaram as coisas ir

	<p>também [...]"</p> <p>"[...] as nossas educadoras na altura da SS, as nossas educadoras estavam sempre, nunca havia nenhum problema, todos os dias viam-nos a caderneta dos recados [...]"</p> <p>Tempo da F – "[...] havia o acompanhamento saúde/escola, mas já não era a mesma coisa, se fosse preciso, tinha uma falta justificada e não ia o dia inteiro [...]"</p> <p>"[...] nós chegávamos da escola, depois quando estava a F, nós chegávamos e muitas pessoas já nem faziam os trabalhos, olha para te ser sincero eu nunca mais me lembro de ter feito trabalhos, nunca mais estudei, sempre consegui fazer a escola, mas nunca mais estudei, nunca mais fazia nada, eu chegava da escola, ia lanchar, ia jogar à bola lá para baixo, juntávamo-nos todos íamos jogar à bola e não havia nada para ninguém, e outros nem estavam lá, às vezes vinha para L, outras vezes começava a sair à noite, outra vezes [...]"</p> <p>"[...] um livro que lhe chamavam o livro de recados, com todos os recados que eram passados, do, dos, utentes, isso já vem desde a altura, desde a altura da SS, foram eles que implementaram, aaaa, havia os recados só para os monitores, um livro de recados só para monitores, que era entre eles e, para as crianças. Para amanhã é preciso X para aquela criança, ou tem que tomar o X comprimidos, era tudo, era tudo muito, muito bem controlado, era todo bem organizado. Podia falhar, podia haver uma coisa ou outra que falhasse mas... não, não aparentava que havia má falha [...]"</p> <p>"eu é que fui arranjar o meu próprio curso, porque não houve ninguém na F que me fosse inscrever a uma escola, que fosse comigo"</p>
<p>Subcategoria - Incidentes críticos, S1</p>	<p>"[...] eles tinham conversado, com eles e provavelmente com as técnicas que nos acompanhavam, foi que quando eu fizesse 8 anos iria então ser institucionalizada para não ser ummmaaaa diferença tão brutal, quer dizer naquela idade era complicado e que, segundo depois o que me foi dito, o meu pai achou que, fazia mais sentido quanto mais cedo eu fosse melhor me adaptaria, que aos 8 anos uma pessoa já está em idade escolar é mais complicado porque podia correr o risco de ter que pedir transferência e sair lesada por isso então ele achou por bem, que eu sei que foi difícil porque eu o conhecia também, aaaaa tanto faze-lo naquela altura [...]"</p>

“[...] lembro-me que primeira coisa que eu fiz, porque lá está na casa dos meus pais eles não tinham nem água canalizada nem luz elétrica, a primeira coisa que eu fiz, porque em cima de cada cama individual tinham, uma, uma, aqueles candeeiros de parede. A primeira coisa que eu fiz foi acender aquilo tudo, porque eu não estava habituada se quer a isso, e claro que ia ao supermercado eee tinha luz, ia a qualquer sitio tinha luz, mas em casa não tinha. Então aquilo para mim era tudo muito novo, era aaa questão que depois a casa era enorme, era estar a conhecer tudo, depois as miúdas eram logo anda cá está ali não sei o quê... tudo muito ali, ou seja, a integração foi boa, porque é assim, eu acho que, se calhar se fosse, se calhar se não tivesse as minhas irmãs, eu acho que isto é o principal, porque pensando que não uma pessoa acaba, por se calhar ter uma adaptação diferente por ter lá caras conhecidas, eu tipo, eram as minhas irmãs, eu se precisasse de qualquer coisa sabia que podia ir ter com elas, mas depois como tinha muitas miúdas para brincar, efetivamente... acho que era uma vantagem, porque elas depois queriam mostrar eeee há sempre aquele entusiasmo que vem alguém novo... então olha vamos mostrar, vamos brincar, vamos ... [...]”

“[...] foi depois do meu pai falecer, acho que aí sim se calhar comecei a ser um bocado revoltada, comecei a ter uns pensamentos meio estrambólicos, depois eu dizia que não queria estudar e que não estava ali a fazer nada e que isto e aquilo, foi assim um bocado complicado, mas acho que tem a ver com essa questão, não necessariamente com o facto da instituição [...]”

“[...] essas que realmente se destacavam pela positiva e, não eram só a funcionária x ou y, são pessoas que eu hoje trago comigo, não é, se as vir na rua e se por ventura acharmos que devemos beber um café e conversarmos, conversamos e acho que, tendo em conta o tipo de instituição, este tipo de relação quando devidamente medido [...]”

“[...] muitas delas como eu disse vão para lá adolescentes, uma pessoa quando é adolescente já está a forma a personalidade, já tem certos traços e depois vêm de famílias desestruturadas, como é obvio, e trazem se calhar diversos hábitos e diversos vícios difíceis de combater, ou de contornar com diferentes demonstrações de afeto... [...]”

“ [...] Eu acho que é assim, o problema numero um, seja em que situação for

	<p>é mesmo o processo de integração em si [...]”</p>
S2	<p>“ [...] Foi quando eu estava no secundário, a tirar o curso e a minha mãe foi internada, para fazer desintoxicação... acho que foi aí... eu estava no 12º tinha que apresentar o projeto [...] eu queria que ela fosse e ela estava com muitos problemas, ela dizia que ia mas ao mesmo tempo estava com um bocadinho de problemas como é que o meu pai ia fazer com os pequenitos aaaa por causa da escola e de nnn e de trabalhar e não sei quê, e então eu na altura falei com a S e ela foi excelente comigo nesse ponto, deixou-me, tipo deixava-me ir, eu nessas alturas, tipo, tanto estava lá como... olha amanhã não, vou para casa do meu pai, o meu pai trabalha até às tantas e não sei quê, nanana.. e então sim, eu ia lá para os orientar.”</p> <p>“[...]tipo falava com a S e não sei quê, e eu ainda hoje, eu tenho uma relação com ela que eu acho que não tenho, nem com a minha mãe eu tive, então um bocadinho se calha por causa disso é que eu tenho ... porque depois eu também sentia que ... que lhe devia, não era que devia, tipo, mas ela tratava-me tão bem, tão, elas tratavam-me tão bem né mas eu tinha uma relação tão boa com ela que eu achava que tipo, não, não a posso... ela tem que ter orgulho em mim, não é. [...]”</p>
A3	<p>“[...] eu apanhei duas fases daquela casa, apanhei duas fases daquela casa, apanhei uma fase que era 5 estrelas, na altura em gerido pela Segurança Social, essa fase aí foi 5 estrelas, depois apanhei outra, uma fase que já era gerida por uma Fundação. Aquilo a Fundação ganhou um concurso, a Segurança Social, quando se começou a desfazer destas casas, uma das Fundações ganhou o concurso [...] O momento mais difícil, mais difícil, foi... se calhar, não sei... se calhar... quando entrou a Fundação nós tivemos ali uma altura, tivemos até um dos rapazes, era mais velho que eu, mais velho uns 3 anos, aaa que ele tentou, andou, até andou aí a fazer uma petição com placard e tudo na rua a pedir para voltar então a SS. E nessa altura eu lembro-me muito bem que custou, essa altura custou-me, custou bastante porque foi então aquela altura que eu começava a chegar a casa, e se tivesse problemas na escola, com miúdas, pronto com tudo e então era aquela altura em que começou a entrar aquele vazio... pronto, embora uma pessoa fosse tão</p>

		<p>pequena já tinha que ser tão grande dentro de uma casa daquelas... essa altura custou-me bastante, custo-me bastante, custou, foi uma altura que me custou bastante, ai foi tipo, parece que de um dia para o outro, embora tivesse na mesma casa, parece que tinha sido abandonado para ali [...]"</p> <p>"[...] Não, do sistema da casa, do sistema da casa, por exemplo, ai lembro-me que eu quis falar com a diretora da casa, aaaa, e tive, isto foi verdade, tive 3 semanas, todos os dias batia à porta de manhã, batia à porta à noite, das duas uma ou não estava ou estava ocupada. [...]"</p>
	A4	<p>"[...] foi o choque da transição [...] acho que a equipa técnica que foi para lá não estava preparada para tal [...]"</p> <p>"[...] a parte de começarem já a ameaçar, ah, deixa lá que quando fizeres 18 anos vais-te embora... o que é que uma pessoa vai fazer? [...]"</p> <p>"[...] O bullying [...]"</p>
Subcategoria – Processo de Autonomização	S1	<p>Tarefas – “ [...] ter que ir para a costura, estar a dobrar cuecas, estar a dobrar roupa, estar a esticar lençóis, mas isto tipo nem me serve para nada, porque é assim, quando tu és miúdo não estás a pensar nessas coisas, tu queres é brincar e ir ver desenhos animados, alguma vez dobrar curcas (risos) aa dobrar meias, estender roupa, não, aaaa e nós tínhamos essa questão, durante muitos anos tínhamos, portanto, nós passávamos, íamos prestar esse apoio, porque nós depois tínhamos funcionárias sempre, tínhamos uma costureira e uma pessoa que tratava da parte da lavandaria, nós íamos só dar um apoio pontual, a questão mesmo ou estender roupa que fosse mais simples, ou dobrar meias e cuecas, etc., etc., a... depois tínhamos as tarefas comuns, que eu estava a dizer, que geralmente aaa à umas... a casa de modo geral fazia-se de manhã, e depois tínhamos então o refeitório, a copa e a cozinha que eram tarefas que se faziam depois do almoço e depois do jantar, sendo que nós tínhamos sempre uma cozinheira, não é, tirando, ela estava sempre dentro do período normal, que acho que era 9 -18, e depois deixava as coisas minimamente feitas para quem ia fazer o jantar, sendo que eram sempre dadas indicações daquilo que estava ou não feito e daquilo que era preciso ou não fazer, aaa e tínhamos também uma funcionária de limpeza, as limpezas eram feitas por nós...[...] a questão da cozinha era uma questão que requeria algum cuidado, então eram sempre escolhidas as pessoas mais velhas da instituição para evitar não é, que aquilo não corresse bem [...]"</p> <p>"[...]como eu disse eu não gostava nada dessas coisas, não gostava, (risos), não gostava porque na minha cabeça o que eu gostava era brincar e ver desenhos animados o dia todo se pudesse, pelo menos até ir para a escola não é, e ali não era</p>

do género, hoje de manhã por exemplo vais ajudar para a cozinha, eu se calhar às vezes não fazia nada de jeito, era só descascar batatas, coisas assim, coisas mais básicas, pronto, mas não gostava de ir, eu na minha cabeça queria era estar a... ainda por cima de manhã, dão tantos desenhados animados na televisão e lá tinha que eu ir, mas depois tipo reconheço que depois me fez bem, por exemplo, hoje em dia cozinho e cozinho bem, e gosto de cozinhar e há coisas que eu aprendi efetivamente de estar lá muitas vez a ver, a aprender como é que se fazia, e até porque depois ali funcionava muito que ao fim de semana, tanto a funcionária até ao sábado fazia mais ou menos esse horário, ó domingo não estava, tanto ó domingo, a refeição tinha de ser toda preparada de base, portanto aí convinha realmente que fosse uma pessoa mais velha, é claro que estava sempre uma funcionária de serviço que se fosse preciso ajuda a funcionária vinha, mas era a mesma funcionária que estava a tomar conta das outras, portanto tinha que haver aqui alguma autonomia... [...]"

"[...] quando eu entrei na faculdade fui eu que tratei da matricula e tudo, agente só foi lá mesmo por uma questão que depois tínhamos que ver pela questão das residências porque, fui eu que tratei de tudo, tanto que elas foram comigo e eu, então mas vocês só vêm passear (risos) porque não têm nada para resolver mas pronto [...]"

"[...] essa reintegração no seio familiar [...] Eu acho que sim, pelo menos havia essa pertença, eu acho é que, aos poucos, há medida que os tempos foram passando é que se tornou visível que essa situação não era possível. [...]"

"[...]como eu disse eu não gostava nada dessas coisas, não gostava, (risos), não gostava porque na minha cabeça o que eu gostava era brincar e ver desenhos animados o dia todo se pudesse, pelo menos até ir para a escola não é, e ali não era do género, hoje de manhã por exemplo vais ajudar para a cozinha, eu se calhar às vezes não fazia nada de jeito, era só descascar batatas, coisas assim, coisas mais básicas, pronto, mas não gostava de ir, eu na minha cabeça queria era estar a... ainda por cima de manhã, dão tantos desenhados animados na televisão e lá tinha que eu ir, mas depois tipo reconheço que depois me fez bem, por exemplo, hoje em dia cozinho e cozinho bem, e gosto de cozinhar e há coisas que eu aprendi efetivamente de estar lá muitas vez a ver, a aprender como é que se fazia, e até porque depois ali funcionava muito que ao fim de semana, tanto a funcionária até ao sábado fazia mais ou menos esse horário, ó domingo não estava, tanto ó domingo, a refeição tinha de ser toda preparada de base, portanto aí convinha realmente que fosse uma pessoa mais velha, é claro que estava sempre uma funcionária de serviço que se fosse preciso ajuda a funcionária vinha, mas era a mesma funcionária que estava a tomar

	<p>conta das outras, portanto tinha que haver aqui alguma autonomia... [...]"</p> <p>"[...] quando eu entrei na faculdade fui eu que tratei da matricula e tudo, agente só foi lá mesmo por uma questão que depois tínhamos que ver pela questão das residências porque, fui eu que tratei de tudo, tanto que elas foram comigo e eu, então mas vocês só vêm passear (risos) porque não têm nada para resolver mas pronto [...]"</p> <p>"[...] a dada altura comecei a sentir-me assim um bocado... asfiziada mesmo, porque eu precisava de, de fazer as coisas por mim, com o meu tempo, é claro que percebo que numa situação daquelas em que não era só uma, uma batalha minha era uma batalha deles também, porque efetivamente era a minha casa e eram pessoas que me acompanhavam... não era só o técnico x ou y, não era e eu tenho plena noção disso. Mas eu precisava do meu espaço e fui-me afastando, eu na altura até estava em L, estava num apartamento alugado e como tinha guardado dinheiro no verão, aaa, foi pagando as coisas, etc. [...] fui-me afastando um bocadinho, pronto, e já não, apesar de estarem lá as minhas coisas, eu já não estava lá efetivamente, até porque depois, a dada altura tornou-se impossível, eu não estava lá em casa efetivamente a nível de me sustentar, já me sustentava a mim própria já não fazia sentido continuar lá [...] estava a tentar fazer... seguir outros caminhos, até porque na altura pensava exatamente em arranjar trabalho na área, embora não tivesse o mestrado concluído mas tinha a licenciatura, portanto, de alguma forma estava a trilhar o meu caminho dali, portanto ela quando me diz, efetivamente, que tinham conversado, que a equipa técnica e que não achavam que fizesse sentido continuar a ser utente da instituição eu já não me sentia como tal, não é, porque já não estava lá, já tipo estava a tentar fazer as coisas por mim, não estava"</p> <p>"[...] davam-nos o fundo de maneio e tudo e havia sempre o controlo sobre aquilo que nós gastávamos e o feedback em relação aquilo que poderia ser ou não feito de forma diferente [...]"</p>
S2	<p>"[...] a M e o R, foram, voltaram para casa dos meus pais, nós fomos a tribunal, eu já não sei que idade é que eu tinha, mas... tipo sei lá... 14/15, se calhar... se calhar nem tanto... e... a M e o R voltaram, para casa dos meus pais... e eu lembro-me na altura a juíza perguntou-me, o que é que eu, achava e eu disse que não queria ir ... porque na altura eu já ia todos os fins-de-semana a casa e eu disse-lhe que... que não, não queria ir. E eu já tinha tido esta conversa antes com a S, antes de irmos, a tribunal, e eu disse-lhe que não, não queria ir, que estava aqui, que estava bem integrada nas escolas e, que</p>

aqui tinha... muita coisa e... e que assim como assim eu ia sempre lá aos fins-de-semana e férias era como se estivesse a estudar fora... e foi, eles voltaram para casa, a B foi transferida para aqui, para ao pé de nós e, eu ia todos os fins de semana a casa [...]"

"lembraram-se de fazer lá uma coisa, então nós tínhamos uma reuniões semanais [...]então depois elas falavam-nos das compras, e onde é que agente havia de comprar, e onde é que os congelados eram melhor, e onde é que os enlatados eram melhor e, tás a ver, essas coisas da casa e não sei quê, pronto, um bocadinho disso que era para... ah depois tínhamos que fazer comer de vez em quando que era para aprender. [...] durante vários tempos, tirava x, não sei se eram 150,00 se eram 200,00€ sempre, para essa conta, que era, tipo, uma conta poupança, depois eu tinha outra conta para onde ela transferia dinheiro, tipo, tipo a mesada, para eu comprar as minhas cenas e pagava a bolsa e não sei quê. Pronto, e ela fez sempre isso o tempo todo que eu lá estive, da bolsa e não sei que ela fez-me sempre isso, ou seja, quando saí dali eu tinha, não era muito dinheiro né, mas tinha qualquer coisas, aahh... e... ela sempre... epá depois elas... elas sempre, nos ensinaram né... depois davamos, né, nós tínhamos x dinheiro e nós tínhamos que nos orientar com aquele dinheiro pó mês todo [...] no secundário, eles a darem-me, sei lá quanto é que eu recebia, ah, uma altura era tipo 10€ por mês, onde é que eu... e eu que bebia bué café onde é que 10€ me dava para um mês né... depois começaram a fazer do tipo 10,00€ era o base, se tirasses um 10, entre o 10 e o 12 ou 15 ou que era recebias mais x, do 15 para cima era mais tanto, se tirasse um 19 ou não sei quê, era mais não sei quanto né, então eu tinha meses que me fartava de tirar dinheiro, porque eu tinha boas notas, então, depois era feito assim... mas claro que se tivesses negativas... descontavam, também... [...]"

"[...]eles falavam muito, eles, lembro-me na altura de elas falarem temos que fazer o projeto, era assim uma coisa que ela falavam tipo, que perspectivas é que eu tinha, que é que eu queria fazer, e como é que eu ia fazer, e eu lembro-me que eu avisei que ia sair, em janeiro, quando vim, ainda tive o mês todo, porque eu não saí tipo olhe tchau vou-me embora, tive o mês todo e disse olha vou fazendo assim, já tenho casa, ela acompanhou tudo e depois foi uma saída assim uma coisa muito normal [...]"

		<p>“[...] Pois, essa também era outra, nesta altura já não havia nada. Não havia nada [...] Isto é por exemplo um exemplo, aquela coisa que eu disse que... que no tempo da Fundação toda agente fazia o que queria, escolha de cursos e tudo mais, no tempo da SS não era assim. Não era assim, havia aquelas certas vagas, as educadoras iam ver quais eram as vagas que haviam e depois analisavam o miúdo e analisavam a saída de trabalho, e elas por exemplo, se houvesse um curso, por exemplo, sei lá, para ... para jardineiro, se houvesse um curso para moldes diziam-te logo só há vaga para moldes, pronto. [...]”</p>
	A3	<p>“[...] Pois, essa também era outra, nesta altura já não havia nada. Não havia nada [...] Isto é por exemplo um exemplo, aquela coisa que eu disse que... que no tempo da Fundação toda agente fazia o que queria, escolha de cursos e tudo mais, no tempo da SS não era assim. Não era assim, havia aquelas certas vagas, as educadoras iam ver quais eram as vagas que haviam e depois analisavam o miúdo e analisavam a saída de trabalho, e elas por exemplo, se houvesse um curso, por exemplo, sei lá, para ... para jardineiro, se houvesse um curso para moldes diziam-te logo só há vaga para moldes, pronto. [...]”</p>
	A4	<p>“[...] A gestão domestica sim, a gestão económica não [...]”</p> <p>“[...] Nunca, nada, nunca, nada... Se calhar limpezas, pró, (risos) nos últimos anos já nem me lembro de limpar alguma coisa, porque havia sempre empregadas de limpeza. Mas não sabia fazer nada. [...]”</p>
Subcategoria – Projeto de Vida	S1	<p>“[...] Eu acho que foi por isso que não aconteceu, mas eu acho que só o facto de se colocar essa hipótese significava que se calhar ainda havia uma réstia de possibilidade de um dia poder haver, portanto essa reintegração no seio familiar, mas nunca aconteceu [...]”</p> <p>“[...] essa reintegração no seio familiar [...] Eu acho que sim, pelo menos havia essa pertença, eu acho é que, aos poucos, há medida que os tempos foram passando é que se tornou visível que essa situação não era possível. [...]”</p>
	A3	<p>“[...] Nada. Agora cada qual inscrevia-se no curso que queria e pronto. Era assim. [...]”</p>
	A4	<p>Projeto de vida na perspetiva do jovem – “[...] Se tivesse essa oportunidade sim, era perseguir os estudos e até possivelmente a universidade quem sabe... naquela altura. [...]”</p> <p>“[...] Não, nunca nos foi criado um projeto de vida [...] no inicio da SS havia, nós falávamos, queriam saber o que nós queríamos fazer para o futuro, conversávamos, a</p>

	<p>nossa educadora falava connosco, o que queríamos fazer, o desporto também era bastante importante naquela altura da transição do 4º para o 5º ano, olha agora vais para a escola, vai ser com os mais velhos, depois vamos ter que arranjar um desporto, um tempo mais reservado para o teu estudo, tens que descansar mais, havia sempre um acompanhamento diferente. Depois da F, no inicio houve, mas depois perdeu-se. [...]</p>
--	---

SINOPSE DAS ENTREVISTAS – MOMENTO PÓS-ACOLHIMENTO /
AUTONOMIZAÇÃO

MOMENTO PÓS-ACOLHIMENTO

Subcategoria – Momento da Saída	S1	<p>“[...] eu acho que tinha 24 [...]”</p> <p>“ [...] acho que foi uma transição [...]”</p>
	S2	<p>“[...] 21 [...]”</p> <p>“ [...] então depois fui ficando, depois eu lembro-me quando fiz os 21, ela chamou-me e, e disse-me, porque a partir dos 21, porque é assim, a partir dos 18, eu estava ali porque a instituição me permiti-a também, não era só o tribunal, né, então ela disse-me que eu estava a fazer 21, naquela altura ela não estava a precisar, vá, da minha vaga, entre aspas, ah e então eu ainda podia estar mais algum tempo e não sei quê... e depois mais pó verão agente, nós voltávamos a conversar... nesse ano eu fui passar o natal à Suíça, a casa da minha madrinha e, quando voltei decidi, que... pronto me ia embora. [...] Tinha bolsa. Então dividia casa, pagava o quarto e não sei quê, já era todo pessoal com quem eu me dava... aliás o S vivia naquela casa, então só pagava metade do quarto [...]depois, depois engravidei [...] ”</p> <p>“[...] tipo hoje fui levar umas coisas dormi lá, hoje fui levar mais outras coisas e nnnhhuuu, e um dia acabei de levar as coisas e, olha, já tenho cá tudo vou ficar cá, pronto. Foi uma coisa assim muito normal, muito tipo, tipo muito soft, tipo há aquelas que tipo vou sair e naquele dia despejam tudo cá para fora e vão se embora, eu não, eu foi do tipo vou sair, não sei quê [...]”</p>
	A3	<p>“[...] uma das coisas que me fez, fez desistir daquela casa foi mesmo isso, foi... eu saí daquela casa aos 17 anos, aos 17 anos pedi uma autorização do tribunal para sair mais cedo, sem ter a maioridade, pronto, foi mesmo porque já não aguentava, já não aguentava a casa, já não [...] era não ter ninguém, ninguém com quem me identificasse, que me orientasse, aaaaa.... Opa não, não, não me sentia bem, não, embora me desse bem com a maior parte de todo o pessoal que lá</p>

	<p>estava dentro, mas a... pronto, eu vi uma casa, que aquilo... nós chegávamos por exemplo ao final do ano letivo, e víamos, pronto, havia, aqueles prémios para o pessoal quase todo, o pessoal tinha algum gosto em, em estudar, quanto mais não fosse fazia-se sempre os mínimos, e eu agora para o fim quando eu via aquela casa, já era diferente, era... era se calhar em 30 havia se calhar 10 que faziam os mínimos, o resto já nem isso fazia [...]"</p> <p>"[...] foi um dia desses que eu cheguei a casa assim meio... meio aluado e pensei cá para mim, epá o que é que eu estou aqui a fazer... eu não, eu vou-me embora daqui, e eeeee, foi, fui ao gabinete da diretora, havia um papel para se preencher para sair da instituição... e eu preenchi o papel, às três pancadas e disse-lhe, olha eu quero ir-me embora, vou arranjar trabalho e depois vou para a tropa, pronto. [...] na altura para assinar esse papel tinha que ter alguém que assumisse a minha responsabilidade até eu ter 18 anos, e eu tinha que apresentar um trabalho ou coisa assim do género, ou, ou um projeto para fazer alguma coisa, aaa, e foi então que recorri à minha tia. Recorri à minha tia, e disse-lhe a ela, que até, ia para casa dela e ficava-lhe a dar, na altura já não me lembro, ficava a dar-lhe cento e tal euros por mês [...]"</p> <p>" [...] Encontrei logo. Lembro-me que na altura não tinha assim nenhum grande ordenado, também era um miúdo com 17 anos, nunca tinha trabalhado, pronto, fui lá para essa oficina, tive lá algum tempo, e nisto, quando sai inscrevi-me logo para a tropa, tinha 17 anos. [...]"</p>
<p>A4</p>	<p>"[...] eu acho que já tinha 19 na altura [...]"</p> <p>"[...] Deram-me um prazo, disseram-me no dia x tens que sair [...] sim é muito triste porque tu ali acabas por sair ... ou desenrascas-te e lutas muito, ou então vais ser bandido, ou vais preso, porque tu, não te dão um futuro, não te garantem, não têm que nos garantir um futuro, mas encaminharem-nos, deixarem só... não. [...]"</p> <p>"[...] no dia que saí posso te dizer, no dia que saí... felizmente já tinha</p>

		<p>trabalho [...] Trabalhava numa fábrica de formas nos P, já tinha a carta de condução, que eu tirei-a logo, tinha comprado um carro [...] no primeiro dia, no dia que me disseram que eu tinha que me ir embora, posso dizer que se calhar a primeira hora entrei em pânico, mas depois, pensei assim tenho que arranjar uma solução rápida, liguei a um amigo meu... que era esse meu amigo que era o C, que ele tem uma família, bastante boa... e ele tinha o avô dele, avô dele, ele chamava-lhe avô, que tinha um apartamento para alugar [...] e eu liguei ao C e ele não há problema A4, eu, eu arranjo-te casa, vais lá, ficas lá, eu falo com o meu avô pagas uma renda mínima... e andas lá, fazes a tua vida, está feito. Foi o que aconteceu. Fui, mudei, fui para lá, posso dizer que se calhar o meu primeiro dia não sabia fazer nada, nem cozinhar, nem passar a ferro, nada, nada. [...]"</p>
<p style="writing-mode: vertical-rl; transform: rotate(180deg);">Subcategoria - Fatores Individuais</p>	<p>S1</p>	<p>“[...] Eu acho que sim, é assim no meu caso especificamente foi, eu tive lá casos de miúdas que eu encontrei mais tarde e acho que não foi nada benéfico, mas eu também hoje olho para trás e penso... se eu estivesse ficado com a minha família, primeiro, duvido que tivesse conseguido estudar, sou muito sincera, dada a situação deles, dado ao sitio onde eu estava, se calhar se fosse um sitio melhor se calhar até conseguia chegar a determinada idade e até conseguia ir trabalhar, ali não estava muito limitada, portanto, tenho plena consciência que não teria metade das oportunidades que tive. [...]"</p> <p>“[...] já me perguntaram várias vezes se eu não guardava rancor da minha mãe e do meu pai, se calhar por não terem tido as competências que eram preciso para eu crescer no meio da minha família, eu acho que não é por aí, eu acho que serve-me é de exemplo para certas coisas que não se devem fazer enquanto pais, eu acho que é mais por aí, é mais um alerta do que propriamente, olha fizeste-me isso... e acho que, o tempo que estive na instituição foi-me tão útil, de várias maneiras, que eu pensar assim, não, não, não faz sentido nenhum... [...]"</p>
	<p>S2</p>	<p>“[...] estou aqui, estou bem, estou a orientar a minha vida, e... e vou a casa ver-vos, tipo ao fim de semana e não sei quê... por isso acho que</p>

	<p>sim, fez-me um bocadinho, tipo, o que eu sou hoje, sim. [...]"</p> <p>"[...] eu fui lá aos 12, fui para lá aos 12 né, tu tás a começar a desenvolver a tua personalidade e não sei quê... pronto, eu acho que não foi uma mudança... tipo... eu fiz-me lá. [...]"</p> <p>"[...]é a tal coisa, eu nunca senti, tipo, desprezada, que as minhas coisas não tinham importância, ou que... não a S via-me a chorar por causa de um namorico e ela falava-me comigo estás a ver... e, é, por isso é que eu sei tive uma boa experiência, eu tive um bom acompanhamento, uma boa instituição, eu, eu [...]"</p>
<p>A3</p>	<p>"[...] Eu hoje se mudasse preferia ter ido para lá logo quando o meu pai morreu [...]"</p> <p>"[...] A maior mudança... a responsabilidade... responsabilidade, responsabilidade. Isso foi a maior mudança. [...]"</p> <p>"[...] Em mim, tudo, tudo, tudo. E ai se calhar a fase da fundação ainda me ajudou em bastantes coisas. Que eu sempre desde miúdo sempre fui muito, sempre tinha sido muito bem tratado, nunca, nunca, me tinha preocupado com nada na vida, não... pronto, nunca, não... se calhar eu chegava, hoje se calhar se ainda vivesse com o meu pai ainda não sabia tratar das minhas finanças por exemplo. Não havia nada meu que não fosse eu que tratasse, sei lá, nunca tive medo de enfrentar nada desde que saí dali, se calhar, aaa, quando fui para lá era um miúdo mimadinho, nunca tinha tido problemas nenhuns na vida... chapadas e companhia isso então impossível... [...]"</p> <p>"[...] maior coisa que eu aprendi dali foi, foi ajudar o próximo. [...]"</p> <p>"[...] Há voltava ao acolhimento, se calhar mudava a última fase, mas voltava ao acolhimento [...]"</p>
<p>A4</p>	<p>"[...] Eu cresci na instituição, mas mudei muito, não tem nada a ver com aquilo que eu era lá. Porque se calhar vim cá para fora e vi realmente o que é que isto, o que é que é mundo, a realidade... mas... também, sou, nesse aspeto também sempre fui muito forte, não me</p>

		deixo logo ir a baixo [...]"
Subcategoria - Fatores Familiares / Relação com a Família	S1	Relação com as irmãs “[...] não, considero ter assim uma relação muito próxima, não considero, porque acho que nós temos perspetivas muito diferentes e valores diferentes, embora haja um contacto, efetivamente, acaba por ser um contacto assim mais esporádico, eu também sou sincera não faço questão que seja diferente [...] tenho uma sobrinha minha, que por acaso é um ano mais velha, que eventualmente será a pessoa com quem eu possa conversar mais, mas ela também não está cá”
	S2	<p>“[...] estou e às vezes eles ficam-me com o menino e não sei quê, mas por exemplo, eu deixo, eu deixo lá o meu filho se o meu pai estiver [...] Acaba por ser tua mãe mas não é a pessoa a quem tu recorres [...]”</p> <p>“[...] ainda hoje é assim... mas ainda tenho um bocadinho aquele instinto, tipo...de... de proteção, de proteger as minhas, então a A tem 20 e quê, tem 21,22 anos, vai fazer 22 anos, já namora, já tem a casa dela, e já trabalha, e ainda assim eu tenho que estar sempre a tomar conta das coisas dela (risos)... um bocadinho assim, sim, mesmo a M. [...]</p>
	A3	<p>“ [...] conhecido a minha mãe, conheci a minha mãe há dois anos [...]”</p> <p>“[...] (tia, cuidadora) agora já nem sequer tenho grande ligação com ela porque se passou muita coisa, ainda agora depois que o meu tio morreu, de certa forma ela culpou-me um bocadinho pelo que aconteceu [...]”</p> <p>“ [...] tenho uma família enorme, não conhecia, mas pronto agora já conheço, graças a deus, tenho uma família enorme. Cá, também, mas sinceramente é família que, que, epá nem vale a pena [...]”</p> <p>“ [...] eu chamo-a de mãe e tudo mais, até porque Moçambique é um país diferente, os valores familiares são muito importantes, se calhar cá nem se vê nem metade, mas lá os valores familiares tipo, eu lá não</p>

		<p>conheço metade da família pelos nomes mas, mas toda agente me trata mesmo como família, aaaa, epá, não vejo a minha mãe como um pilar, embora ela me apoie em tudo, [...]"</p>
	A4	<p>"[...] com o meu irmão nunca perdi contacto. [...]"</p> <p>"[...] Nós não falamos sobre isso, nós não temos qualquer tipo de conversa, esse tipo de conversas com a minha mãe, fugimos a esse tipo de conversas. Conversas familiares não existe com a minha mãe [...]"</p>
Subcategoria - Grupo de Pares	S1	<p>" [...] eu vejo, pessoalmente pelo <i>facebook</i>, pessoas que saíram de lá, muitas delas ainda hoje são amigas, no sentido de viverem juntas, de serem super próximas e às vezes até com diferença de alguns anos, então eu acho que isto é uma experiência que acaba mesmo por aproximar as pessoas, estamos 24 horas, 24 horas não porque depois vamos para as escolas, e temos escolas diferentes, e podemos não ser da mesma turma, mas inevitavelmente estamos muito tempo juntas... [...]"</p> <p>" [...] uma de quem era muito próxima, mas ela entretanto foi para França, mas falamos à mesma, estamos sempre no face tautau tautau quando é que vens cá, quando é que vais lá, muito comum... depois tenho outras pessoas que ... acabei por ter mais proximidade noutros períodos que hoje em dia não somos tão próximas mas falamo-nos, ou eventualmente, olha encontrei ali, olha faço questão de, de falar, de manter contacto, mas sou sincera, sinceramente, são raros os casos, diria se calhar, passaram lá imensa gente não é, são 19 anos, é muito tempo, se calhar há um grupo de 15 pessoas no máximo que eu faço questão de ter, de ter contacto recorrente e de estar lá para o caso de as pessoas precisarem. [...]"</p> <p>"[...] tive um tempo desempregada no início [...] estive a trabalhar num supermercado, o contrato acabou quis vir embora porque eu não, não, não gostei, não foi o tipo, não pelo trabalho em si [...] Depois, entretanto, tive uns meses desempregada, depois disso, tive outras oportunidades que não quis, não quis aproveitar, porque não, porque</p>

		<p>acho que não tinha nada a ver comigo. Depois tive a questão do CA onde tive lá a fazer as férias e depois passado um mês entrei noutra supermercado, e pronto até agora as coisas tem corrido muito bem, não tem nada a ver...”</p> <p>“[...]Eu tenho várias pessoas que considero mais próxima, tenho amigas, nomeadamente o meu namorado, que também é das pessoas mais próximas e que me atura mais (risos), o que não é fácil né, porque eu às vezes sei que tenho um feitio complicado, mas sem dúvida sim algumas amigas que tenho, que guardo, algumas delas da faculdade mesmo, aaaa, sem dúvida são as pessoas mais próximas. E curiosamente, algumas pessoas que eram técnicas lá na instituição, que ainda hoje... [...]”</p>
	S2	<p>“[...] sim, tenho, tenho pessoas que levei para a vida, tenho... a D, ainda vejo, a D é minha irmã, para todos os efeitos a D é minha irmã. Tenho e tenho mais... tipo umas que eram mais já na altura eram muito pegadas a mim, e eu continuo a falar muito com elas e não sei quê. Uma até sou madrinha dela. Aaaa e depois há outras que mesmo que não seja aquela coisa do aaa não sei que, tipo eu vejo-as e tipo sou capaz de ir beber café com elas e não sei quê... sim tenho! [...]”</p>
	A3	<p>“ [...] mantenho, mantenho bastante, mantenho bastante, tento manter com... com todos. Opa às vezes custa-me bastante, há deles que não tenho mais porque custa-me, custa-me... tenho colegas meus que estão na rua, tenho colegas que estão muita bem, a trabalhar em grandes sítios, em grandes empresas, outros países. [...]”</p>
<p>Subcategoria - Relação / Frequência entre Sistema da <i>Comunidade</i></p>	A3	<p>“ [...] Eu lembro-me que na altura eu tive que fazer, tinha que ir à SS [...] fui só falar com ela, mas, por acaso nunca chegamos a ter uma audiência em casa, nunca, nunca, eu até na altura nem me lembro, agora que penso nisso nem sei porquê nunca, nunca, nunca chegaram a ir a casa da minha tia, mas é normal isso acontecer [...] Lembro-me que na altura o que ela me perguntou foi, o que é que eu estava a pensar fazer? Foi na altura em que eu já tinha tudo pronto para ir para a tropa e tudo mais. Se calhar foi um bocado isso que nunca mais, ela</p>

		nunca mais me chateou com isso porque eu já tinha tudo, tudo pensado na cabeça [...]"
Subcategoria – Famílias de Afeto	S1	“[...] Sim, sim, sim, com ambas, tanto com os filhos também, não sei quê, se os vir na rua falo e etc., aaa tive uma, inclusive, da tal senhora que, que, que ia ter comigo à noite e me dizia que faltava poucos dias, fui ao casamento da filha dela inclusive, aaa quer dizer há aqui uma séria de situações[...]"
Subcategoria - Fatores Metodológicos e Institucionais	S1	<p>“[...] elas sempre me disseram se precisares de alguma coisa diz. [...] sei que realmente se precisar de alguma coisa posso contar com elas. Sou sincera, evito, não por serem elas, mas é mesmo de mim, não...”</p> <p>“[...] Posso dizer-te que sempre, mas sempre tive uma porta aberta, aliás posso dizer-te que a última vez que lá estive foi em outubro, porque fui ver uma miúda que lá está e foi... eu na altura tinha 17 anos quando recebi elas e as irmãs dela ficaram no meu quarto, lá está foi uma situação muito parecida com a minha, a mais pequenina tinha 5 anos, depois a outra tinha 8 e a outra tinha 10... aaa. E eu por acaso foi lá vê-la, tive bastante tempo lá, a falar com ela, a saber as novidades, como é que ela estava, não estava, aaa e, por acaso depois liguei à diretora técnica e perguntei, olha ela está lá, não sabia se ela lá estava, se tinha ido passar o fim de semana, e ela disse olha está mas podias-me ter dito saí de lá à 5 minutos e não sei que, tudo assim, tipo, é aquela questão de, podemos até não nos ver mas independentemente disso à aquela relação, aquela proximidade e se for preciso efetivamente estamos lá uns para os outros, e eu acho que isso é que é importante. [...]"</p> <p>“[...] efetivamente não saí de lá com uma mão à frente e outra atrás, sem dissessem, olha saí de lá e foi assim, não...[...]"</p>
	S2	<p>“[...] eu já saí de lá, então, há 5 anos e, ainda vou lá muito, às vezes janto lá, às vezes almoço lá, às vezes vou lá jantar, aaaa, e vou lá muitas vezes, e falo muitas vezes com a S [...]"</p> <p>“[...] Ah sim, quando eu precisava... não era porque elas vinham e</p>

		<p>metiam-se na minha vida não, eu... a S, pronto, eu estava sempre [...]"</p> <p>"[...] eu não tenho problemas nenhuns em, tipo se eu precisar desabafar, não sei quê ir ter com a S e fazer-lo, estás a perceber? Eu acho é que depois há outras pessoas, meias, eu na, não tenho, graças a deus necessidades, mas, mesmo às vezes elas tentam ajudar quem elas sabem que, que até dava jeito eu acho que um bocadinho por orgulho, tipo, há pessoas que tipo, há deixa estar, não... estás a perceber, mas não, eu vou lá muitas vezes, falo com ela muitas vezes, eee, só porque sim [...]"</p>
	<p>A3</p>	<p>" [...] Ainda hoje tenho, tenho uma boa relação com esses funcionários que eram dos tempos da SS, aaa, pronto, e das pessoas todas que entraram no tempo da Fundação... não vou dizer que não as cumprimento e não falo com elas na rua, falo, mas nunca, nunca vou ter a mesma ligação que tive com qualquer uma dessas pessoas da SS [...]"</p> <p>"[...] Nada. Eu tive casos de colegas que saíram e, por exemplo, aqueles primeiros tempos até iam buscar, por exemplo, comidas eeee tudo mais, e eu lembro-me que eu por acaso fiz de tudo, tudo, tudo, tudo, nem que não ficasse com dinheiro nenhum para mim, aquele que trabalhasse fosse, nunca ia lá buscar nada, nada, nada. Eu saí mesmo chateado e eu não queria mesmo mais nada com aquela casa [...]"</p> <p>"[...] Não, ai não. Aí o meu acompanhamento mesmo foi a minha namorada, foi a minha namorada. Pronto era, eu pensava nas coisas, pronto, e fala com ela, pronto. Ela dava-me o parecer às vezes também, nem sempre era o mais certo, mas pronto, era assim. [...]"</p>
	<p>A4</p>	<p>"[...] (sais da instituição se quisesses voltar para pedir ajuda tinhas esse apoio?) E – Não. (I – Não vos contactavam para saber como estava a correr a vossa autonomização?) E – Não, nada, não queriam saber de nada. Nós íamos pronto. [...]"</p>
<p>Subcate goria - Incident</p>	<p>S1</p>	<p>" [...] momentos bons, claro, momentos bons, sim, sim, sim, é claro que momentos maus há sempre, mas momentos bons sem dúvida alguma [...]"</p>

		“ [...] ah aí porque foi horrível, não foi, muito pelo contrário, foi muito bom, eu tive muito apoio da parte delas [...]”
	S2	“ [...] depois engravidei [...]” “ [...] comecei a namorar com ele muito cedo tinha 16 anitos [...]”
	A3	“[...] o meu apoio, se calhar era, já era um bocado a minha namorada. [...]mas atenção nessa altura, quando foi para eu sair da casa ela nem sempre foi da mesma opinião, aaa, pronto, ela depois acabou por aceitar, um pouco coisa e tudo mais, mas pronto, ela aí até, pronto, fez-me pensar muita vez na coisa [...]” Papel dos técnicos “[...]a maneira como eles te cativam, a maneira como eles te demonstram a vida, a maneira como eles te preparam, às vezes só a simples coisa de não te paparicarem e mostrarem logo a vida isso é, isso é, bastante precioso. [...]”
	A4	“[...] o meu choque foi de saber que não tinha ninguém. Por mais amigos que uma pessoa tenha, naquele momento deitar a cabeça na almofada e pensares, eu não tenho ninguém, eu não tenho nada [...] Se calhar aquele momento senti-me, posso-te dizer que se calhar as primeiras noites foi complicado dormir... mas depois comecei logo ali a ganhar os hábitos, a ver, depois, quando tinha alguma dúvida não perguntava a uma pessoa diretamente, perguntava assim, olha como é que tu fazes o arroz?, olha como é que fazes isto?, olha como é que fazes aquilo?, ou não sei quê, muitas das vezes recorria ao meu irmão e perguntava olha como é que fazes isto, olha como é que fazes aquilo, [...]” “[...] a solidão, porque... não vale a pena termos milhares e milhares de amigos, se nós próprios nos sentimos sozinhos porque não temos ninguém [...]”
Subcategoria – Momento Atual	S1	“[...] Partilho casa [...]”
	S2	“[...] eu trabalho [...]”
	A3	“ [...] (<i>O teu pai tinha algum negócio?</i>) E – Sim, sim, sim, eu agora estou a pegar naquilo já, devagar, devagar... [...]” “[...]quando eu entrei na altura que aquilo era SS eu acho que, aaaa, se calhar havia alguma coisa que se podia mudar?, se calhar podia, mas pronto,

	<p>ninguém é perfeito e é impossível as coisas correrem sempre a 100%, acho que naquela altura aquilo era 5 estrelas, 5 estrelas, no tempo da Fundação, se calhar a culpa foi também um bocadinho, devido à SS na altura, pronto devia ter pensado melhor na altura, pronto na altura que se livrou da casa, e a Fundação quando pegou naquilo a equipa se calhar não foi escolhida de uma maneira como deve ser [...]"</p> <p>"[...] são, porque uma coisa é certa, uma casa até pode não ter recursos nenhum, até pode ter muitos maus recursos, nós por exemplo fazíamos muitos intercâmbios com outras casas de, e eu conheci pessoal que estava em casas que se calhar tinham muito menos regalias que nós [...] pronto eu vi que muitas vezes nessas casas assim, onde até as condições eram piores, mas as pessoas sabiam lidar com... pronto, com os miúdos e jovens que tinham, as coisas às vezes corriam melhor."</p> <p>"[...] Uma oficina [...]tive lá muito pouco tempo, depois, aaaaa, fui para a tropa, tive lá sete anos, aaaa, entretanto, mal fui para a tropa, comecei [...] fui logo morar para uma casa. Depois disso [...] depois pedi transferência e vim aqui para o quartel de L e depois, é que já comecei mesmo, e voltei de novo para uma casa, é que ainda tive muito tempo em quartos. [...] no meu primeiro ano ela, pronto ela já ficava aos fins-de-semana quando eu vinha, já ficava sempre comigo, nessa altura ainda não dividíamos casa. Depois quando eu fui para os quartos, foi assim, aaa, ela na altura estava na universidade e aiiiiiii, começamos aaaaa, ela alugava o quarto e eu ao fim-de-semana ficava, e foi assim. Depois quando, não, foi, foi um bocado antes de eu ser colocado acabei mesmo por ir para uma casa, foi na altura que eu já sabia que ela... foi na altura em que ela engravidou e tudo mais, fomos logo para uma casa, aaaa e pronto, passados uns meses fui colocado, ainda antes de ela, aaa, de ela ter o bebé, e foi assim. [...]"</p>
<p>A4</p>	<p>"[...] Nunca fiquei desempregado até hoje [...] Sempre cheguei... precisava disto, via neste trabalho está assim, mas eu também sei fazer isto, vamos ver se naquela área dá, experimentei várias áreas, fui, trabalhei em alguns sítios ... e acabei por, por calhar nos transportes... agora ganho muito dinheiro, mas mato-me a trabalhar, faço 12h por dia mas não é fácil. [...]"</p>

Subcategoria – Perspetiva Atual do Acolhimento	S1	<p>“ [...] acho que, se calhar deve haver um bocadinho mais rigor na avaliação dessas situações, para evitar certas coisas, para evitar que o adolescente passe numa instituição, volte à família e as coisas voltem ao mesmo, para evitar que o adolescente vá para a instituição quando já há um padrão de comportamentos que não é reversível, porque é assim há coisas que é impossível na adolescência aaaa serem retificadas, não é com medidas reparadoras que vais lá, não é com ameaças que vais lá, não é a dizeres que se continuares assim não voltas para a tua família, não vai valer de nada, o adolescente está numa fase que o que prevalece é influencia dos grupo de pares não é se quer a dos pais. Há aqui uma série de situações que tem de ser, se calhar aprofundadas, se calhar mesmo a nível teórico para que se perceba se faz ou não sentido determinadas situações e se realmente isso vai ter uma influencia positiva ou não na vida daquele adolescente.”</p> <p>“ [...] há problemas muito enraizados ali, foi o que aconteceu, e acho que aaaa, há famílias em que os problemas já estão tão, de tal forma tão aaa impostos que, só seria possível um trabalho se fosse um trabalho de 24 h e isso é impossível, não é, com visitas domiciliárias esporádicas, ou com acompanhamento, ou com o tipo de apoio como eu já cheguei a ver, nomeadamente apoio económico para reestruturação da casa, o que chegou acontecer e a casa ficou muito bonita, mas eu acho que não é isso que vai ajudar a família, vai dar outras possibilidades a nível estrutural a nível das condições de vida mas eu acho que ali o problema é mesmo trabalhar as próprias pessoas, e as próprias pessoas é complicado. [...]”</p> <p>“ [...]aquela casa por si, eu acho acabou por ter um papel muito importante para mim sim, e acho que o trabalho que elas lá fazem é mesmo de louvar e cada vez elas tem tido mais destaque a nível regional e tudo mais, eu tenho gostado de ver e penso olha no meu tempo não era assim, mas ainda bem que agora é, porque acho que é bom mesmo para as pessoas que lá estão para sentirem que efetivamente têm um lugar e que podem conquistar determinadas coisas e eu acho que isso é bom... [...]”</p>
	S2	<p>“[...] Eu, eu, eu não tiro coisas más daquela casa... não tiro... porque as coisas mais coisas que tu tiras dali é o quê?! Era as regras e essas coisas, né, que te chateiam, depois tu és um teenager ná queres estar a ser chateada e não sei quê... mas pronto tu agora cresces um bocadinho e olhas para trás e pensas, ok, tipo, aquilo faz parte, né, tipo</p>

	<p>naquela altura tu ficas muito revoltada porque estão a querer controlar-te e porque eu não podia ter o telemóvel durante o dia e depois, só podia levar para a escola, a partir de uma certa altura (risos) e não sei quê, pronto mas são coisas, tipo... é normal, eles explicaram-me mil vezes porque é que eu não podia ter o telemóvel, porque é que eu tinha que chegar aquela hora, ou porque é que não sei quê...na altura claro, ficas tipo, epá, fogo, não sei que, né, mas isso é como tudo, tipo, pronto, eu não tinha regras em casa mas eu acredito que as outras crianças tinham (risos) ali era igual, mas nós ali não eramos nem uma nem duas eramos quarenta... e não, não tiro, não levo qualquer coisa má dali [...]"</p> <p>"[...] eu acho que se eu não tivesse saído dali eu, eu, a minha vida não tinha tido o mesmo, o mesmo desfecho, até porque eu estava ali, eu quando fui para ali estava naquela altura da rebeldia, estás a ver [...]"</p> <p>"[...] Não mudava nada [...] Eu acho que isso me fez uma pessoa melhor, muito mais forte e... e uma mãe melhor, porque eu, nunca vou ser capaz de deixar passar o meu filho por aquilo que eu passei [...]"</p> <p>"[...] tenho eu não mudava nada...é que nada... porque eu acho que... fez-me uma pessoa... que eu não tenho vergonha de ser... tipo eu sou muito bem resolvida com as minhas coisas, eu não tenho problema nenhum, foi como eu disse, tipo, não faço questão de andar a espalhar por aí, que tive num centro, mas também não tenho vergonha de dizer quando a conversa proporciona isso [...]porque eu estive ali passei a fase da rebeldia, passei os castigos, passei tudo, sai dali já tinha 21 anos, já estava na faculdade, já tinha passado muita coisa, e não sei quê, e elas não, [...]se não tiveram mais se calhar foi porque não as conquistaram [...]"</p>
<p>A3</p>	<p>"[...]quando eu entrei na altura que aquilo era SS eu acho que, aaaa, se calhar havia alguma coisa que se podia mudar?, se calhar podia, mas pronto, ninguém é perfeito e é impossível as coisas correrem sempre a 100%, acho que naquela altura aquilo era 5 estrelas, 5 estrelas, no tempo da Fundação, se calhar a culpa foi também um bocadinho, devido à SS na altura, pronto devia ter pensado melhor na altura, pronto na altura que se livrou da casa, e a Fundação quando pegou naquilo a equipa se calhar não foi escolhida de uma</p>

	<p>maneira como deve ser [...]”</p> <p>“[...]são, porque uma coisa é certa, uma casa até pode não ter recursos nenhum, até pode ter muitos maus recursos, nós por exemplo fazíamos muitos intercâmbios com outras casas de, e eu conheci pessoal que estava em casas que se calhar tinham muito menos regalias que nós [...] pronto eu vi que muitas vezes nessas casas assim, onde até as condições eram piores, mas as pessoas sabiam lidar com... pronto, com os miúdos e jovens que tinham, as coisas às vezes corriam melhor.”</p>
<p>A4</p>	<p>“[...] família de afeto. A família biológica também deve ser trabalhada mas... já são casos mais complicados. Por que já está tão avançado às vezes, já... aaaa, às vezes uma pessoa pensa que há solução e que as pessoas mudam e que conseguimos mudar, mas não mudam. As pessoas não mudam! As pessoas adaptam-se, o problema é quando se deixam de adaptar, ou que algo, ou que lhes dá um clique na cabeça, não, não é isto que eu quero, não, não é isto que eu quero, pode estar a correr tudo bem, mas depois lembram-se que não é isto que eu quero e acabou-se, já não há adaptação, já não há nada e, já volta tudo outra vez. E isto aplica-se em vários casos (risos) [...]No sistema de acolhimento... haver famílias preparadas para tal, arranjam famílias preparadas para tal, conseguem essas famílias, porque nem todas as famílias estão preparadas para isso, nem há famílias que queiram... eeeee, eeee, tem que se fazer um trabalho muito grande com uma família e, depois não é tem que se escolher, mas tem que se arranjar uma personalidade de uma criança que se calhar se adapte aquela família, porque pode não dar, porque pode entrar em grande choque. Pode ser um garoto bipolar, pode ter esquizofrenia, pode ter... as doenças e se calhar psicologicamente pode não ser o garoto indicado para aquela família, acho que também, isso também, não se trata de uma escolha... mas também temos que ver as personalidades nem todos os garotos são iguais, nem todos somos iguais, mas se calhar aquele garoto... pode ser uma família imaginamos muito desportista, gosta muito de desporto, mas vêm que aquele garoto faz muito desporto, adora desporto, olha vamos juntá-los. [...]”</p> <p>“[...]No acolhimento mudaria... tudo, tinha que haver um grande acompanhamento, tinha que haver, tinha que haver a educadora, neste caso, tinha que continuar a acompanhar como, como... tinha que ser igual à SS, o procedimento tinha que ser igual, porque se não fosse igual as coisas não iam</p>

	<p>funcionar[...]"</p> <p>"[...]um percurso de vida assim semelhante ao meu que não tivesse nenhum, nenhum apoio familiar, não tivesse ninguém, "órfão", que o tentasse encaminhar assim, mesmo que fosse mais velhos, mas com uma idade muito avançada, não valia a pena, tentar trabalhar se calhar com a família, mas... antes de trabalhar com a família, trabalhar com o garoto, aaa, se calhar a família pode já não estar preparada para o receber mas autonomiza-lo logo, dizer-lhe assim, a tua família é muito boa, não sei quê, tau, tau, mas não, tu primeiro estás tu em primeiro lugar, vais tu... tens que fazer isto, tens que ver o que é que tu queres realmente, quando saíres daqui nós queremos que tu tenhas uma casa, um trabalho, não uma família, uma casa, um trabalho que te consigas orientar.[...]"</p> <p>"[...] <i>(trabalhar diariamente o seu projeto de vida de forma a ter uma autonomização sem depender de terceiros, é isso?)</i> E – É... Acho mais importante, acho muito melhor, é muito melhor, aaaa, e mesmo assim, se houvesse uma casa de, uma casa como algumas instituições têm, não sei se, agora há muitas, L também não é muito bom nisso mas sei que em LI há, há instituições que têm, que têm aqueles apartamentos de autonomização [...]era porque ir lá uma educadora ver se está tudo bem, como é que está a correr, como é que estão a comprar os alimentos, como é que estão a confeccionar, se a casa está limpa, o trabalho como é que está a correr, se há alguma namorada, porque isso também acaba por destabilizar psicologicamente, podes estar num momento mais frágil e as vezes podes, não quer dizer que, cada um faz as suas escolhas, não é, mas [...]Era, porque nós depois também, se calhar, acabamos por ver essa pessoas como "mães", tiveram, acompanharam-nos, não nos deixaram, não chegaram ali e não disseram, já foste, olha agora, foi a mesma coisa que me disseram, agora desenrasca-te, se estás bem ou estás mal, se tens casa ou não tens, ninguém quer saber disso [...]"</p> <p>"[...] Não acomodar, nunca acomodar... é a pior coisa. Nós procuramos sempre por procurar coisas diferentes, coisas que eu nunca fiz na vida, e... procurei outro tipo de coisas e, e, agora, já tenho outros objetivos, já penso em viajar, já tenho feito algumas viagens, estou a tratar de outra viagem. [...]"</p> <p>"[...]O papel dos técnicos é o mais importante ali, é o mais importante no</p>
--	---

	<p>sentido do acompanhamento que tem que ser, tem que ser muito persistente, tem que ser muito bem feito, aaaa, tem que haver também alguma proximidade porque ... é muito, a parte da educação, de nós... é diferente nós termos alguém de manhã que nos diga bom dia e nos dê dois bjinhos, e não sei quê, se calhar um abraço, se calhar foi o que faltou depois, se calhar um pouco de tudo e também não querem saber, não queres fazer não faças depois tu sofres as consequências, mas nós isso já sabíamos, mas tipo, tentarem dar a volta aquilo [...]"</p> <p>"[...]autonomizar uma pessoa, ensiná-la a cozinhar, a fazer as coisas de casa, o básico, o mais importante, e saber procurar trabalho é o mais importante [...] temos que nos preparar... e mostrar o mundo da realidade de hoje em dia, o mundo da noite, isso também é muito importante, porque nós também nos acabamos por perder, a noite, os amigos que às vezes temos, ele não é o amigo, não é, não vai ser, não vale a pena e acaba por ser um pouco aí [...]"</p>
--	---

APÊNDICE G – TABELA FATORES DE RISCO

TABELA FATORES DE RISCO

	Interpessoal	Intrapessoal	Exterior aos indivíduos Fatores de risco dos cuidadores
S1	<p><u>Idade</u> <u>Precoce</u> /</p> <p><u>Vulnerabilidade</u> – “fui, para a instituição tinha 6 anos”;</p> <p><u>Ausência de competências/capacidade de cuidar de si</u></p>	<p><u>Troca de papéis</u> – <u>mãe/filha</u> – “eu sentia que tinha a obrigação de cuidar dela, ou seja, aqui os papéis invertiam-se um bocadinho”;</p> <p><u>Ausência de família de retaguarda</u> – “não para ficar, no sentido de cuidar, no sentido de suporte, isso não, não tenho noção disso.”;</p> <p><u>Violência Psicológica</u>;</p> <p><u>Violência Física</u> – “Sim, não muitas, sinceramente, mas sim ainda vivenciei algumas”</p>	<p><u>Carência Sócioeconómica</u> - “as condições dos meus pais não eram das melhores, a própria casa, a própria estrutura não tinha grandes condições, eee ahhh a nível de rendimentos eram praticamente inexistentes”;</p> <p><u>Incapacidade de Gestão de recursos</u>;</p> <p><u>Trabalho precário</u> – “meu pai trabalhava, efetivamente, mas não era um trabalho fixo”;</p> <p><u>Família numerosa</u> - “uma família tão grande a fim ao cabo”;</p> <p><u>Ausência de bens essenciais</u> – “não o essencial, o mínimo</p>

			<p><i>mesmo”;</i></p> <p><u>Baixa</u> <u>Escolaridade/formação</u> – “<i>a minha mãe como é analfabeta</i>”;</p>
S2	<p><u>Idade Precoce /</u> <u>Vulnerabilidade</u> – “<i>Fui acolhida com 12 anos e meio</i>”;</p> <p><u>Ausência de</u> <u>competências/</u> <u>capacidade de cuidar de</u> <u>si</u>;</p>	<p><u>Troca de papéis –</u> <u>mãe/filha</u> – “<i>comecei muito cedo tipo a fazer comer</i>”;</p> <p><u>Ausência de família de</u> <u>retaguarda</u> – “<i>Não ... porque a minha família é toda lá de cima, as pessoas mais próximas, tipo, de família, assim direta, que eu tenho, é em Lisboa</i>”;</p> <p><u>Violência Psicológica</u>;</p> <p><u>Ausência de</u> <u>supervisão e cuidados</u> <u>parentais</u>;</p>	<p><u>Alcoolismo</u> – “<i>a minha mãe tinha um problema de alcoolismo</i>”;</p> <p><u>Violência Doméstica</u> – “<i>o meu pai começou-se a cansar ... e bateu-lhe</i>”</p> <p><u>Desemprego</u>;</p> <p><u>Carência</u> <u>Sócioeconómica</u>;</p> <p><u>Família numerosa</u>;</p>
S3	<p><u>Ausência de cuidadores</u>;</p> <p><u>Instabilidade Emocional</u>;</p> <p><u>Vulnerabilidade</u>;</p>	<p><u>Ausência de família de</u> <u>retaguarda</u>;</p> <p><u>Vive entregue a si</u> <u>próprio – ausência de</u> <u>cuidador</u>;</p>	<p><u>Monoparentalidade</u> – “<i>O meu pai já estava separado da minha mãe e por isso é que nunca hou hipótese sequer de eu ficar com a minha mãe, eu, o meu pai</i>”</p>

			<p><i>tinha se separado da minha mãe eu tinha 1 ano”;</i></p> <p><u>Doença</u> – “<i>o meu pai adoeceu [...] fiquei, aqui com esses meus tios [...]</i></p> <p><i>minha tia teve uns problemas de saúde”;</i></p> <p><u>Orfandade</u> – “<i>O meu pai faleceu”;</i></p>
S4	<p><u>Idade Precoce</u> – “<i>tinha 5 anos”;</i></p> <p><u>Ausência de competências/ capacidade de cuidar de si;</u></p> <p><u>Vulnerabilidade</u></p>	<p><u>Ausência de família de retaguarda;</u></p>	<p><u>Doença mental prolongada</u> – “<i>ela tem depressões e... teve um esgotamento, ela psicologicamente, ela psicologicamente não estava bem”;</i></p> <p><u>Monoparentalidade;</u></p>